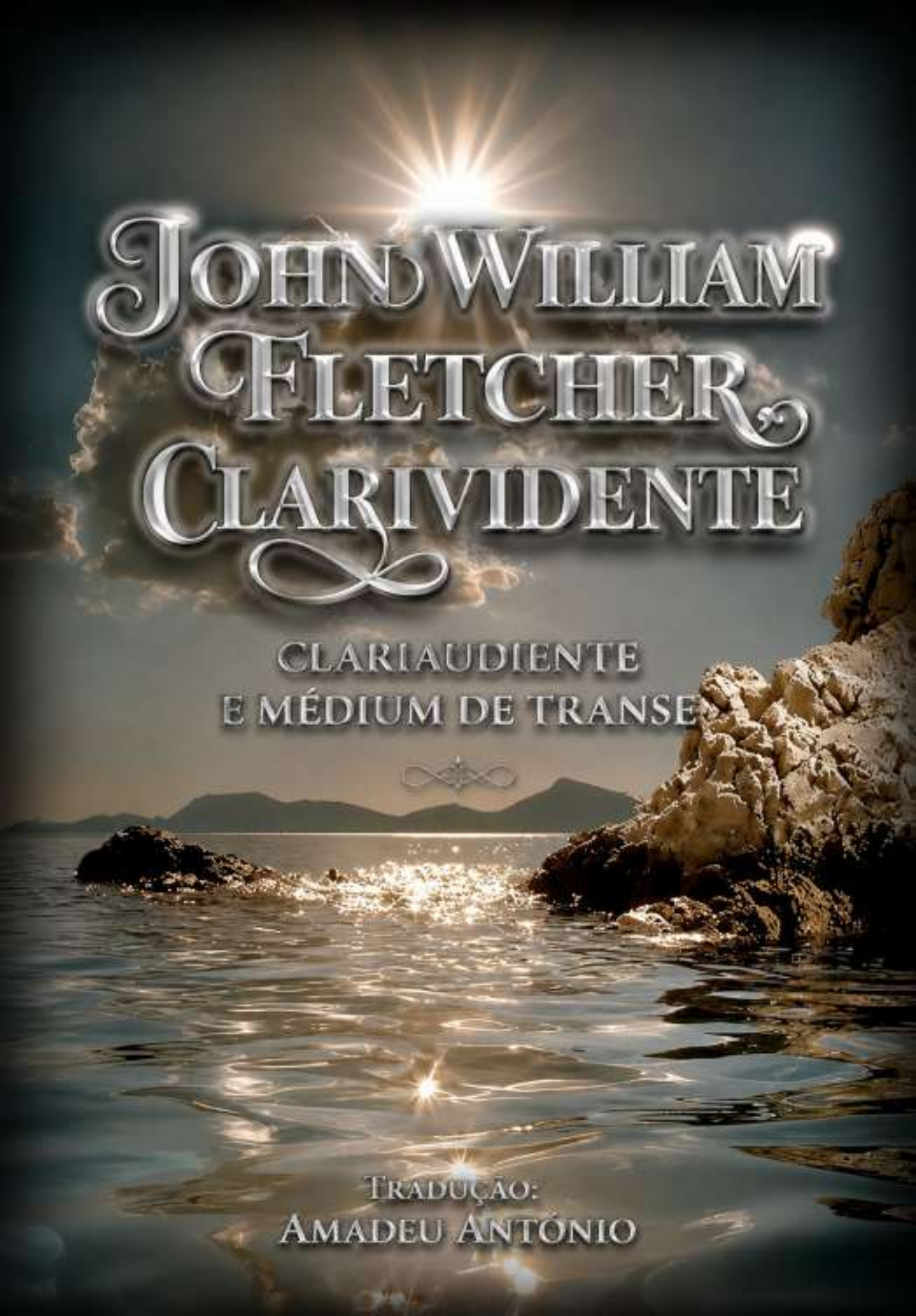
John William Fletcher
Clarividente
Clariaudiente
e Médium de Transe
Tradução:
Amadeu António

JOHN WILLIAM FLETCHER, CLARIVIDENTE CLARIAUDIENTE E MÉDIUM DE TRANSE

John William Fletcher nasceu em Westford, Massachusetts, em 1852. Nasceu médium. A sua mãe possuía o dom da segunda visão. As suas próprias lições na escola eram realizadas sob influência espiritual, por vezes não tão a seu favor quanto se poderia pensar, visto que os seus estupefactos tutores declaravam estar a ser alvo de partidas pregadas por ele, o que muito ressentiam. Ele recitava um texto que lhe era apresentado numa visão, em vez da tarefa destacada, e levou algum tempo até que esse facto fosse descoberto e admitido.

Uma das primeiras provas do seu poder peculiar, a qual foi recentemente registada num jornal popular, foi dada ao descrever, através de uma visão clarividente, o cenário de um incêndio que tinha tido lugar a cerca de oito milhas de distância da sua casa, e que um criado relatara parecer ser na direção de uma fábrica pertencente ao seu pai. William declarou de imediato que via tudo e que o edifício em chamas era um situado ao lado dessa fábrica, uma afirmação que foi rapidamente verificada pelo seu pai, que cavalgou de imediato para o local e constatou que a declaração era literalmente verdadeira.

A história da sua introdução ao tema do Espiritualismo Moderno, como é chamado, é muito simples. O assunto foi debatido na escola onde era educado e foi ali que aprendeu, pela primeira vez, que tal coisa existia. Pouco tempo depois, um cavalheiro fez uma visita à sua família, o qual voltou a falar sobre o tema e cuja experiência pessoal e aguda intuição lhe permitiram declarar, desde logo, que o rapaz era um excelente médium. Ele riu-se da ideia. O seu amigo, contudo, induziu-o a escrever uma carta, a qual foi cuidadosamente selada e enviada para a sala pública de sessções no escritório do BANNER OF LIGHT para ser respondida. A Sra. J. H. Conant, a médium, passou

rapidamente os olhos pelas cartas colocadas diante de si e deteve-se nesta.

O envelope estava em branco, exceto por uma pequena marca para permitir que o Sr. W. o identificasse. Continha uma comunicação dirigida a alguém que tinha sido seu tutor durante vários anos e que lhe dissera que estaria sempre perto dele em espírito após a sua morte; e como este último não tinha interesse especial por mais ninguém no mundo dos espíritos, recordou-se da promessa e selecionou o seu professor como a pessoa com quem comunicar.

A médium escreveu imediatamente no envelope uma mensagem, no sentido de que ele era um dos maiores médiuns do mundo e que o seu trabalho começaria sem demora. Esta mensagem vinha do espírito a quem a indagação era dirigida. O Sr. F. regressou a casa e, mal o fez, a profecia foi verificada. Escreveu um ensaio em transe, que foi amplamente lido e suscitou muitos comentários.

A consciência do poder parecia ser a única condição necessária para o seu desenvolvimento superior e, a partir desta altura, começou a ser influenciado de uma forma extraordinária, sendo frequentemente projetado em transes, durante os quais discorria sobre espíritos e dava provas de identidade daqueles que comunicavam através dele. A sua família começou então a realizar círculos quase todas as noites, e o pai de William, que se tornara entusiasta do assunto, contratou a Sra. Foster, mãe de Charles H. Foster, para dar sessões profissionais na sua casa, para as quais todos os interessados eram convidados.

O único incidente de qualquer importância que ocorreu durante estas pequenas reuniões foi a repetição da afirmação de que William era um médium. Ele fora sempre franzino e, como possuía por esta altura uma saúde muito débil, foi aconselhado a ir para o interior das florestas do Maine para mudar de ar. Na primeira noite da sua chegada à pequena aldeia rural para onde

fora enviado, realizou uma sessão. Isto repetiu-se todas as noites, e muitas pessoas da região vinham de milhas em redor para assistir. Muitas vezes solicitavam-lhe, enquanto caminhava na rua, que entrasse e falasse a algum ansioso interrogante "sobre as pessoas mortas", e eram dadas notícias tão satisfatórias sobre elas que o interesse e a curiosidade aumentaram rapidamente.

Entre outros que foram atraídos para junto dele estava o Sr. George Worcester, filho de um célebre clérigo Swedenborgiano, que costumava juntar-se ao círculo e era o único presente que possuía uma perceção clara sobre a natureza de um dom que excitava pouco mais do que curiosidade e espanto nos outros, mas que o interessava por si próprio. Ele sugeriu aos espíritos que controlavam o rapaz que dessem palestras na escola local, e eles consentiram na proposta. A primeira indicação que teve desse plano foi enquanto caminhava na aldeia, quando viu um Cartão na montra de uma loja, declarando, para grande surpresa sua, que "Willie Fletcher iria palestrar na escola no domingo de manhã e à tarde".

Quando o dia chegou, contudo, ele foi, ou melhor, foi levado, pois na manhã designada, em vez de acordar como era habitual, foi projetado num transe, cuidadosamente vestido pelos espíritos controladores e conduzido à escola, onde cerca de trinta pessoas estavam reunidas num edifício pequeno, modesto e de teto baixo, no qual as crianças da aldeia aprendiam o alfabeto. Era um grupo heterogéneo. Trajes de todo o tipo e cor predominavam, e a pequena assembleia inaugurou o serviço conduzido por influência espiritual cantando o bom e velho hino do Dr. Watts, que começava com

"Escutai dos túmulos um som lamentoso";

o qual, por estranho que pareça relatar, foi considerado eminentemente apropriado para a ocasião. O tema do discurso foi depois selecionado pelo público, que foi mais feliz nos seus temas do que nas suas canções, caindo a escolha sobre o belo versículo:

"Na casa de meu Pai há muitas moradas." Sobre isto, o jovem orador em transe proferiu uma palestra que durou uma hora e foi ouvida com atenção, e ele só se deu conta do que tinha feito quando despertou do transe.

Numa noite da primavera de 1875, um espírito falou com a Sra. Fletcher numa voz audível, dizendo: "Levanta-te já e prepara-te para ir para Londres." Ela ficou, naturalmente, bastante perplexa com a natureza súbita e perentória da ordem. Era noite de um dia de abril. A ordem foi repetida num tom mais alto. A Sra. Fletcher perguntou quando deveria partir. A voz respondeu: "No dia 19. Duas vezes obedeceste sem questionar. Estás pronta para o fazer pela terceira vez?"

Ela disse: "Estou", e fez de imediato os preparativos necessários. Ao chegar aos docas pouco tempo depois e ao fazer a solicitação ao comissário do navio a vapor prestes a partir, foi informada de que os camarotes estavam ocupados e que não poderia ir. Enquanto deliberava sobre o que fazer, um homem veio apressadamente a bordo para dizer que, como a sua esposa tinha caído perigosamente doente, ele estava impossibilitado de navegar e tinha de desistir do seu camarote. Este foi imediatamente colocado à disposição da Sra. Fletcher e, em menos de duas horas, içaram velas rumo a Inglaterra.

Desde essa altura até ao presente, o Sr. Fletcher tem estado diante do público na qualidade de conferencista de plataforma, dando provas indubitáveis da sua genuína mediunidade como orador em transe, bem como dos seus poderes clarividentes no diagnóstico e prescrição para os males da humanidade. Nós próprios tivemos pessoalmente, por muitas vezes, provas inconfundíveis do seu talento clariaudiente. Ele continua na ativa, exercendo os seus vários dons de mediunidade.

"ENCONTRAR-NOS-EMOS E

CONHECEREMOS OS NOSSOS AMIGOS NO CÉU?"

Uma palestra proferida através da Mediunidade do SR. J. WILLIAM FLETCHER, no Steinway Hall, Londres, Inglaterra.

Uma das maiores causas de infelicidade neste mundo é que, ao deitarmos o último olhar sobre o rosto daquele que amámos, e ao ficarmos de pé ao lado da sepultura aberta, compreendemos com uma força avassaladora a incerteza que habita na mudança chamada morte. Se pudéssemos apenas saber que em algum lugar nessa terra desconhecida voltaríamos a encontrar essa forma amada, que na vida chamada celestial apertaríamos as mãos ao espírito que partiu antes de nós, a dor da separação seria absorvida pelo alegre pensamento da reunião que o futuro reserva.

A mãe que entrega o seu filho dos seus braços e continua a viver ao longo dos anos silenciosos, os quais não trazem notícias do seu bem-estar e já não são alegrados com o eco dos seus pequenos passos, sente uma desolação que se torna, por vezes, mais do que pode suportar. Sim, para a mente terrena, a única desgraça na morte é a grande incerteza nela contida. Se a barreira que agora separa o mortal do anjo, se a cortina que divide o mundo espiritual deste fosse puxada para o lado, e as faculdades espirituais fossem de tal modo desenvolvidas que pudessem contemplar a outra vida, então a morte já não traria a dor que agora a acompanha.

Enviam os vossos amigos através do oceano para alguma terra estrangeira e, embora sintam a falta da companhia, são consolados na ausência deles pelo pensamento de que o reencontro virá com o tempo. Se pudessem apenas compreender a morte desta forma, se pudessem apenas entender que ela é uma partida para outro país, que a separação é apenas por um curto período, que apenas entregam o ente querido da vossa própria vida para que ele seja colocado numa vida melhor e mais feliz — então a cruz carregada agora em dor e desgosto tornar-se-ia uma coroa de glória e felicidade.

O clamor tem subido, não apenas hoje, mas em todos os tempos passados e para todos os povos: "Onde estão aqueles a quem outrora vimos face a face, aqueles a quem amamos — voltaremos a encontrá-los?" Esta noite propomo-nos entrar na consideração desta questão. Pois cada um perguntou: "Estarei eu no mundo espiritual rodeado pelas mesmas faces que encontro aqui? Estarão as pessoas que estão associadas à minha vida aqui associadas à minha vida ali?" Sobre isto refletiremos; pois há uma lei que governa até o menor dos acontecimentos humanos, a mais ligeira comunicação que possam manter uns com os outros, e consideraremos como esta lei se aplica à vida espiritual e se relaciona com a vida que levamos na terra.

O que se entende por amizade? O que querem dizer com amigos? Pois as palavras são tão amplas e abrangentes que podem significar muito e, também, muito pouco. Há um tipo de amizade que compõe a vida social; encontram-na em todo o lado; um tipo terno de amizade que vos saúda com a mão estendida e tem uma palavra simpática para vós quando entram numa divisão, e vos esfaqueia pelas costas uma hora mais tarde; que se pendura em cada palavra que dizem, que vos ama tão bem; mas que, assim que são levados pela maré da desgraça, não consegue encontrar palavras suficientemente más para proferir contra vós.

Esse é o tipo de amizade que constitui a sociedade; conhecem-no tão bem como nós. Veem a hipocrisia a caminhar por todo o lado, ostentando-se em várias cores e governando a vida de muitos por esta simples palavra: conveniência. As pessoas dizem que "a honestidade é a melhor política", mas nós consideramos que a vida que é honesta apenas por mera conveniência tem muito pouca honra em si. Tem de haver um motivo mais elevado do que a conveniência, ou a própria honestidade torna-se desonrosa.

Se não acreditam nisto, olhem para o mundo de hoje: veem um homem possuidor de estatuto, honras, riqueza, e todo o mundo a prestar-lhe homenagem. Tudo o que ele faz está certo;

até os seus pecados se tornam virtudes porque é ele que os comete. E enquanto a maré está a seu favor, ele cavalga a vaga com os mais corajosos, e os seus amigos são tão numerosos que os conta aos milhares. Amanhã, a roda da fortuna girou na direção oposta; riqueza, posição, poder ganharam asas e voaram; e ele surge diante de nós como o mesmo homem, mas os seus amigos partiram com a posição e a riqueza que ele já não possui.

Ele senta-se tola e lamentavelmente a chorar a sua perda, esquecendo-se de que não perdeu amigo algum. Não era o homem que eles amavam, mas aquilo que o homem possuía. Vocês adoram, não o ser eterno do homem, mas as circunstâncias passageiras pelas quais ele está rodeado. No meio das suas provações, talvez dois ou três — precisamente aqueles que poderiam ter-se mantido afastados nos dias da sua prosperidade —, vendo-o como ele é, desprovido do seu carácter, honras e força, aproximam-se dele e apoiam-no na hora da necessidade. Ficam ao seu lado quando o mundo o esquece e o exclui dos seus favores volúveis.

Quem encontrará ele no outro mundo? Quem serão os seus companheiros ali? As pessoas que o saudaram na prosperidade e o deixaram quando a fortuna mudou, ou os dois ou três que o amaram pelo seu próprio valor e se apegaram a ele quando as nuvens da adversidade pairaram sobre ele? Ele encontrará precisamente aqueles que é mais digno de encontrar. Aqueles que vivem para os sorrisos do mundo não merecem nada melhor do que vê-los transformar-se em franzires de sobrolho; mas se viverem por motivos mais elevados, merecem nesse mundo radiante além a companhia e a associação com almas melhores e mais elevadas do que as que existem na terra. A sociedade tem muito por que responder, e vós, que compõem a sociedade, sois responsáveis pela vossa parte de erros que ela comete.

A vossa companhia no mundo espiritual não será com os espíritos daqueles que compõem a vossa vida comum aqui; mas quando um homem tiver "tocado almas" convosco, tiver entrado e

influenciado a vossa vida, tais como ele, embora não sejam mais do que dois ou três em número, formarão a vossa sociedade espiritual no mundo além. Nós gostaríamos que evitassem a hipocrisia, que vivessem o mais naturalmente possível; pois de cada vez que afetam amizade por uma pessoa de quem desconfiam ou desgostam e lhe dão a mão, absorvem para a vossa vida exatamente essa quantidade de veneno espiritual, o qual vos fará mais mal, física e espiritualmente, do que qualquer outro veneno que pudessem tomar.

Temos visto muitas vidas marcadas e feridas por doenças que o mundo lhes comunicou; e dizemos que quanto mais natural, quanto mais verdadeira e puramente a vossa vida for vivida, mais radiantes e felizes serão no outro mundo, e aqueles que forem verdadeiros encontrarão os mesmos amigos no mundo vindouro. "Mas", surge a questão, "e quanto aos nossos parentes? Estarão todos aqueles com quem temos parentesco na mesma esfera connosco no mundo espiritual? Pais, irmãos, irmãs, filhos — estarão todos estes connosco novamente?" O que faz irmãos e irmãs? Será o facto de duas pessoas nascerem da mesma família que gera, por isso, uma lei de real parentesco espiritual? O facto de o mesmo sangue fluir pelas vossas veias e pelas veias de outro constitui um verdadeiro parentesco?

Dirão que faz um parentesco físico. É verdade. Mas fará também um parentesco espiritual? Perguntam: "Não é este o meu irmão, e não devo eu ser tudo o que puder para ele?" E, contudo, acham isso impossível. Quantos de vós encontraram barreiras a erguerem-se entre vós e aqueles a quem estão mais intimamente ligados? Nunca perguntaram a razão disto? É porque enquanto, fisicamente, pertencem à mesma família, espiritualmente estão tão afastados quanto o céu está da terra. Não têm nada em comum: nenhum pensamento em comum. São mais felizes na companhia de estranhos; na vossa própria casa e família mal têm alguém a quem possam falar das coisas em que mais pensam. E, da mesma

forma, não viram como os filhos crescem afastando-se e distanciando-se dos seus pais?

No mundo espiritual, portanto, apenas estarão ligados àqueles que vos forem espiritualmente aparentados. Pois há nesse mundo uma grande irmandade e fraternidade, mantida por laços mais fortes do que os do sangue; tão firmemente tecida que alcança o mundo inteiro. E nessa esfera de vida espiritual serás trazido face a face, não apenas com amigos terrenos, mas com os teus parentes de fraternidade e irmandade espiritual. Nunca notaram a força com que são atraídos para estranhos que podem nunca ter visto antes? Por que é assim? É porque eles estão na mesma esfera espiritual convosco; irás encontrá-los e conhecê-los no outro mundo.

Os parentes, portanto, não são meramente aqueles segundo a carne, mas aqueles segundo o espírito, e estes são os duradouros. Aqueles segundo a carne terminam frequentemente com a vida física; mas aqueles segundo o espírito são para sempre. E a simpatia eterna pode ou não existir entre aqueles que estão ligados por laços de sangue. Mas onde quer que a mão de Deus tenha unido alma com alma em doce e feliz associação, reconhecerão esses espíritos como pertencentes a uma única esfera espiritual.

"Mas há casamentos na vida espiritual? Estarão aqueles a quem as circunstâncias uniram neste mundo ainda unidos no mundo espiritual?" Isso depende muito das circunstâncias.

O que é o vosso casamento terreno? É, regra geral, um arranjo comercial, igual a qualquer outra transação no comércio. A posição, o nome, o dinheiro e a reputação são comprados e vendidos no mercado público; e a grande lei subjacente do amor é a menos compreendida e a menos obedecida. O casamento, o cumprimento da mais elevada de todas as exigências, encontra-se hoje dessacralizado aos olhos do céu! Ledes: "O que Deus uniu, não o separe o homem!" E há outra lei, a sua correlativa: "O que

Deus separou, não o una o homem!" E os problemas e as misérias que agora desonram esta bela terra são o resultado disto: que pessoas e condições amplamente separadas são unidas pelas leis do reino.

Existirão elas assim no mundo espiritual? Essa não seria uma perspetiva feliz para muitos aqui. Quantos não aguardam pela morte como a única libertação dos problemas que se tornaram um fardo? Quão triste é; quão desgraçado e miserável é que este mancha social exista! À luz de tudo o que é possível alcançar e desfrutar, quão desgraçado é que as pessoas se satisfaçam com algo menos do que o mais elevado nesta relação tão sagrada da vida.

Os casamentos que são simplesmente anúncios de uma mudança de vida e de condição pertencem à terra. Foram feitos ali e terminarão ali. Naquele outro mundo, porque não houve amor, nem simpatia entre os dois na vida na terra, estarão tão separados em facto quanto estão agora em sentimento. No mundo espiritual não há associação entre tais pessoas; enquanto, por outro lado, existe essa condição mais elevada, mais santa, mais doce e mais verdadeira de todas, onde o coração responde ao coração, e dois seres caminham lado a lado através deste mundo e, no declínio da vida, seguem juntos o seu caminho para a terra radiante que é eterna.

A morte não tem poder para dissolver um casamento como este, pois Deus abençoou-o. Há almas no mundo que vivem na luz radiante do verdadeiro casamento e que, embora separadas por oceanos, continuariam a viver na vida dos espíritos uma da outra. Para elas, a morte apenas traz a reunião do espírito. Tais casamentos continuam através dos domínios radiantes do outro mundo. As crianças nascidas no mundo sem amor para as acolher encontram aqui braços abertos e palavras de alento. Há muitos no mundo que, com filhos reunidos ao seu redor, estão, contudo, sem filhos.

Encontraremos os nossos amigos no céu? Sim. Existe além do véu a doce reunião do espírito e do coração, controlada pela única lei — que é mais forte do que todas as outras — a lei que atrai coração a coração, alma a alma, espírito a espírito, por um poder que tempo algum pode enfraquecer. "Como conheceremos os nossos amigos no céu?" Na esfera mais próxima do mundo em que viveis, o mundo de transição, que rodeia a terra, os espíritos tomam a forma e a feição da vida que tiveram aqui.

O olho clarividente, contemplando o espaço, vê os espíritos aparentemente como homens quando estavam na terra — vê as suas enfermidades tal como existiam aqui; e nesta primeira esfera reconheceis os amigos como os conhecestes na terra. Mas, além dessa esfera, não são necessárias a forma ou a feição para vos demonstrar o vosso amigo; a sua presença é-vos conhecida pela influência que o rodeia. Na cor que rodeia cada espírito aqui é indicada a amizade e o amor que saem de um para o outro, e nas esferas mais elevadas todos os espíritos são reconhecidos pela interpenetração das cores que os rodeiam.

Mas perguntaríeis quanto ao caso de amigos ou parentes que, embora as suas vidas fossem más, vos são caros ainda; se eles estão em esferas diferentes e separados de vós? A isto respondemos: Não. O amor que tendes nos vossos corações por eles, o anseio que eles têm por vós, tornam possível ao espírito mais elevado descer à condição mais baixa do mundo espiritual. É concedido poder para descer e apontar o caminho para a esfera mais elevada. Lembrai-vos de que cada necessidade do mundo espiritual é satisfeita; nem todo o desejo é gratificado, mas cada dever é cumprido.

O espírito da terra precisa de ser desenvolvido pela orientação de um Pai omnisciente; e assim sois capazes de compreender e apreciar plenamente as palavras: "Enviarei o meu único filho ao mundo, se necessário for para morrer pelo mundo!" Estará o mesmo sentimento desenvolvido ainda? Seria o sacrifício ainda possível para a condição mais elevada do espírito?

Eis que as sombras da terra se acumulam ao nosso redor, mas mesmo agora, através das nuvens, a luz do céu brilha, e belos espíritos vestidos de beleza, com braços estendidos, cantam canções de boas-vindas e de amor. Vemos os vossos rostos terrenos voltados para eles, ouvimos as vossas vozes terrenas a misturarem-se com as deles.

Aqueles a quem verdadeiramente amastes são vossos ainda e, nessa esfera, numa das moradas do Pai, vós os vereis, vós os reconhecereis; e sabereis que não há mais morte. As sombras da terra desvanecer-se-ão na alvorada radiante de um dia eterno.

O DIA SEGUINTE À MORTE

Uma Palestra proferida através da Mediunidade do SR. J. WILLIAM FLETCHER, no Steinway Hall, Londres, Inglaterra, 27 de julho de 1970.

Sempre que o tema da morte é mencionado, faz com que uma sombra escura se esgueire sobre a mente de todos. Falar da morte, falar da aniquilação do corpo visível, é colocar-vos face a face com o assunto que tem sido o esforço de todo o mundo ignorar — conjurar alguma visão indesejada da qual se tem procurado até agora escapar, mas que tem, contudo, seguido a humanidade, mantido o seu domínio, escurecido as vidas dos mais felizes entre os seres humanos. A morte; a mudança chamada morte! O que é este mistério da terra? O amigo morreu; a criança partiu; a mãe já não existe. "Morte" — uma palavra de dor mais profunda para o coração — uma palavra que implica a perda mais pesada.

E, contudo, não é sensato da nossa parte perguntar ao poder soberano no mundo: ao Deus que "guarda todas as coisas na concha da sua mão" — se não há, por baixo desta mudança da morte, algum propósito divino a ser elaborado? Não estará a desgraça, a tristeza que o mundo tem atribuído à morte, antes na mente dos homens do que no facto real em si? Por que temeis a

morte? Porque a morte significa para a mente terrena o fim de todas as coisas. "Pode significar uma continuação da vida num certo estado", diriam alguns, "mas significa, não menos, o fim de todos os prazeres desta vida. Significa a deposição e o abandono de todos os prazeres e ocupações; significa deixar o lar e os amigos, e todas as associações familiares da vida na terra, e a entrada numa vida muito distante em todas as suas exigências desta; e por isso tememo-la e receamo-la."

A teologia — a forma popular da religião cristã — impressionou a mente das pessoas em grande medida com esta ideia, pois apontou para a morte como um fim definitivo, quer quando o espírito flutua para cenários de facilidade florida, um paraíso de felicidade eterna, quer quando é levado para a miséria e dor perpétuas — em qualquer dos casos esta é a condição definitiva na qual o espírito está destinado a existir.

Mas será isto verdade? Não estarão os homens e as mulheres que são colocados neste mundo cada um e todos a cumprir a sua parte no grande plano da criação, e quando a morte chega não é essa também parte do mesmo plano? Uma mudança na qual a destruição do corpo físico é uma lei necessária da vida física, com as suas formas de matéria brutas, elementares e transitórias.

E o sofrimento, a dor e a felicidade deste mundo, o bom trabalho feito, o progresso realizado — serão todas estas coisas apagadas e esquecidas nessa hora de mudança, ou haverá alguma grande esfera além desta vida na qual o espírito fervoroso possa esperar entrar e descobrir que cada tristeza e luta, cada esforço corajoso feito neste mundo tem, cada um, o seu propósito e é, por uma grande lei, destinado a produzir resultados que no fim homem nenhum pode pesar ou medir? Ao redor desta terra na qual viveis há uma esfera de vida espiritual na qual todos os espíritos devem entrar. Chamamos-lhe uma esfera porque se estende ao redor de toda a terra. Se a vida do espírito que entra neste estado tiver sido má, não desenvolvida, sem rumo, o espírito permanece ali até que uma condição interior mais elevada e

verdadeira seja induzida; se pura e aspirante, o espírito entra nela simplesmente para passar por ela como um caminho necessário na sua jornada rumo ao céu.

O católico fervoroso dir-vos-á, enquanto se encontra ao lado da cama de um amigo e olha para os olhos fechados na morte, que o espírito está a caminho de uma condição chamada "purgatorial", e nisto há um elemento de verdade. Pois o espírito está então a despertar para a compreensão de todas as exigências da sua vida.

O dia seguinte à morte é um período nem de grande felicidade nem de grande tristeza; nele não entrais no céu distante, mas na contraparte espiritual do próprio mundo em que viveis. Pois nessa esfera de vida a alma deve possuir as mesmas condições para realizar os seus poderes e as suas possibilidades. Deve encontrar exatamente o mesmo ambiente com que esteve familiarizada no mundo, a fim de ser capaz de se desenvolver a partir das condições em que é inicialmente colocada e de compreender o real efeito que estas têm sobre ela.

Encontrareis ali, nesta esfera de transição, aqueles cujas vidas foram passadas na vergonha; aqueles que nunca conheceram um pensamento de bem ou de verdade, e aqueles cujas vidas se passaram em prazeres descuidados e que estavam tão cheios de leviandade impensada no mundo da terra que não tinham tempo para pensar no mundo espiritual. Encontrareis também aqueles cujas vidas foram dedicadas a atos de bondade e amor, ao bom trabalho pelos seus semelhantes, prontos para passar para a vida mais elevada na qual as coisas menores e mais baixas serão deixadas para trás. Nesta esfera serão encontradas todas as classes e condições, à espera que a lei da gravitação espiritual atue para os levar à condição de vida para a qual o seu desenvolvimento interior melhor os capacitou.

Onde estão os espíritos dos mortos? Estarão distantes? Respondemos: Não — estão muito perto de vós; certamente assim quando acabaram de passar pela crise da mudança e estão

provavelmente ainda presos aos velhos cenários e atrações da sua vida terrena.

O que são eles nessa outra vida? Como é que partem? Muito antes de o espírito ter deixado absolutamente o corpo, a mudança chamada morte começou. Sobre uma pessoa que está a morrer uma pequena luz é formada, a qual cresce gradualmente e assume finalmente a forma do corpo espiritual no qual a alma há de viver. São Paulo disse: "Há corpo natural e há corpo espiritual."

Há muitos que pensam ter morrido e que, ao despertarem para a consciência na vida física, dizem ter estado longe, ter visto cenários mais radiantes e domínios desconhecidos, e falado com velhos amigos. Vós imaginais que eles estiveram a sonhar, mas não é assim. O corpo espiritual tinha-se formado a tal ponto que por essa altura tinha deixado o corpo natural e estado em ligação com o mundo espiritual. Mas sendo a atração da vida terrena mais forte, e estando o elo magnético ininterrupto, o espírito regressou. É quando a atração é mais forte no corpo espiritual que o espírito muda gradualmente de lugar, e a morte implica simplesmente a separação do espírito do seu invólucro mortal.

Após a morte o espírito não está longe; durante muito tempo está intimamente ligado ao corpo físico. Muitas vezes, quando estais a chorar sobre o corpo morto de um amigo, o espírito está inclinado sobre vós, tentando sussurrar palavras de conforto e lançar a sua influência sobre o vosso coração. Quanto mais natural tiver sido a vida terrena, mais perfeita e pacífica é a transição desta vida para a outra; a mudança chamada morte é então a mudança do nascimento para a vida mais elevada e melhor.

Pois a vida natural é a única vida agradável aos olhos de Deus. No mundo de hoje é quase impossível viver naturalmente, porque de um lado estão alinhadas as leis da sociedade e do outro lado está a pobre e fraca natureza humana. Não é que não saibais o que é correto fazer, mas a sociedade intervém com as suas

influências, as suas tentações, e vós sacrificais o que pensais e sabeis ser correto em deferência às opiniões daqueles que vos rodeiam.

O segredo do grande poder de Jesus foi a Sua atitude de desafio à sociedade, a Sua determinação em viver uma vida puramente natural. Ele ouviu o clamor da pobreza e do sofrimento, e viu o Seu dever acima de todas as outras coisas, e o Seu objetivo daí em diante foi sempre tornar o fardo pesado em leve. A Sua grandeza foi a Sua absoluta naturalidade, a perfeita concordância da Sua vida com as leis da natureza e de Deus, que são a mesma coisa.

Foi isto fácil para Cristo? Foi o julgamento dos homens agradável para Ele? Não; Ele sofreu e pagou o preço da Sua vida, como cada alma fervorosa sofreu no passado e sofrerá no futuro; e dizemos sem hesitação que — se nascesse entre vós hoje alguém detendo o mesmo poder que Jesus detinha, ensinando as lições que Ele ensinou, partilharia, no que diz respeito à condenação do mundo, o mesmo destino que Jesus...

Seria "desprezado e rejeitado" pelos homens... Quando o espírito entra pela primeira vez na outra vida, está limitado pelas leis sociais e costumes que lhe são tão familiares e, até que esteja liberto deles e tenha superado as suas influências, não pode receber o benefício total do estado espiritual. Deus é amor, dizemos; e aquele que tem mais amor no seu coração é mais semelhante a Deus. Na vida de Jesus encontramos amor por todos, não amor por si próprio — o pecado que arruinou as vidas de demasiadas pessoas neste mundo —, mas aquele amor que traz Deus para mais perto de cada ser humano. E no mundo espiritual este elemento de amor ajuda o espírito a avançar no seu progresso; a superação do sentido de egoísmo ajuda a atrair a si o poder que de direito detém.

Em vez de tentardes conformar-vos com o padrão do mundo, tentai antes ser naturais em todas as coisas. Todos os grandes

mestres, os poetas talentosos e filósofos e reformadores do passado e do presente foram homens que ignoraram a voz do mundo e que estavam em harmonia com os seus próprios espíritos fortes: homens que, quando assumiram o seu trabalho, esqueceram tudo exceto isso; e assim o espírito de Deus derramou o seu poder sobre eles e deu-lhes força para realizarem a tarefa a que se propuseram.

Sim, aquele homem ou mulher que coloca o dever em primeiro lugar vencerá de certeza no final, porque assim é capacitado a realizar as possibilidades da sua própria natureza e a força da verdade. E, contudo, o que vemos? Vemos homens em todo o lado a lutar por quê? Já perguntastes alguma vez o que é que mais desejais? Qual é o objetivo da vossa vida? A resposta, se for verdadeira, tem sido geralmente que o grande objetivo da vida é a aprovação do mundo: não aquilo que sentis que podeis fazer melhor, mas aquilo que o mundo indicou como a melhor coisa para vós fazerdes.

Estais a tentar levar a melhor vida possível de acordo com a vossa própria crença, ou a seguir o curso que os amigos e a moda traçaram?

As influências de vidas exteriores a ele têm uma ligação mais estreita com os objetivos de cada indivíduo do que as convicções mais profundas do seu próprio coração.

Precisais de ignorar cada influência, cada mudança nesta vida, por mais dura que vos seja, exceto a que vem para vos tornar mais verdadeiros e mais fortes; e se isto for feito, quando o espírito nasce para a vida espiritual nada há a superar, mas estais prontos para a vossa herança legítima. Mas aqui, nesta primeira condição da vida futura, vemos como muitos estão limitados por fardos das suas vidas na terra, buscando dos mais elevados e felizes o que podem fazer! "Vago", dizem tais pessoas, "pela face da terra e não encontro um único coração que me responda. Estou nela e esquecido!" E o mestre espiritual só pode responder: "Não

trouxeste contigo os elementos de felicidade e paz, mas condições de desarmonia e erro; de volta à terra deves ir até que as suas influências sejam superadas e já não te atraiam para lá."

Mas quem são estes mestres espirituais? Assim como dois elementos estão misturados em cada vida que vem a este mundo, assim em cada vida que entra no mundo espiritual há duas influências combinadas. Há os pais terrenos, pai e mãe; e há também os pais espirituais que velam pela criança espiritual. Estes guardiões espirituais, com um amor mais profundo e forte do que os pais terrenos podem conhecer, seguem a criança através de todas as mudanças e meandros da sua vida. Não há ser humano que esteja sem as influências de dois espíritos acompanhantes, que estão constantemente ao seu redor numa atitude vigilante. Mas se isto for verdade, quando o pai e a mãe terrenos entrarem na vida espiritual encontrarão o seu amor suplantado?

Não: porque os pais espirituais estão sempre à frente dos pais terrenos e da criança, e servem para ajudar e guiar aqueles que vêm depois. Por isso, quando alguma mãe olha para o rosto do seu filho pela última vez, que não pense que a vida dele é lançada para um mundo frio e desconhecido, mas lembre-se de que estes guardiões espirituais estão prontos de imediato para o acolher no mundo dos espíritos, para o levar para uma esfera mais radiante.

Nem ele permanecerá esquecido da mãe na terra, pois nessa mudança o verdadeiro desejo é aquele que governará a vida do espírito; o desejo mais forte que Deus colocou no coração é revelado na mudança chamada morte; e a criança, levada nos braços dos seus guardiões espirituais, desperta para os seus desejos espirituais. Do que precisa ela primeiro quando nasce para a nova vida?

O seu primeiro clamor é pela sua mãe, a sua mãe terrena, e rápido como o pensamento pode alcançar, esta pequenina é levada pelos anjos para a mãe que deixou para trás; e ali, aquecida no amor dela como uma flor no raio de sol, fortalece-se em espírito.

Enquanto o amor da mãe e da criança for forte e fresco, a criança permanece ligada à vida e ao amor da sua mãe; e só gradualmente os mestres espirituais mostram à criança uma condição espiritual mais elevada e grandiosa, e a conduzem suavemente do lado da mãe para essa esfera mais radiante.

"Mas", diz alguma mãe, "se o meu pequenino está longe, e muitos anos se passarem antes de eu o ver, como me conhecerá ele quando eu entrar no mundo espiritual?" Ele conhecer-vos-á, pois os seus mestres espirituais trazem sempre a criança face a face com os seus pais terrenos, de modo que quando a morte lhes chega, a criança que se pensava estar perdida dá-lhes as primeiras doces boas-vindas. Eles são-lhe familiares como se tivesse vivido na terra. E que mãe há, em todo o mundo inteiro, que, se pudesse compreender que de entre as sombras que lhe parecem tão profundas o rosto do seu pequenino está inclinado sobre ela, poderia alguma vez afastar-se do caminho do direito e do dever?

A criança entra não numa vida de criança, mas numa vida onde o verdadeiro desenvolvimento do espírito é a grande lei do seu ser, e onde gradualmente passa de uma condição para outra e se torna um anjo radiante e um espírito puro no céu. E assim como as estrelas olham de noite para a terra, assim os olhos destes pequeninos olham para as vidas daqueles que são deixados para trás. Oh, orai pelos vossos pequeninos no céu! Guardai sempre um lugar para eles nos vossos corações, ó mães! Amai-os e estimai-os como memórias mais preciosas — memórias que, mais tarde, quando tiverdes atravessado o rio reluzente, vos encontrarão novamente como doces realidades.

Para a criança que parte cedo da vida terrena há experiências ricas e gloriosas. Há o nobre desenvolvimento dessa vida espiritual que a terra nunca pode possuir, a abertura das grandes e gloriosas possibilidades com que se não pode sonhar na vossa vida na terra. A criança que partiu dá-nos um dos lados mais radiantes da morte. Nessa mudança ela tem pouco a desaprender.

Mas há outros nesta vida espiritual. Há o homem do mundo que todos vós tão bem conheceis — alguém que esteve no mundo e foi dele. O que acontece com ele após a morte? Ele que é bem alojado, vestido e alimentado, que sorri aprazivelmente para o mundo porque este sorri para ele; que ouve o clamor de miséria a subir dos pobres e miseráveis, mas pensa que os pobres se queixam com uma voz demasiado alta, e que dará um xelim a um mendigo antes para se livrar dele do que por caridade.

Tudo correu suavemente com este; ele não teve problemas relativamente a este mundo ou ao próximo. Como será com ele mais tarde? A sua maior ansiedade na terra é como satisfazer-se a si próprio de momento — como escapar ao tédio; cada propósito seu está limitado ao dia de hoje, o seu pequeno mundo é o mundo do eu.

Quando um tal homem chega ao mundo espiritual, suponde vós que os anjos do céu o saúdam no limiar de uma vida gloriosa? Estarão as vestes brancas da pureza à sua espera para as vestir? Quando um tal espírito entra na vida espiritual, o propósito que mais o governou na terra mais o governa aqui. Ele pensou apenas nos prazeres do mundo; pensa apenas neles ainda; e os seus guias espirituais sabem quão inútil é tentar ensinar-lhe qualquer uma das verdades mais elevadas. Ele deve voltar ao mundo e desaprender as lições que aprendeu — deve aprender a usar corretamente os meios que lhe foram dados para prazer e instrução.

A felicidade não é o tudo-em-tudo da alma de homem algum. Há uma palavra mais grandiosa do que a felicidade, e essa palavra é dever; e por uma lei divina a felicidade perfeita segue o dever, e só isso; e é quando o seu espírito desperta para a consciência disto que a porta lhe é realmente aberta para uma nova vida, e ele vê o caminho que conduz a coisas melhores. Não até ter conquistado as condições dos seus anos mal gastos é que os desejos melhores são desenvolvidos nele, e quando estes tiverem brotado pode ele então entrar na felicidade que não conhece mudança. O homem

do mundo, então, que construiu a sua casa e estabeleceu o seu tesouro no mundo, regressa novamente da vida espiritual até ter encontrado algo com que fazer para si uma morada eterna.

Outro parte cuja inteira finalidade era ganhar dinheiro; e quando está nu, ao começar a sua existência como espírito, qual é o seu maior desejo? Ele dir-vos-á que toda a sua vida fatigante foi passada a comprar um tempo em que pudesse esperar pelo descanso; e esse tempo nunca chegou. Ele estava a procurar o que o mundo não contém. E assim na morte, possuindo apenas ouro, não tinha tesouro algum para levar para o mundo espiritual. E ele também deve regressar até ter provado a inutilidade destas coisas: até que o faça, não pode deixar a terra.

E quantas vezes não volta ele para ver os amigos que deixou para trás a desejarem matar-se uns aos outros pelas suas propriedades! Tomai, novamente, o caso de alguém que morre subitamente — algum soldado morto em batalha, que é levado sem um momento de aviso — onde está o seu espírito? Pensais que é levado do campo de chacina para os domínios da paz? Não, pois o soldado sente a brotar no seu coração apenas os impulsos do momento; e quando desperta como espírito, é para ser assombrado pela presença daqueles com quem lutou. Ele não vê os anjos, mas porventura aqueles que lhe tiraram a vida; e deve ser cuidado por guias espirituais que lhe revelarão as possibilidades da sua nova vida, o valor da sua vida passada, e lhe mostrarão que sempre que trabalhou por causa do dever havia nele elementos de redenção.

Sim, é a vida aqui que faz a vida do espírito — o ato feito agora, a palavra dita agora; não são as orações ociosas proferidas no domingo apenas que são capazes de vos levar ao trono do altíssimo. É a vida que leveis na terra que faz a vossa paz e felicidade no futuro, ou que vos manda de volta a vagar novamente pelo vosso curso terreno, para aprender as suas verdadeiras lições para o melhor desenvolvimento do vosso espírito.

A criança pequenina que parte encontra descanso e torna-se um espírito feliz; o homem do mundo, que vive sem um pensamento além das necessidades e dos prazeres da hora presente, descobre que há muito por desfazer antes de estar pronto para a vida na qual tão pouco pensou. Ninguém pode dizer quando "vem o Filho do Homem", e a todos dizemos: tende a vossa casa sempre em ordem; a mudança pode vir para vós amanhã ou na próxima semana. Mas a morte não é o fim definitivo. É a grande mudança na qual os verdadeiros desejos da alma se manifestam e se tornam positivos na sua influência — é o nascimento do espírito. Revela ao espírito os elevados e gloriosos cumes a que pode aspirar, e as profundezas escuras de miséria nas quais pode afundar. A morte abre a porta para uma vida além na qual todas as coisas são possíveis para aquele que cumprir o seu dever.

Oh, amigos! Vós em cujos olhos olhamos, compreendei este facto: não deveis esperar pela hora da morte para fazer a vossa paz com Deus, mas viver cada dia de tal modo que, quando o último momento chegar, possais dizer: "Não peço a Deus que me perdoe, ou que ponha de parte as Suas leis para desfazer as consequências dos meus pecados, pois toda a minha vida tem sido um longo esforço para fazer o que é correto e para O servir, e agora sinto a luz do Seu amor!" E quando a vida do mundo espiritual se abrir para vós, a vossa condição não sofrerá mudança, mas atrair-vos-á para cima, para a esfera mais elevada. Além desta esfera de transição erguem-se as altas planícies do céu; e, descendo dessas alturas, belos espíritos vêm trazendo consigo bênçãos que só eles podem dar. Falam a corações ansiosos e pedem-lhes que olhem para cima; falam àqueles que estão no pecado e apontam um caminho melhor; falam àqueles que estão na tristeza e derramam verdadeiro conforto sobre o coração dorido — revelando esses domínios radiantes onde todos os problemas terminaram, todos os males são reparados e a dor não vem mais, e dizem a cada ser humano: "Deus sabe todas as

coisas; esforçai-vos pelo melhor, pelo mais verdadeiro aqui, e a morte vem apenas para abrir a porta e mostrar, em toda a sua perfeição, a glória, a felicidade e a paz nascidas não da terra, mas do céu — e a herança de cada alma verdadeira e fervorosa."

IMORTALIDADE INDIVIDUAL

Uma Palestra proferida através da Mediunidade do SR. J. WILLIAM FLETCHER, no Steinway Hall, Londres, Inglaterra, 21 de dezembro de 1979.

Não há questão que possa interessar mais a humanidade, ou da qual mais se possa dizer que depende, do que aquela que escolhemos para consideração esta noite.

Quase toda a gente tem alguma ideia relativamente à outra vida. Todas as pessoas, ou quase todas, têm alguma conceção de que existe outra vida, e alguma ideia sobre qual possa ser a condição dessa vida. Mas há muito poucas, se é que há alguma, que tenham ainda compreendido o destino da alma e o grande trabalho que aguarda o espírito no mundo do porvir.

Há muitos que compreendem o facto da imortalidade. Olham para o outro mundo como olham para este; e ele é tão real e tão claro para eles como este. Consideram a morte apenas como uma passagem para essa outra vida, e não com medo ou tremor, mas com perfeita confiança e fé aguardam o dia que os introduzirá na vida mais elevada. Com eles a imortalidade torna-se um facto, uma certeza; que vale mais para eles do que tudo o que a terra possa conter. Há outra classe de crentes na imortalidade.

Aceitaram as velhas ideias que dominaram no passado; não pensaram muito sobre o assunto, mas concordaram com o ensino geral de que há outra vida, embora prefiram muito mais esta. Olham para a morte como um mal necessário que deve ser evitado durante o maior tempo possível, mas que deve ser enfrentado, quando chegar, com coragem e firmeza. Com eles não há

perceção do que a outra vida possa ser. É o "céu", "onde os anjos estão", muito longe, além das estrelas, irreal, imaterial, espiritual, qualquer coisa que não pode ser medida, pesada ou compreendida.

Outra classe, que ouviu dizer que a imortalidade os aguarda, passa pelo mundo com os olhos baixos, não olhando nem para a direita nem para a esquerda, por medo de que algum perigo ou problema possa estar próximo; os quais, quando lhes perguntais o que vem depois da morte, dirão que esperam que haja vida, e nessa esperança penduram tudo o que têm no mundo. E andam sempre com medo; e quando a doença ou o fim da vida terrena chega àqueles que amam, a morte parece-lhes de facto o Rei dos Terrores, e o mal de todos os males.

E, contudo, a imortalidade está em todo o lado. Não há uma única mente, por mais completamente envolta que esteja em dogmas científicos, que não tenha sido perfurada por alguma vislumbrada conceção de outra vida. E embora os homens da ciência possam dizer "estou satisfeito com esta — que a outra cuide de si mesma", descobrirão que há outra que é mais do que capaz de o fazer.

Dissemos que não há questão mais importante do que uma correta apreensão do que é esta outra vida. Como espíritos, sentimos que temos algo a dizer sobre esta matéria e convidamos à investigação das suas provas sob todas as condições possíveis.

Numa palestra anterior, "Será a Reencarnação um Facto?", procurámos tocar na evolução do espírito. Quase toda a gente acredita na evolução da matéria e compreende que, desde que o mundo começou, tem havido um poder a impulsioná-lo para fases posteriores de desenvolvimento; que cada forma de vida teve algum propósito em si, e que estas têm sido como que muitas pequenas máquinas a preparar e a refinar os elementos do planeta em que viveis; melhorando-o sempre para aqueles que se haveriam de seguir. E demos um passo mais além e dissemos que

havia também uma evolução do espírito em cada planeta, o qual está a sofrer mudanças correspondentes às mudanças da matéria.

Compreendendo, então, até certo ponto, esta evolução do espírito, deve haver diferentes graus dele, e certas formas através das quais o espírito é desenvolvido. E o mundo fechou os olhos às manifestações do espírito que estão em todo o lado ao seu redor, e tem ou negado a existência do espírito, ou alegado que ele é sobrenatural e fora do domínio da sua compreensão — o que, neste último caso, é possivelmente verdade —, afastando-o, de facto, totalmente para o lado, e nunca o julgou digno de estudo.

Ora, quando o espírito se encontra no mundo espiritual, as suas sensações são muito semelhantes às de quando se encontra no mundo físico. Está rodeado por condições novas e estranhas, tal como quando entra nesta vida. Observai o desabrochar da vida numa criança jovem. Quão gradualmente o espírito se adapta ao corpo em que se encontra, e quão lentamente é capaz de encontrar expressão! E ao observardes o crescimento constante da criança, percebeis o poder do espírito a atuar sobre a máquina terrena.

O espírito ganha gradualmente cada vez mais poder. Levai esta analogia para o mundo invisível e encontrareis o espírito, ao início, rodeado por condições que não consegue compreender; e há o mesmo processo lento de crescimento e compreensão.

Há uma crença de que todos os poderes do universo são revelados àqueles que entram no estado espiritual, e que o mero facto da existência no mundo espiritual é sinónimo de omnipotência. Isto é um grande erro. O espírito está rodeado por forças que não consegue controlar nem apreender, mas ao mesmo tempo só são trazidas em ligação com ele aquelas que o podem afetar. A criança aqui não consegue compreender todas as leis naturais — apenas cresce gradualmente em entendimento. O mesmo acontece com o espírito. O processo de desabrochar, mesmo no outro mundo, é progressivo. Na vida terrena tendes

anos de experiência; na vida espiritual temos métodos e facilidades que tornam o avanço muito mais rápido.

O outro mundo, portanto, nas suas fases iniciais, é muito similar a este; e o espírito recém-nascido nesse mundo encontra-se rodeado por condições análogas àquelas que deixou aqui. Por exemplo, tomai o caso de um músico que vem para o mundo espiritual. Ele passa para a esfera da música, entra nessa esfera, mas encontra-se rodeado por aquilo que não consegue compreender nem apreciar; a música está muito além da sua compreensão — pois a música da esfera espiritual é tão diferente da música da terra quanto a harmonia o é da discórdia. Ele procura então encontrar o real poder que o atrai, e olha para a vida terrena e encontra algum mortal ao qual possa ligar o seu espírito e através do qual possa levar a cabo o seu trabalho na terra.

A afinidade pode não ser encontrada ao início, mas está certamente à espera, e quando encontrada, o desenvolvimento do espírito começa. Mas se isto for possível com aqueles no mundo espiritual; se os espíritos têm o poder de voltar e ligar as suas vidas à vida de outro, onde está a individualidade do génio? Estará perdida? E respondemos que a inspiração e o inspirado ganham ambos com a amalgamação de forças, mas que nenhum perde a sua individualidade; e quando a morte chega ao mortal, cada um segue as leis da sua própria vida, tendo ambos beneficiado da experiência.

Não há ninguém que não tenha associado a si um de muitos espíritos, que estão a elaborar o seu próprio desenvolvimento. De onde vem o poder da inspiração? Não deste mundo, pois é um influxo de pensamento; vem do mundo do espírito, daqueles invisíveis que, tendo deixado o seu trabalho terreno incompleto, regressam para o terminar desta forma.

E, novamente, não precisais de procurar o segredo do maior poder do artista nas suas envolventes terrenas. É quando ele se retira do mundo e se fecha às suas influências, e abre a sua alma

às forças espirituais de que está meio consciente, que ele é capaz de produzir obras mais grandiosas do que as que residiam no seu próprio poder individual, ou que poderiam alguma vez vir de todo o seu estudo.

Mas o que é a identidade? Como conheceis os vossos amigos na vida terrena? Há muitos sinais distintivos pelos quais os reconheceis. Conheceis-nos pela voz, pelo movimento, pela tez, pela altura, pelo passo, pela caligrafia e por mil outros sinais. Não é possível, contudo, que esses traços de identidade sejam alterados? Uma mãe deixa o seu filho e não o volta a ver durante um quarto de século. Ela regressa, e onde está a pequenina criança que deixou? Ela não o encontra; a criança cresceu e tornou-se um homem. Mas terá essa criança perdido a sua identidade? No lugar da criança surge o homem, o resultado do crescimento e do desenvolvimento. Contudo, nada mudou; mas as possibilidades da natureza da criança foram extraídas e concretizadas. O mesmo acontece com aqueles que podeis conhecer; e se os homens da ciência estiverem certos, cada corpo humano é completamente mudado uma vez em cada sete anos.

Acidentes, acontecimentos, desgraças, tudo serve para obliterar os traços de identidade. O que acontece então? Estais à procura da identidade física, e esses traços são destruíveis, porque o corpo é destruível. Mas há algo além disto. Não há apenas a identidade do corpo; há também a identidade do espírito. Vós não conseguis distinguir os espíritos dos vossos amigos; vedes apenas o corpo em que o espírito vive. O espírito está no interior; apenas olha através das janelas da alma para o mundo. Quando os vossos amigos espirituais regressam do outro mundo e lhes pedis sinais da sua identidade, pedis sempre pela identidade da vida terrena, não da do espírito.

Fazeis perguntas relativas à sua vida física, a qual ficou para trás. As coisas do mundo já não os afetam; eles nasceram para a vida do espírito. Mas há formas pelas quais a identidade do espírito pode ser compreendida, cujas provas estão plenamente

explicadas nessa obra maravilhosa de William Denton, sobre "A Alma das Coisas". Coisas que foram deixadas para trás por um amigo falecido podem ser impressionadas com o seu espírito e, por meio destas, um "sensitivo" é capacitado para descobrir e identificar o vosso amigo espiritual. Toda a gente, portanto, tem uma contraparte espiritual. Ao redor de alguns vereis um corpo espiritual perfeitamente desenvolvido; ao redor de outro apenas um tecido fino e subtil. Quando o espírito deixa o corpo físico, entra num corpo espiritual, o qual se torna para ele exatamente o que os vossos corpos são agora para o espírito que vive dentro deles.

Impossível! dizeis vós. Folheai as páginas do vosso livro sagrado e encontrareis escrito que "há corpo natural e há corpo espiritual". Não diz que haverá um, mas que há um. E este corpo espiritual, agora no tempo presente, está gradualmente a desenvolver-se a partir das condições da vossa vida terrena. Se levardes uma vida pura e nobre, o corpo espiritual torna-se aperfeiçoado e cheio de força e individualidade; mas se não tivestes qualquer pensamento além da gratificação do momento, então o vosso corpo espiritual é fraco e não desenvolvido.

O espírito que deixa o corpo terreno deve passar para o corpo espiritual, e se o corpo espiritual for forte, então o espírito está pronto para a sua nova vida. Mas se quase nenhum corpo espiritual foi formado, o espírito é retido na terra; e há muitos neste mundo — quase diríamos a maior parte dos homens — que se esquecem do mandamento "Buscai primeiro o reino dos céus e a sua justiça". Imaginaram que o mundo físico era tudo e lembraram-se apenas daquele outro ditado: "Comei, bebei e alegrai-vos, porque amanhã morrereis."

Não vedes tais pessoas todos os dias? Elas nunca conheceram a falta de outra vida; e quando veem a pobreza e a miséria, fecham os olhos a tudo isso e passam ao largo. Há milhares nesta vida que nunca compreenderam o que é sofrer por causa do bem; e que, rodeados por tudo o que é agradável, deslizam pelo rio da

vida sem um único cuidado. E estes esperam que, quando chegarem ao mundo espiritual, serão servidos por acompanhantes e viverão no luxo, e encontrarão tudo feito para eles, como neste mundo.

Estão com a mesma disposição de espírito daquela pessoa que disse: "Não sei como será o mundo espiritual, mas certamente não poderemos estar todos juntos ali; deve haver algum lugar para os criados", esquecendo que a posição mais humilde é apenas um método de educação, e que todos são igualmente caros ao Grande Espírito, a cujos olhos apenas a alma tem qualquer valor. As condições desta vida opõem-se à espiritualidade. Falar sobre o espírito, sobre as suas exigências, é algo que ao mundo não interessa.

Estas coisas acabam por se impor no final, e temos visto muitos a deixarem esta vida e a chegarem ao mundo espiritual para encontrarem apenas as condições que tinham preparado para si mesmos, sendo o seu próprio desenvolvimento muito pequeno na verdade. Cada forma de mediunidade marca um grau de evolução do espírito. Cada um gravita para a esfera que lhe é natural, e trabalha sempre rumo à perfeição.

Há muitos que deixam a terra antes de o seu trabalho estar terminado, e encontram os seus primeiros desejos no mundo espiritual idênticos aos seus últimos na vida terrena. E ao entrarem nesse mundo espiritual, porventura alguma criança nasce nesta vida que não tinha nenhum dos elementos do espírito, e a criança, por assim dizer, muda constantemente de lugar com o espírito na outra vida, para melhor levar a cabo o desenvolvimento de cada um.

Há muitos que sentem em si mesmos dois poderes; às vezes são influenciados por um, às vezes por outro; pessoas como estas foram influenciadas por outra vida, e esta condição é necessária ao desenvolvimento de ambos. Mas a individualidade do espírito nunca se perde. Há uma palavra que está diante de todos e de cada

um, e essa palavra é: crescimento; e compreendendo isto, e com fé em Deus, o espírito avança para onde quer que as vozes o chamem.

Se o espírito puder ser melhor desenvolvido no mundo terreno, para lá irá; se naquele planeta além, para lá irá. Cada espírito no vosso meio está a elaborar o grande plano da sua vida e a preparar-se para mudanças ainda mais grandiosas e elevadas no futuro distante.

CALVINO NA VIDA ESPIRITUAL

Uma Palestra proferida através da mediunidade do Sr. J. WILLIAM FLETCHER, no Steinway Hall, Londres, 18 de maio de 1879.

O nosso tema para esta noite é "A Condição de João Calvino na Vida Espiritual". Há muitos que, hoje em dia, olhando para trás, para o trabalho zeloso do século XVI, põem em causa a parte dele que João Calvino realizou no mundo. Nós, como grupo de espíritos controladores, esta noite, se as condições o permitirem, entraremos na explicação mais ampla, não particularmente da vida terrena, mas antes da vida espiritual, para a qual este reformador há muito passou.

João Calvino nasceu numa altura em que uma vaga de pensamento espiritual estava a passar pelo mundo, a qual tocou e vivificou a sua mente. Ele pode bem ser chamado o homem da sua época. O seu coração e a sua alma responderam a esta vaga de pensamento e trouxeram-no diretamente em contacto com os assuntos religiosos que nessa altura estavam a exercitar a inteligência do mundo cristão.

Ele viu mais profunda e plenamente do que outros algumas das questões fundamentais do tempo e, sentindo, sem dúvida, como muitos na sua época também sentiam, que havia uma missão reservada para ele e que ele estava destinado a transmitir uma fase mais elevada da verdade aos seus semelhantes, apresentou-se como um reformador religioso. Ao seu método podemos objetar; o resultado da sua vida e trabalho podemos lamentar grandemente; mas o seu motivo marcou João Calvino no passado, e marca-o hoje, como um homem entre os homens, uma mente entre as mentes, um poder entre os poderes. Ele trabalhou para o que lhe parecia o bem-estar do mundo em que vivia e, embora o seu trabalho possa não ter trazido o bem no seu encalço, contudo o motivo do homem era correto e o seu desejo do bem sincero.

Havia três classes de pessoas que orbitavam ao redor da vida deste homem. Primeiro, havia a classe dos ateus — materialistas, chamamos-lhes agora —, que nunca conseguem ver além do mundo em que vivem, e que nunca aceitam, ou sequer admitem, a existência e o poder dos espíritos. Estes opuseram-se a João Calvino no seu tempo, como se opõem a esta verdade em todos os tempos, porque falharam em conceber e compreender a beleza do pensamento e do impulso que o movia. Consideraram-no como um daqueles que falavam "sem saberem o quê", e não como alguém que trabalhasse de alguma forma pelo bem-estar da raça humana.

Outra classe opôs-se a Calvino por motivos teológicos, considerando a sua teologia inteira e completamente errada, e acreditando apenas na sua própria como verdadeira. Esta classe opôs-se a Calvino não porque compreendesse o significado do que ele lhes estava a ensinar, mas antes porque esse ensino era hostil às suas próprias ideias e pensamentos.

A terceira classe era formada por aqueles que o seguiam e que ainda mantêm as suas ideias neste mundo, e se apegam ao

velho credo e a João Calvino como ele era — de modo algum capazes de avançar para João Calvino como ele é agora.

Esboçando brevemente, como fizemos, o esforço que este homem fez para trazer ao mundo a vida e a verdade espirituais numa altura em que o mundo estava em trevas espirituais; afirmando que ele foi, desde o início do seu trabalho, inspirado pelo melhor motivo que a sua época permitia; a questão que cada Espiritualista faz é esta: "Qual é a condição na vida espiritual de alguém que, tendo dedicado toda a sua vida ao que acreditava ser o bem-estar do mundo, produziu resultados nefastos para os seus interesses, e no encalço cujos pensamentos o sofrimento e o mal se seguiram? Terá a punição seguido os seus atos, ou terão os motivos desculpado o homem e libertado o mesmo? Terá ele sido levado para uma esfera de luz, para um mundo de descanso e paz, ou terá havido mudanças profundas e radicais pelas quais até este professor e reformador bem-intencionado teve de passar?"

Estas são as questões que cada Espiritualista fervoroso faz, e às quais desejamos responder esta noite. Quem pode responder-lhes melhor do que o próprio João Calvino? Sentimos, ao estar de pé diante de vós, as ondas quentes das vossas vidas e pensamentos a chegarem até nós. As condições são tão perfeitas que procuraremos trazer o mais perto possível a influência do seu espírito ao redor deste instrumento através do qual falamos. E o próprio João Calvino pode expressar-vos o método de desenvolvimento pelo qual foi forçado a passar na vida espiritual.

(Aqui o médium foi sujeito a uma nova influência e, após um momento ou dois, uma voz estranha falou.)

Pela graça de Deus e pela assistência de muitos dos meus guias e amigos espirituais, a mim, João Calvino, é permitido falar-vos esta noite. Vim até vós não com o propósito de gratificar qualquer curiosidade ociosa da vossa parte ou da minha, mas com o grande desejo, o grande propósito, o grande pensamento de que,

de alguma forma, as minhas palavras possam salvar outros dos erros em que caí.

O meu pensamento é que, deixando o mundo dos espíritos por um tempo, eu possa até certo ponto delinear as mudanças pelas quais fui forçado a passar, e ajudar alguns outros neste mundo, que são fracos como eu era fraco, desfalecentes como eu estava desfalecente, cansados como eu estava cansado, a entrarem mais cedo e mais prontamente na luz e glória do reino celestial. Sim! Salvar outros é o meu único pensamento esta noite!

Antes de vir para o mundo espiritual, quando estava a proferir palavras que acreditava serem de Deus, senti sempre que, quando a morte me chegasse, não haveria luta, nem perigo, nem sofrimento; que as portas do céu se abririam de par em par e que, acompanhado por legiões de anjos que Deus me enviaria, eu seria levado para o descanso e paz eternos; que, à medida que este mundo se desvanecesse da minha vista, o mundo celestial, com Deus sentado num trono branco, com anjos à Sua direita e à Sua esquerda, com um lugar especial guardado para mim, se abriria diante do meu espírito; e quando pensava na outra condição de punição eterna que aguardava tantos neste mundo, ela parecia-me muito distante, muito distante de tudo o que me pudesse dizer respeito. Quando a morte veio finalmente, quando o corpo, doente e fraco, entregou o espírito ao mundo do eterno, quão grande foi o meu erro esta noite o dirá!

Quando percebi, no primeiro momento, que a vida tinha terminado, o céu que eu tinha imaginado não resplandeceu sobre mim. Parecia que as sombras estavam a pousar como nuvens pesadas sobre a esfera em que me encontrava. Olhando ao longo da linha de luz, podia ver o mundo em que viveis com nuvens escuras de pecado a varrê-lo, e através dessas nuvens estavam a passar espíritos radiantes e felizes, vestidos com vestes resplandecentes e trazendo nas suas mãos as bênçãos de Deus para o mundo.

Isto pensei eu que devia ser o céu, e esses belos espíritos são anjos mensageiros a fazerem a vontade de Deus: e enquanto pensava isto, um guia espiritual, enviado a mim, disse: "Não, esse é o mundo que deixaste, e esses espíritos que vês são anjos que, levados a uma esfera mais elevada, amam de tal modo os seus amigos que estão ocupados em trazer-lhes as bênçãos do amor, as quais derramam como vinho sobre eles."

E olhei novamente e vi que estava numa esfera onde as sombras escureciam tudo ao redor, e clamei: "Onde está o céu pelo qual ansiei? Onde está o Deus que procurei? Onde o Salvador por quem sofri?" E a passar diante de mim estavam homens que eu conhecera neste vosso mundo, com vestes escuras e negras, e rostos a arder de pecado e mal. Eles passavam, conduzidos por algum espírito celestial. Olhei para mim mesmo e disse: "Eu não sou destes — as vestes que trago não são negras;" e o espírito disse: "Tu passaste por essa condição antes de chegares à consciência; estes são aqueles a quem chamaste pecadores, e que agiram mal nas suas vidas; e mestres espirituais estão a ensinar os seus corações, para neles despertarem pensamentos mais elevados, melhores e mais verdadeiros."

Novamente olhei, e um grupo daqueles que trabalharam lado a lado comigo no mundo passavam com rostos tristes e desviados. "Por que razão", disse eu, "estão os seus rostos desviados?" E o espírito respondeu: "Eles adoraram um Deus de ira, um Deus de vingança; eles apenas temeram a Deus, nunca aprenderam a amá-Lo e nunca enviaram os seus corações para Ele em perfeito amor e confiança; eles vagam pela esfera de transição da vida espiritual com corações perplexos e rostos tristes. O amor ainda não nasceu nos seus corações." E ao olhar, voltei-me e disse: "A quem adorei eu? Terá Ele sido um Deus de amor? Não, não! Um Deus de temor! Temi o Seu ódio e punição, e ensinei o mundo a não ser bom por amor à bondade, mas a fim de comprar o céu e escapar da punição eterna. Ensinei um Deus de vingança e ira, e o meu próprio rosto estava triste também! Onde procurei por Deus

encontrei-me a mim mesmo e, quando perguntei: a quem adorei eu?", vi oposto a mim, como a antiga escrita na parede:

JOÃO CALVINO

A própria vingança que eu acreditava que Deus enviaria sobre o povo, eu próprio, tanto quanto o meu poder humano permitia, derramei sobre ele. A condenação e o ódio fluíram como correntes de fogo do meu espírito até que, se as minhas palavras tivessem sido verdadeiras, o Deus que adorei teria condenado quase todo o mundo. Ergui a minha voz em oração e pedi fervorosamente que o amor de Deus pudesse irradiar sobre a minha vida também, pois lembrei-me de que "Deus é amor" e que "o perfeito amor lança fora o temor". Tinha eu o perfeito amor? Compreendera eu que o amor era o cumprimento da lei? Não tinha eu ensinado o ódio ao pecador antes do que ao pecado? E o anjo guia sussurrou-me: "Até que possas superar o orgulho egoísta que reina no teu coração, aqui deves permanecer."

Olhando sobre esta esfera de transição, vi alguns mais escuros do que eu, e outros cujos rostos estavam iluminados com a luz do céu. E uma mulher com o rosto cansado e gasto, com as vestes do orgulho ainda a enredar-lhe os pés, estava ao lado de um portal e olhava para fora. E ao olhar para ela, um clamor de discórdia e dor ressoou vindo deste mundo, e vi uma cela de prisão, escura, húmida e estreita, na qual estavam colocados um jovem e a mãe; e ela, ao fitá-lo, enviou um clamor agonizado a Deus: "Ó Pai no Céu, permite-me descansar em espírito perto do meu filho!" E o portal abriu-se de par em par, e um anjo da guarda entrou e disse: "Venceste", e tomou esta mulher e conduziu-a suavemente para fora da nossa esfera para a esfera das alegrias. "Estás livre agora; vai para junto dele, e conforta-o na sua provação, e ajuda-o." E quando o portal se abriu, contemplei um cenário de beleza insuperável. O ar era doce com os cantos dos pássaros e o perfume de flores radiantes com as cores mais belas, e nobres espíritos vestidos de luz passavam ali juntos em grupo.

E pensei comigo mesmo: "Eis que as portas do céu estão abertas; eles vêm para levar o meu espírito para os domínios da paz com que sonhei!" E ao correr em direção ao portal, a bela visão mudou; a luz esmaeceu, os cantos de alegria cessaram, e uma luz vermelha e baça ergueu-se diante de mim, nuvens escuras pairaram sobre mim, e fumo e fogo agitaram-se ao redor, e clamei: "Ó Deus, por que me desamparaste?" E no meio vi um homem em agonia, e ao olhar para ele os seus traços sobressaíram da chama, e contemplei Miguel Servet a barrar o caminho que conduzia a esse céu de paz e descanso. Caí diante dele, cegado por essa luz, e clamei: "Ó Deus, por que me esqueci de que a vingança era Tua! Por que me esqueci de que Tu pagarias! Por que não me lembrei de que este homem que condenei era Teu filho!"

E ao erguer os meus olhos para o seu rosto, "não venho", disse ele, "para condenar; não venho para censurar nem para fazer mal. Não; venho para te abençoar, para te ajudar, para te falar da terra de luz e amor além, para a qual ainda não estás pronto; e feliz sou por ser capaz de dizer que te perdoo em espírito e em verdade, e de te chamar meu irmão e amigo." E nesse momento ele mostrava-se tão glorioso, tão belo, na força e no poder do espírito, que parecia o próprio Deus. E caí diante dele e beijei-o, orando para que, assim como ele me tinha perdoado, também Deus no céu me pudesse perdoar a mim; e disse finalmente: "Não a minha vontade, ó Deus, mas a Tua seja feita!" E quando todas as provações da vida passada e as tentações do mundo vieram a rolar sobre mim, e a agitar-se num último esforço através do meu espírito, fui ainda capaz de dizer: "Não a minha vontade, mas a Tua seja feita!"

E não muito depois o mesmo portal abriu-se novamente, e o mesmo anjo, vestido com vestes de luz resplandecente, esteve junto ao caminho e, chamando-me, disse: "Tens estado à procura da cruz de Cristo; o grande pecado que repousa sobre o mundo é a

cruz de Cristo; e cada alma humana que tenta tornar esse pecado mais leve está a carregar a cruz."

Ah! Como orei pela minha vida novamente! Disse: "Se pudesse estar mais uma vez diante do povo, dir-lhe-ia essa grande e gloriosa lição que foi trazida ao meu espírito." Mas o anjo respondeu e disse: "Sim, mas tu fechaste os teus olhos a toda esta verdade nessa altura. E a tristeza que vem a ti agora não é punição; é apenas a lei do teu próprio avanço, apenas o meio para te capacitar para um lugar mais elevado e melhor do que este." E a porta abriu-se de par em par, e passámos para um cenário tão glorioso que ainda pensei e esperei que o meu velho ideal fosse verdadeiro; e tentei libertar-me do anjo. Mas uma mão estendeu-se até mim e uma voz disse: "Foste pesado na balança e achado em falta; deves ainda voltar para aquela outra condição." De volta à esfera de onde tinha vindo — voltei-me, orando fervorosamente, até que finalmente fui capacitado a sentir a hora de uma luz mais radiante e feliz despontar sobre mim.

Podeis perguntar: "Quanto tempo em anos ocupou isto? Quantos dias e semanas e anos passaram antes que o teu espírito se desenvolvesse e desabrochasse?" Só posso responder, amigos terrenos, que perdi todo o conhecimento do tempo, e apenas o percebi e marquei pelo meu próprio avanço. E depois de ter encontrado e resistido novamente a todas as tentações da minha vida, um sono quente e doce veio sobre mim, e despertei para a consciência numa esfera mais radiante.

Oh! Espiritualistas, vós que estais reunidos aqui esta noite, apreciais a grande bênção que Deus vos deu? Valorizais as lições que, de tempos a tempos, vos são transmitidas? O que teria eu dado, nos anos de há muito, se algum belo espírito me tivesse ensinado as lições da vida eterna! Oh! Senti e compreendei que nestas lições de Espiritualismo não estais a ouvir palavras ou pensamentos ociosos, mas a grande explicação da lei que vibra através de toda a vida — progressão, desabrochar —, que os

caminhos pelos quais uma alma passou cada alma deve trilhar mais cedo ou mais tarde.

Enquanto descansava na luz desta nova esfera, um raio, mais radiante ainda, irradiou sobre o meu rosto e, ao contemplar, as sombras rolaram para longe. E esteve diante de mim aquela a quem, de todas as outras, o meu coração mais tinha amado; uma cujos braços se estendiam para me acolher, cujas palavras de amor eram tais como as que caem apenas dos lábios de uma mãe. E sondei o meu coração e descobri que a coisa mais verdadeira que ele guardava era o amor de mãe. Oh! Vós que tendes mães no mundo espiritual, vede se mantendes o amor delas quente nos vossos corações. Os amigos podem falhar, o sucesso terreno ser varrido, mas o amor de uma mãe nasce para a eternidade. Ele brota aqui; ele floresce ali.

A minha mãe esteve de pé e chamou por mim: "Temos um lar radiante preparado para ti. Na esfera de onde venho está o nosso lar espiritual, e há um local onde o sol brilha mais dourado, onde as flores florescem mais doces e os pássaros cantam com alegria, que guardámos para ti. Ah! Poderia eu esquecer-te? Estive contigo em todo o teu tempo de sofrimento. Estive junto ao portal, mas tu não me conheceste, e o meu coração estava pesado por pensar que não te podia trazer para a luz de Deus. Mas agora guiar-te-ei a este domínio de paz." E o ar ficou novamente cheio de gloriosos regozijos; e pareceu como se o céu se abrisse e um jardim mais belo do que o local mais favorecido da terra aparecesse diante da nossa vista.

E ali caminhava Um no meio, radiante acima de todos os outros — coroado de sol, abençoado pelo céu, glorioso, espiritual; e ouvi os cantos de crianças e disse: "Há então crianças aqui?" E desse grande e nobre espírito veio a resposta: "Se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças, não entrareis no reino dos céus. Estes que estão ao meu redor são as crianças que amo, e por esta razão as amo, porque dos tais é o reino dos céus!" Então soube que a minha visão tinha sido abençoada com a vista

de Cristo, o Salvador, o Redentor. Belos brotos da infância estavam ao redor dele; e da própria orla da sua veste bênçãos de amor e simpatia eram derramadas sobre o mundo. E a mim disse ele: "O caminho do céu é pavimentado com sacrifícios; deveis carregar a cruz de Cristo antes que possais usar a sua coroa." E Miguel Servet esteve à minha direita, dizendo: "Estou contigo", e passámos para o domínio mais elevado.

Onde está João Calvino no mundo espiritual? Perguntais vós. No domínio acima deste encontro o meu lar; mas os meus passos voltam-se sempre de novo para o mundo, para aqueles que, em meu nome, estão a seguir esse caminho mais escuro que conduz, não à felicidade, mas à tristeza.

Dir-vos-ia, se tivesse tempo e força, todos os passos que conduziram a esta, a minha presente condição; mas apenas isto vos direi ao partir: "Vós que fazeis a vontade de Cristo, deveis fazer o trabalho de Cristo; não por louvores vazios, não por palavras ociosas, não por simples serviço de lábios apenas, mas por um trabalho fervoroso e sábio pelo bem-estar do mundo em que viveis. Ao esforçar-vos assim começastes um trabalho aqui que vos capacitará para a vida futura. Assim estais a abrir o portal que conduz a esse domínio de felicidade onde os maus cessam de perturbar e os cansados descansam."

QUE CLASSE DE ESPÍRITOS ASSOMBRA AS CASAS?

Uma Palestra proferida através da mediunidade do Sr. J. WILLIAM FLETCHER, no Steinway Hall, Londres, a 6 de julho de 1870.

O nosso tema na presente ocasião é: "Que classe de espíritos assombra as casas?" Ou "Que classe de espíritos produz assombrações?" Não há provavelmente forma de manifestações espirituais mais universal do que as chamadas "assombrações". Em cada hemisfério, entre cada povo, em cada clima, desde que a

existência do homem começou, têm estes acontecimentos tido lugar. E, contudo, com toda a vasta quantidade de provas que tem sido apresentada através deles, estas manifestações têm sido temidas e receadas, evitadas antes do que estudadas, e mal compreendidas de todas as formas antes do que olhadas como uma demonstração de imortalidade. Mas os homens têm estado tão cheios de terror com o pensamento de qualquer vida se dar a conhecer mais uma vez desde além da sepultura, que nunca ousaram perguntar qual era a lição que um tal regresso poderia trazer.

Cada fenómeno existiu muitos, muitos anos antes de as mentes dos homens se aproximarem do seu significado; mas a sua verdadeira apreensão nunca alterou de forma alguma a ação do próprio fenómeno. A terra sobre a qual estais, em tempos antigos, pensava-se ser apenas um vasto plano. Os rios seguiam os seus cursos, e as árvores cresciam, as flores floresciam, os frutos amadureciam com a mudança das estações; e depois de a mente humana ter ficado suficientemente inspirada para compreender que a terra não era um plano, mas um globo, a girar através do espaço, as suas revoluções e as suas estações não mudaram de todo: os homens apenas chegaram à compreensão de um facto que existia desde que o tempo começou.

As estrelas nesse céu pareceram outrora à inteligência infantil ser as lâmpadas colocadas por Deus para dissipar as sombras da noite; mas veio um tempo em que os homens souberam que elas não eram apenas luzes, mas mundos, contendo as mesmas possibilidades que o planeta possui sobre o qual viveis; nem a apreensão deste facto produziu qualquer mudança na ordem eterna dos céus.

O mesmo acontece com estas manifestações do espírito: elas não são chamadas à existência porque começastes a virar a vossa atenção para elas. Elas existiram em todos os tempos, mas é apenas nesta época, em que a mente começou a libertar-se da escravidão da tirania sacerdotal, a ousar pensar por si mesma, a

procurar luz de todas as fontes de conhecimento, que estais a começar a compreender que nada acontece em vão, que cada variedade e manifestação de força tem algum propósito oculto por baixo dela. E nestas assombrações, que podem ser traçadas em todo o lado, reconhecemos o espírito a descer da sua vida mais elevada para manter conversa e comunhão com aqueles no mundo a quem tinha como mais caros.

Mas todas as manifestações exteriores do espírito libertado o mundo tem condenado. Ele vê as manifestações; exige a sua existência; maravilha-se com a sua existência; duvida dos próprios factos depois de os ter admitido. Ele ri-se da ideia de que tais coisas tenham alguma vez acontecido, ou pudessem acontecer, no mundo das realidades do dia a dia.

E depois, por fim, o mundo aceita-as; e seja qual for a teoria que guarde em si força suficiente para resistir às suas dúvidas e derisão, e para explicar os factos, está certa de obter credibilidade universal mais cedo ou mais tarde. É apenas uma questão de tempo; e quanto maiores forem a dúvida e a derisão, mais difundido, em toda a probabilidade, será a aceitação dos factos.

Antigamente sustentava-se que na sepultura onde o corpo era enterrado o espírito era enterrado também, e que nas vigílias da noite os espíritos saíam para manter conversa e conselho juntos. Quantos não tem havido que, ao passarem pelo cemitério da aldeia, apressaram os seus passos e olharam por cima dos ombros para ver se algum "fantasma" poderia, porventura, estar de pé com o braço erguido junto à lápide cinzenta! Quantos não têm pensado que das sepulturas da terra os mortos sairiam para os confrontar, e em medo e tremor fugiram dos locais temidos!

Há casas às quais se diz que os espíritos dos antigos habitantes regressam; tais casas são marcadas, e diz-se delas que estão "assombradas". Homens e mulheres que sofreram e morreram ali diz-se que revisitam o local e suportam novamente a tragédia, ou reencenam o crime das suas vidas terrenas. Em

alguma divisão um ato mau foi cometido, e o assassino, ou o homem ou mulher que sofreu ali, percorre todas as noites o quarto.

É bastante fácil acreditar que o crime, o terror e a miséria sobrevivem além da sepultura, e que aquele cuja vida foi escura e pecaminosa não pode descansar no seu novo lar, se lar se lhe pode chamar, mas regressa para perturbar o mundo. Sim, mas não poderá também ser que, se a miséria e o crime existem após a morte, há também espíritos doces, puros, simpáticos à espera de trazer amor e felicidade ao mundo, tal como, e tanto mais quanto, os espíritos escuros podem trazer sombras e maldições no seu encalço?

Assim nos parece, pois dizemos que todas as casas estão assombradas; que ao redor do lar se reúnem dois grupos de espíritos: um escuro e vil, e o outro grandioso e puro; e que cabe aos habitantes que nela moram escolher qual o grupo ou classe de espíritos que os influenciará mais. A presença destes grupos de espíritos acompanhantes está em todo o lado; escapar-lhes não podeis. O sucesso, a felicidade, a paz de espírito, tudo é mais poderosamente influenciado por estes do que por qualquer outra causa. Provas da sua influência externa podem ser vistas em todo o lado. Há condições na vossa vida sob as quais bem-sucedidos em todas as vossas realizações, e há outras condições sob as quais tudo o que tentais é acompanhado de fracasso. Nunca perguntastes a razão disto?

A razão é explicada como acima: a saber, que há perpetuamente ao vosso redor dois tipos de acompanhantes espirituais, um dos quais ajuda, enquanto o outro dificulta, todos os vossos trabalhos; que em alguns lugares atraís aqueles que de tal modo direcionam os vossos esforços que o fracasso é impossível, enquanto noutros sois guiados por aqueles com quem ter sucesso é impossível.

Entrais numa determinada casa e dizeis de imediato: "Quão feliz me sinto aqui; há tal sensação de lar ao meu redor; poderia ficar aqui para sempre." Ora, o que significa isso? Significa que as vossas próprias envolventes espirituais — a vossa esfera — estão de tal modo em harmonia com as envolventes espirituais desse lar que se misturam de imediato.

Novamente, entrais numa casa dez vezes mais bela e ficais desassossegados desde o momento em que cruzais o limiar, sendo a razão aqui o antagonismo de influências que formam uma barreira a qualquer mistura harmoniosa. Entrais na vossa biblioteca e, se estivésseis possuídos de poder clarividente, veríeis nas imagens dos livros a marca da vossa própria influência e pensamento. Sobre alguns livros sombras escuras repousariam, pois da última vez que os lestes a vossa mente estava cheia de ódio e ira; e outro retirastes em horas de sofrimento e encontrastes consolação nele; e há ainda outro cujas páginas folheastes em ira até que um pensamento melhor veio a vós; e sobre um repousaria uma sombra escura, e sobre outro um clarão de luz.

Tudo o que tocais está marcado com a vossa própria influência, quer com ódio quer com amor, conforme um ou outro abundava no vosso coração nessa altura. Entrais na vossa sala de estar de manhã para encontrar, não os restos do pensamento e conversa da noite anterior, mas para encontrar, se estáveis cheios de hipocrisia, uma sombra escura; se de honestidade, uma bela forma de luz. Não há um pecado ou mal cometido que não alegre algum espírito mau, que se apressa a associar-se a ele; nem uma verdade dita ou bom ato feito que algum anjo com asas de amor não coloque diante do trono do céu.

Para onde quer que vos volteis estão as assombrações do espírito; elas estão à direita e à esquerda, moldadas a partir dos motivos dos vossos próprios corações.

Mas como é que, no que diz respeito a estas manifestações em casas assombradas — assim chamadas assombradas porque a

presença do espírito é conhecida de todos —, encontramos mais vingança do que amor e simpatia da parte dos espíritos que as ocasionam? É porque, quando eles saíram do mundo, deixaram-no com corações cheios de ódio e malícia, e regressam, possuídos com os mesmos pensamentos e sentimentos, para vagar sobre os cenários da sua antiga existência, atraídos por uma atração irresistível a um local, e retidos ali até que a dor e miséria das suas vidas interiores sejam conquistadas. Como podem eles ser ajudados? Cada Espiritualista fervoroso deveria procurar saber isto.

Sempre que uma casa está assombrada, não é "pela piada da coisa", não é para vos proporcionar algum entretenimento, para gratificar um apetite mórbido ou uma curiosidade fútil. Estais face a face com o mais sério de todos os problemas: o problema de o que fazer por um pobre espírito miserável preso à terra através do pecado da sua vida ali.

Bem podemos dizer que a ignorância do mundo nisto, como em muitas outras coisas, é a sua única desculpa. Encontrais uma pobre alma a tentar erguer-se das suas envolventes terrenas e todos os seus esforços falham; e cada Espiritualista fervoroso deveria ir a um local assim assombrado e aguardar o advento do infeliz espírito com vista a dar-lhe ajuda.

Haveria perigo? Pois não nos é falado daqueles que morreram devido aos efeitos de uma visita a uma casa assombrada? Sim, mas como entraram eles? Não foi em curiosidade ociosa, ou para cumprir uma jactância tola? Mas se fôsseis com um desejo fervoroso de ajudar o espírito; se três ou quatro se reunissem com essa intenção e realizassem uma *sessão* espiritual em algum quarto assombrado — não para ver o que acontecia, mas com a esperança de algum bom resultado se seguir —, então alívio seria dado ao espírito preso à terra, que daí em diante seria liberto. Indo sob tais condições, não haveria perigo, pois "onde estiverem dois ou três reunidos, eis que estou no meio deles".

Há aqueles cujas vidas foram terminadas de alguma forma triste, que após a morte são forçados a suportar um longo período de espera até que tais condições mais elevadas sejam produzidas, e até que pelo poder da ajuda Espiritual sejam capacitados a erguer-se superiores à escravidão da terra.

Há outras condições de assombrações de que gostaríamos de falar; tais como, por exemplo, o dar um aviso em casos em que alguém está a morrer. O vigilante está ao lado da cama e, eis que um sussurro é ouvido — um ligeiro movimento — um ar frio é sentido — e o vigilante sobressalta-se ao ver algum espírito de pé nas proximidades com braços estendidos. Porventura é a mãe da criança, que sabe bem que a pequenina deve morrer.

Do céu, a terra de luz, a sua mente foi atraída para a terra, e ela viu a mudança que estava prestes a ter lugar, e o amor trouxe-a do seu belo lar para o local onde a sua criança jazia, e ela está pronta para a levar consigo para cima. Há aqueles que são de tal modo vigiados por espíritos que na presença do perigo um aviso é dado da sua presença num esforço supremo para salvar. Como é também que, quando uma pessoa está num determinado local, o espírito que acabou de deixar o corpo é visto a muitas milhares de milhas de distância? Um homem a morrer é visto num país distante por alguém a quem ele ama. Porquê? O seu último pensamento foi para aquele a quem ele amava, e nesse momento ele foi levado em espírito para o seu amigo. O amor era tão forte que até no primeiro momento de nascimento no espírito a sua presença foi tornada aparente ao objeto do seu amor. E qual é o significado de tudo isto?

Será o propósito destas assombrações encorajar a difusão do Espiritualismo? Será para excitar a curiosidade do mundo, para preparar o caminho para a crença numa nova doutrina? Não, pois quando se ouviu falar do Espiritualismo pela primeira vez, o mundo escutou de imediato o seu apelo, e ele fez a sua voz ser ouvida em cada terra e clima.

O Espiritualismo cresceu quase demasiado rápido e, em vez de promovermos a sua promoção antes de a alma estar educada para o usar corretamente, nós gostaríamos de o reter por um tempo. Estes espíritos regressam para dar à natureza uma nova interpretação, para dar a Deus nova glória, quer o queiram quer não; para demonstrar as grandes lições da vida futura, pelas quais o mundo tem estado há tanto tempo a perguntar, e não em vão.

A ciência deu-vos verdades relativas às grandes leis da natureza, às propriedades do ar que respirais, à história das estrelas, às maravilhas do oceano. Ela uniu polo a polo por uma cadeia de comércio que nenhumas vicissitudes do tempo podem quebrar. Tudo isto a ciência fez: mas a ciência deve dar um passo mais além e reconhecer a lei espiritual que subjaz a todas as coisas. A menos que a ciência o faça, ela torna-se uma letra morta. O grande coração faminto da humanidade tem enviado o seu clamor a Deus, pedindo respostas às suas interrogações quanto à vida futura; e agora, já não é Deus conhecido?

Dormitarão os profetas, para que nenhuma resposta venha? Vós, Espiritualistas, tendes a religião do presente na vossa mão; a ciência do futuro está à vossa guarda. De vós deve vir o impulso que fará com que a ciência e a religião caminhem de mãos dadas por todo o mundo. Quando o homem científico for capaz de contar a história da primeira visitação do outro mundo tal como ela veio com o seu amplo plano e o seu novo método, então terá ele entrado no templo interior dos domínios espirituais da imortalidade; e só ali há progresso e crescimento eternos.

A presença destes espíritos, portanto, será sentida em todo o lado e a todo o momento. Saudai então todos os espíritos, de forma bondosa, amorosa; ajudai aqueles que disso precisam através da vossa oração, e compreendei que, ao reunirdes-vos nas vossas próprias casas, mesmo ali eles podem estar. E —

"Antes de as lâmpadas da noite se acenderem,
E como fantasmas austeros e altos,

Sombras da oscilante luz do fogo
Dançarem na parede da sala.
Então as formas dos falecidos
Entram pela porta aberta;
Os amados, os de coração verdadeiro,
Vêm visitar-nos mais uma vez."

A CRENÇA NO ESPIRITUALISMO LEVARÀ À LOUCURA?

Uma Palestra proferida através da mediunidade do SR. J. WILLIAM FLETCHER, no Steinway Hall, Londres, a 20 de junho de 1870.

O nosso discurso para esta noite é em resposta a outra das objeções que são levantadas contra o tema que nos esforçamos por representar; a saber: "A Crença no Espiritualismo leva à Loucura?"

Cada verdade que tentou fazer o seu caminho no mundo, cada novo pensamento, ideia ou princípio que foi apresentado à humanidade, recebeu sempre, ao início, a condenação do mundo. A questão nunca foi levantada quanto ao valor de uma nova verdade, quanto à sua utilidade ou aos resultados práticos que ela poderia trazer: bastava que o pensamento fosse novo, que estivesse fora do curso habitual dos acontecimentos, para provocar a oposição e, em última análise, a condenação do mundo em geral.

Quantas vezes não perguntámos: Por que não se torna o mundo mais sábio, não progride mais rapidamente? Por que não se revelam os factos e as verdades deste e de muitos outros temas mais rapidamente? Mas parece-nos — se ao menos refletísseis um momento descobriríeis que cada verdade que fez o seu caminho no mundo só o fez quando guardou em si mesma força suficiente

para superar a oposição que lhe foi arremessada. Nós avançamos, mas o avanço é gradual.

Dificilmente há alguém que esteja pronto para receber qualquer nova lição — está tão satisfeito com as antigas. É muito mais fácil descansar sobre o que o passado ensinou do que procurar o que o presente e o futuro podem guardar para nossa instrução. Estamos a falar agora das vagas de oposição que subiram dos corações dos homens: que verdades e que lições foram submersas nestas vagas! Perdidas, embora apenas por um tempo; pois elas estão ainda à espera no armazém de Deus, até que tenham reunido força em si mesmas, e até que as mentes dos homens estejam suficientemente desenvolvidas para as receber.

Há dois tipos de crítica no mundo. Há, primeiro, aquela que é apresentada a partir do conhecimento, do pensamento e do estudo do crítico que visa examinar minuciosamente cada assunto com rigor, entrar em todos os lados de uma questão, antes de presumir pronunciar o seu julgamento. Este crítico esforça-se por corrigir faltas, remediar erros e apontar perigos onde concebe que faltas, erros e perigos existam; e a sua crítica, fundada numa convicção honesta e fervorosa, é de grande valor para o mundo.

Um tal crítico diz ao seu amigo as suas faltas: aponta os erros que ele está a cometer, e é um verdadeiro guia e mestre. O segundo tipo de crítica emana de pessoas que criticam porque pensam que é necessário terem uma opinião; e estas falam muito mais sabidamente relativamente a assuntos dos quais nada aprenderam do que daqueles que estudaram um pouco. À crítica destas pessoas deve o mundo muitos dos seus tristes erros.

A opinião delas é como uma praga a repousar sobre a terra, a qual murcha tudo o que é botão e flor dentro da sua influência. E, contudo, o mundo segue a orientação destas duas classes de críticos, é balançado como uma cana, e ergue-se e cai de acordo com os seus respetivos ditames. À direita e à esquerda eles balançam os homens pelo seu próprio poder, pelas suas próprias

palavras, pelas suas próprias opiniões expressas e amplamente espalhadas.

E o Espiritualismo esteve no tribunal do seu julgamento. Veio diante destes críticos, ousando questionar a sua autoridade; apresentou-lhes os seus fenómenos, o seu pensamento e todos os seus princípios mais elevados: e recebeu destas duas classes ou condenação ou louvor.

O maior opositor que o Espiritualismo alguma vez teve deveria ter sido o seu melhor amigo — referimo-nos à chamada Igreja Cristã. Quando o Espiritualismo se tornou manifesto no mundo pela primeira vez, e o seu poder começou a ser compreendido pelos homens, toda a Igreja Cristã se voltou com horror contra uma fé que ousava tratar de matérias que ela não compreendia; e enviou a opinião de que todas as manifestações eram operadas com a ajuda pessoal do próprio diabo.

Pela extensão e largura da terra o Maligno tinha saído, e tocado os lábios do povo; e estava a operar travessuras e males nas suas mentes. E isto era tanto em público como em privado; pois onde há um lar que não dê testemunho da presença de algumas manifestações espirituais? Onde há uma vida no mundo inteiro que não possa contar alguma história relativa à presença pessoal de um espírito elevado?

E quando a Igreja e o clero viram que o mundo estava pronto para a nova verdade, compreenderam que ou tinham de parar o seu crescimento, ou ela espalhar-se-ia e cresceria além de todo o controlo. Que arma mais forte do que esta para condenar toda a matéria: — dizer que ela originava do próprio Anjo do Mal?

Mas as pessoas neste século XIX não temem o diabo como outrora temiam. A velha história da punição eterna e do fogo do inferno ardeu até se apagar, e já não é uma imagem de terror para as mentes dos homens. Por isso esta teoria ficou gasta, e uma nova precisava de ser encontrada para tomar o seu lugar; e a Igreja Cristã disse então: Tudo o que alegais para os espíritos é

uma ilusão, e nada mais. Estais enganados nos vossos sentidos, e em tudo o que acreditais, inteiramente equivocados. E a teoria da ilusão consequentemente saiu pelo mundo fora para fazer o seu caminho, o resultado da crítica da Igreja Cristã.

Ilusão — quando há dezenas de milhares de pessoas que estão prontas para testemunhar factos, tudo o que viram, conheceram e experimentaram.

Ilusão — quando pessoas possuidoras de poderes razoáveis de mente e pensamento vos dizem coisas que compreenderam e souberam ser verdades. E assim, com o tempo, este grande decreto da Igreja Cristã perdeu a sua força, e a ilusão e o diabo foram colocados na prateleira juntos.

E agora, a última grande condenação a repousar sobre ele é — que embora as manifestações e os ensinamentos do Espiritualismo possam ser verdadeiros, o estudo deles leva à loucura.

Considerada tanto em termos fisiológicos como sociais, esta é de longe a pior condenação do Espiritualismo que foi proferida até agora.

Quando a teoria foi apresentada de que as manifestações espirituais eram obra do Maligno, elas foram tornadas tão grandiosas e belas, as provas enviadas da vida do outro mundo foram tão numerosas e poderosas, que todos os Espiritualistas pensaram que, embora o diabo pudesse ter poder para efetuar certas manifestações, contudo o poder de Deus era suficientemente forte para contrariar o poder do Seu inimigo. E na presença da teoria da Ilusão, as pessoas estavam contentes em confiar nos seus próprios sentidos quanto a estarem enganadas ou não.

Com esta acusação de loucura diante de nós, presumimos, então, perguntar calmamente — O que significa ela, e por que foi ela colocada como um sinal de perigo sobre o Espiritualismo?

Há um provérbio antigo e simples que diz: "Quando queres matar um cão, dá-lhe um mau nome." O mundo cristão deseja "matar" o Espiritualismo, e tem, em consequência, tentado durante os últimos trinta e cinco anos fixar nele os piores epítetos possíveis. Por meio de invectivas e de todo o tipo de condenação tem tentado trazê-lo sob a suspeita pública e excitar o ódio público, esquecendo ou ignorando cada benefício que ele trouxe, lembrando-se apenas dos seus erros, das suas faltas, das suas fraquezas.

O que é a loucura, este grande clamor que é levantado; qual é o seu verdadeiro significado? Dizem-vos, quando perguntais o que constitui a loucura, que a mente perde o seu equilíbrio, que o seu organismo é de alguma forma alterado. Ora, e quem são as pessoas loucas? Há certamente muitas pessoas cujas mentes não estão equilibradas de acordo com a medição do mundo; que são o que se chama excêntricas. Os génios de todos os tempos, passados e presentes, viriam certamente sob esta denominação, pessoas que desenvolveram amplamente apenas um poder da sua natureza.

O músico, cujo mundo está povoado de sons doces, e que só sabe de música; o artista, cujos pensamentos são apenas de pintura, de belas cores, e harmonias, e formas graciosas, e que vive numa esfera ideal própria, na qual o mundo não pode entrar: chamaremos a estes loucos? O inventor, também, perdido nas mudanças que estão a passar ao seu redor, consciente apenas do pensamento que está a trabalhar para aperfeiçoar e dar aos seus semelhantes — ele desenvolveu a sua mente apenas numa direção, e chamaremos a ele louco? Ou diremos que, porque um inventor pode ter enlouquecido por causa do filho do seu cérebro, por isso não teremos mais invenções?

Não, tragamos esta questão até ao acampamento da religião, e perguntemos se, porque homens e mulheres enlouqueceram por causa do tema da ortodoxia (e dizemos sem hesitação que de maníacos religiosos há dois que no seu tempo seguiram a Igreja ortodoxa para um que professou o Espiritualismo), a Cristandade

leva por isso à loucura? Tão razoável seria isso como dizer que, porque há alguns a quem o estudo excessivo do Espiritualismo levou à loucura, o Espiritualismo é em consequência uma causa natural de loucura.

Quantos há que dirão que não haverá mais Cristandade quando lerem essa história com que o Novo Mundo além da água está a ressoar agora — como um homem, inspirado pela narrativa de Abraão mandado oferecer o seu filho Isaac, se ergueu de noite e, levando a sua mulher consigo, acordou a sua criança a dormir e lhe disse que a menos que os anjos interferissem ele o mataria instantaneamente; e como, quando nenhuma voz proibitiva desceu do céu, ele assassinou o seu filho no local!

Apenas há poucas semanas este ato foi feito, em nome da Cristandade; e devemos por isso colocar uma barreira sobre a fé cristã, porque um homem, na sua interpretação das escrituras, foi levado ao cometimento de tão terrível erro? Não mais do que deveríamos condenar o Espiritualismo, porque aqui e ali uma vida possa ter sido pervertida, até à loucura, no seu estudo. Tão lamentáveis resultados podem, e procedem de facto, de uma aplicação demasiado excessiva da mente a qualquer assunto único.

Mas há um certo fenómeno conhecido como obsessão, a saber, a tomada de posse do corpo e da mente por um espírito inferior que tem poder para os influenciar de muitas formas.

A tanto assim, o Espiritualismo declara-se culpado de que é uma causa de obsessão. Mas o Espiritualismo vem até vós para explicar e fornecer a cura para esta mais escura e mais nociva das doenças, com a qual a alma humana está aflita.

Há aqueles no mundo que são influenciados por espíritos inferiores e mais vis, de modo que as suas vidas são tornadas uma longa passagem de miséria e sofrimento; tendo os agentes mais escuros e mais maus rastejado para dentro das suas naturezas e enchido as mesmas até que eles já não possuem vidas naturais

próprias. O Espiritualismo não é a causa disto. Espíritos maus existiram sempre, e o Espiritualismo vem mostrar o que todos os vossos médicos falharam em reconhecer, que não há, nestes casos, doença alguma da mente ou do corpo, mas a presença de um terceiro poder, que deve ser controlado ou a morte se seguirá. Obsidiados por espíritos maus? Sim: e como podem eles entrar? Não será antes, como podem eles ser mantidos fora?

Como, quando olhais para fora e vedes a quantidade pavorosa de bebidas inebriantes consumidas contra todas as leis da natureza, sendo as inteiras condições de seres vivos verdadeiros violadas todos os dias, de modo que escassamente há um homem que leve uma vida natural — como, dizemos nós, quando vedes e sabeis isto, podeis perguntar por que meios os espíritos maus entram nos homens?

As vossas próprias vidas abriram a porta a centenas de espíritos maus que "entraram e tomaram posse da casa". Como podem estes ser controlados? Como pode a loucura ser travada, tal como existe no mundo de hoje? Não pelos meios que tendes até agora empregado para o seu remédium, pois o uso continuado destes levará, não ao seu decréscimo, mas ao seu acréscimo.

Os médicos — e estamos a falar agora não de indivíduos, mas antes das instituições que eles representam — clamarão que o Espiritualismo está errado, e é ele próprio a causa da loucura: pois há apenas dois cornos no dilema, e eles devem ou por o seu pé sobre o Espiritualismo ou ele porá o seu pé sobre eles, e lançará uma ampla luz sobre os seus métodos e a sua falta de conhecimento. Pois estas instituições para os loucos estão entre as manchas de praga na face da civilização. Muito da matéria condenatória que tem sido circulada relativamente a elas sofreu sem dúvida de exagero, mas metade dela forma um conto demasiado negro para mentes educadas ouvirem sem um arrepio.

Dizemos que, onde as pessoas estão loucas, em vez de as ajuntardes como fazeis nos vossos asilos, deveríeis mantê-las tão afastadas quanto possível, pois a influência de uma mente é transmitida a outra com tal efeito que dizemos sem hesitação, se qualquer pessoa aqui presente fosse colocada por um único ano — sim, um mês — num asilo de loucos como são geralmente conduzidos agora, sairia dele um verdadeiro maníaco, embora nele tivesse entrado como um homem são.

Será esta coisa assim? Dobrareis os vossos braços e direis que estas pessoas devem ser assim controladas? Ou permitireis vós como Espiritualistas ser chamados e olhados como aqueles que estão a levar o mundo inteiro para a miséria e a desgraça, e não mostrar onde o grande erro reside, — não rasgar a cortina que oculta aqueles que se escondem sob o que chamais leis? A atmosfera inteira ao redor destes asilos está cheia de espíritos degradantes e degradados, a vigiar como podem levar a pobre alma humana para o problema e a miséria.

Se houvesse apenas duas pessoas loucas na terra, os confins do mundo não estariam suficientemente distantes para elas. Colocai-as a uma distância tão grande uma da outra quanto possível, e usai uma gestão bondosa na sua guarda; cercai-as com uma influência espiritual saudável, bem como com cuidados físicos; e orai a Deus para que as purgue de cada espírito imundo.

Dissemos uma e outra vez que o Espiritualismo é um assunto para não ser levado de ânimo leve, que é o mais amplo e maior de todos os assuntos pelo facto de abranger tudo, e tratar de cada reforma, cada benefício que vem ao mundo.

Leva o Espiritualismo à loucura? Respondemos: Não, não leva. Ele vem para salvar a alma dos perigos, dos mistérios, com que pretensos líderes a envolveram; para dizer à alma que olha para o futuro: Há vida além e boas-vindas para ti ali nos corações daqueles que foram antes; — não o inferno e a punição, não o perigo e a tristeza, mas calor e luz, nesse mundo puro e feliz.

Como é que em nome de um único Deus, encontramos entre vós não menos do que seis mil religiões? É porque, em vez de compreenderdes e inculcardes o espírito de Cristo, tendes estado ansiosos quanto ao comprimento da veste, quanto à decoração do altar, e não tendes pensamento algum para os ensinamentos do espírito.

O Espiritualismo não tem igreja; ele acredita apenas no altar que se erguerá tão alto quanto as vossas próprias aspirações, e que será construído pelos vossos próprios bons atos. Ele não olha para as vestes com que vos podereis adornar, mas para essa pureza e fervor da vida interior que torna o ser mais humilde radiante e nobre aos olhos de Deus. O Espiritualismo não vem como uma espada ao mundo, mas como uma tocha radiante para apontar o caminho que conduz ao céu, e esse caminho só se encontra perguntando diligentemente pelo conselho e orientação de Deus em todas as coisas.

Leva o Espiritualismo, perguntamos novamente, à loucura? E para concluir, respondemos que ele leva antes a Deus e à verdade! Onde orais fervorosamente, viveis natural e retamente, nenhum espírito imundo pode habitar no vosso meio. No tempo passado, entre as crianças não ensinadas dos homens, a loucura era desconhecida. E porquê? Porque eles viviam puramente e de acordo com as leis da natureza. Aprendei uma lição deles e, assim como eles na sua forma simples ouviam a voz de Deus em todas as milhentas vozes da natureza, e viam o Seu sorriso na radiância do raio de sol, assim possais vós ouvir a voz e ver o sorriso de Deus nos vossos próprios corações, e crescer de tal modo em harmonia com a natureza — a expressão exterior da Sua presença — que percebereis na terra a própria vontade de Deus no céu.

Trabalhando de mãos dadas, podeis então ganhar a influência e o poder que são nascidos do céu, e perceber no vosso meio apenas a abençoada presença de tão elevados e nobres espíritos que vos farão sentir que, embora muitos tenham ido antes, apenas os bons e verdadeiros regressam!

COMUNICAÇÕES ESPIRITUALISTAS

Discurso sobre o aspeto religioso do Espiritualismo, inspirado ao Médium falante, M. J. William Fletcher, pelos seus guias espirituais, e proferido em Steinway Hall, em Londres, a 29 de junho de 1879.

Durante todo o tempo que dura o discurso, M. Fletcher está em transe (ou sonambulismo espiritual), os seus guias falam servindo-se dos seus órgãos.

«O nosso discurso, esta noite, tem por fim responder a uma das objeções feitas contra o assunto que nos esforçamos por representar; a saber: A crença no Espiritualismo conduz à loucura? Toda a verdade que tenta fazer-se dia no mundo, cada novo pensamento ou ideia, cada novo princípio, oferecidos ao julgamento humano, foram todos, ao primeiro contacto, condenados. Nunca ninguém se pôs uma única questão sobre o valor da nova verdade, sobre a sua utilidade ou sobre os resultados práticos que ela poderia trazer. Basta que essa verdade seja nova, que esteja fora da marcha ordinária dos acontecimentos, para ser rejeitada e, finalmente, condenada pelo maior número. Que de vezes não temos nós perguntado: Por que é o espírito humano tão pouco razoável? Por que não se faz o progresso mais rapidamente?

Por que não se impõem as verdades Espiritualistas, e muitas outras ainda, mais prontamente?... Parece-nos, e se quisésseis refletir um momento, creio que concordaríeis também com isso, que toda a verdade aceite só o foi quando pôde em si mesma possuir a força suficiente para bravar todas as oposições. Nós avançamos, mas somente de uma maneira gradual, pois há muito poucas pessoas aptas a receber alguma nova lição, e a imensa maioria está satisfeita com as antigas. É muito mais fácil repousar

sobre o que o passado nos ensinou do que procurar o que o presente e o futuro encerram para nossa instrução.

Sim, ondas de oposição são levantadas pelos corações humanos, e verdades e ensinamentos indispensáveis são submersos, afogados, por essas ondas; mas essas verdades, esses ensinamentos, não estão ponto perdidos jamais, pois esperam ainda, na casa de Deus, o momento em que, tendo adquirido bastante força em si mesmos, encontrarão a inteligência dos homens suficientemente desenvolvida para os receber.

Há duas sortes de crítica no mundo: primeiramente, aquela que dá o saber, a reflexão, o estudo, que tem por fim escrutinar cada assunto completamente, conhecer bem uma questão sob todas as suas faces antes de pronunciar o seu julgamento. Essa crítica tenta corrigir as faltas, esclarecer os erros, mostrar os perigos lá onde ela crê que as faltas, os erros e os perigos existem; essa crítica, fundada sobre uma convicção séria, honesta, é de um grande valor para o mundo; uma tal crítica esclarecerá o amigo sobre os seus defeitos, demonstrar-lhe-á os erros que comete, ser-lhe-á um guia seguro e devotado.

O segundo género emana de certas pessoas que criticam porque creem que é necessário ter uma opinião, discutir muito mais sabidamente sobre assuntos de que não sabem nada do que sobre aqueles que um pouco estudaram, e é a essa crítica que o mundo deve uma grande parte dos seus tristes erros; o seu efeito sobre a opinião é semelhante a esses ventos pestilenciais que pairam sobre a terra, murchando os botões e as flores que se encontram ao seu alcance.

O mundo deixa-se guiar por estes dois géneros de críticas; dobrado por elas como o é uma cana, ele ergue-se ou cai, segundo as suas correntes diversas. Em todos os países, elas dirigem os homens pela única força da palavra e das opiniões expressas sem fim determinado.

O Espiritualismo passou sob as suas forcas caudinas; pôs-se em evidência, desafiando a sua autoridade ao apresentar fenómenos não estudados, perspetivas e princípios elevados, e foi alternadamente louvado e culpado pelos dois géneros de críticas.

O maior adversário do Espiritualismo, a Igreja cristã, deveria ser a sua melhor amiga; mas, assim que ele se manifestou no mundo, que o seu poder começou a ser reconhecido pelos homens, a Igreja cristã, inteira, afastou-se com um sentimento de horror de uma crença que ousava tratar de coisas que ela não compreendia; e emitiu esta opinião: que todas as manifestações eram obra do próprio diabo.

E a Igreja dizia: «O demónio percorre a superfície da terra, toca os lábios dos homens e trabalha para corromper a sua inteligência. Fá-lo, quer de uma maneira oculta, quer sob uma forma visível; pois não há uma família que não possa testemunhar que não tenha tido algumas manifestações espirituais, que não possa contar uma história relativa à presença pessoal de um Espírito ressuscitado?»

Quando a Igreja e o clero compreenderam que o mundo estava preparado para a nova verdade, quiseram travar o seu desenvolvimento, pois ela tendia a tomar cada vez mais extensão, força, a colocar-se fora do seu controlo.

Que arma mais forte podiam eles encontrar para condenar todo o sistema do que dizer isto: a sua origem parte do próprio anjo caído?

Mas o mundo, no século XIX, já não teme o diabo. A velha história da punição eterna, do fogo do inferno, apagou-se por si mesma e já não é um sujeito de terror para o homem. Tendo esta teoria perdido a sua força, a Igreja cristã serviu-se de uma arma nova; disse: «Tudo o que pensais sobre os Espíritos não é senão pura ilusão. Os vossos sentidos foram enganados, o que credes ser verdadeiro pertence inteiramente ao erro.»

E a teoria da ilusão percorreu o mundo e nele fez o seu caminho: tal é o resultado da crítica da Igreja cristã.

Ilusão! Quando cem mil pessoas sensatas e instruídas estão prontas a testemunhar todos os factos que viram, conheceram e experimentaram por si mesmas; ilusão? Quando seres, de quem o mundo reconhece as altas capacidades intelectuais, verdadeiros pensadores, certificam a realidade de fenómenos que verificaram e reconheceram tão poderosos que vêm lançar uma viva luz sobre as maiores verdades, aconteceu isto: que, em muito pouco tempo, este grande decreto da Igreja cristã perdeu a sua força, e que ilusões e diabos foram postos de lado.

A última grande acusação movida contra o Espiritualismo é esta: «Mesmo admitindo a probabilidade, a autenticidade das suas manifestações e dos seus ensinamentos, o seu estudo isolado conduz infalivelmente à loucura.»

Considerada quer sob o ponto de vista fisiológico, quer sob o ponto de vista social, esta condenação do Espiritualismo é a mais séria que se pronunciou até agora.

Quando se emitia essa teoria de que as manifestações Espiritualistas eram obra do mau Espírito, elas eram então tão grandes e tão belas, os atestados enviados sobre a vida do outro mundo tão numerosos e tão poderosos, que todos os Espiritualistas pensaram que, supondo mesmo que o demónio tivesse o poder de realizar certas manifestações, o poder de Deus era suficientemente grande para lhes neutralizar o poder. Em presença da teoria da ilusão, os homens confiaram nos seus próprios sentidos para saber se, sim ou não, estavam enganados.

Diante da acusação de loucura, perguntamos com calma e doçura: Qual pode ser o seu significado, e por que se quer confiná-la aos Espiritualistas, de quem se quer fazer um bicho-papão junto dos poderes públicos?

Quando se quer matar o seu cão, diz-se que ele está com a raiva. Os sectários cristãos, querendo matar o Espiritualismo, tentaram, durante os últimos trinta e cinco anos, fazer-lhe a mais detestável das reputações, por meio de invectivas, de toda a espécie de acusações, tentando atrair sobre o Espiritualismo as suspeitas da multidão, excitar a animadversão pública contra os seus ensinamentos. Esqueciam-se e ignoravam-se os seus benefícios para só se lembrarem dos seus erros, das suas faltas, das suas fraquezas.

O que é a loucura, e qual é o seu significado verdadeiro? Quando perguntais o que a constitui, responde-se-vos: a inteligência perde o seu equilíbrio, o organismo modifica-se em tal ou tal sentido. Há certamente pessoas cuja inteligência não está bem equilibrada, segundo as ideias do mundo: os excêntricos e os homens de génio, no passado e no presente, estão provavelmente arrumados sob essa denominação, pois apenas desenvolveram extraordinariamente uma única das suas faculdades.

Para o músico, o mundo está povoado de sons melodiosos, ele só conhece a música. O pintor vira os seus pensamentos para a pintura, as cores ricas e harmoniosas, as formas graciosas; vive na esfera ideal que criou para si, onde nem todos podem penetrar: Podemos nós chamar-lhes loucos?

O inventor também não toma parte alguma nas mudanças que se operam ao seu redor; tem sempre uma ideia fixa, que trabalha e aperfeiçoa para a entregar ao público; desenvolvendo-se a sua inteligência numa só direção, pode concluir-se daí que ele seja louco? Deveremos dizer que, tendo esse inventor enlouquecido durante o parto do seu cérebro, já não precisamos de invenções?

Não pode esta questão ser transportada para o terreno da religião, visto estar provado que, entre os loucos religiosos, há cem pertencentes à Igreja ortodoxa contra um que professa o Espiritualismo?

Poremos esta questão: visto a ortodoxia ter tornado loucos homens e mulheres, levará o Cristianismo à loucura? Seria tão lógico dizer que, porque há pessoas a quem um estudo demasiado assíduo do Espiritualismo tornou loucas, o Espiritualismo é, por conseguinte, uma causa natural de loucura?

Já não é preciso Cristianismo, dirão muitas pessoas ao lerem a história seguinte de que falou o mundo inteiro. Um homem, inspirado pela história de Abraão, recebendo a ordem de oferecer a Deus o seu filho Isaac, levantou-se durante a noite, acordou a sua criança a dormir e disse à sua mulher que, se os anjos não interviessem, ia matá-lo instantaneamente, no mesmo instante, o que fez.

Tendo esta ação sido cumprida em nome do Cristianismo, devemos nós condenar a fé cristã porque um homem, na sua falsa interpretação das Escrituras, foi levado a cometer um erro tão pavoroso? Não devemos condenar mais o Espiritualismo porque, de tempos a tempos, a razão de uma pessoa tenha sido alterada, mesmo até à loucura, pelo estudo do Espiritualismo. Tão tristes resultados vêm por vezes de uma tensão desarrazoada da inteligência para um único assunto, o que o Espiritualismo reprova sabidamente.

Temos um fenómeno conhecido sob o nome de obsessão; ei-lo: Quando um Espírito de baixa condição toma posse do corpo e da alma de um ser humano, tem o poder de os influenciar de diferentes maneiras. O Espiritualismo reconhece-o, mas vem a vós para o explicar e colocar-vos o remédium ao lado desse mal, o mais negro, o mais funesto daqueles de que a alma humana está aflita.

Sim, há no mundo seres que são influenciados pelos Espíritos mais baixos e mais vis, de sorte que a sua vida não é senão uma longa sucessão de misérias e de sofrimentos; os espíritos malfazejos invadem-nos e dominam-nos a tal ponto que perderam completamente a posse de si mesmos. Não é o Espiritualismo que

produz este resultado. Os maus Espíritos sempre existiram, e o Espiritualismo vem para vos ensinar o que os médicos não puderam ainda descobrir, a saber, que não há nesses casos de obsessão doença alguma, quer do cérebro, quer do corpo, mas somente a presença de um terceiro poder que deve ser controlado ou dominado, se não se quiser que a morte se siga. Obsidiado por maus Espíritos? Sim. E como podem eles penetrar no organismo? Não se deveria antes perguntar: como se pode mantê-los afastados?

Quando considerais a quantidade pavorosa de bebidas embriagantes, consumidas apesar de todas as leis da natureza; quando constatais que todas as condições morais de uma multidão de seres virtuosos são violadas a tal ponto que há escassamente um homem que leve uma existência conforme à sua natureza, como, quando se veem e conhecem estes resultados, se pode perguntar de que maneira os maus Espíritos penetram na alma do homem? A vossa própria vida não abriu a porta a centenas de maus Espíritos que tomaram posse da casa? Como podem eles ser controlados? Como pode a loucura, tal como existe hoje, ser detida? Não será certamente pelos meios que tendes empregado até agora para a curar, conduzindo o emprego desses mesmos meios, não ao decréscimo do mal, mas ao seu acréscimo.

Os médicos, não falamos agora de cada indivíduo, mas antes da instituição que representam, exclamarão que o Espiritualismo está no erro, que ele é a causa da loucura; contudo, só pode acontecer uma destas duas alternativas: ou têm de derrotar e esmagar o Espiritualismo, ou o Espiritualismo deverá esmagá-los a eles provando a inanidade dos seus métodos e a sua ignorância em tal matéria.

Cada estabelecimento de loucos deve ser considerado como outras tantas manchas pestilenciais na face da civilização. Uma grande parte dos factos condenáveis que se contaram sobre esses estabelecimentos foram sem dúvida exagerados, mas apenas metade desses factos apresenta um carácter de tal modo sombrio

que pessoas instruídas, que pensam, não os podem ouvir sem estremecer.

Quando seres humanos estão loucos, em vez de os ajuntar nos asilos de alienados, dever-se-ia, pelo contrário, separá-los tanto quanto possível, pois a influência de uma inteligência sobre outra exerce-se com tal força que podemos dizer o que se segue, sem hesitar: Se se colocasse uma das pessoas aqui presentes, qualquer que ela fosse, durante um único ano, ou mesmo durante seis meses somente, num dos asilos de alienados, tais como estão atualmente organizados em geral, ela sairia de lá verdadeiramente louca, embora nele tivesse entrado com o cérebro perfeitamente são.

Deve deixar-se subsistir este estado de coisas? Cruzareis vós os braços dizendo que é preciso que estas pessoas obsidiadas sejam assim governadas? Ou antes, como Espiritualistas, quereis deixar-vos considerar como sendo vós mesmos aqueles que conduzem infelizes a essa miséria, a esses infernos terrestres? E não mostrareis onde reside o erro? Não rasgareis o véu que oculta à vista aqueles que se abrigam atrás das leis?

A atmosfera inteira, ao redor desses asilos, está cheia de espíritos degradados e degradantes que espreitam como poderão conduzir a pobre alma humana aos tormentos e à miséria. Houvesse apenas dois loucos em toda a terra, que as duas extremidades do mundo não seriam bastante afastadas para os separar. Colocai-os pois à maior distância possível uns dos outros; usai para com eles todos os cuidados possíveis, cercai-os de influências espirituais sãs, tão bem como de cuidados físicos apropriados à sua posição, e pedi a Deus que os purgue de todo o mau Espírito.

Temos repetido tantas e tantas vezes que o Espiritualismo não é um assunto sobre o qual se possa brincar; é o maior e o mais elevado dos assuntos porque os abrange todos, porque se ocupa de todas as reformas, de tudo o que pode ser O Espiritualismo

conduz à loucura? Respondemos não. Ele vem para salvar as almas dos perigos e dos mistérios com que os seus pretensos diretores as cercaram, para dizer àquelas que se inquietam com o futuro: Há uma vida além da sepultura, onde a bem-vinda vos será dada pelos bem-amados partidos antes de vós; não há nem inferno, nem punições, nem perigos, nem tristezas, mas ao contrário, a felicidade e a luz reinam nesse mundo puro e feliz que é preciso conquistar pelo amor e pelo bem.

Como se faz que, em nome de um único Deus, encontremos sobre a vossa terra um total de seis mil religiões diferentes? Nós sabemo-lo; em vez de compreenderdes e pordes em atos o ensinamento de Jesus, preocupastes-vos somente com o comprimento dos hábitos religiosos, com a decoração do altar, com o vosso eu egoísta, e não vos restou pensamento algum para os ensinamentos a dar ao vosso Espírito.

O Espiritualismo não tem igreja, só crê no altar que se eleva à altura das vossas próprias aspirações, que é construído pelas vossas boas obras. Não olha para os hábitos de que vos podeis revestir, mas para a pureza e para a sabedoria da vida interior que tornam a mais humilde criatura grande e nobre diante de Deus. O Espiritualismo não vem empregar a espada para se impor no mundo, mas, com uma tocha luminosa, ele designa, ilumina o caminho que conduz ao céu, e esse caminho não pode ser encontrado pelos mortais a não ser que peçam a Deus os Seus conselhos e a Sua direção em todas as coisas.

Conduz o Espiritualismo à loucura? Como conclusão, respondemos que ele conduz antes a Deus e à verdade. Se orardes com fervor, se viverdes uma vida justa e simples, nenhum mau Espírito habitará em vós. Nos tempos passados, entre os filhos não civilizados dos homens, a loucura era uma coisa desconhecida, e porquê? É que eles viviam simplesmente e em harmonia com as leis da natureza. Que o seu exemplo vos sirva de lição; instruídos, tendes mais responsabilidade, e da mesma forma que, nas suas simples crenças, eles ouviam a voz de Deus nas

milhentas vozes da natureza, e viam o Seu sorriso no brilho dos raios do sol, da mesma forma possais ouvir a voz e ver o sorriso de Deus chegar até ao vosso coração, e progredir sempre pondo-vos em harmonia com as leis universais, demonstração permanente da Sua presença divina.

Realizando na terra a própria vontade do Pai que está no céu, trabalhando juntos, podereis adquirir a influência e o poder que emanam d'Ele e atrair assim, para o meio de vós, os Espíritos benfazejos, nobres e elevados; esses guias convencer-vos-ão de que, se muitos dos vivos partiram antes de vós, só os bons e os justos regressam para vos encorajar, para vos dar a potência do amor e da vontade.

JOHN KING E O SEU TRABALHO NA VIDA ESPIRITUAL

Uma Palestra Proferida através da Mediunidade do SR. J. WILLIAM FLETCHER, no Steinway Hall, Londres.

O nosso tema para esta noite é "John King e o Seu Trabalho na Vida Espiritual". Não pretendemos nem desejamos falar de John King simplesmente por causa das suas próprias experiências especiais, mas antes porque essas experiências são representativas do grande trabalho espiritual que tem sido levado a cabo no passado e está agora a desabrochar no vosso meio.

John King, como homem ou como espírito, pode não ser de interesse para nós; mas quando consideramos o que ele fez, o grande e glorioso trabalho que realizou, percebemos que ele é um espírito representativo, alguém a ser estudado, amado e tido em honra pelo bem que foi alcançado através da sua agência. Há aqueles entre vós, porventura, que diriam: "Quem é este John King de quem falais?" Poderá haver outros, novamente, que não compreendam de todo a sua relação com esta vida. Deixai-nos tornar tudo claro.

Há neste mundo muitas pessoas possuidoras do poder chamado mediunidade física, através do qual a presença, a presença tangível do espírito é tornada manifesta; e, sob certas condições, e através do exercício deste poder, o espírito desce da sua vida mais elevada para se misturar mais uma vez nesta vossa vida na terra. E de tal modo plena e claramente restaura essa vida sua, e manifesta a sua existência entre vós, que todos os que olham para o espírito, e que percebem a manifestação, são levados a compreender a sua distinta relação com esta vida. Cada médium físico é possuidor de um guia sob cujo controlo todas estas manifestações têm lugar. E um tal guia é John King. Na vida do mundo espiritual ele foi chamado para este trabalho, e a sua presença foi tornada conhecida, e o resultado dos seus trabalhos tornado manifesto, desde que a voz do espírito foi ouvida pela primeira vez nesta época. Não conhecemos espírito algum de cujo trabalho possamos falar com maior orgulho e felicidade.

John King ter-vos-ia dirigido a palavra esta noite através dos seus próprios esforços, se as condições o tivessem permitido; mas as ideias a que daremos expressão serão influenciadas por ele, através do grupo de espíritos que falaram em ocasiões anteriores. Ele próprio está presente convosco em espírito esta noite, e as palavras que falamos e falaremos são palavras principalmente da sua ditada.

Num período da vossa história que há muito passou, havia um grupo dos chamados fora da lei — banidos da sociedade, dos

seus lares, dos seus amigos e do seu país. O seu único lar era o amplo oceano, e eles sustentavam que o que todos os homens possuíam e o mundo continha lhes era livre. Eles eram banidos da sociedade porque tinham violado as leis da sociedade; e, contudo, há muitos que conscienciosamente violam certas leis que a sociedade fez ao seguirem uma lei que encontram dentro de si mesmos, a qual parece ir contra as leis aceites do mundo. E quando traçais uma linha dura e dizeis: Estas são as condições do mundo — estes são os fora da lei da sociedade a quem Deus punirá —, não é possível que, quando cada um estiver nesse tribunal de julgamento que aguarda todos os homens, a sociedade, também, esteja em julgamento e talvez não seja absolvida? Pois ousamos dizer que um grande número dos criminosos e fora da lei agora encontrados no mundo são o produto do presente sistema de vida social. Que a sociedade, em vez de os reformar, muitas vezes os produz e aumenta os seus números no tratamento dos seus primeiros erros.

John King, uma dessas naturezas amantes da liberdade, era o líder de um grupo de camaradas simpáticos, e sentia-se livre para tomar tudo o que surgisse no seu caminho. Vendo de um lado a riqueza e o egoísmo, e do outro a pobreza e a miséria, ele concebeu que estava certo em tirar àqueles que tinham mais do que suficiente e dividir as suas posses entre os seus próprios seguidores.

Durante muitos anos ele prosseguiu este curso de vida até que, um dia, num último combate no mar, ele e a sua tripulação foram subitamente chamados a sair desta vida da terra. Tinham atacado e abordado um navio que passava e, na contenda, foram vencidos, e as suas vidas enviadas para os domínios do desconhecido, para começarem a vida do espírito com que tão pouco tinham sonhado.

Ao golpear o seu oponente para o derrubar, John King fitou o seu rosto e recordou-se de um amigo dos primeiros dias e, detido no ato por esse pensamento, a sua própria vida foi tirada e, de

mãos dadas com o mal que tinha feito, ele entrou no mundo espiritual.

Com a sua vida terrena tendes pouco em comum; é com as impressões causadas no seu espírito posteriormente que temos de lidar. Ele entrou no mundo espiritual em companhia desse amigo. Diante dele estavam os mestres de uma vida mais elevada e melhor, que viram a grande natureza que este homem possuía e as suas possibilidades; viram que o seu coração era rápido a ser movido por impulsos elevados e verdadeiros, mas propenso ao mal sob erradas impressões. Aos pés destes novos guias, John King aprendeu as lições que a sua vida posterior demonstrou.

Ele aprendeu o que tem sido conhecido por poucos em todos os tempos — os princípios da materialização, ou do espírito tomar novamente sobre si a forma que outrora teve. Assim era conhecido em algumas terras antigas, assim é mantido como um poder também entre os Rosa-Cruzes do presente dia, e assim também é reconhecido através do poder da mediunidade moderna, como bem sabeis.

E à medida que John King ganhava mais e mais do conhecimento que os seus mestres tinham para lhe dar, o seu coração era atraído para o lar dos seus primeiros dias — para os amigos deixados para trás a quem tanto amava —, e sentindo uma forte necessidade da influência desse lar, ele foi levado de volta ao cenário dos seus primeiros dias, para ver a sua criança tornada mulher, e aquela que durante muito tempo lhe fizera companhia a aproximar-se cada dia mais da vida além. E o desejo dentro dele tornou-se mais forte de que elas percebessem a sua presença e, ao aproximar-se, ele sentiu a atração que elas possuíam, a influência das suas vidas sobre ele e, gradualmente, ganhou poder, recolhido da atmosfera e das suas próprias envolventes para si mesmo, e esteve em forma visível no meio delas. Foi essa lei da atração, possuída por poucos neste mundo, que tornou possível para ele fazer a sua presença ser conhecida.

Elas sentiram e pensaram que tinham visto o seu espírito, que ele tinha regressado para lhes trazer notícias da outra vida. A verdade era que a criança de John King, agora tornada mulher, possuía poder mediúnico tão forte que o atraiu, desde o início, do mundo espiritual, e o capacitou a aproximar-se delas e a fazer a sua presença conhecida.

Tantos têm perguntado, e estão agora a perguntar, como é que um possui este poder e outro não, e por que razão aqueles que nos são caros, por quem ansiamos, não vêm, enquanto aprendemos as lições da vida além através de estranhos, que temos de tentar responder-lhes. Se tomardes um íman e o colocardes diante de uma agulha, a agulha responde; mas se retirardes o íman e colocardes no seu lugar um pedaço de chumbo ou um bloco de madeira, a agulha nem se move nem é afetada, porque o poder magnético não está presente. Assim também há aqueles que possuem essa peculiar qualidade magnética que serve para atrair um espírito, e através de cujo poder o espírito é capaz de se manifestar.

O afeto tem pouco ou nada a ver com isso. É simplesmente uma capacidade do indivíduo que o espírito é capaz de usar, e através da capacidade desta sua criança John King se manifestou pela primeira vez. Ele observou então as mudanças do tempo, e viu os passos dos seus entes queridos a aproximarem-se da cidade eterna, e quando, mais tarde, os braços deles foram dobrados e os seus olhos fechados na morte, foi ele quem os acolheu, a sua voz a que soou primeiro nos seus ouvidos.

Com esta experiência, então, John King reuniu ao seu redor, pela lei da atração, todos aqueles que tinham sido seus seguidores na terra e, como tinha aprendido esta grande possibilidade de materialização, assim os ensinou a partir do conhecimento que possuía, e mostrou-lhes como podiam regressar ao mundo e como afetar aqueles que nele habitavam.

É objetado contra a prova que tem sido assim dada que um espírito não pode estar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo. A nossa resposta é que há um grupo de espíritos, sob o controlo deste único espírito a quem chamais, digamos, John King; que estes espíritos têm o poder de materialização, e que a eles é dado um certo desejo de o fazer. Podeis por acaso encontrar um destes espíritos diante de vós e, ao fazerdes a pergunta "Quem és tu?", receberdes a resposta: "John King", pois ele é o mestre e guia deles, e o nome dele eles assumem e ser-lhes-á permitido dar. Há um John King, e muitos tomam o seu nome, pois serve ao seu propósito ao levarem por diante o seu trabalho. Nós pediríamos ao mundo cético que explicasse as manifestações, antes do que se queixar da forma como elas possam ter lugar. Com este grupo de espíritos, então, radiante com os grandes factos que o seu mestre lhes tinha ensinado, o clamor subiu do mundo como nunca tinha feito antes: "E quanto ao porvir?" Pois de cada dispensação religiosa que alguma vez veio ao mundo se tem perguntado: "Depois da morte, o quê?

Quando o corpo é deitado na sepultura e já não é visto, onde, onde está o espírito?" Sim, tem sido perguntado nestes dias: "Haverá algum?" E este clamor fervoroso subiu até às portas do Céu, e John King recebeu dos espíritos mais elevados além dele uma comissão para regressar ao mundo e dar uma demonstração do que era essa vida invisível. Ele procurou em todo o lado por médiuns através dos quais se pudesse manifestar, e foi obrigado a procurar aqueles que tinham similaridade de espírito consigo mesmo, e que eram de alguma forma semelhantes a ele em disposição e organização, e então começou o trabalho de fazer a sua presença conhecida.

Há muitos que encontram faltas e se queixam das falhas dos médiuns, dizendo que eles são caprichosos, ignorantes das suas próprias mentes, balançados por cada influência. Mas lembrar-vos-eis alguma vez de que aquilo de que vos queixais causa a mediunidade deles? É, em verdade, o efeito — a explicação dos

poderes que possuem. Eles não estão sujeitos às mesmas leis que os outros homens. Eles vivem amplamente num mundo próprio, um mundo de influências invisíveis do qual o observador externo pouco pode saber e compreender. Que maravilha, então, que eles sejam por vezes levados para o vale, e que nem sempre estejais dispostos a segui-los e a trazê-los de volta novamente!

Encontrando estas pessoas que eram impressionáveis, que podiam receber a influência deste grupo de espíritos, John King pensou quão feliz o mundo seria se ele lhes pudesse dizer a verdade. "Trar-lhes-ei", disse ele, "tão boas notícias! Falar-lhes-ei da vida além e fá-los-ei compreender, como nunca compreenderam antes, que não há de facto morte alguma."

Mas quando veio, descobriu que ao início havia pouca oportunidade para ele demonstrar qualquer uma das verdades mais elevadas; que a condição espiritual do mundo era tão baixa que espíritos mais baixos do que ele próprio eram obrigados a produzir as manifestações de acordo com uma lei de ordem muito inferior, que certos espíritos deviam vir para preparar o caminho para coisas melhores e para se acomodarem às influências opositoras que o mundo enviava.

E as manifestações eram fracas — a pequena pancada, o movimento da mesa, de algum pequeno artigo ou mão, eram toda a prova que podia ser dada da presença do espírito. Mas veio alguém que aspirou por algo melhor e, finalmente, um círculo foi formado com o desejo de manifestações mais elevadas e melhores — que sentia que estas coisas não eram tudo, e esforços foram feitos para melhorar as condições, para que espíritos mais elevados se manifestassem e fizessem mais do que isso. Há aqueles que compreenderam a alegria de uma primeira materialização de um espírito.

Depois de estarem sentados por um tempo, a contemplar com olhos fervorosos a escuridão — um dia para não ser mais necessária —, as sombras empalideceram e ali, com o rosto

iluminado por um clarão, numa luz suave e não terrena, e nas vestes longas e fluídas que vestem o espírito, esteve John King. Olhos humanos viram-no; dedos humanos puderam tocar-lhe; ouvidos humanos puderam ouvir as palavras que caíram dos seus lábios. O que significou a primeira materialização?

Qual foi o seu profundo significado para a nossa raça? Nesse momento foi alcançada a liberdade para a alma humana, e uma nova era nasceu na religião. O dobre de finados da intolerância espiritual e da dúvida cética foi soado; o terror da morte foi removido; a esperança foi trazida aos que sofrem, conforto aos desanimados, e o inestimável conhecimento de que além da sepultura havia vida — vida eterna. E se nenhuma outra manifestação tivesse alguma vez tido lugar, isto era suficiente para ter resolvido a debatida questão da vida imortal para sempre.

John King não regressa a vós pelo mero facto de produzir manifestações que excitem o vosso espanto, mas, carregando uma comissão grandiosa e gloriosa do trono de Deus, ele vem para deixar a luz do céu entrar neste vosso mundo, para vos mostrar que todos os vossos tesouros são guardados por mãos amorosas, que aqueles que tendes por mais caros estão à vossa espera no lar do nosso Pai no alto.

Outros espíritos têm vindo desde então e produzido manifestações variadas; mas John King está para o Espiritualismo como os profetas do passado estavam para o mundo antigo. John King mostrou pelo seu regresso e aparecimento diante de nós as grandes possibilidades de toda a vida, e nessa abençoada esperança e conhecimento o mundo pode descansar e ser feliz.

A influência do seu espírito repousa agora sobre o mundo e, cada dia, ele escala a escada de prata que conduz às esferas mais elevadas e, não tarda, o seu trabalho espiritual aqui na terra terá cessado para sempre. Ele gostaria que expressássemos a sua gratidão àqueles que estão presentes a quem ele nunca conheceu na vida terrena, mas a quem como espírito aprendeu a conhecer e

a amar, e ele diria: Eis que estou convosco! Nós que lutámos juntos. Eu liderei e vós me seguistes, e guardo nas minhas mãos não a minha verdade, mas a verdade que Deus me deu. Vós que estais no mundo que vedes e compreendeis essa abençoada verdade, levai-a a todo o lado.

Enquanto falamos, surgem do vosso meio interrogações relativamente à materialização. Não podemos esta noite entrar numa explicação científica da lei da materialização, mas tentaremos responder a estas perguntas à medida que forem surgindo. Quando um círculo é formado, e o médium se senta no meio, é ao médium que o espírito é capaz de vir primeiro. Por força de vontade e esforço fervoroso ele é capaz de recolher do círculo esses elementos necessários para dar forma e expressão exteriores ao seu espírito.

Como é, então, se estes espíritos são capazes de tomar condições físicas de força, que eles estremecem sempre tanto quando são tocados? Dificilmente tem havido tal coisa como a aparição do espírito interior em qualquer *séance*. As formas que vedes não são as formas do espírito interior. Pode haver um braço materializado, um rosto, ou a forma exterior em parte, contudo a vestimenta abundante que vedes, a qual pende ao redor da forma, é simplesmente usada pelo espírito para a proteger de influências físicas e a capacitar a reter a sua identidade; e o contacto com um corpo de qualquer tipo perturba a materialização e causa sofrimento agudo ao espírito.

É o processo de materialização doloroso para o espírito? Isso depende muito das circunstâncias. Se o círculo for harmonioso, os espíritos são tornados felizes e nada sofrem; mas se houver discórdia, grande sofrimento mental e corporal se segue, tanto para o espírito como para o médium.

Como é que às vezes os espíritos apresentam uma semelhança tão forte com o médium? Quanto menos elementos o espírito puder tomar do círculo, mais ele é forçado a absorver do

médium. E em muitos casos o espírito está absolutamente vestido com os elementos físicos do médium e, então, como é evidente, parece-se exatamente com ele. Outras questões surgem com as quais estamos impossibilitados de tratar esta noite, mas gostaríamos de vos impressionar com o facto de que, se vos falta a presença que pedis, só tendes de vos aproximar no espírito correto, pôr todas as influências externas de lado, ir à *séance* perfeitamente desinteressados exceto com o desejo pelo mais elevado, e recebereis aquilo por que buscais.

John King está ao meu lado por um momento e diz: Dá esta mensagem aos meus trabalhadores terrenos na causa da verdade e da vida eterna. Eu diria a cada médium: confiai em Deus. Diga o mundo o que disser, cerquem-vos os inimigos, aconselhem os amigos, mas sede vós verdadeiros ao princípio do direito que Deus implantou nos vossos corações e os vossos guias ensinam para o trabalho.

Tende o vosso trabalho claramente diante de vós; não deixeis que pensamento algum além do desejo de demonstrar a verdade atue na vossa vida. O olho do mundo observar-vos-á bem, feliz se puder encontrar alguma desculpa para arremessar a sua condenação sobre vós; mas com as vossas vidas puras e verdadeiras, no sentido mais elevado da palavra — verdadeiras para com a grande causa que deveríeis ter tão firmemente no coração —, então, quando as sombras estiverem sobre vós, quando os inimigos atacarem e os amigos vos abandonarem, vinde com grande regozijo. Perguntai: Enquanto os anjos forem por mim, quem prevalecerá contra mim?

Sede humildes e verdadeiros; lembrai-vos de que estais a levar ao mundo uma verdade para a qual ele não está pronto. Sede pacientes e amorosos, e Deus dar-vos-á a recompensa dos fiéis. O espírito de John King derrama o seu amor sobre vós. Que cada um o receba é o seu desejo. Que cada médium se sinta fortalecido, e cada Espiritualista sinta mais alegria na sua doce fé, enquanto

cada interrogante é encorajado a continuar a procurar por essa verdade que tornará o mundo verdadeiramente livre.

MATERIALIZAÇÃO

COM PERGUNTAS E RESPOSTAS

Uma Conferência Proferida através da Mediunidade do SR. J. WILLIAM FLETCHER, no Stelaway Hall, Londres, 20 de Julho de 1870.

O nosso tema para esta noite consistirá em perguntas e respostas relativas à materialização. As perguntas encontram-se na nossa posse; as respostas serão extraídas da nossa própria experiência e conhecimento.

O Que É a Materialização?

Para onde quer que olheis, encontrais uma força a tentar manifestar-se através de uma das muitas formas de vida na natureza. A flor que cresce aos vossos pés, o pássaro que cruza os céus, o homem ou a mulher que vivem no vosso meio, são todos manifestações de um poder interior. A forma exterior é a materialização desse poder. A flor fala-vos da sua vida na doçura do seu perfume, na beleza da sua cor, na graça da sua forma; ela expressa em toda a sua ser uma fase da vida espiritual.

O pássaro, cantando a sua canção feliz enquanto voa livremente, expressa verdadeiramente em toda a sua existência um pensamento mais elevado do que aquele que o mundo consegue apreender. Os homens e as mulheres que constituem o mundo do qual fazeis parte são homens e mulheres espirituais. A forma exterior é apenas a materialização através da qual o espírito atua e na qual o espírito habita.

Por toda a natureza encontrais a lei da materialização manifesta: dai mais um passo e, sob a forma de materialização espiritual, tendes simplesmente o regresso da esfera do

desconhecido de algum espírito que, por um momento, toma para si uma incorporação da vida física. Num caso, o homem viveu o seu tempo de vida — meses, anos — até que a sua tarefa designada estivesse concluída; na materialização espiritual, a vida é temporária, transitória — diante de vós num momento, desaparecida no seguinte. A única diferença é que, exteriormente, na natureza, podeis raciocinar da causa para o efeito. Na forma de materialização espiritual, vedes simplesmente a vida diante de vós; e quando tentais medi-la e pesá-la, como a ciência mede e pesa as coisas da natureza física, ela prova a sua espiritualidade desvanecendo-se no espaço. Vem e vai de acordo com a lei superior da sua vida.

A materialização espiritual, portanto, implica simplesmente que o espírito tome sobre si, momentaneamente, a sua forma terrena e se coloque de modo palpável entre vós.

PERG. — Os espíritos vêm porque algum médium os invoca; e é necessário um médium para demonstrar a sua presença?

RESP. — Quanto à primeira questão, não. Os espíritos estão sempre convosco. Não há homem ou mulher que não esteja cercado por um pequeno grupo de espíritos, alguns dos quais estão constantemente em assistência. O médium pode trazer o seu próprio círculo de influências para a vossa esfera, mas os vossos próprios espíritos vão convosco e nada têm a ver com qualquer fase da vida humana que não seja a vossa. O que faz o médium, então? E aqui vem a resposta à segunda indagação. Ele fornece-lhes simplesmente uma força acrescida, para que possam manifestar a sua presença mais claramente a vós.

O médium fornece o material através do qual os espíritos conseguem apresentar-se à vossa consciência. No entanto, eles não são atraídos para mais perto de vós simplesmente por estardes na presença de um médium. Este último atua como um elo entre aqueles que estão reunidos na sessão e os espíritos que se encontram logo além da vossa consciência. As vossas influências

são extraídas e atraídas para o médium, produzindo um poder que os espíritos conseguem utilizar. Há ocasiões em que quase nenhuma força é retirada do médium e outras ocasiões em que a sua força é usada de forma quase exclusiva. Isto explica a semelhança que o espírito por vezes apresenta com o médium.

Quando o médium se senta com pessoas não espirituais ou céticas, cujas mentes são antagónicas ao desejo honesto da verdade e revestidas, por assim dizer, de uma impenetrável armadura de aço, nenhuma força pode ser retirada delas para lhe dar, e os espíritos desejosos de produzir manifestações são forçados a recorrer quase inteiramente à força vital do médium.

Por outro lado, a sessão ideal é formada quando homens e mulheres se reúnem não para provar ou desmentir ideias preconcebidas, mas simplesmente com o desejo de apurar a verdade e com o espírito, como alguém disse outrora, de "pequenas crianças". De pessoas assim fluem ondas de influência espiritual pelas quais os espíritos que estão a trabalhar conseguem produzir efeitos felizes e satisfatórios. O resultado de qualquer sessão depende principalmente das condições das pessoas que a compõem.

P. — As sessões devem ser realizadas logo após as refeições? Deixar a mesa do jantar para ir para a sala de sessões afeta as manifestações de alguma forma?

R. — Respondemos que não; isso não tem qualquer efeito sobre as manifestações. A sessão é grandemente afetada pela condição do médium e depende em grande medida de ele estar ou não num estado de mente agitado ou a sofrer de esforço excessivo. Para as manifestações mais elevadas, para os resultados mais grandiosos, existem condições muito diferentes destas. Podeis entrar na sala de sessões sem grandes aspirações da vossa mente ou poder de vontade e, tendo simplesmente deixado

o mundo para trás, receber grandes e convincentes provas da verdade.

P. — Os espíritos sofrem dor ao materializarem-se?

R. — Sim. A primeira materialização de um espírito é acompanhada por uma dor mais aguda do que as minhas palavras conseguem expressar. O espírito retomou as condições da sua vida terrena e, por um período, sofre conscientemente muito mais do que quando existia nessa vida e a ela pertencia por completo.

**As perguntas foram enviadas pelo público na altura em que a conferência foi proferida.*

O espírito é mais sensível a estas condições na forma materializada do que na forma humana; as influências das pessoas que compõem a sessão, os seus estados de espírito, são todos refletidos no espírito e, quando estão obscurecidos pela impaciência e pela dúvida, tornam quase impossível para ele aperfeiçoar o trabalho que tem diante de si.

P. — Os espíritos que regressam nesta forma são de ordem inferior ou encontram-se por vezes num estado superior de adiantamento?

R. — É certamente verdade que os espíritos inferiores estão muito mais próximos da Terra do que os superiores e têm muito mais em comum com o mundo em geral do que os espíritos elevados; e também é verdade que a grande maioria das manifestações físicas dadas é produzida por intermédio de espíritos ainda ligados à vida terrena. É também verdade que os espíritos superiores podem regressar através desta possibilidade de materialização, mas, quando regressam, são incapazes de trazer consigo todas as evidências de uma vida mais elevada; na verdade, deixam as suas experiências no mundo dos espíritos.

Os espíritos inferiores que se manifestam — inferiores no sentido de não estarem desenvolvidos — cercam a Terra e conseguem dar resposta precisamente à exigência que lhes é feita;

pois há trivialidades, como sabeis, associadas a demasiadas sessões, às quais os espíritos superiores nunca se rebaixariam. Portanto, os espíritos inferiores, com menor poder espiritual desenvolvido, mas com mais poder físico, regressam para fazer essas coisas. Mas se frequentardes a reunião com as vossas mentes totalmente voltadas para o tema numa atitude de desejo reverente, então os espíritos superiores regressariam e poderíeis manter comunhão com eles; e eles trazer-lhes-iam as experiências da sua vida espiritual. No entanto, tal raramente acontece no presente; o desenvolvimento atual do Espiritualismo torna impossível, salvo em casos excecionais, que espíritos adiantados se manifestem desta forma, simplesmente porque os corpos materializados são feitos a partir dos elementos físicos libertados pelo círculo, e elementos de suficiente refinação espiritual não são, nem podem ser, fornecidos por enquanto.

P. — A influência da vontade, a concentração da mente no espírito, afeta-o?

R. — Sim. Quanto mais concentrardes a vossa mente num espírito, mais difícil tornais para esse espírito manifestar-se. Em qualquer sessão física, pensai com bondade e amor em todos eles e, se desejais os melhores resultados, entrai na sala num estado tão calmo e desapegado quanto possível, prontos a aceitar o que quer que venha.

P. — Por que razão os espíritos só aparecem a médiuns e a pessoas de uma certa crença espiritualista, e não a outras pessoas?

R. — Falamos de espíritos materializados. Existem certas condições necessárias para a sua aparição e, se todo o mundo humano, quer crente na materialização de espíritos quer não, se colocasse em ligação com este poder do médium e com estas condições, perceberia os factos diante de si; mas, se as pessoas fecham os olhos e julgam antecipadamente a verdade, perdem, naturalmente, a demonstração desses factos. Há muitos que dizem: "Não acredito no Espiritualismo; não há verdade nisso.

Nunca vi um espírito materializado, portanto os espíritos não se materializam." Mas será que isso se segue? Colocastes-vos numa posição para ver? Já tentastes averiguar entre vós se os fenómenos existem?

O primeiro espírito que comunicou connosco há trinta anos não apareceu a Espiritualistas. Aquelas meninas, através cujo poder foram dadas as primeiras indicações metódicas da existência dos espíritos, não eram Espiritualistas. As centenas e milhares de pessoas que hoje são médiuns foram convencidas antes de serem Espiritualistas. Os espíritos manifestaram-se muitas vezes apesar da incredulidade e da dúvida, tal como continuarão a fazer até que a incredulidade e a dúvida deixem de existir.

Diríamos ao nosso bondoso questionador: "Abra os olhos; o sol brilha. Coloque-se numa posição para receber; a verdade está pronta para si; mas não vá fechar a luz do seu quarto para depois dizer que não há raios de sol; não feche os olhos aos grandiosos factos espirituais que o rodeiam para depois dizer que eles não existem." Não é dessa forma que a verdade pode ser ensinada ou alguma vez foi aprendida.

P. — Quando os espíritos estão materializados, é verdade que podem comer alimentos?

R. — Sim, podem. Um espírito materializado, se a materialização for perfeita, ou quase perfeita, tornou-se como um ser humano por um momento e é capaz de comer e beber convosco, e, ao fazê-lo, fornece à forma materializada os meios de força de que necessita. Muitos rir-se-ão disto; mas se tiverdes a bondade de folhear as páginas da vossa Bíblia, lereis como Jesus apareceu aos doze, e se sentou à mesa com eles e partiu o pão; e como, também, eles não podiam acreditar que era ele próprio e pensavam que era um espírito. No entanto, o próprio Jesus disse: "Não, pois um espírito não tem carne nem ossos como eu tenho." E, no entanto, ele tinha morrido e regressado como espírito,

embora em forma física, para lhes falar e para comer até peixe e um favo de mel que lhe deram. Assim, exatamente da mesma forma, quando uma materialização é quase perfeita, o espírito é capaz de tomar alimentos, e com o melhor resultado, poupando a força do médium e permitindo que o espírito permaneça mais tempo no vosso meio do que seria de outro modo possível.

P. — O que aconteceria se tentássemos agarrar o espírito?

R. — Dir-vos-emos o que aconteceria? Não houve uma única tentativa de agarrar o espírito sem que tivéssemos consciência desse desejo. Pensais que, se temos o poder de regressar à Terra, não temos também o poder de nos proteger, ou que nós, como espíritos, nos precipitaríamos no sofrimento porque desejais satisfazer-vos apressadamente sobre algum ponto? Quando tal tentativa foi contemplada, preparámos condições, prejudiciais, talvez, para o médium através do qual nos manifestámos e que talvez tenha, em consequência, ficado sob uma nuvem ou mal-entendido, o qual seremos plenamente capazes de remover quando chegar a altura.

Pois, ao agarrar o espírito quando materializado, não só chocais e lesionais subitamente o sistema nervoso do médium, como também lançais o espírito numa condição da qual é impossível erguer-se durante muito tempo; e a dor sofrida é mais terrível do que qualquer tortura física poderia ser. Nem tão-pouco essa conduta repreensível produz qualquer bem para vós próprios; pois, antes que tenhais tempo de contemplar o espírito, ele já devolveu, em qualidade deteriorada, as forças vitais que retirou do médium e desapareceu. Provas muito mais convincentes de identidade separada, ou de qualquer outro facto que lhes diga respeito, são dadas de livre vontade pelos próprios espíritos em todas as ocasiões possíveis.

P. — Qual é o trajo com que os espíritos se vestem geralmente e como o obtêm?

R. — O trajo com que nos vestimos é por vezes recolhido dos elementos que envolvem o círculo; e, quando não pode ser obtido dessa forma, trazemo-lo connosco. E, quando o fazemos, o poder é muito mais forte do que quando toda a nossa força é empregue no seu fabrico, porque ficamos logo protegidos das influências das vossas mentes. É por isso que os espíritos materializados surgem tão universalmente cobertos por trajos, pois a cobertura interpõe-se entre os espíritos e as pessoas presentes; quebra a influência lançada sobre eles pelo círculo.

P. — A materialização traz ajuda aos espíritos?

R. — Sim. Dir-vos-ei como. Digamos que estais muito infelizes pela perda de algum amigo. Dia e noite estais cheios de receios a respeito dele. Em consequência, esse amigo é incapaz de vos deixar por um instante; está, por assim dizer, acorrentado a vós. Mova-se para onde mover, é sempre puxado de volta para a vossa condição. E por que estais tristes? Estais tristes porque nada sabeis da vida do espírito nem do mundo invisível. Pois bem, realizais uma sessão; vedes finalmente o rosto e ouvis a voz do vosso amigo, e ficais satisfeitos, e já não pedis a Deus que vo-lo traga de volta, mas resolveis permanecer na esperança e na confiança até que chegue o dia de vos juntardes a ele na vida superior. E o espírito é abençoado neste regresso, porque tudo o que sentíeis antes se transformou, e ele fica libertado e capaz de entrar plenamente na vida espiritual e trazer-vos uma parte da influência das suas alegrias.

A materialização ajuda o espírito de mais do que uma forma. Alguns regressam a título de reparação por algum pecado cometido na Terra. Quando me vi certa vez frente a frente com alguém que tinha passado há muito para uma esfera superior e perguntei: "Por que razão, para qualquer lado que me volte, encontro uma barreira diante de mim?", o espírito respondeu: "Volta o teu rosto para a Terra; regressa ao mundo de onde vieste e faz tantos corações felizes quantos aqueles que outrora fizeste tristes; e apaga o mal que fizeste; e então a porta e a vida além

abrir-se-ão de par em par para ti, e deixará de haver esta barreira à felicidade e ao progresso." E quando perguntais por que razão regresso, por que passo por aquilo a que o mundo chama sofrimento para trazer esta verdade ao mundo, eu respondo: porque o mundo precisa da verdade e porque estou assim a fazer reparação pelos males que cometi.

E ao olhar para o mundo agora, e ao ver centenas de corações tornados felizes, e à medida que os meus pés começam a afastar-se da Terra e o meu coração ganha força no seu progresso em direção ao céu, digo apenas: Deus é justo; a sabedoria e o amor de Deus são dignos de confiança. E vós, que hoje fluís ao sabor da maré das circunstâncias, sem olhar às vidas que podem afundar-se debaixo das ondas, deveis lembrar-vos de que cada mal que podeis remediar e não meçais cada palavra de carinho deixada por dizer que poderia ser dita, ajuda a trancar o portão contra vós quando passardes para a vida espiritual; e, até que o mal tenha sido remediado e a palavra justa tenha sido dita, nenhum poder no céu ou na terra pode destrancar esse portão que conduz a esferas para as quais o vosso espírito não está preparado. Tende cuidado com isso. A luz da verdade espiritual está no vosso meio, já não há desculpa para erros.

A consciência da vida espiritual é sentida em muitos corações humanos: sede fiéis a essa consciência, ainda que isso envolva a crucificação de todas as esperanças e perspetivas terrenas, sejam elas quais forem. Avançais e deixais o mundo para trás. Apenas pelo bem que fizestes sereis capazes de entrar na vida luminosa do porvir. Sim, ajuda-nos regressar à Terra, tal como fortalece os pais trabalhar pelos filhos. Assim como sois ajudados, também as nossas almas são abençoadas por cada regresso à Terra, pelo conhecimento de que cada verdade dita tocou algum coração humano, ajudou algum caminhante cansado nesta vossa vida.

P. — A materialização está de acordo com os ensinamentos da Bíblia?

R. — Provavelmente não há religião que esteja mais dependente do Espiritualismo do que a Bíblia. Ele é não só a sua pedra angular, mas também o seu alicerce; e voltamo-nos para o único mestre e médium acima de todos os outros, a quem o mundo chama o seu Salvador, Jesus Cristo, e descobrimos que, tal como a sua presença se manifestou à multidão, assim haverá manifestações hoje, e as mesmas coisas que ele fez serão feitas por aqueles que vierem depois. E descobrimos que a demonstração da sua vida após a morte foi dada ao mundo como um sinal de que a materialização dos dias de hoje é apenas o cumprimento da sua palavra. Jesus regressou à Terra para manifestar a outra vida a cada alma humana; mas o povo era indigno.

Serão as pessoas do tempo presente mais dignas do que as do passado? Perguntai a vós mesmos se sois mais fiéis aos dons do espírito do que eram os de outrora; e se puderdes responder com verdade, se puderdes dizer: "Sim, o meu desejo é pela verdade", a vós a verdade vem. O Espiritualismo está de acordo com os ensinamentos da Bíblia. Tudo o que ele faz é em cumprimento direto de tudo o que a Bíblia ensina e das profecias feitas no Novo Testamento sobre o tempo melhor que haveria de vir.

P. — O Espiritualismo é antagónico à ciência?

R. — Antagónico à ciência? Não mais do que é antagónico à religião. O Espiritualismo é o meio-termo entre os dois extremos, o poder que se estende para tomar a ciência por uma mão e a religião pela outra e uni-las num casamento perfeito, em vez da guerra que atualmente existe. O homem da ciência dir-vos-á que, se acreditar na religião, deve deixar a sua ciência fora da igreja; que os factos da ciência contradizem de tal modo o ensinamento da igreja, e os ensinamentos da igreja sobrepõem-se de tal modo à razão do homem, que é impossível efetuar uma harmonia entre eles.

A igreja dir-vos-á que a ciência é apenas outro poder do maligno. O Espiritualismo dir-vos-á que em ambos encontrais o degrau para uma forma mais elevada de verdade e para coisas melhores; que entre o Espiritualismo e a ciência não há guerra; que o Espiritualista está preparado para aceitar tudo o que a ciência lhe possa revelar e para ir mais longe. O homem da ciência vive no passado, sabe algo do presente e apenas sonha com o futuro.

O Espiritualista entra na sua vida e mostra-lhe que, onde existe ciência física, existe também ciência espiritual; e profetizamos que não vai longe o tempo em que, a partir das variadas formas da ciência e da teologia, se construirá uma religião que compreenderá as verdades de ambas. O que é o Espiritualismo? Reclamais para ele uma fé, uma religião, uma crença baseada em factos capazes de demonstração. O que é a ciência? A ciência é simplesmente uma crença em factos capazes de demonstração — um conhecimento desses factos e das suas leis. A teologia, a chamada "religião cristã", lida em grande medida com teorias e, porque os homens não querem acreditar em tudo o que ela diz, exclui-os e declara que aqueles que são culpados de erro num ponto são culpados em todos.

O Espiritualismo afirma que só podeis ser bons num ponto; que podeis falhar em tudo o resto e que esse único traço de bondade é o elemento de redenção; que, não importa o pecado que possais cometer, tereis, mais cedo ou mais tarde, de entrar no círculo encantado da vida mais elevada e melhor. A jornada pode ser mais longa, mas terá de ser concluída mais cedo ou mais tarde. A resposta, então, à pergunta sobre se o Espiritualismo é antagónico à ciência e à religião é, enfaticamente, "Não". O Espiritualismo é a estrela que guiará ambas para o céu de paz e descanso; será chamado a religião da ciência e a ciência da religião.

P. — Estas manifestações que agora ocorrem vão continuar?

R. — Isso depende em grande medida das pessoas que estão interessadas nela. As materializações estão a tornar-se cada dia menos frequentes, porque há pouco ou nenhum poder que possa ser usado para as produzir; as mentes das pessoas estão tão indiferentes a esta grande verdade que os espíritos consideram não ser conveniente continuá-las com demasiada frequência. Houve aqueles na antiguidade que foram "pesados na balança e achados em falta"; assim é hoje. Quatro quintos das pessoas do mundo estão tão absorvidos com a consideração do que hão de comer e do que hão de beber, e de como podem obter gozos materiais, que não pensam no que possa acontecer amanhã.

O seu pequeno mundo é apenas aquilo em que podem tocar; está limitado ao mundo dos sentidos; e quando as verdades do mundo espiritual são apresentadas a tais pessoas, elas perguntam imediatamente: "Que valor prático tem isto para mim? Algum? Se não tiver, que fique de parte. Pensarei nisso mais tarde. Interferiria com os meus negócios.

O mundo rir-se-ia de mim se me ocupasse de tais coisas, e isso não serviria." Se ousásseis enfrentar o mundo e dizer "Isto é verdade", então ser-vos-ia dada força que vos ajudaria a subjugar o mundo. Mas ainda não há muitos que estejam prontos para fazer isto. A moda governa a humanidade, penso por vezes, com uma mão mais firme do que Deus; pois a sua voz é ouvida quando a voz de Deus não o é! Se quereis que este poder de materialização continue, cuidai de o proteger. Sede fiéis à verdade que está nos vossos corações, chamai-lhe Espiritualismo ou o que quiserdes, e então estas demonstrações continuarão e tornar-se-ão mais fortes e mais grandiosas.

Oh, eu gostaria de entrar e vivificar os vossos corações, para que neles não houvesse outro pensamento senão pela verdade! Gostaria de vos ensinar a medir e a atribuir o seu verdadeiro valor às coisas desta vida e da próxima, e mostrar-vos que poderíeis ter o domínio do mundo. Mas agora ele é demasiado forte para vós! Não é que não ameis a verdade, mas sim que estais tão habituados

a aceitar os éditos dos homens, e os homens estão habituados a condenar o que não compreendem. Enquanto aqui estamos, lembramo-nos da antiga sessão espiritual formada há mais de mil e oitocentos anos, quando, naquela terra distante do Oriente e naquela antiga cidade sobre a colina, aqueles médiuns se reuniram e, na presença de homens de muitas nações, todos falaram em línguas desconhecidas.

E alguns dos que os ouviram ficaram surpreendidos; alguns riram-se; outros disseram: "Beberam vinho"; enquanto outros disseram: "Não, é apenas a terceira hora; estes homens estão possuídos." Estavam possuídos, e pelos mesmos espíritos que possuem os vossos médiuns agora.

Pensai, novamente, naquele que, preso na cruz, foi instado a dar um sinal e a provar que era o Cristo. "Desce da cruz", disseram-lhe com mofa e incredulidade, quando aquilo que o tornava Cristo o mantinha ali, para suportar até ao fim. Ele morreu, como outros morreram; mas não está o mundo a pedir exatamente a mesma coisa hoje, prendendo o Espiritualismo no cavalete do tormento e exigindo:

"Dai-nos um sinal se quereis que acreditemos"? As manifestações do Espiritualismo, na sua forma mais elevada, não são para dissecação científica; destinam-se a ajudar o crescimento espiritual. Deixando de parte as disputas de palavras, que não levam a lado nenhum, reuni entre vós alguns com corações devidamente sintonizados e nunca precisareis de perguntar "Existe um mundo espiritual?", pois as portas do céu abrir-se-ão de par em par e estareis tão perto do mundo eterno que duvidar será impossível.

"Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á."

E a cada médium aqui com quem entrei em associação, e em cujo círculo posso ter falado, digo: Sede fiéis a vós mesmos; não vos desvieis do dever que tendes pela frente. Oh, lembrai-vos de

que, como médium, sois um dos poucos escolhidos entre os muitos que foram chamados. Esperai que o mundo vos ridicularize e escarneça, mas lembrai-vos daquele que no Jardim do Getsémani rezou para que ali mesmo o cálice lhe fosse afastado, e quando no Jardim do vosso próprio Getsémani o mesmo clamor se erguer de vós, lembrai-vos de que estais então a ser pesados na balança, que estais a sofrer pela verdade e que, conforme fordes fortes para suportar, assim o vosso nome será escrito na página eterna que um dia será aberta à vista de todos.

Vós, Espiritualistas, que conheci nos anos que passaram, conheceis-me apenas como espírito, mas eu conheço-vos no mais íntimo dos vossos corações. Trago na memória como, no passado distante, quando o nosso trabalho mal tinha começado, trabalhámos lado a lado e subimos a colina juntos. Eu deixar-vos-ei, mas o trabalho continuará da mesma forma; e colherei a minha recompensa se, quando entrardes nos domínios da vida espiritual, puderdes dizer: "Aprendi as lições do Espírito primeiramente com aquele espírito cujo objetivo mais elevado era fazer o bem, que veio a mim como luz na escuridão e apontou o caminho melhor." O meu trabalho está quase a terminar; o vosso está apenas a começar. O mundo está a olhar para vós para ver se sois fiéis à vossa fé; e pela memória de tudo o que o passado conteve, de tudo o que o futuro possa desdobrar, pela lembrança do Deus que nos fez e da verdade que é, sede firmes ao princípio nos vossos corações. O ridículo passageiro dos homens é apenas o sussurro de folhas mortas no chão; elas soam apenas porque são agitadas. O poder é nosso, não deles: não lhe dei importância.

Há muitas perguntas que deixo sem resposta, mas voltarei antes de dizer adeus à Terra. Sei que há muitos corações aqui que batem em sintonia com o meu; sinto o vosso amor à medida que sobe até mim e agradeço-vos por ele; e em retorno digo em conclusão, como disse muitas vezes antes, a bênção do espírito está sobre vós, e que Deus vos abençoe a todos.

A MENSAGEM DO ESPIRITUALISMO

Uma Conferência Proferida através da Mediunidade do SR. J. W. FLETCHER, no Steinway Hall, Londres, Inglaterra, 21 de Setembro de 1879.

Que mensagem traz o Espiritualismo à humanidade? Na consideração de qualquer assunto, e antes que ele possa ser aceite ou rejeitado, devem primeiro ser compreendidos os seus factos, as suas alegações, a sua obra e, até certo ponto, o resultado que dele decorre. É inútil dizer que não acreditamos e não acreditaremos num assunto que não compreendemos, ou dizer que aceitámos inteiramente uma teoria da qual ainda nada sabemos. Apenas vale a pena ter aquela crença que provém do pensamento e do estudo profundos. Se este método tivesse sido seguido no que respeita ao Espiritualismo, não teria havido tantos dos erros que já ocorreram.

Pois há tantos no mundo desgostosos com as teorias até agora apresentadas que se afastam de tudo o que o passado conteve, de tudo aquilo em que foram previamente ensinados a acreditar, e, vendo uma nova teoria, uma nova filosofia, uma nova religião, sem considerarem qualquer das exigências da nova lição, aceitam aparentemente de imediato tudo o que ela possa exigir deles — aceitam-na em nome antes de terem apreendido os seus ensinamentos.

Se perguntásseis ao mundo em geral o que se entende por Espiritualismo Moderno, provavelmente dir-vos-iam que significava simplesmente o conhecimento da vida além do túmulo; e há muitos que se chamam Espiritualistas há anos e anos para quem esta é a única base de crença. Mas o que pensaríeis se um homem vos informasse de que além-mar havia uma terra cheia de abundância, oferecendo alimento, calor e abrigo a uma nação inteira de pessoas a morrer de fome, e ninguém fosse para lá? Ou o que pensaríeis de um homem que fizesse uma grande descoberta e continuasse a viver sem tentar utilizá-la?

Diríeis que tanto o homem como o povo não estavam em melhor situação do que estavam antes de a informação ter sido dada e a descoberta feita. O mundo não fica em melhor situação por existirem nele certos elementos valiosos, a menos que se faça uso desses elementos: o conhecimento só é um poder para o bem quando conduz a coisas mais elevadas. Quantos há hoje que se chamam Espiritualistas e que não progrediram além da apreensão deste único facto da imortalidade? Apreenderam a lição de que além do túmulo há vida e pensam que isso é tudo o que é necessário saber. E sentaram-se satisfeitos a deixar o mundo seguir como quiser, tendo resolvido para si mesmos a questão da vida futura.

E, em vista desta matéria, foram criadas organizações, reunidas sociedades, tão estreitas de princípios, tão vaidosas, após terem aceite este facto, como quaisquer instituições humanas que alguma vez foram formadas. Assumiram que são Espiritualistas porque aceitam um dos princípios do Espiritualismo e tentaram impor a esta teoria todas as suas ideias preconcebidas: daí terdes, nesta hora, num milhão de Espiritualistas, pessoas a representar quase tantas ideias diferentes. É um grande problema que até agora, na história do Espiritualismo, não tenha havido um código de crença estabelecido.

Os Espiritualistas admitiram nas suas fileiras aqueles que estavam totalmente desprovidos de preparação, por educação ou experiência, para cuidar até de si mesmos, e os problemas que se seguiram foram um resultado lógico, com as fraquezas da pobre natureza humana a afirmarem-se uma e outra vez, e a mostrarem quão longa é a jornada até àquela perfeição espiritual que se espera um dia atingir. Portanto, quando homens e mulheres dizem simplesmente: "Acreditamos na imortalidade", fizeram grandes avanços espirituais, mas estão ainda longe de ser Espiritualistas verdadeiros e completos. É a vida que faz o homem. E estes factos que são dados — as provas da existência espiritual — são apenas os degraus em direção a essa vida. Podeis acreditar no que

quiserdes; mas o pensamento que vos inspira e o ato — são estes que beneficiam ou prejudicam tanto o mundo como a vós próprios. Existe uma responsabilidade maior a recair sobre os Espiritualistas do que sobre as outras pessoas? Sim; a partir do momento em que sois colocados em contacto com os ensinamentos do Espiritualismo, assumistes uma nova dignidade e um novo encargo.

Sois subitamente levados a ver todas as coisas sob uma luz diferente; levados a perceber que Deus salvará não os poucos, mas os muitos; que o céu não é construído simplesmente para o vosso benefício e para o de uns poucos selecionados convosco, mas que todos os que são honestos e verdadeiros de coração têm o mesmo direito que vós a uma morada na habitação celestial. E começais então a compreender que todas as leis do Espiritualismo são leis universais — todos os seus ensinamentos são lições universais. Não há lei que se aplique aos que estão dentro da igreja que não se aplique também aos que estão fora. Não há lei pela qual um certo número seja revestido de glória e poder, e outros sejam excluídos dos mesmos privilégios, cujas pretensões merecem igual consideração. Pois não tem importância que expressão encontrais para a vossa crença religiosa, desde que sejais honestos nisto, o melhor e mais elevado que o vosso coração possa conhecer.

E se perguntardes agora o que constitui um Espiritualista, respondemos: A prática do bem por qualquer homem ou mulher pelo simples valor do bem — o viver de acordo com uma convicção honesta, quer em segredo quer diante do mundo. Mas que mensagem traz o Espiritualismo à ciência? Ouvimos continuamente que o Espiritualismo tem algo a dizer à ciência. O que é esse "algo"? Em todo o tempo passado, a teologia da igreja assumiu que a ciência era o seu pior inimigo. Sustentava que o homem que se dedicava a atividades científicas, que aplicava as lições da ciência à vida diária, devia ser olhado com desconfiança;

e cada avanço feito na ciência foi feito contra, e não com a aprovação da igreja.

A teologia lançou uma e outra vez obstáculos no caminho do progresso, mandou a ciência recuar, com a acusação de que os seus ensinamentos eram "do diabo". E o homem de ciência, portanto, afastou-se da teologia, dizendo: "Bem, eu posso demonstrar os factos da ciência, posso compreender os ensinamentos da natureza, mas não posso demonstrar teorias da teologia; e porque acredito na ciência, a teologia fecha-me a porta." Mas será possível que quanto mais um homem sabe da Natureza, menos tem de acreditar em Deus? A teologia ensinava que as estrelas eram apenas lâmpadas no céu; mas chegou o tempo em que se descobriu que não eram lâmpadas, mas sim mundos, seguindo os seus vastos e determinados cursos.

Mas será que os homens amaram menos a Deus por este novo conhecimento que adquiriram? Não: viram mais da sua sublimidade, mais do seu poder; o grande sistema da criação ser-lhes-ia revelado mais claramente do que antes. Aos geólogos foi dito que o mundo foi feito em seis dias; mas, voltando-se para a história das rochas no interior da Terra, perceberam que ele foi feito não em seis dias, não há seis mil anos, mas que de era em era este mundo tinha vindo a progredir até atingir a sua presente forma de desenvolvimento.

Deveriam os homens que ganharam conhecimento científico das estrelas perder a sua crença em Deus? No Deus da teologia, talvez sim; mas o grande Deus da natureza foi trazido para mais perto deles, e eles para ele; pois leram não nas páginas de um livro impresso, mas nas páginas da natureza, de obras não feitas nem estragadas pelo homem, mas eternas como o próprio Deus.

O que é a ciência senão a interpretação da Natureza? E o que é a Natureza senão a expressão exterior de Deus? De modo que, em vez de o homem de ciência perder a sua perceção de Deus à medida que avança nas suas pesquisas, ele deveria obter uma

realização cada vez mais clara dele. Se ele se afasta de Deus no estudo da sua obra, é porque não tem um desejo real de aprender sobre aquele que é a vida interior de todas as coisas. Mas então intervém a Religião e diz: "Porque percebeste estas verdades, nós, que não as admitimos, dizemos que não te misturarás connosco: ficarás fora do âmbito da nossa religião." Assim, o homem de ciência tem de se afastar completamente da religião aceite ou deixar a sua ciência para trás quando entra pela porta da igreja. Mas certamente que, se uma coisa é verdadeira fora da igreja, também é verdadeira dentro da igreja. Se as lições da religião e dos outros domínios da ciência são verdadeiras, certamente têm um lugar na igreja e a ela pertencem.

Pois uma coisa que se fundamenta no facto tem parentesco com o facto na religião e com tudo o resto.

O que diz, então, o Espiritualismo à ciência? Simplesmente isto: que assim como a ciência declara que os factos que apresenta ao mundo são capazes de demonstração a todas as mentes inteligentes, assim nós, como Espiritualistas, dizemos que os factos em que a nossa filosofia, a nossa religião se baseia, são também capazes de demonstração a todas as mentes inteligentes. Afirmamos que temos tantos factos que nos propomos demonstrar ao mundo e, além disso, que eles são tão dignos da consideração do mundo como qualquer outra coisa que o mundo contenha. Sim, mais: pois demonstram as lições dessa vida mais elevada da qual até agora o mundo não teve conhecimento definitivo.

Dizemos ao homem de ciência: "A vossa ciência deveria ser uma parte da vossa religião. Se conseguis ver Deus em cada grão de areia, em cada estrela do céu, não podereis também ver o seu amor em cada ser humano?" Seria loucura de facto se ele dissesse: "Porque não vi estas coisas, não acredito que existam." Exigimos que cada mente inteligente as considere; e nós, como habitantes do mundo dos espíritos, tencionamos trabalhar até que esta coisa seja sentida e ouvida em cada parte da terra, e apresentada a cada ser humano de forma clara e distinta. Não é

nosso desejo atacar ou derrubar nada, mas viemos com o desejo de vos fazer perceber mais verdadeiramente a vida que vos espera além do túmulo, quando a vossa existência mortal tiver cumprido o seu curso.

E dizemos que essa vida é tão capaz de demonstração científica como qualquer outro facto na Natureza. A ciência afasta-se disto e diz: "Não temos tempo para investigar o Espiritualismo." Muito possivelmente: mas tendes tempo para o condenar, e se désseis metade do tempo ao estudo dele que agora gastais a denunciá-lo, agiríeis de forma muito mais sábia e os vossos julgamentos teriam de ser invertidos. É a coisa mais fácil do mundo dizer "Não acredito" ou "Não vou estudar isto; está abaixo da minha atenção."

Mas por todo o lado encontrais o Espiritualismo a insinuar-se e a levedar o pensamento; e porquê? Simplesmente porque é determinado por Deus, e em todas as eras passadas tem tentado manifestar-se. Em tempos anteriores, os seus adeptos sofreram pelo crime da sua crença na fogueira ou na cela da prisão. Mas agora há uma grande obra tanto para o Espiritualismo como para a Ciência a realizar, e detemos esse conhecimento dentro de nós próprios que há de trazer todos os ensinamentos da ciência e da religião à harmonia, e a união destas duas é o resultado pelo qual estamos a trabalhar.

Ora, vós ficais maravilhados agora quando olhais para o vasto oceano e ouvis uma nação segredar a outra através das suas mil milhas de vagas. Mal terminou uma batalha numa terra distante, chega a notícia da morte e das calamidades que ela ocasionou. Um continente segreda a outro os seus sucessos e fracassos; mas estamos certos de que virá o tempo em que aquele mundo comunicará com este, e aquele planeta que parece tão distante dir-vos-á as condições da sua vida, tal como agora um país comunica com outro.

Pois existem em alguns desses planetas as mesmas formas de vida, mas muito mais inferiores e menos plenamente desenvolvidas do que as deste vosso planeta; e em outros, por outro lado, maior desenvolvimento espiritual do que aqui. E com o tempo, e não num futuro distante, aprendereis que tudo, do menor ao maior, está a trabalhar sob uma só lei e por um só poder. Há apenas um padrão, e esse padrão é a verdade. E o que quer que o homem possa dizer da sua religião, se ela não suportar a investigação — a luz mais plena que a ciência, o conhecimento da criação de Deus, possa lançar sobre ela —, podeis ter a certeza de que ele não a obteve de nenhuma fonte divina. Para passar a outro ramo do nosso assunto: Que mensagem traz o Espiritualismo ao criminoso?

Por criminosos não entendemos apenas aqueles que possam estar dentro das paredes das prisões. Pois há tantos criminosos fora como dentro das portas da cadeia. Existem certas leis dos homens, e quando estas são violadas, a punição cai sobre o transgressor. Existem também leis de Deus que, quando são quebradas, parecem não ser seguidas de punição, nem sempre ou aparentemente; mas a retribuição, não obstante, o futuro inevitavelmente reserva.

Há muitos neste mundo que pensam que cumpriram as leis deste mundo e que, no que respeita às leis de Deus, mesmo que as tenham violado, não é grande problema. Mas asseguramos-lhes que há muitos, sim, muitos a quem o mundo aplaude e louva, que todos os dias violam as leis de Deus, enquanto as leis dos homens são muito cuidadosos em observar.

O grande Pai colocou em cada coração humano a voz silenciosa da consciência que diz a cada um o que é certo e o que é errado fazer. Não precisais de qualquer outra voz; a voz da consciência aponta o que é certo e o que é errado. E à luz deste facto, quando percebeis a lei de Deus nos vossos próprios corações, sois responsabilizados pelo que fazeis, ainda que todo o mundo vos louve pelas vossas ações. Há muitos dentro das

muralhas das prisões que não são culpados de outro crime além do de quebrar as leis dos homens. Não violaram qualquer lei de Deus nos seus próprios corações, mas opuseram-se àquilo que o homem instituiu e, portanto, incorreram em punição.

Mas assim como o homem pensa no seu coração, assim ele é para com Deus: e esse homem, não importa quem seja, que vive falsamente para consigo mesmo, é culpado de um crime aos olhos de Deus. A virtude e a verdade são vendidas no mercado e são contadas como nada quando pesadas contra o sucesso, e a única coisa que o mundo não pode perdoar é o fracasso.

Não importa quão nobre e quão verdadeiro seja o vosso motivo, se falhastes, toda a sociedade encolhe os ombros e sois esquecidos no momento seguinte. E nesta corrida enlouquecedora atrás do sucesso terreno, muita alma nobre desceu com a maré, porque ao visar fazer o seu trabalho foi obrigada a sacrificar tudo o que havia de mais verdadeiro em si mesma, e assim perdeu a coroa que deveria ter ganho.

Ah! não busqueis as riquezas deste mundo, onde "a ferrugem e a traça corroem, e onde os ladrões minam e roubam". A grandeza do mundo é deixada para trás. Buscai as riquezas do espírito, que vestem a alma com um traje de um esplendor mais raro do que os olhos humanos jamais conheceram. Mas e quanto àqueles que estão confinados por crimes reais dentro da cela da prisão? Que mensagem tem o Espiritualismo para eles? Esta: que mesmo que tenham cometido muitos e tristes erros, existe ainda a possibilidade de recuperar tudo e de entrar no gozo de uma vida mais verdadeira e melhor. Como é que a prisão atua sobre ele agora?

Um homem cometeu um crime e, ao passar a porta da prisão, olha pela última vez para o mundo, para o lar e para os amigos. Pois quando ele sai, não importa se culpado ou não culpado, regressa ao mundo desonrado para sempre. O que são as vossas prisões hoje? São regenerados os homens que delas saem? Não:

deixam-nas com corações mais selvagens e amargurados do que quando entraram.

Todo o seu tratamento é aquele que tende a aumentar, em vez de conter, a tendência individual para o crime. Vedes alguma pobre e miserável criatura coxa a cambalear pela rua; tendes pena dela, podeis ver a sua deformidade. Mas aquele prisioneiro ali na sua cela tem uma deformidade espiritual, e foi isso que o trouxe a essa cela. Qual precisa mais da vossa compaixão e não deveria ser antes compaixão do que condenação? Não eram os doentes que precisavam do médico, e não os que estavam sãos, e não é assim agora? Se estes prisioneiros são tudo o que parecem ser, quanto mais não precisam da vossa ternura e do vosso amor do que os homens de organizações e circunstâncias mais favoráveis!

Uma vez, em companhia do nosso médium, testemunhámos, numa prisão, uma cena que não esqueceremos tão cedo. Em companhia dele, e com pessoas de bom coração que trouxeram consigo a sua criança de rosto luminoso, fomos um dia a uma prisão para ver os prisioneiros no seu interior. E ao longo dos corredores, de aspeto lúgubre, húmidos e escuros, olhando aqui e ali para as pobres criaturas famintas, a gastar as suas vidas mais como animais enjaulados do que como homens, a criança espreitou para uma cela onde estava um rapaz quase sem ser mais velho do que o seu irmão mais novo em casa, ao qual, quando ele se aproximou da grade, ela disse:

"Irmão, posso cantar para ti?" e o rapaz disse "sim", e enquanto a sua pequenina voz soava como a voz de um anjo pelo corredor — era apenas um hino da noite que ela tinha aprendido aos pés da sua mãe, mas os tons eram tão doces, e a vida era tão enfadonha ali — de dentro das celas surgiram rostos sequiosos e inquietos para observar a cantora, escutar e apanhar cada nota daquela música suave e invulgar.

Os pais chamaram a criança novamente para junto de si, e o carcereiro apontou para um homem numa cela, que ele disse ser

tão endurecido que toda a eloquência do padre caía como nada sobre o seu ouvido. Ele afastava-se de todos: era o prisioneiro mais desesperado que tinham. A pequenina criança aproximou-se da cela que ele ocupava e olhou para ele. Ele estendeu a mão para lhe tocar e disse: "Criança doce e bonita, canta-me os últimos versos outra vez." E enquanto a voz dela cantava suave e claramente as linhas —

Que ali o meu caminho apareça
Degraus rumo ao céu
Tudo o que me enviares
Em misericórdia dado
Anjos a acenar-me
Mais perto, meu Deus, de ti
Mais perto de ti!

o pobre desgraçado prostrou-se no chão e, com lágrimas a correr-lhe pelas faces, soltou uma oração como nunca veio de púlpito ou de pregador: "Ó Deus — deixa o amor voltar para mim!"

Ah! havia esperança para ele, pois Deus estava ali; e através dos lábios daquela doce criança os seus anjos tinham falado com ele. Sim; os homens continuam a ser humanos, embora possa ser necessária a voz de uma pequena criança para tocar os seus corações. E o Espiritualismo vem com esta mensagem para todos os que estão a gastar as suas vidas atrás das grades da prisão, vem com esta única palavra: "Esperança: embora a vida esteja perdida aqui, isto não é a eternidade.

Há ainda uma vida além, onde Deus está. Os erros podem ser muitos, os males que fizestes podem existir; mas nenhum mal é eterno. E esse homem ou mulher que, tendo cometido um grande pecado no mundo, vive para vencer esse pecado, ergue-se coroado pelo céu. Há mais alegria no céu por um pecador que se arrepende

do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento."

Que mensagem traz o Espiritualismo ao mundo? Que resposta se pode dar quando, esta noite, longe, noutra terra, a morte e a destruição marcham sobre tantos que são caros a este vosso país? Quando vemos a sombra da guerra, seguida apenas por outra sombra mais negra do que a primeira, podemos dizer destas coisas que estão certas? Não; de modo algum a guerra é justificável, exceto em legítima defesa. A guerra pelo poder, por causa da conquista dos fracos, arruinou a vida de milhares; mas isto não é glória. E aquela nação que se edificou a si mesma pela destruição de outras é como a casa sobre a areia. Vemos agora outros problemas e destruições a chegar de muitas formas; e dizemos: que as vossas orações, pensamentos e desejos sejam de paz e amor, para que estas destruições, estes homicídios legalizados cessem no vosso meio.

Que espetáculo é mais horrível do que ver dezenas de milhares de homens colocados uns diante dos outros simplesmente com o propósito de se matarem mutuamente, para que os seus governantes colham alguma vantagem de curta vista e momentânea a que chamam glória! Não é assim que o reino de Deus se manterá no vosso meio! E há a onda de julgamento a retornar que não pode ser evitada!

A mensagem do Espiritualismo ao mundo? É que cada um deve trabalhar pelos outros no esquecimento de si mesmo — para pôr de lado tudo aquilo em que o bem dos outros não esteja envolvido.

Não há uma única reforma à luz do céu que não pertença ao Espiritualismo; nem uma única boa obra que possa ser realizada sem que o Espiritualismo tenha alguma ligação com ela. Vós, que calmamente ficais de parte e permitais que pecados sejam cometidos, sois responsáveis pela vossa parte, mesmo que o vosso papel seja meramente o do silêncio. Cada ser humano é

responsável pelo mal que é feito, na medida em que é capaz de protestar contra esse mal e transformar esse erro em direito.

Mais tarde perguntaremos, no que respeita ao pecado da intemperança, o que estão estas pobres criaturas com corpos malformados e espíritos atrofiados a fazer num mundo no qual não têm o direito de estar; e tentaremos ver se o Espiritualismo pode mostrar algum remédio para esta miséria.

Em conclusão, repetimos, pois nunca é demais repetir, que as riquezas de um homem não consistem nas coisas que ele possa possuir: as riquezas da alma são maiores do que toda a riqueza da terra. Esforçai-vos encarecidamente por alcançar essa plenitude de poder espiritual, para que, quando chegardes a atravessar o Sendeiro resplandecente e vos postardes ante os portais do céu, as vossas más ações não se ergam para vos dizer: "Não estás pronto para entrar aqui." Vivei verdadeiramente, vivei nobremente, esforçai-vos sempre pelo melhor e fazei o vosso máximo para apressar o advento desses dias brilhantes — a esperança do mundo — quando a maldade cessará no vosso meio, quando o Consolador virá com bênçãos nas suas mãos e palavras de amor nos seus lábios, e trará a paz para habitar para todo o sempre entre vós.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Através da Mediunidade de J. Wm. Fletcher, Assistido pela Menina Emma J. Nickerson.

"Em que consiste a verdadeira felicidade?"

A verdadeira felicidade é bastante simples; é o esforço para a encontrar que traz tanta tristeza e desentendimento à mente humana. Algumas pessoas têm a ideia de que, se forem apenas ricas, serão felizes e, consequentemente, curvam todas as forças da sua natureza e da sua mente, sacrificam o prazer, o desfrute e a felicidade no altar deste propósito único, e quando o tempo passa

e aparentemente realizaram o que pensavam ser o que precisavam, e veem as suas vastas posses a estenderem-se diante de si, descobrem então que a própria felicidade está mais distante do que estava no início.

Outra pessoa é ambiciosa, e tem a ideia de que se puder estar em primeiro lugar entre os seus semelhantes, e ser invejada por todos os que a conhecem e ter as pessoas a nomeá-la quando passa pelas ruas da cidade como alguém grande entre os homens, será feliz; por isso moureja e trabalha muito e arduamente para a realização desse propósito, mas à medida que os anos passam descobre que ganhou um grande nome, mas o único elemento de felicidade escapou ao seu alcance.

A verdadeira felicidade não será encontrada no poder, na fama, na riqueza; estas são todas coisas externas que podem ou não contribuir para ela; mas a verdadeira felicidade nasce de um coração contente e de uma mente contente, e a menos que sejais detentores deles nunca sabereis o que ela é. Uma pessoa numa casa pequena pode estar mil vezes mais em paz do que o rei no seu palácio; uma mãe feliz na vida dos seus filhos, satisfeita com os deveres simples que compõem a vida diária e contente com a sua sorte, é mil vezes mais de invejar do que a mulher que, na febre e no calor do mundo, passa de um prazer para o outro e acha todos e cada qual insatisfatórios.

Não depreciaríamos o valor das coisas externas, quando são corretamente usadas; mas defendemos que a verdadeira riqueza e a verdadeira felicidade nascem de um espírito contente e de uma mente pacífica.

"Descreva a passagem de um espírito."

A entrada de um espírito na vida espiritual é algo acompanhado de grande interesse por aqueles que estão fora do corpo. Quando uma criança nasce nesta vida, todos os preparativos são feitos para a sua vinda. Amigos bondosos e corações amorosos vigiam o advento do pequeno estranho e,

quando finalmente ele abre os olhos pela primeira vez para o mundo, sorrisos, palavras gentis e saudações amorosas são as primeiras coisas que ele vê e ouve.

Há muitos amigos verdadeiros e amorosos que estão reunidos ao redor de um tal espírito, ansiosos, prontos e alegres por recebê-lo no lar nos céus. Quando a morte está próxima, as pessoas tendem a sentir que deveriam entrar e ver o homem ou a mulher a morrer. Sabemos ser com bastante frequência o caso de que, quando as pessoas vos prejudicaram grandemente toda a vossa vida, quando ouvem que estais a morrer, tendem a desejar entrar e pedir para serem perdoadas; para vos dizer quão arrependidas estão por todas as coisas que fizeram e quão pesarosas estão por vos terem tornado infelizes, e que esperam ser perdoadas por vós antes de as deixardes para sempre.

Mas isso, meus amigos, é demasiado tarde; não há perdão que os lábios moribundos possam pronunciar que vá realmente apagar a injúria e o insulto que qualquer homem ou mulher vos possa ter feito em vida. Pode aliviar-lhes a consciência e servir de bálsamo em Gilead para a justa punição que deveriam sentir; mas não altera o resultado nem um ápice. Portanto, essas pessoas nunca deveriam ser admitidas no quarto da morte; deveriam estar apenas alguns que tenham amado o moribundo.

À medida que o espírito se aproxima da outra vida e as areias na ampulheta escorrem, encontrareis logo acima do coração da pessoa a morrer, no ar, uma luz brilhante e invisível a formar-se, aparentemente sem contorno, forma ou cor; mas gradualmente passará para os pés, para cima até à cabeça, até se depositar no ar como uma nuvem de prata ligada ao corpo por mil pequenos fios elétricos invisíveis.

À medida que o doente passa a sofrer mais e a morte se aproxima mais e mais, esta forma torna-se muito mais distinta, até que finalmente, quando a respiração cessa, o espírito do corpo físico entra nesta nuvem de luz, que é verdadeiramente o corpo

espiritual, e é cuidadosa e suavemente levado para os domínios pacíficos do espírito. Esta é a maneira como saem desta vida aqueles que passaram por condições de enfermidade e doença, e que estão prontos para o mundo espiritual.

Em casos de acidente, o fio é cortado num momento, e o espírito não raramente é mantido no local durante muito tempo. É um erro na mente de muitos que os espíritos fiquem imediatamente em liberdade e dirão: "Ora, esse homem está morto, está fora de todos os seus problemas." Algumas pessoas cometerão suicídio e pensarão que estão longe do mundo. Não estão. Exatamente no próprio local onde o ato foi feito haverá um poder magnético que os prenderá durante muito tempo. Não conhecemos ilustração mais forte desta ideia do que uma que ocorreu sob a nossa própria experiência individual.

Lembrar-vos-eis de que o Príncipe Imperial, de França, foi enviado para a Zululândia, deixando a sua mãe, quase a sua única parente restante, para trás em Inglaterra. Enquanto esteve lá, foi atacado, morto e sepultado. Desde o momento em que foi sepultado, a sua mãe foi possuída pela mais terrível inquietação. Sempre que deitava a cabeça para dormir, podia ver o rosto do seu rapaz a olhar censuravelmente para ela, pois havia uma razão para que assim tivesse sido. Os bons padres católicos tentaram exorcizar o espírito; deram-lhe todos os confortos da igreja, que são poucos e na maioria dos casos quase sem valor; aconselharam-na a deixar Inglaterra e ir para a Escócia e, finalmente, falhando tudo, consentiram em consultar-nos a este respeito. O padre ficou no quarto, de modo a exorcizar todos os maus espíritos que pudessem vir; sentou-se no canto a dizer as suas orações, pois estava ansioso por que nada além do mais puro entrasse em ligação com esta soberana real.

Aconselhámos que ela fosse imediatamente ao local onde o seu filho tinha sido sepultado e ali entrasse em profunda comunhão com ele, a fim de libertar a sua forma espiritual da escravidão em que se encontrava. Por estranho que pareça (como

aqueles de vós que estão familiarizados com a história dela sabem), inesperadamente para todos, ela e os dois padres partiram de Inglaterra para a Zululândia, e consta-nos que ela passou a noite junto à sepultura do seu filho. Tudo isso é verdade; e na noite ela segurou o rosto dele, ouviu a sua voz, soube que ela tinha nascido do espírito; e desde essa altura até agora o espírito dele tem estado em descanso e a alma dela tem estado em paz.

A vossa ideia é que, onde quer que ocorra uma morte súbita, ali, durante algum tempo pelo menos, o espírito fica detido, e que precisa da assistência caridosa de algum coração amoroso para o separar dessa condição, a fim de que possa progredir no mundo do espírito.

"Que linha de leitura recomenda?"

Isso depende do que quereis aprender. Lembramo-nos de um jovem que veio ter connosco uma vez, que estava na altura a preparar-se para ser ministro unitário, e pediu o nosso conselho a esse respeito. Então perguntámos-lhe o que estava a fazer: ele disse que tinha estado a estudar Shakespeare nos últimos seis meses, o mais arduamente que conseguia. Bem, pensámos ao início que essa era uma resposta um pouco curiosa para dar, mas concluímos que quanto mais estudasse Shakespeare, mais capaz seria de pregar de forma a ser compreendido. A educação passada foi uma que esteve inteiramente na linha da leitura religiosa, "O Descanso dos Santos de Baxter" e outros livros dessa natureza (que são quase inteiramente destituídos de caráter), e "O Peregrino" de John Bunyan e a Bíblia, e comentários sobre todos os diferentes apóstolos, supõe-se que estes preparam um homem, com uma certa quantidade de hebraico, latim e grego, para se tornar um pregador de uma religião divina.

A minha ideia é que o jovem estava certo. Shakespeare ensina as emoções do coração humano, a lei da vida humana; e quanto mais um homem puder compreender a empatia humana e as necessidades humanas, melhor capaz é de pregar diretamente a

respeito delas. Eu diria que há muitos livros que seriam úteis para o estudante que deseja aprender estas questões estudar: "Arcana do Espiritualismo", de Hudson Tuttle; "O Desespero da Ciência", de Epes Sargent; "Física Transcidental", do Professor Zoellner; e as obras do Sr. e da Sra. Sinnett, os escritos de Laurence Oliphant, são todos bons livros; enquanto os ensaios de Hume e os escritos de Epicteto, Platão, Pitágoras e Sócrates são também valiosos; e ficareis surpreendidos, meus amigos, quanto mais lerdes os filósofos antigos, vereis que a vossa religião do Espiritualismo está a trazer para a compreensão comum aquilo que eles guardavam em rigorosa reserva para seu próprio desfrute. Os escritos de Epicteto e Sócrates particularmente tratam do lado espiritual das coisas quase na totalidade.

"Alguma vertente da religião possui a verdade toda?"

Não; se possuísse, nunca haveria qualquer outra. A razão pela qual tendes tantas vertentes diferentes de religião é porque nenhuma vertente abrange toda a verdade, e cada uma abrange uma parte dela. Nenhuma pessoa pode dizer: "Eu sou tudo", ou "Eu contenho tudo dentro de mim." Nenhum sistema de religião pode dizer que os outros estão todos errados e eu estou todo certo; nenhum sistema de medicina pode dizer isso, ou de arte, pois para tantas mentes diferentes quantas existem, tantas perspetivas diferentes podem ser tomadas de uma mesma coisa. Sustento que, na história primitiva do mundo, as religiões que então existiam eram as melhores que podiam possivelmente ser compreendidas nessa altura, e quero dar a essa época o pleno crédito disso.

O erro está em recuar cinco mil anos e pedir emprestada a religião desse período e tentar fazê-la servir para a hora presente. Não vai servir. Sustento que a Igreja Católica fez um trabalho importante; está a fazer um trabalho importante agora. Sustento que a Igreja Protestante está a fazer um trabalho importante; e que os chamados Dissidentes, tais como os Batistas, e os Metodistas, e todas as variadas denominações, estão a fazer um trabalho importante.

Até o Exército de Salvação está a fazer um trabalho importante; está a chegar a uma classe de pessoas que não poderia ser tocada de nenhuma outra forma. Na verdade, como disse antes, o Exército de Salvação é o único corpo religioso que está a fazer exatamente o que Jesus ensinou há anos e anos. Ele disse: "Ide pelos caminhos e pelos atalhos e recolhei-os"; é exatamente isso que estas pessoas estão a fazer.

E o Unitarismo Moderno, que revela um campo de pensamento mais vasto, e o Universalismo, que é ainda mais vasto, contêm uma maior compreensão de diferentes verdades do que os ensinamentos mais puramente teológicos do passado; e o Espiritualismo Moderno, se alguma vez espera dominar o mundo, terá de abrir todas as vias da alma humana e deixar entrar todas as vertentes da verdade, não importa qual seja. Enquanto as pessoas disserem:

"O meu Espiritualismo exclui aquele homem ou aquela verdade", e enquanto vos afastardes na vossa vaidade egoísta e pensardes que sois melhores do que as outras pessoas, precisamente até esse ponto falhareis, como todos os outros falharam; e até que as portas do vosso templo balancem para ambos os lados e a Magdalena e o pecador possam entrar, assim como o santo mais puro; até que isso possa ser feito, tereis de dar lugar a uma religião que o faça; pois as Magdalenas e os Judases do mundo são tão filhos do Deus Todo-Poderoso como alguma vez os apóstolos e os santos foram. E talvez aos olhos de Deus sejam tão honestos e tão dignos de louvor como qualquer um de vós.

"Virá algum dia o tempo em que a mediunidade será possuída por todos?"

Sim, o tempo é agora em que as pessoas são possuidoras de poderes mediúnicos, mas nunca virá o tempo em que todas as pessoas serão desenvolvidas no mesmo grau mediúnico, haverá sempre uma diferença de grau no que respeita ao poder espiritual

e mediúnico. Houve um tempo em que poucas pessoas sabiam escrever, ler ou pintar. Agora, toda a gente pode ser ensinada a escrever; cada um pode ser ensinado a ler; toda a gente pode ser ensinada a desenhar e pintar de certa maneira; e, ainda assim, o elemento do génio é mais marcado hoje do que alguma vez foi antes.

E assim, na mediunidade, temos de dizer que o desenvolvimento da mediunidade e o seu poder é um facto extenso, é exatamente tanto um dom dos deuses quanto a arte, a música ou a literatura alguma vez foram. Os poucos que o possuem desenvolvê-lo-ão para uso no futuro tal como fizeram no passado; mas haverá uma forma de mediunidade incipiente que será possuída por todos e que permitirá às pessoas realizarem a sua própria condição espiritual. Esse será um grande passo em frente relativamente ao que são agora. Ora, há milhares e milhares de pessoas no mundo que não acreditam noutra vida; que não acreditam muito sequer nesta vida para além do que podem ver e ouvir; que nem sequer sabem que têm uma alma dentro de si; muitas pessoas tão obtusas que nem sequer sabem que são possuidoras de um espírito.

Disse no último domingo, enquanto falava através do meu médium, que achava que deveria ser ensinada em todas as escolas a lei do espírito; exatamente da mesma forma que ensinais agora astronomia, química e geologia. Falo a sério. Acho que se, em vez de se incomodarem tanto em ensinar a Bíblia na escola pública, tentassem ensinar às crianças algo sobre si mesmas e sobre o lado espiritual das suas naturezas, torná-las-iam muito melhores do que são agora.

Portanto, espero que, quando a educação ideal chegar, ela seja na linha da instrução espiritual, não ortodoxa, não religiosa, mas reconhecendo o poder do espírito humano assim como reconhecemos o poder do corpo humano; e então cresceremos e compreenderemos inteligentemente o que somos; pois hoje o

homem é um ser físico, o homem é um ser espiritual, e a mente é o elo de ligação entre o homem exterior e o interior.

O cérebro não é o homem; oh, não; é apenas o poder através do qual o homem se revela; não é o homem. Deixai o cérebro sofrer qualquer lesão; ele recusa-se a atuar, mas o homem está lá na mesma. Dizeis por vezes que a criança é um tolo; não existe tal coisa como um tolo: que a criança é um idiota; não existe tal coisa como um idiota. A criança tem um cérebro malformado, provavelmente o resultado de uma lei pervertida nos pais; e portanto, o espírito por trás dessa criança, ou dentro dela, não tem o poder de se expressar. A isso chamais ser um tolo e ser um idiota; e, por estranho que pareça, a maioria das pessoas culpa o idiota por o ser, culpa o tolo por o ser, quando a coisa que o tornou no que é foi uma perversão da lei natural sobre a qual ele individualmente não tinha qualquer controlo. Compaixão, não condenação, é o que ele precisa.

"O que pensa da lei médicos?"

Não admite qualquer reflexão. O grande esforço da era atual é o monopólio; ele percorre todas as linhas da vida; e os médicos querem monopolizar os corpos e os ministros monopolizar as almas de todas as pessoas no mundo. Não o podem fazer sem a ajuda da lei e da polícia; por isso tentam estabelecer o seu direito divino através da ajuda humana.

Não tenho nada a dizer sobre a lei dos médicos como a lei dos médicos; digo que é o direito inalienável de cada cidadão americano fazer o que considera certo, e se ele quiser ter um médico regular terá, e se não quiser não terá. Não repousa sobre se os médicos são sábios ou tolos, mas sobre os direitos do indivíduo de ter qualquer um que lhe apreça. Não proponho que cada homem seja obrigado a ter um cientista cristão; a isso chamaria arbitrário. Não suponho que um homem deva ser obrigado a ter um médico alopata, ou um homeopata ou um elétrico a menos que o queira; supõe-se que cada homem seja o

melhor para decidir em relação aos seus próprios assuntos, e o peso do julgamento e da decisão deve ser deixado para ele; e quando o Estado intervém para ditar, o Estado torna-se um tirano e um déspota que deve ser resistido, quer seja na linha da medicina quer em qualquer outra coisa.

Ora, há anos, a Associação Cristã de Jovens tentou introduzir Deus na constituição, e pensaram que ao fazer isso vinculariam a América a um sistema religioso, exatamente da mesma forma que todos os países da Europa estão mantidos sob o mesmo poder tirânico; mas os estadistas americanos foram suficientemente sábios para ver que, quando Deus entrava na constituição, o espírito da liberdade americana saía; e isso desferiu um golpe mortal no monopólio no que diz respeito à religião.

Agora, se admitis que certas escolas de medicina são as únicas, declarando que elas são falíveis todo o tempo em que as admitis, isso é um golpe na liberdade do cidadão americano, e deve ser repudiado como qualquer outra coisa vil que procura infringir os direitos de outrem. Se quereis ter um médico à antiga e ser sangrados até à morte, esse é o vosso privilégio. Se quereis ter um à moderna e manter a vossa saúde e a vossa força e o vosso sangue, esse é o vosso privilégio; e não é da conta do Estado qual escolheis ter. Essa é a nossa posição sobre a lei dos médicos.

"Quem é o melhor amigo da humanidade?"

O melhor amigo da humanidade é aquele que guia a humanidade de uma condição de trevas para a luz; aquele que é o meio de revelar a verdade a uma alma na ignorância. É uma ideia errada mantida e aceite por muitos a de que todo o trabalho deve ser realizado na ostentação e no barulho do mundo; que um grande número de pessoas deve estar associado a ele, e que deve ser feito um reconhecimento direto desse trabalho e também do trabalhador. Mas, no verdadeiro sentido da palavra, o trabalho não se relaciona com o mundo coletivamente, relaciona-se com a humanidade individualmente.

Temos visto por vezes pessoas que estavam ansiosas por reformar os seus semelhantes, quando, se se tivessem reformado a si mesmas, teriam prestado ao mundo um serviço duradouro. Ouvimos muitas vezes as pessoas falarem sobre a dificuldade e o erro que encontravam nos outros, quando, se tivessem apenas visto a sua própria natureza à sua verdadeira luz, teriam encontrado todo o trabalho que podiam possivelmente ter feito para arrancar as ervas daninhas do seu próprio jardim.

Ora, então, o melhor amigo da humanidade é o homem que vive o mais próximo do seu ideal, de uma forma puramente desinteressada; pois cada homem e cada mulher é apenas uma luz; o mundo é um quarto escuro; e quanto mais perfeitamente tiverdes a vossa luz preparada, mais claramente a chama brilhará. E se dentro de vós mesmos removerdes o mal que aí encontrardes, se vos esforçardes para viver honesta e verdadeiramente e fizerdes o vosso melhor; se estenderdes as vossas mãos àqueles que são menos afortunados do que vós, então sois o amigo da humanidade. Mas se, por outro lado, simplesmente falardes do bom tempo que aí vem, e de uma forma transcendental visualizardes o futuro do mundo, sem fazerdes a mínima coisa vós mesmos para ajudar a trazer um resultado melhor, então estais enganados no vosso esforço. Estais a viver uma vida egoísta e não podeis auxiliar ou ajudar outro. Ajuda mais a humanidade aquele que busca a educação de si mesmo e, tendo-a alcançado, partilha os seus resultados com aqueles que são menos afortunados.

"A perspetiva espiritual?"

A perspetiva espiritual é uma questão que todas as almas fervorosas podem bem perguntar neste momento. Estais a passar por uma mudança que, durante as próximas seis semanas, será extremamente marcada, extremamente desagradável e extremamente amarga. Lembrai-vos de que em algumas partes da Itália há vulcões que estão aparentemente a descansar por um tempo, e apenas se erguem como tantos grandes picos elevados, apontando as suas cabeças para os céus, quando de repente

arrotam lava, e pedras, e todo o tipo de coisas, e levam consigo destruição e morte.

E embora, no momento, o desastre seja extremamente pavoroso, diz-se que um bom resultado é alcançado. Estais agora, meus amigos, perto do tempo de aproximação da erupção de um vulcão que derramará lava e pedras e todo o tipo de imundície, sobre uma certa porção da terra pelo menos. Aparecerá a fazer-vos mal; sentireis uma profunda simpatia por alguns que sofrem, e afastar-vos-eis e quase lamentareis estar a viver nesta parte do país, mas passaremos algum tempo quando o fumo se tiver dissipado e tudo se tiver tornado pacífico e calmo novamente, e o céu azul acima de vós, e o sol a brilhar, então vereis que havia um propósito no que aconteceu e podereis porventura ver o benefício ganho a partir daí.

A perspetiva espiritual para os dias de hoje é cheia de perigo, infelicidade e tristeza para todos os envolvidos. Olhai quer numa direção quer na outra, não há senão problemas a encontrar, e até que cerca de seis semanas tenham passado este será o caso; depois todas as coisas se estabelecerão novamente num estado agradável, e esquecereis que estas coisas alguma vez aconteceram. Tem sido assim no passado; será assim no presente, e será assim no futuro. A grande Guerra Civil que levou consigo tanta destruição e tristeza foi a única forma pela qual o escravo pôde alguma vez encontrar a sua liberdade; e o terror daqueles que suportaram o inverno frio e cruzaram o oceano para encontrar um novo país perde-se na glória das instituições que se erguem como resultado do seu esforço.

E no momento presente aqueles que têm uma verdade são chamados a ser fiéis a essa verdade; aqueles cujos olhos viram a glória do sol nascente, cujos corações sentiram o poder e a força que apenas um grande motivo pode dar, e cujas vidas foram exaltadas através da sua aspiração e pensamento para um estado mais elevado, são aqueles que permanecerão firmes, quer o céu esteja escuro quer brilhante. Será um tempo em que as almas de

homens e mulheres serão duramente testadas; mas depois disso, tal como o dia segue no caminho da noite, as coisas mais brilhantes virão e os melhores resultados serão aparentes.

"O que é a doença?"

Os nossos amigos cientistas cristãos dizem que a doença é a imaginação, e a imaginação não é nada. Se tendes uma dor de dentes severa, apenas imaginastes que o dente está a doer, mas na verdade não tendes nada do género. Ora, a doença é algo mais do que isso, como aqueles de vós que estão doentes bem sabem. Em vez de chamar à doença um poder da imaginação, dizemos que ela é a punição pela violação da lei. Foi intenção no início que todos os homens e mulheres fossem saudáveis, fortes e bem-estar. A saúde é a ação direta da lei natural. Mas em vez de ser este o caso, mal há um homem ou uma mulher que seja forte e bem-estar, em todo o sentido da palavra. Onde quer que haja enfermidade há o resultado de uma violação da lei. Não encontrareis que a doença venha naturalmente; ela só vem como resultado de uma condição pervertida.

Aceitamos a teoria que tem sido ensinada pelas mentes científicas mais profundas do dia de hoje, de que a doença é um gérmen que flutua no ar, e que é uma coisa viva que é assimilada e gera dentro de certas organizações novas formas de vida. Quando estais num certo estado, sois suscetíveis a uma certa condição. Se estais fracos e desgastados, e saís num dia húmido, sereis suscetíveis de apanhar uma constipação severa, não importa quão bem protegidos estejais. Porquê? Porque a condição do vosso sistema é negativa; o elemento da doença está no ar, que é positivo, e esse gérmen positivo da doença é implantado dentro do solo da vossa própria natureza. Ali ganha raízes rapidamente; e quanto mais fracos e negativos estiverdes, mais positiva se tornará a vida e o crescimento dessa doença.

Há algumas doenças a que as pessoas são mais suscetíveis do que a outras, e nesse caso a teoria dos germes é admitida, até pela

mente mais obtusa. Nunca pensaríeis em colocar um doente com varíola no centro de um distrito povoado e esperar que todo o resto das pessoas ficasse perfeitamente bem. Porque todas as pessoas são mais ou menos suscetíveis à influência deste gérmen da varíola; e o sistema facilmente o absorve e fica impregnado com o veneno. Portanto, em vez de colocar a pessoa num tal centro, removemo-la o mais longe possível dos seus irmãos e irmãs que possam estar em aparente saúde, como uma proteção.

Nas formas de febre, algumas das quais são das mais perigosas, removeis o doente e tomais todas as precauções possíveis de modo a evitar que outros fiquem infetados, e isto deve-se ao facto de o ar que respirais estar impregnado com os germes da doença, e que aqueles que são minimamente sensíveis assimilarão e eles tornar-se-ão uma parte de si mesmos.

Esta é uma das razões pelas quais somos tão opostos à vacinação. Consideramos a vacinação no tempo presente um dos maiores inimigos da saúde e felicidade humanas.

Uma pessoa está em aparente saúde, e vós vacinai-la introduzindo no sistema os elementos das doenças mais mefíticas; e por muito que a vacinação possa prevenir, em nove casos em dez causa uma doença pior do que aquela que pretende remediar. Portanto é a lei da vacinação obrigatória tirânica e despótica, e deve ser contestada com toda a força de que as vossas mentes esclarecidas são possuidoras. A teoria de que as pessoas só estão doentes nervosamente é um erro. Estou certo de que o corpo está sujeito à influência da mente, e que quando as pessoas se sentem doentes ou perturbadas na sua mente, sentem-se fracas e nervosas também.

Mas há outra linha de doença à parte desta chamada doenças nervosas, que são distintamente uma doença do corpo; e onde humores são encontrados no sistema, onde febres e onde outras doenças contagiosas são encontradas, há uma doença física com a qual o sistema nervoso tem muito pouco a ver; sustento que a

doença é um gérmen, e que quereis ter melhor ventilação em todo o lado, este lugar incluído; e que deveríeis usar de muito maior cuidado no que respeita às vossas pessoas, e acima de tudo no que respeita às pessoas com quem vos meais diretamente.

O hábito que as pessoas têm de continuamente apertarem as mãos umas às outras (quando se sentem impelidas a afastar-se uma da outra, quero dizer,) e de lançarem os seus braços ao redor uma da outra e beijarem-se com a maior afeição quando não a sentem, é um meio de transmitir uma influência que pode por vezes fazer um grande mal.

Não podeis apertar a mão a outro sem transmitir algo de vós mesmos ao fazê-lo. Não podeis tocar no vestuário um do outro sem dar uma parte de vós mesmos. Costumavam tocar na orla do vestido do mestre apenas para ganhar força, e realmente sentiam um poder e uma influência a partir daí. Portanto eu diria que com o maior cuidado, no que respeita à ventilação, no que respeita a hábitos de limpeza pessoal, e no que respeita a todas as observâncias que sabeis perfeitamente bem se apenas tirardes tempo para as praticar, mantereis de certo modo o vosso sistema num estado que resistirá a este gérmen da doença e ajudar-vos-á a ser fortes e consequentemente felizes.

"Interfere com o desenvolvimento os médiuns de provas darem tratamento aos doentes?"

Bem, depende de o médium de provas ter algum poder ou não. Há muitos médiuns de provas que não têm qualquer influência para se tornarem médiuns de cura, pois a mediunidade de cura e a mediunidade de provas são duas fases distintas de poder. Para uma pessoa que é distintamente um médium de cura seria um erro muito grande tentar tornar-se um médium de provas; para aqueles que são distintamente médiuns médicos seria um grande erro tornarem-se médiuns de provas. É melhor seguir a linha de desenvolvimento para a qual estão melhor adaptados.

Mas se, porventura, forem possuidores de ambos os poderes, então um não interferirá com o outro.

O grande problema que encontramos com os médiuns aqui na vida terrena é que, se são possuidores de uma coisa, nunca estão satisfeitos até realizarem o todo. Têm o sentimento de que, porque veem uma pessoa a alcançar um resultado, têm de fazer isso embora não estejam capacitados para tal, ou têm a ideia de que num momento podem eles próprios fazê-lo. Temos estado muito preocupados com o número de pessoas que estavam perfeitamente confiantes de que eram capazes de preencher a posição aqui, e particularmente de aparecer na vossa tribuna aos domingos, ficando quase zangados com o nosso médium porque achámos pouco sábio colocá-los diante do público quando não eram capazes de falar inteligentemente cinco minutos sobre qualquer assunto dado.

O tempo passou em que simplesmente falar seria de algum interesse para a mente geral. Poderia ter servido há quarenta anos ter algumas expressões sobre a terra do verão e o doce além, e todas essas coisas que são agradáveis de ouvir; mas desde então a mente humana começou a pensar, e essas pessoas só estão aptas para ensinar quando têm algo para ensinar quando a oportunidade se apresenta. (Aplausos)

E quer sejam controlados por si mesmos quer por guias espirituais, diz-se que nem todos os tolos estão mortos ainda, o que pressupõe que alguns estão; e alguns dos que estão ficarão muito satisfeitos por voltar e arejar a sua tolice, pois os tolos são sempre conhecidos pelo número de palavras que falam. Quanto mais um homem sabe menos tempo tem para falar; quanto menos sabe, mais tem a dizer; essa é a história do mundo mil vezes repetida.

Ficámos muito divertidos no outro dia quando um senhor veio ao lugar do nosso médium na vossa tribuna no domingo à tarde, que é, já agora, um dos públicos mais difíceis de endereçar

que jamais vimos, e um orador que nunca tinha falado senão uma ou duas vezes em público; e quando o médium perguntou: "Quanto é que este médium falou?", ele disse: "Bem, ela nunca fez senão uma ou duas aparições, mas será um grande sucesso." O médium, que tem alguma experiência em grandes sucessos, abanou a cabeça e disse:

"Bem, fará o favor de dizer a essa senhora, da minha parte como seu amigo, que se, quando ela terminar cinco anos de trabalho árduo, for capaz nessa altura de falar inteligentemente diante dos públicos de Boston no domingo, pode considerar-se muito afortunada de facto; mas antes que esse tempo venha, precisará de uma grande quantidade de experiência", e é melhor, meus amigos, gatinhar antes de andar, pois se não o fizerdes, estragareis a forma dos vossos membros e nunca sereis capazes de correr. (Aplausos)

Uma pessoa que consegue gatinhar bem percorrerá o chão mais depressa do que uma que é tão zamba que mal consegue andar. Por isso temos de dizer que nesta linha de mediunidade cada um deve dedicar-se ao seu poder especial. Se sois um médium de escrita, desenvolvei isso; se sois um médium físico, desenvolvei isso.

Podeis ser possuidores, possivelmente, de dois ou três poderes; se sois, não mistureis um com o outro, mas tende o vosso tempo para seguir cada um. Se sois possuidores deles não vos fará mal exercitá-los, mas se não sois, certamente interferirá com aquele que tendes porque estais a tentar forçá-lo para um canal errado; exatamente da mesma forma que uma pessoa que seja capaz de tocar piano pode não ser capaz de cantar, ou uma pessoa que seja capaz de cantar pode não ser capaz de pintar quadros; e temos milhares de exemplos de pessoas que não têm um ápice de capacidade a fazê-lo porque outro qualquer consegue, e a esperar que admireis coisas que não têm um ápice de mérito nelas; e as vossas boas maneiras muitas vezes fazem-vos dizer: "Ora, essa é

uma ideia muito bonita", e se tivésseis apenas adicionado, "e mal executada", teríeis provavelmente dito a verdade.

Agora, o que quer que façais, fazei-o bem, não importa quão simples seja. O rapaz que engraxa bem um par de botas é mil vezes maior do que a pessoa que faz uma coisa estupenda tão mal que mais valia deixá-la em paz. "Quanto tempo depois de uma pessoa ser controlada é que ela pode fazer negócios?" Isso depende da pessoa e da natureza do controlo. Há algumas pessoas que mais valia serem controladas duas ou três eternidades antes de serem capazes de fazer qualquer negócio. Há outras pessoas que são controladas de imediato e alcançam um bom resultado. O tempo não tem nada a ver com isso; é a capacidade que resolve a questão, e não os meses ou os anos. Se tendes o poder de dizer uma verdade e a dizeis bem, ponde-vos a trabalhar e dizei-a, não importa se sois velhos ou jovens, fracos ou fortes; e se não o tendes, ora, ficai quietos até que o tenhais; esse é o nosso conselho sobre esse ponto. Fizemos um grande número de inimigos e esperamos fazer muito mais porque insistimos em que todas as pessoas devem estar adaptadas ao seu trabalho e o seu trabalho adaptado a elas. No presente momento, a causa do Espiritualismo está a sofrer em grande grau porque médiuns apenas meio desenvolvidos estão a assumir um trabalho para o qual estão totalmente inaptos. Sabeis isto perfeitamente bem. Estou ciente de que inspirará, talvez, alguma inveja da minha parte dizer isto.

Agora, no que diz respeito à mediunidade de negócios, se vos encontrais fiáveis num diagnóstico, então estais perfeitamente seguros para o fazer. Se descobris, após a vossa experiência, que sois fiáveis em assuntos de negócios, sois sábios em segui-los. Se eu descobrir que sois capazes de ser usados pelo mundo espiritual para dar delineamentos claros e distintos de condições espirituais e presenças espirituais, então sois sábios em seguir isso, quer tenhais sido controlados uma vez ou dez mil vezes durante dez mil anos. Mas se, por outro lado, descobris que não o sois, em

nome do céu não o tenteis de uma forma pública até terdes a certeza de onde estais. Temos muitas pessoas nos nossos tribunais que nunca deveriam ter aberto a boca em público, que não estão mais aptas para o seu trabalho do que crianças. Há centenas de outras que, se tivessem um pouco mais de confiança, poderiam fazer um trabalho muito útil e importante. Temos muitos médiuns que não estão adaptados para o seu trabalho e que em círculos privados seriam muito bem-sucedidos, mas em círculos públicos não têm qualquer capacidade. Portanto, meus amigos, como eles têm um dito muito vulgar que diz assim: "A prova do pudim está no comê-lo", assim também nós dizemos que pelo resultado do que fazeis sois capazes de julgar a vossa capacidade nessa linha de trabalho.

Se, portanto, o resultado for satisfatório, ide em frente e levai a cabo o propósito, leve ele onde levar; e se não for, desisti até estardes desenvolvidos e desdobrados. Não dizeis que ficará tudo bem com o tempo, porque pode não ficar. Não vos posso dar, então, nenhuma resposta direta à vossa pergunta, exceto que não é uma questão de tempo; é uma questão de desdobramento. "O céu é um lugar?" Sim, é; o céu é um lugar, e um lugar muito pequeno de facto. Encontra-se no coração de cada homem e mulher honestos, onde quer que estejam e quem quer que sejam. Algumas pessoas confundem a palavra céu com o mundo espiritual.

O mundo espiritual é uma localidade, o céu é uma condição; é apenas outro nome para harmonia. Aquelas pessoas que estão em harmonia consigo mesmas estarão em harmonia com o mundo. Ouço muitas vezes as pessoas dizerem (elas vêm muitas vezes ter comigo): "Gostaria de vir a este círculo", por exemplo, "mas sou colocado em contacto com tantas pessoas, e realmente não se pode esperar que eu me meça com elas; e sou tão sensível que elas me afetam muito mal." O que posso dizer é que tais observações são anúncios muito baratos, e não valem nada. Uma pessoa que está num plano moral nunca é afetada pela imoralidade; são apenas aqueles que ainda não chegaram bem lá

que sentem os efeitos disso, mas não aqueles que realmente atingiram esse estado. Podeis estar tão protegidos espiritualmente em companhia como quando estais sós; é a condição da vossa mente que o faz. Se não saís ao encontro das pessoas, elas não vos podem afetar; se o fazeis, elas afetarão.

Agora, como disse, o céu é uma condição de harmonia, e aqueles que estão realmente em harmonia consigo mesmos estão no céu; aqueles que estão em discórdia consigo mesmos estão no inferno. Há muitas milhares de pessoas a ocupar essa localidade no momento presente. (Aplausos.) É uma coisa invulgar encontrar uma pessoa em harmonia consigo mesma, é uma coisa invulgar encontrar uma pessoa que está sempre a dizer uma palavra bondosa e agradável a outra pessoa, e que tem sempre um sorriso no rosto.

Sabeis que acho que um homem ou uma mulher pode tornar-se belo ou bela se quiser? E isso é sentindo bondade para com cada alma com quem entra em contacto. Um coração bondoso faz um rosto belo, e um mau coração torna o rosto mais belo medonho quando a maldade é revelada. Ora, o mundo espiritual está ao vosso redor e acima de vós, mas o céu é uma condição da alma humana, atingida apenas quando estais em paz convosco mesmos, e consequentemente com todo o mundo. "Qual é a causa da loucura?" Acho que a causa primária de qualquer coisa seria difícil de compreender para a mente finita, visto que na presente encarnação a mente humana só vê certos resultados e não está suficientemente desdobrada para traçar o caminho de volta desses resultados até à causa primária. A causa da loucura, do vosso ponto de vista, é o resultado da violação da lei natural.

A loucura é entendida pela profissão médica como sendo o resultado de um cérebro doente; certas condições físicas, não atuando em harmonia uma com a outra, afetam gradualmente o sistema nervoso; o sistema nervoso atua por sua vez sobre os tecidos do cérebro, e muito em breve ocorre uma desordem, assim chamada, da mente humana. A causa disto é colocada à porta do

homem físico, e não temos conhecimento de que, com toda a sabedoria de que a profissão médica está dotada, tenha ainda descoberto a causa exata do que produz este estranho resultado.

Nós diríamos que em nove casos em dez a hipótese está correta, a saber, que a condição física atua sobre os nervos, e estes atuam sobre o cérebro; mas ao mudar o caráter do cérebro eles abrem a porta a outros espíritos que cercam a pessoa e por sua vez têm o poder de expelir o indivíduo que pertence a esse corpo ou deveria ter o controlo do cérebro, e tomam posse dele próprios. Em todos os casos de loucura que estudámos até agora, nunca vimos nenhum que não pudesse ser explicado pela teoria da obsessão, porque tem havido sempre um espírito em oposição à pessoa afetada, e por estranho que pareça, em quase todos os casos antagónico ao corpo que estava a tentar controlar. Naturalmente, quando estais com saúde, buscais o bem-estar dos vossos próprios arredores; vestis o vosso corpo para o manter quente, alimentai-lo para o manter nutrido, e cercai-lo de todas as coisas agradáveis para que tudo tenda para a edificação da vossa própria felicidade física bem como do vosso bem-estar espiritual.

Mas no momento em que estudais uma pessoa cuja mente está afetada, encontrá-la-eis habitualmente a odiar o corpo no qual está encerrada, buscando fazer tudo o que pode para o prejudicar e não raramente tentando cometer algum crime ou ato terrível sobre si mesma. A razão para isto, quando compreendeis a lei da obsessão, é aparente, porque o espírito que tomou posse de um cérebro doente é um espírito estranho a esse cérebro; e logo que se encontra encerrado neste ambiente físico tenta, com todo o seu poder, quebrar a corrente que o prende, e libertar-se de uma escravidão que é terrível de suportar.

O espírito habitante de uma tal pessoa odeia o corpo no qual está colocado; portanto encontrareis tais pessoas a infligir todo o tipo de punições sobre si mesmas, buscando cortar o fio da vida, sentindo que ao fazê-lo serão capazes de se erguer até ao seu próprio estado espiritual legítimo. Os remédios que são usados

para a loucura, em nove casos em dez, produzirão loucura; quanto mais sã a pessoa, mais provável seria ela tornar-se louca sob a presente forma de tratamento médico; pois estais a construir grandes estabelecimentos e a juntar centenas de pessoas que estão assim afetadas, as quais, em vez de serem trazidas para o mesmo ambiente, deveriam ser colocadas a milhas de distância, pois as doenças mentais são tão contagiosas como as doenças físicas, e isso deveria ser aparente para qualquer um de vós; pois quando estais sentados, mesmo neste círculo agradável aqui, se a pessoa ao vosso lado estiver fora de harmonia consigo mesma, muito em breve vos fará sentir desconfortáveis, atuando a sua própria condição mental sobre a vossa condição mental.

Se, por outro lado, estiverem num estado de espírito pacífico e se sentirem em harmonia consigo mesmos e com todo o mundo, então tereis em pouco tempo, não importa quão perturbados estejais, um sentimento confortável, feliz e satisfeito; a harmonia dentro deles estendeu-se e produziu uma maior harmonia dentro de vós. Ora, se isto é verdade de uma forma tão pequena, quanto mais aparente deve ser esta demonstração onde há os extremos de desordens mentais e cerebrais. Numa instituição onde os loucos são colocados, encontrareis que há milhares e milhares de espíritos não desenvolvidos, que estão a tentar, através de organizações imperfeitamente construídas, expressar o seu pensamento ou viver, ou preencher, a sua condição física inacabada.

A causa da loucura deve-se à falta de conhecimento e compreensão no que diz respeito às leis da procriação. Em vez de estudar o crime no criminoso, em vez de construir cadeias e asilos, ou erguer forcas e esquadras, se o filantropo fervoroso desse um passo mais além no domínio das causas e se esforçasse por aprender a lei pela qual os criminosos são feitos e a loucura produzida, então não precisaria de construir ou providenciar o cuidado deles mais tarde.

Hoje as crianças nascem no mundo, em demasiados casos, como uma questão de acidente; nascem para a vida sem uma compreensão por parte dos seus pais das leis que as deveriam afetar ou das condições pré-natais que possivelmente se podem refletir sobre o seu cérebro; e portanto, herdando corpos doentes e constituições e organizações mentais e nervosas imperfeitas, são presas daqueles que não estão desenvolvidos na vida espiritual, e como estais constantemente a enviar milhares de pessoas todos os anos para o mundo espiritual antes de estarem prontas para isso, naturalmente estes espíritos não desenvolvidos, pela lei da atração física, procuram organizações através das quais se possam expressar, e sem dúvida o Espiritualista é a única pessoa que pode resolver esta questão da loucura.

Cercai o vosso doente de harmonia, dai-lhe olhares agradáveis, palavras bondosas, música, flores e luz do sol, e fareis mais para remediar o que chamais uma condição de loucura do que todos os manicómios que jamais foram construídos desde que a civilização começou. "Por que há tantos suicídios?" Não ficamos surpreendidos ao ouvir essa pergunta ser feita hoje, pois quase todos os jornais que pegais registam, não um, mas vários casos em que homens e mulheres, no próprio centro da vida, com juventude, saúde e força e perspetivas aparentemente brilhantes ao seu redor, preferiram correr o risco da incerteza do futuro a enfrentar com fortitude as exigências do presente. Deve haver razões fortes para que um homem na plena posse da sua mente e das suas faculdades mentais, e estando dotado de uma vida física forte, num momento se lance sobre o mar desconhecido da eternidade.

Bem, meus amigos, a razão é simples para nós. Hoje estais no meio da saúde; hoje estais cercados pelas grandes correntes apressadas que vos levam primeiro de um lado para o outro. Hoje a ambição, a ganância, a inveja, o ciúme, e quase diria a injustiça, são os elementos dominantes, e portanto, cada homem tem de

lutar contra cada um dos outros homens pela supremacia e pelo reconhecimento.

Naturalmente os nervos ficam cansados e desgastados; naturalmente um homem fica cansado e quando com o tempo as responsabilidades se acumulam diante dele e ele pensa que são demasiado pesadas para serem suportadas, e que os seus amigos, a sua família e o público em geral olharão para ele como um fracasso se ele não for capaz de as enfrentar e conquistar, portanto, não compreendendo o que o futuro reserva, não sabendo o que o amanhã da vida guarda, não vendo que não escapa realmente aos fardos da vida, ele diz: "Bem, posso não ser capaz de os conquistar, mas eles não me conquistarão a mim"; portanto, quer com a lâmina cintilante, quer com o pistolete, quer com a corda, quer com a água, ou algum dos muitos meios que estão à mão, ele corta o fio da sua vida e não é mais visto entre vós. A causa é clara. Não tendes hoje, fora do Espiritualismo Moderno, uma compreensão clara do que é a vida futura.

A maioria das pessoas no mundo não conhece o futuro; para elas a sepultura é o fim das suas alegrias e tristezas. Para elas, quando fecharam os olhos e cruzaram as mãos e os últimos ritos fúnebres são proferidos sobre elas, as responsabilidades e os cuidados da vida estão para sempre terminados. Há alguns que foram ensinados por uma estranha teologia de que após a morte há ou sono ou punição eterna, ou possivelmente felicidade e descanso; mas tudo isto é tão problemático, tão incerto, e tem sido tão vaga e incompreensivelmente exposto, que a mente humana é incapaz de o apreender ou de o realizar na sua eternidade.

O Espiritualismo Moderno é hoje pouco compreendido; veio para resolver a grande e importante questão: "Se um homem morrer tornará a viver?" E pela sua potência e poder mostra que a morte é apenas a lei da mudança pela qual o espiritual é separado do físico; mas como não podeis destruir um, também não podeis prejudicar ou destruir o outro. Mostra que após a morte há uma vida continuada de trabalho, de pensamento e de utilidade. Mostra

que, embora possais cortar o cordão da vida física, a vida espiritual com todas as suas responsabilidades, cuidados e deveres permanece exatamente a mesma. Ora, se isto pudesse ser geralmente compreendido e se a lei de uma vida continuada pudesse ser ensinada nas vossas escolas, como a história do passado é ensinada, e a mente humana treinada para olhar para a vida futura como uma realidade, então teríeis um forte argumento e um forte poder contra o ato de qualquer homem cometer suicídio. Quando ele sabe que não pode escapar a si mesmo, não tentará colocar-se numa posição onde o fardo se tornará mais pesado e os deveres ainda mais imperativos. Sócrates ilustra essa ideia quando os seus amigos se reuniram ao redor da sua cama e o veneno estava a ser preparado para ele tomar; um disse-lhe:

"Bem, velho amigo, onde te sepultaremos quando estiveres morto?" Sócrates olhou para o homem na cara e respondeu: "Ora, tereis de me apanhar antes de me poderdes sepultar. Ele pensa que me vai sepultar a mim quando na realidade só vai sepultar o corpo no qual vivo." O que o mundo precisa de compreender é que o corpo é uma coisa, e a mente e a alma que animam esse corpo são outra bastante diferente; e que ao cometer suicídio apenas separais uma da outra, mas homem algum foi ainda encontrado que fosse capaz de se afastar de si mesmo. A entidade permanece a mesma, quer no lado espiritual quer no material da vida. Ora, isto não é compreendido, e é com a esperança de escapar aos problemas, com a esperança de se livrar das responsabilidades, com a esperança de ignorar o dever, que um homem tão tolamente se esforça por se colocar fora das responsabilidades terrenas. Dizem que é uma manifestação de bravura. Não penso assim. Parece-me que um homem que comete suicídio, em vez de ser um homem bravo é, de todas as coisas, a mais cobarde. Aquelas pessoas são bravas que, em vez de ignorarem o dever, permanecem e enfrentam-no e tornam-se, pelos esforços pelo menos, dignas de ser chamadas homens.

Qual é a condição de um suicida após a morte? A condição de um suicida após a morte é de um grande e duradouro desapontamento. Ele não deixou a terra, como esperava; está tanto na vida terrena após a morte como estava antes; está tão perto do seu dever, tão perto da sua responsabilidade, tão perto do fardo como estava antes de dar o passo fatal. Deveis compreender que há uma grande diferença entre um espírito desencarnado e o que se chama um anjo.

Um espírito desencarnado é uma pessoa que está simplesmente sem corpo físico, mas ainda em estreita relação com o universo material; enquanto um anjo é uma pessoa que se ergueu acima de todas as condições da terra e, ao vencer o egoísmo, governando e dominando todas as paixões animais, alcançou esse equilíbrio espiritual onde é capaz de julgar e compreender os resultados da vida desapaixonadamente, e de um ponto de vista absolutamente justo. O suicida após a morte esforçou-se por esquivar-se ao seu dever, esforçou-se por escapar ao resultado legítimo da sua vida. Ele nunca pode afastar-se disso; ali está o dever e ali ele deve permanecer até que esse dever seja cumprido. Ele verá aqueles que amou em grande tristeza; será levado a sentir tudo o que eles sentem, por causa do seu ato inoportuno e perverso. Verá todos os seus assuntos a serem movimentados de uma forma estranha e desfavorável; e aqueles que ele mais amaria e em quem mais confiaria, curvados pela desgraça que caiu sobre eles, e será obrigado a realizar tudo o que eles sofrem porque ele foi a causa direta disso.

Quando, com o tempo, ele estiver preparado para enfrentar o seu dever e preparado para o cumprir, e pronto para carregar o seu fardo, então, pela lei do progresso e do desdobramento espiritual, ele erguer-se-á para um estado mais elevado e mais desenvolvido; mas isto não será por muito tempo. De todas as pessoas que são desafortunadas no mundo espiritual, aquelas que cometem suicídio com conhecimento e intencionalmente são as mais desafortunadas.

"Até que ponto é possível aos homens compreenderem o infinito, ou Deus?" Já era tempo de essa pergunta ser feita, pois durante todos os anos do passado o homem tem-se esforçado por compreender a mente infinita. Todos os sistemas de religião e teologia foram fundados sobre uma compreensão do infinito. Percebendo, como o homem percebe, que há aparentemente duas forças a trabalhar no mundo, tal como a luz e as sombras marcam a passagem das vinte e quatro horas, ele tem sido inclinado a acreditar que uma se opõe à influência ou poder da outra; ele chama ao bem, Deus; e ao mau, ou perverso, o diabo, ou o poder representativo do mal.

No início dos tempos, o homem primitivo curvava-se diante dos vários poderes do universo para os adorar e honrar. Ele via que dos raios geniais do sol vinham inúmeros benefícios para a terra, por isso curvava-se e adorava o sol; e tendes hoje, em algumas partes do país, muitos milhares de pessoas que olham para o sol como um atributo direto do infinito, como os maometanos que nunca pensam em adorar a Deus exceto se voltarem os seus rostos para o oriente.

Tem havido sempre outras pessoas que adoraram o fogo, outras que procuraram simbolizar os seus deuses em várias formas e construções, e fizeram imagens de madeira, e pedra, e ouro e prata, e se curvaram e adoraram estas, não porque fossem realmente Deus, mas porque representavam os atributos de Deus; e no momento presente, a era mais esclarecida do mundo, o homem está a curvar-se e a adorar uma igreja e um livro, sem compreender de todo o grande espírito que se supõe que estes representem. Encontramos na Igreja Cristã hoje aqueles que se chamam a si mesmos seguidores devotos do mestre; que estão muito mais inclinados a sustentar o seu sistema especial de crença do que em inculcar, de uma forma geral, os princípios que foram ensinados por ele... (texto detiorado)

Ora, rirdes-vos dos maometanos porque se prostram diante do seu sacerdote e se deixam esmagar debaixo do cavalo coberto

com um pano de ouro. Mas os nossos bons amigos católicos romanos, enquanto sorriem para eles, inclinam-se e beijam o dedo do pé de bronze de S. Pedro e acham que esse é um rito muito sagrado de facto. E enquanto estão a beijar o dedo do pé de S. Pedro, os nossos amigos evangélicos estão a comer o pão do padeiro e a beber o vinho do vendedor, pensando que não há mais absurdo num do que no outro. Para a nossa mente, tal como o vemos a partir da vida espiritual, todas estas formas não valem nada exceto como lições de objetos ou sugestões.

Quando o homem se tiver compreendido a si mesmo plenamente e souber e compreender as leis da sua própria vida e da sua própria natureza, então terá encontrado a chave que abrirá o mistério da piedade. "Há algum trabalho aqui em Boston no qual os espíritos antigos tenham um interesse especial?" Sim, sabemos de um número de fases de trabalho com as quais os espíritos antigos são creditados como sendo os únicos originadores. Não temos conhecimento de que os espíritos antigos sejam de algum modo mais úteis na realização do trabalho do que os espíritos modernos, contudo há um trabalho distinto que cada um detém.

Há no mundo espiritual um grande número de espíritos avançados que passaram pelas várias gradações da vida terrena e já não são afetados por ela. Ganharam nessa experiência muito conhecimento e sabedoria; estão à espera de uma oportunidade para expressar o que aprenderam previamente; consequentemente, olhando sobre a terra, procuraram encontrar círculos e indivíduos que fossem mais ou menos responsivos a eles, a fim de poderem expressar as verdades que aprenderam e dar ao mundo o conhecimento que ganharam. Encontraram vários centros que lhes eram responsivos desta forma. O templo espiritual de que tanto ouvistes falar está intimamente ligado a um grupo de espíritos antigos e, embora alguns de vós possam questionar para quê e como esse trabalho está a ser feito quando a menor evidência de trabalho se manifesta.

Depois, o Clube Independente, do qual sois membros e todos deveis compreender, é o trabalho direto de espíritos antigos que estão indiretamente ligados a esse mesmo grupo que tem estado e está agora interessado no trabalho do templo espiritual. Mas há muitos outros que são também atuados pelo mesmo poder. Cada médium de materialização tem um ou dois guias, como são chamados no sentido espiritual, que estão a trabalhar com eles.

Em cada vila, em cada cidade, em cada Estado e em cada país há centros que são responsivos ao trabalho espiritual e a estes espíritos antigos que estão a trabalhar para levar avante o seu trabalho. Mas o maior erro que é feito aqui; as pessoas que estão na terra eram dadas a sentir que a sua fase de trabalho é o único tipo de trabalho que tem de ser feito; são dadas a sentir que, porque pertenço a essa sociedade, ou a alguma outra, aquela a que estou ligado é a mais importante e esse trabalho é o mais valioso. Na verdade, há algumas pessoas que estão tão perdidas na sociedade a que pertencem que nem sequer sabem que há quaisquer outras exceto essa, exatamente da mesma forma que encontrais pessoas cujas próprias necessidades individuais são tão imperativas que nunca pensam que outras pessoas possam estar com fome, ou com frio, ou a sofrer por falta de alimento. Agora, quanto mais as pessoas estão perdidas no trabalho individual e nas necessidades individuais, mais longe estão do verdadeiro trabalho espiritual, pois quanto mais avançado é o espírito menor efeito o desejo individual tem sobre o espírito. Não têm interesse em edificar uma única sociedade ou uma única pessoa; a verdade é universal em si mesma, e o esforço dos espíritos avançados é o de realizar um trabalho universal de acordo com essa ideia.

Diríamos, então, que há vários ramos de trabalho nos quais os espíritos antigos estão individualmente interessados, que estão a procurar levar avante para o bem geral; mas nenhuma sociedade e nenhuma pessoa é possuidora de toda a luz que existe. "Como saberemos se uma pessoa é inspirada por este grande e nobre poder?" Esse mesmo processo, meus amigos, que me tenho

esforçado por vos impressionar tantas vezes, apenas pela qualidade do espírito que manifestam.

Se a mão é estendida com bondade, se há um acolhimento genial expressado em palavras, se há um espírito penetrante de empatia para com todos, então essa pessoa é inspirada por um propósito espiritual elevado e nobre; precisamente na medida em que as pessoas fecham a porta a qualquer outro trabalho que tenha por propósito o benefício da humanidade, precisamente até aí estão longe de realizar a plenitude do que o mundo espiritual ensinará. A nossa ideia do verdadeiro templo espiritual no sentido mais elevado, sem ter em mente qualquer local especial de reunião, seria não um cujas portas estão sempre fechadas, mas um cujas portas estão sempre abertas para que todos possam entrar; pois acreditamos que o tempo há de vir em que haverá um glorioso local de reunião para os de mente espiritual, onde, com todas as belezas da arte, e a sublimidade da música, e a grandeza de arredores agradáveis, os serviços estarão a decorrer em todas as horas do dia.

Teríamos um templo onde as pessoas entrariam por meia hora, ou apenas por alguns momentos, e se sentariam em perfeita calmaria de mente para contemplar as belezas ao seu redor, para escutar a música apenas para obter um equilíbrio espiritual, e depois sairiam para o mundo novamente para retomar o seu trabalho, sentindo que tinham posto de lado o egoísmo da vida por um momento e ganho uma força superior, melhor e mais espiritual em consequência; e essa é a forma pela qual pensamos que esse propósito será melhor servido. Da harmonia do som e da beleza dos arredores, e da graciosidade da estrutura é que esta paz e doçura de vida hão de ser ganhas.

Não só não deveis dizer aquilo que é indelicado, como deveis fechar o vosso coração a cada palavra amarga e a cada pensamento amargo, assim como vos guardais contra uma invasão do inimigo; e a paz perfeita interior induz a paz perfeita exterior. "Qual é a ocupação dos espíritos na vida superior?" A

ocupação dos espíritos na vida superior é aproximadamente a mesma que a ocupação dos espíritos naquilo a que chamais esta, a vida inferior. Na vida terrena há uma lei de atração que atrai as pessoas para uma esfera de trabalho mais ou menos adequada a elas e aos seus gostos. Contudo, ao mesmo tempo, as mãos estão muitas vezes ocupadas enquanto o coração está muito longe, porque há uma vida real e uma vida ideal. Por vezes encontramos a real e a ideal unidas, e sempre que o fazemos dizemos que esse homem é possuidor de génio; pois o ideal e o real fundidos num só produzem o que se chama génio.

Depois, novamente, encontrareis circunstâncias das mais desfavoráveis e amargas, colocando um homem numa posição enquanto a sua mente e o seu coração são alheios a todos os seus arredores; contudo, por necessidade, é forçado a cumprir qualquer alegação ou exigência que lhe seja feita. Ora, essa não seria a sua esfera de ação; é uma esfera que por um tempo ele é compelido a cumprir, mas não a esfera a que está adaptado. Na vida espiritual descobriremos que as pessoas se erguem gradualmente a uma condição em que são capazes de fazer aquilo que estavam melhor capacitadas para fazer, e talvez com a mente esclarecida seria a coisa que mais gostariam de fazer.

Por exemplo, não há uma única coisa que ocorra na vida terrena que não encontre a sua causa na vida espiritual. Todas as vossas invenções são feitas primeiro no mundo espiritual e depois refletidas sobre algum cérebro sensível aqui na terra. Encontrareis que todos os grandes inventores, como Edison e outros, recebem os seus melhores pensamentos quando todo o mundo está quieto e em paz. Perguntais-lhes como fazem estas invenções; eles dizem: "Oh, veio ter comigo num sonho; pensei sobre isso, pois foi uma impressão que me perseguiu durante dias até que a vi." É simplesmente a presença de certos espíritos que se estão a esforçar por tornar conhecido a essa mente o que eles já descobriram e inventaram por si mesmos.

Nunca encontrastes um artista que fosse capaz de vos dizer o que ia pintar. Ele está ali diante da tela silenciosa com a paleta e o pincel na mão, e não importa quais sejam os arredores ao seu redor, quer seja inverno ou verão, luz ou sombra, ali ele trabalha e mistura as cores até que, de dentro da sua conceção, vos tenha dado uma bela criação. De onde a obteve? Não da vida terrena, porque não estava aqui. A mão dura da pobreza e da necessidade empurrou muitos grandes génios para o sótão, os quais, enquanto lá estavam, pintaram e criaram uma obra tal que alegrou o coração do homem e lhe trouxe uma fortuna.

Ele recebeu-a do mundo espiritual; outros artistas além dele tinham aprendido, tinham descoberto, e impressionaram a mente dele com isso. E muitas vezes encontrareis, amigos, que aquelas pessoas que alcançam grandes resultados fazem habitualmente o seu maior trabalho quando estão fisicamente a sofrer mais. Um artista que está meio faminto, a sofrer pelas necessidades comuns da vida, pintará um quadro que em tempos posteriores nunca será capaz de igualar, porque tornou todas as coisas físicas subordinadas e, estando num estado mais negativo, torna-se então mais plenamente responsivo à influência do mundo espiritual. Ora, cada linha da vida é apenas um reflexo do universo espiritual. O arquiteto que constrói uma casa fá-lo primeiro com papel e lápis; depois os trabalhadores levam a cabo o resultado. O artista sonha o seu quadro, o poeta ouve a sua canção cantada longe do barulho da terra, e todos os grandes homens são responsivos mais ou menos ao mundo espiritual. Ora, então, vós tendes sonhos, todos vós. Há aqueles aqui diante de mim esta tarde cuja vida exteriormente é uma coisa, cuja vida ideal é outra coisa completamente diferente.

No mundo espiritual o ideal torna-se o real, e a vossa ocupação será a coisa para a qual estais melhor adaptados, na qual encontrais o maior deleite na realização. "Onde é o mundo espiritual?" O ministro revivalista diz que o céu é lá em cima hoje; amanhã está a pregar o mesmo sermão, o céu é lá; e o

mundo tem estado a girar todo o tempo. Lá em cima hoje não é lá em cima amanhã; contudo ele disse a verdade, e não o sabia. O mundo espiritual está ao redor deste mundo em que viveis; é como uma cintura; onde a atmosfera da terra termina, o mundo espiritual começa.

Da terra até ao ar mais elevado encontra-se a atmosfera que respirais e nessa atmosfera está o que se chama a esfera de transição na qual os nossos espíritos entram quando deixam a terra e pela qual todos os espíritos devem passar na sua jornada para a vida espiritual. Os católicos romanos percebem este facto, e chamam a esta esfera de transição purgatório; e sabeis que, depois de uma pessoa ter morrido, eles habitualmente se reúnem ao redor do caixão do morto, e acendem velas e colocam uma vela na sua mão para o iluminar na sua jornada através do purgatório.

Oh, se isso apenas alcançasse o propósito, que grande trabalho seria esse, mas temos visto pessoas que seria preciso uma tonelada de velas para as pôr a caminho, quanto mais para as fazer passar por uma condição desse tipo. Esta esfera de transição é um estado onde as pessoas que são inspiradas pelo amor da terra permanecem até que aspirem a algo além dela. Há milhares e milhares de espíritos que são mantidos perto da terra, que são tão materiais como se nunca tivessem passado pela mudança chamada morte.

O bêbado é o bêbado ainda, o ladrão é o ladrão ainda, o assassino é o assassino ainda, e estão a procurar organizações delicadas a que se possam ligar, de modo a repetir e voltar a repetir os crimes da terra. Quando eles tiverem vencido este desejo, então ergueram-se para a primeira esfera da vida espiritual, que é a esfera do amor. Nunca podemos amar no maior e melhor sentido enquanto estamos simplesmente a pensar em nós mesmos. Estou ciente de que há uma enorme quantidade daquilo a que se chama amor que não é mais do que amor próprio, ou outra forma de egoísmo. Encontramos isso no mundo todos os dias. Ouvireis muitas vezes homens e mulheres dizerem: eu amo

tanto aquela pessoa, mas ela não há de fazer uma certa coisa. Ora, isso não é amor por eles; é amor por vós mesmos. O verdadeiro amor, o amor desinteressado, deseja que o seu objeto seja feliz, e se eles não podem ser felizes à vossa maneira, vós de bom grado vos sacrificareis para que esse propósito seja alcançado. Nesta esfera do egoísmo não há qualquer sacrifício; as pessoas fazem com que os outros venham até elas em vez de sentirem que é maior sair e dobrar-se aos propósitos que estão ao seu redor.

Na esfera acima desta terra, a primeira esfera do desinteresse ou amor, ali os espíritos habitam no verdadeiro desfrute da sua vida espiritual e, quanto mais avançados se tornam, mais afastados estão do contacto com a terra, pois esta terra é uma cena de egoísmo, nada mais e nada menos. O meu lar, a minha vida, a minha propriedade, a minha saúde, em contraposição com a de qualquer outro; mas nessa esfera tornamo-nos felizes através da felicidade dos outros, fortes através da doação da nossa força para eles; somos beneficiados individualmente porque os beneficiamos coletivamente, e a lei do dar é a grande lei da nossa vida ali.

O mundo espiritual está aqui na terra estendendo-se muito além da conceção da mente humana; mas o céu, que é uma coisa bastante diferente, e é apenas outro nome para harmonia, em vez de estar fora e acima, é uma condição da mente humana. Aquelas pessoas que estão em paz consigo mesmas e com o mundo estão num estado celestial, e aquelas que não estão num estado infernal; e descobrireis que há poucos realmente no céu, e muitos outros que desejavam estar, mas não sabem como lá chegar. "Tendes algum propósito ou trabalho definido para o Clube Independente realizar?" Sim, temos várias fases de trabalho para o Clube Independente realizar. Achamos que já começou a realizar algum trabalho.

Desejamos tomar o estudo da ciência espiritual e da lei oculta, e estamos gratos por esta pergunta ter sido feita, porque era nossa intenção instruir o secretário da ordem para anunciar logo à noite que seria melhor dar um assunto com uma semana de

antecedência para consideração e pensamento, e dedicar uma hora da noite a falar de e considerar esse assunto, a fim de instruir e desdobrar as mentes daqueles que estão presentes e traçar uma linha distinta de pensamento; essa é uma parte do nosso trabalho.

Depois acreditamos em cultivar um sentimento bondoso para com toda a gente. Não há nem metade do afeto nem metade da bondade suficiente no mundo; as pessoas são demasiado dadas a ver sempre o lado mau e a dizer sempre coisas más, em vez de procurarem o lado bom e as coisas boas.

Esperamos que a tribuna do Clube Independente seja usada para instituir reformas em cada linha e em cada direção. Quando o assunto do sufrágio feminino surgir, que vós, como sociedade, tenhais os vossos delegados para enviar a representar-vos como acreditando e sustentando uma reforma muito necessária. Quando o assunto da temperança estiver em discussão, que vós, entre todos os outros, envieis os vossos representantes para lá, para que lhes possais dar o que pensais a respeito deste assunto; e quando a lei médica e a lei dos médicos, assim chamada, estiver diante da Assembleia Legislativa, que vós, como sociedade, envieis os vossos representantes para lá e façais a vossa voz e o vosso poder ouvidos sobre esse tema; pois os Espiritualistas, como são chamados, têm estado por demasiado tempo surdos, e mudos, e cegos para a importância do trabalho nesta direção.

Sei que dizeis que o tempo o retificará. Bem, pode ser; mas vós, pelo vosso esforço, apenas apressareis o tempo e tornareis mais fácil o trabalho do espírito. Respondo, então, à vossa pergunta isto: Temos linhas distintas de trabalho, e elas cobrem todos estes ramos de pensamento. Queremos ser capazes, dentro de um ano ou dois, de apontar para os membros do Clube Independente e encontrar cada um deles desperto e vivo para cada linha de reforma para cada ser humano que esteja a sofrer ou seja desafortunado. Esse é o nosso propósito, a nossa esperança, e será o resultado direto do nosso ensino. "Por que ouvimos tão raramente do Professor William Denton e de outros que deram

tanto das suas vidas à nossa verdade?" Deveis lembrar-vos de que todos os espíritos, quer encarnados quer desencarnados, têm uma esfera própria e que fora dessa esfera têm pouco poder e podem exercer apenas uma pequena quantidade de influência. Mentes científicas como o Professor Denton eram mentes que foram treinadas numa espécie de rotina. Tinham uma certa linha de pensamento que seguiam, mas não eram responsivas a outras linhas de pensamento.

Ao passar para o mundo espiritual o único meio que teriam de comunicar seria através do direcionamento desse poder que era seu enquanto estavam aqui na terra. O Prof. Denton, que estava profundamente interessado na geologia e nas ciências naturais, aplicou-as e à sua lei a tudo o que se apresentava. Ao entrar no mundo espiritual ele teria ainda grande prazer em verificar as opiniões, a ideia e as lições que tinha ensinado e aprendido enquanto aqui na terra.

Ele acharia, contudo, difícil manifestar o seu pensamento ou repetir o que sabia aqui, ou novamente, levar a cabo em detalhe o que tinha aprendido no mundo espiritual, visto que há tão poucos cérebros que estejam organizados ou desenvolvidos até ao ponto de serem capazes de receber quer a sua impressão quer a sua influência. Sois provavelmente conhecedores, muitos de vós que têm estado habituados à nossa linha de ensino, de que há muito insistimos que, de todas as classes de pessoas que deveriam ser educadas, os vossos médiuns são os que mais precisam disso. Um médium não educado é exatamente como um instrumento que está desafinado. Pode haver duas ou três notas afinadas, mas a maioria delas não está, e consequentemente, quando a mão de um mestre corre para cima e para baixo pelas teclas de marfim, ele não consegue em grau algum recriar ou refletir a melodia ou a harmonia que estava a surgir através da sua alma. Exatamente assim com um espírito desenvolvido, que, regressando à terra com grandes verdades para ensinar e conhecimento para transmitir, se encontra em ligação com aqueles que não são

suscetíveis ao seu controlo e que não apresentam uma capacidade para o receber.

Mas se, por outro lado, encontrardes uma pessoa que está profundamente desdobrada mentalmente, encontrareis nela um instrumento que pode ser usado pelos espíritos mais avançados.

A razão pela qual se ouve tão raramente de Theodore Parker, do Professor William Denton, de Zöllner e de muitos desses homens científicos do passado, é porque tendes tão poucos no tempo presente que sejam mediúnicos, que sejam possuidores de desenvolvimento científico. Educai profundamente os vossos médiuns tal como fazeis com os vossos médicos ou com qualquer outra pessoa, e desenvolvei os poderes de mente de que são possuidores, e então fornecereis uma via aberta através da qual aqueles que foram sábios na terra são capazes de vir, com a sabedoria acrescida do mundo espiritual.

"Por que não concordam todos os espíritos no que dizem?"

Há milhares de pessoas neste mundo que veem a mesma coisa, e contudo não há duas em cada mil que contem a mesma história. Sempre que ouvimos relatos diferentes por espíritos diferentes somos muitas vezes inclinados a dizer, ou antes a citar a história que uma vez ouvimos, dos quatro homens cegos que viram o elefante. Parece estranho que um homem cego possa ver, mas eles têm por vezes, ou pensam que têm, o poder de percecionar. Quando estes quatro homens se postaram ao lado do elefante, um estendeu a mão e sentiu algo a mexer-se. Ora, diz ele, eu sei o que é um elefante. O que é? Ora, é uma coisa fina e espalmada como uma asa, e está a mover-se para trás e para a frente o tempo todo.

Ele estava a segurar a orelha do elefante, e não conseguia ver nada, por isso pensou que aquilo era o elefante inteiro. Outro homem disse: "Estás completamente errado: o elefante é como uma montanha; ora eu posso encostar-me a ele." Ele estava encostado ao lado do animal, mas não conseguia ver a presa; não

estava a segurar nela, e pensou que tudo o que havia no elefante era apenas uma grande massa de carne.

O terceiro estava a segurar a pata do elefante, e disse: "Acho que deve ser algo com ramos estendidos." O quarto estava a segurar a cauda do elefante, e pensou que não era nem mais nem menos do que uma serpente, ou alguma pequena coisa como o ramo de uma árvore; ele não conseguia imaginar que era a massa de carne que o segundo tinha dito.

Ora, todos estes tinham razão; o único problema com eles era que expressavam apenas uma parte da verdade; não compreendiam a totalidade dela. É exatamente essa a forma de ser de muitos espíritos, que variam cada um no seu grau de compreensão, e ao contar uma parte da verdade imaginam que contaram a totalidade dela.

Ouvimos muitas vezes objeções feitas à teoria da reencarnação, e um espírito voltará e dirá: "Não sei nada sobre isso." Ora, isso não é argumento contra o assunto. Há milhares de verdades e factos no mundo sobre os quais os ignorantes não sabem nada, mas isso não os desmente; apenas anuncia o quanto algumas pessoas têm de aprender antes de serem capazes de apreender e compreender as leis fundamentais da vida.

Deveis lembrar-vos de que o mundo espiritual é exatamente como este mundo. Um homem com fortes preconceitos sai, e pelo tempo presente tenta fazer servir tudo o que diz às suas ideias e pensamentos particulares. À medida que se desenvolve, vê mais. Um homem vinculado a qualquer igreja olharia a partir dessa realização teológica; um homem que seja inteiramente independente de tudo desse género não encontraria nada desse tipo para satisfazer o seu anseio. Uma mente científica encontra uma maior oportunidade de aprender mais; e assim por diante. Assim, no que respeita ao mundo espiritual, encontrais todos esses graus de opinião.

Há condições mais elevadas de pensamento a que me poderia referir que estão inteiramente acima do mundo espiritual, exatamente como o mundo espiritual está acima do mundo terreno. Nessa esfera mais elevada, todos os espíritos concordam, porque ali podem ver a totalidade de cada assunto em discussão; mas os vossos espíritos regressados apenas ganham uma visão parcial do que veem, e quando eles vos dizem que não sabem nada sobre um assunto, não imagineis que se segue necessariamente que é porque não há assunto para compreender; dai-lhes o benefício da dúvida, de que embora possam não conhecer o assunto, a culpa é talvez deles; e até que estejam profundamente avançados além do preconceito, nunca espereis uma opinião perfeita quer de um mortal quer de um espírito.

«Qual a diferença entre um espírito e um anjo?» Ora, a diferença é marcante. Ouvimos muitas vezes dizer que as mulheres são anjos e, como é evidente, poderíamos ter uma opinião a esse respeito. Pois bem, no que toca aos espíritos, eles são homens e mulheres reais que acabaram de passar desta vida para o que se chama o mundo espiritual; não estão melhores, nem piores, nem mais sábios do que eram antes. Retomaram o elo quebrado da vida exatamente como o deixaram aqui; mas, depois de passarem por muitas experiências, desabrocham gradualmente; tornam-se mais sábios nas suas conclusões, mais justos no seu julgamento, mais simpáticos, mais afetuosos e, em todos os sentidos, mais completos e aperfeiçoados.

Quando atingem o ponto em que o preconceito, o egoísmo e a animosidade já não desempenham papel algum neles, então passaram pelo estado de transição que conduz de um espírito a um anjo. Um espírito pode ser vingativo, um espírito pode regressar para criar intrigas, um espírito pode inspirar o mal; um anjo nunca o pode fazer. Um espírito carrega a mácula da terra; o anjo é aquele que passou por tudo isso e o deixou inteiramente para trás.

Diria, portanto, que uma e talvez a mais marcada diferença entre um anjo e um espírito é esta: um espírito pode ser inspirado

pelo ciúme e pelo egoísmo, um anjo nunca. Um pode considerar inteiramente o seu próprio bem-estar particular; o outro encontra o seu bem-estar servindo aqueles que não são tão afortunados como ele.

«Ganha-se ajuda através de um médium em desenvolvimento?» Com certeza. Se desejais que o vosso filho aprenda algo, quer seja música, arte ou qualquer outra coisa, colocaríeis essa criança sob a alçada de algum professor sábio, e a criança adquiriria conhecimento a partir dele. O professor não tem o poder de criar conhecimento de todo; nenhuma quantidade de instrução poderia fazer tal coisa. Tudo o que o professor pode fazer é trazer para a expressão externa aquilo que já existe na mente da criança.

Quando ides a um médium em desenvolvimento, colocais-vos em estreita relação com um forte grupo de espíritos que teriam o poder de transmitir a sua influência a outras pessoas, o que atuaria exatamente sobre as possibilidades mediúnicas como o sol atua sobre uma semente colocada no solo. Procura desabrochar, desenvolver e fortalecer. Tendes aqui hoje várias pessoas que possuem um forte poder magnético. Podemos ver os que estão presentes que teriam grande poder no que diz respeito a cuidar dos doentes.

Onde quer que encontreis um magnetismo que ajude os doentes, aí também encontrareis um poder que pode ser utilizado igualmente em formas de desenvolvimento; pois o magnetismo humano é apenas um forte poder que, quando estendido, servirá para fortalecer e ajudar aqueles que procuram auxílio espiritual e desabrochamento espiritual.

«As crianças (bebés) veem ou sentem formas quando se diz: ‘O bebé está a sorrir para os anjos’?» Com certeza; as crianças muito novas possuem poderes percetivos muitas vezes mais fortes do que aqueles que estão ao vosso redor. Sabeis que os escoceses têm a teoria de que, sempre que uma criança sorri a dormir, um

anjo lhe está a sussurrar; e certamente seria impossível conceber um pensamento mais belo do que o sorriso de uma criança no sono ser provocado pela extrema proximidade de um espírito belo e desabrochado.

Dizem-nos, sim, nós sabemos, que as crianças muito novas têm conhecimento da presença de espíritos e que veem muito mais do que pensais que veem. Vimos, na nossa experiência, uma série de crianças pequenas que eram capazes de se sentar no chão e brincar durante horas, insistindo que estavam a brincar com outra criança, e a falar como se estivessem a falar com outra criança, o que para elas é uma realidade, e não temos dúvidas de que percebem uma presença espiritual.

«Acha que pessoas desagradáveis impediriam os espíritos de vir ter com aqueles que os amam?» Com certeza; pessoas desagradáveis podem fazer quase tudo; é por isso que há tanta maldade no mundo no presente momento. Garanto-vos que se colocardes uma pessoa de má índole num bairro, ela fará mais mal num mês ao bem-estar desse bairro do que a doença mais contagiosa possivelmente faria. Se não acreditais, experimentai por um curto período de tempo e sereis capazes de o provar por vós mesmos.

Pega-se numa sociedade e coloca-se uma ou duas pessoas de má índole no meio dela, e encontrareis discórdia, problemas e aborrecimentos por todos os lados. Isto acontece porque essas pessoas que são desagradáveis, o que significa serem de má índole, estão tão subdesenvolvidas que o seu magnetismo é muito mais desagradável e extenso do que o daquelas que estão mais desabrochadas. Quanto mais baixa for a pessoa, mais grosseiro e mais forte é o seu magnetismo e, consequentemente, maior é o poder de fazer o mal.

Quanto mais desenvolvida for a pessoa, mais fina, mais espiritual é a condição ou influência que a rodeia. Ora bem, uma pessoa com um poder maligno pode ser capaz de construir uma

muralha à vossa volta que, de momento, impedirá a presença dos vossos amigos espirituais. Lembrar-vos-eis de que, novamente, os escoceses têm uma teoria sobre o «mau-olhado», e insistem que há algumas pessoas que estão marcadas com este poder do mal.

Estou inteiramente disposto a aceitar essa teoria pois, após uma experiência de muitos anos a controlar este e outros médiuns, comecei a pensar que há algumas pessoas que, de momento, tiram mais prazer em causar a infelicidade alheia do que vós e eu podemos possivelmente compreender. Sei que as pessoas às vezes vêm ter comigo e dizem: «Como é possível trazer todo o tipo de maldades a essa pessoa; eu não gostaria de nada tanto como tirar-lhes o orgulho e humilhá-las no pó.» É de facto um belo espírito, encontrar aqueles que estão a todo o tempo a planear coisas desse tipo.

Onde quer que encontreis animosidade de qualquer tipo, aí encontrareis um espírito subdesenvolvido cujas condições magnéticas são negras, perversas e horripilantes. Ora bem, essa pessoa pode, se quiser, construir uma barreira entre vós e todo o bom pensamento, ou estragar uma tarde agradável onde quer que estejais por coisas que possa fazer e dizer, ruinar a vossa família, se fordes tão desafortunados ao ponto de a acolherdes, e destruir a vossa inteira paz de espírito.

Quantos de vós não dirão: «Oh, eu teria tido um momento deleitável, mas fulano e ciclano estavam sentados apenas três lugares à minha frente e estragaram todo o prazer da tarde, não pelo que disseram, mas pela vileza que emitiram de si.» E afirmo isto com firmeza, porque é algo muito necessário que compreendais. Eles têm um ditado na terra que diz que «cada qual com o seu igual», com o qual concordo, mas oponho-me a que aves de uma plumagem se misturem com aves de outra plumagem; é aí que surge o problema.

Deixai aqueles que estão no degrau de baixo ficar lá até que desejem subir acima dele, e não façais com que eles, ao falharem

dar o passo acima, tentem arrastar todos os que estão nesse degrau para o deles. É aí que reside a intriga. Acreditamos em ajudar todos aqueles que aspiram, passo a passo, pelo caminho do progresso; mas não acreditamos em permitir que aqueles que estão no degrau inferior exerçam uma influência do mal sobre os outros. Portanto, insistimos que a lei da seleção é a lei que deve governar todas as relações harmoniosas na terra e, a menos que isso esteja em operação, nenhuma paz e nenhuma satisfação podem possivelmente resultar.

«Por que razão o Ed. Wheeler insiste que a reencarnação é um mito, particularmente se as reencarnações de homens subdesenvolvidos são frequentes a partir das esferas inferiores, e não do mundo da alma? Pareceria que este assunto estava aberto à observação e estudo por parte de espíritos inteligentes.»

Bem, meus caros amigos, o Sr. Ed. Wheeler era um homem decididamente irredutível nas suas opiniões e, com todo o devido respeito por ele, porque está aqui ao meu lado agora, era um homem determinado a que a reencarnação não devia ser uma verdade quando estava aqui. Não se encaixava no seu sistema de filosofia; e ele fechou os olhos a tudo, exceto ao outro lado do argumento, exatamente da mesma forma que muitos dos nossos bons amigos fizeram aqui, vezes sem conta.

Mais tarde ele aprenderá a lição, pois ainda não a conquistou, e não a aceita de bom grado, estando determinado a não a aprender; é tudo. Achais isto extraordinário? Oh, não. Se conhecêsseis o nosso bom amigo, o Sr. Wheeler, conheceríeis um homem em quem os altos e os baixos estavam mais fortemente marcados do que em qualquer outra pessoa que tenhamos visto. Os seus preconceitos, tal como a bondade do seu coração, eram pronunciadíssimos; não o conseguiríeis influenciar nem um pouco.

Eu poderia falar com ele para sempre; não faria diferença nenhuma. Ele poderia ir onde a operação estivesse a ser feita; não

acreditaria. Assim, ele terá de esperar um pouco e, após um curto período de tempo (cerca de dez mil anos), será capaz de compreender esta coisa; mas não antes disso; e se estiverdes aqui, meus amigos, ele provavelmente voltará para vos contar, mas talvez já tenhais resolvido essa questão por vós mesmos antes que esse momento chegue.

«Se duas pessoas estiverem a trabalhar na mesma sala ao mesmo tempo, pode uma retirar força da outra?» «Se duas pessoas estiverem a trabalhar na mesma sala, pode uma afetar a outra inconscientemente, de modo a que uma ganhe com a associação e a outra perca?»

Sim; essa pergunta é facilmente respondida. Diria que onde duas pessoas estão juntas na mesma sala, primeiro, uma pode conscientemente ajudar a outra e a outra pode conscientemente ser ajudada, pela lei da transmissão. Transmite-se magnetismo de uma para a outra neste caso através do vosso desejo de auxiliar a outra. Há um forte poder que vai de uma influência para a outra, que é tanto manifesto como realizado.

Por outro lado, é uma lei estranha, e ainda assim facilmente compreendida, que o mais forte sempre tira do mais fraco. A Bíblia tem uma declaração peculiar desse género; diz que àqueles que têm ser-lhes-á dado, e àqueles que não têm ser-lhes-á tirado, embora a forma como se vai tirar algo a uma pessoa quando ela não o tem seja um mistério que supomos necessitar de óculos ortodoxos para se ver. Mas a teoria aqui ensinada é clara.

Aqueles que têm, possuem um íman para atrair a si ainda mais, e aqueles que não têm muito não têm o poder de reter aquilo que têm. Não podeis encontrar isto mais fortemente ilustrado do que ao pegar numa pessoa avançada em idade e fazê-la ocupar a mesma cama com uma criança jovem; descobre-se que a pessoa mais velha se torna forte, enquanto a criança logo se torna fraca, mostrando que houve uma perda magnética por parte da criança e um ganho magnético por parte da pessoa, tudo inconscientemente,

pode ser, para ambas. É por isso que somos inclinados a dizer que há demasiada associação entre os indivíduos.

Cada pessoa neste mundo deveria ter um lugar que é distintamente o seu. Este entrelaçamento e associação com as pessoas, não importa o quão amigáveis sejais, é a pior coisa para vós moral, física e espiritualmente que podeis possivelmente conceber. Deveríeis ter a vossa própria esfera, deveríeis ter o vosso próprio tempo para o pensamento e consideração: deveria haver o vosso quarto, deveria haver o quarto do vosso amigo.

Deveria haver um momento em que pudésseis afastar-vos de todos e sentar-vos para obter um equilíbrio espiritual. No presente momento, as pessoas misturam-se da forma mais extraordinária; aqueles que se encontram, por cortesia, deitam os braços ao pescoço uns dos outros e dizem o quão felizes estão por se verem, quando, se tivessem um punhal nas mãos, prefeririam usá-lo a dar o beijo que transmitiram tão gentilmente.

Isso está tudo errado; não tendes o direito de apertar a mão de uma pessoa ou beijar uma pessoa com a qual não estais plenamente em harmonia. Percebemos mais engano por parte de algumas pessoas que se dizem educadas do que em qualquer outro ramo da vida. Nunca é educado mentir, para usar uma afirmação muito clara. Se não vos importais com uma pessoa, deveria ser tão educado dizerdes que não se importam, como é dizerdes que gostam da pessoa, quando tendes igual razão para uma coisa como para a outra. Se apertais a mão às pessoas que odeias e as beijais, o que tendes mais para dar àquelas que amais? Absolutamente nada; e não tendes tanto, pois no apertar de mão com um inimigo ficastes com algo sobre vós que, quando ides ter com o vosso amigo, deixais ficar, e isso não é de modo algum uma bênção para o vosso amigo.

Quantas vezes saístes, por exemplo, e encontrastes uma pessoa de quem não gostáveis e ficastes irritados, e fostes ver um amigo, e o amigo dizia: «Ora, o que se passa contigo hoje; não

pareces tu mesmo.» Trouxestes realmente um reflexo do vosso inimigo para a presença do vosso amigo. Mas dizeis-me: «Não quereria que eu fosse rude.» Oh, não, não quereria que fôsseis rude. «Não quereria que eu fosse indelicado.» Não, não quereria que fôsseis indelicado, mas quereria que fôsseis modestos, há uma grande diferença entre os dois.

Se tendes uma boa razão para não quererdes associar-vos com uma pessoa, não há lei no céu ou na terra que vos deva obrigar a fazê-lo. Se há uma razão pela qual o deveis fazer, não há razão que vos deva impedir de a dizer, e o privilégio de uma escolha deveria ser o mesmo num sentido como no outro. O que é mais desagradável do que ter uma pessoa a aproximar-se e a dizer: «Como está? E como se sente? E estou tão feliz por vê-lo», quando sabeis que cada palavra que dizem é falsa do princípio ao fim, e que não é amor, porque para ganharem algo com outra pessoa eles são educados convosco? Agora, honestidade primeiro e cortesia depois; estas são as nossas palavras e acreditamos que então toda a influência exercida será toda para o bem de todos os lados.

«Between the Gates», o livro da Miss Phelps, nele ela fala de um espírito, um médico, que tinha feito muito bem no mundo e que sofre uma morte súbita, não conseguindo alcançar a sua esposa. Ele é capaz, após um curto período de tempo, de ir ao hospital e a diferentes pacientes, mas quando chega a uma certa distância, é parado. Ora, pode explicar-me isso? Está correto ou é uma ideia falsa?

Está correto; onde quer que haja uma morte súbita, há uma incompletude na vida da pessoa, e ela será retida por um longo tempo nas condições físicas da sua vida física. Um médico (o referido) poderia ser capaz de visitar o hospital ou ir entre os seus pacientes, porque eles constituíam o seu interesse terreno; e tendo o fio da vida sido cortado tão subitamente, ele não foi capaz de desenvolver nesse tempo o poder espiritual que é também necessário.

É uma lei do mundo espiritual que a vossa vida na terra deve ser concluída e arrematada antes que sejais capazes de entrar no desfrute dos prazeres do espírito; não para punição, mas antes para experiência e educação. Assim, um homem que passe subitamente desta vida seria por um tempo retido perto da terra e, depois, com o tempo, superaria e conquistaria gradualmente a influência das condições terrenas e elevar-se-ia para a vida espiritual. Temos visto muitos espíritos que partiram com opiniões fortes que não avançaram um passo no mundo espiritual em mil anos. Se pudésseis descer até à Park Street (não quero dizer entrar, mas andar ao redor da igreja, por exemplo), veríeis milhares de espíritos que não sabem mais nada a não ser a igreja da Park Street.

Quando estavam na terra iam lá; tinham a ideia de que no céu havia um canto especial onde o sol brilhava para sempre, preparado para os membros dessa igreja; e agora que passaram pela mudança chamada morte, não conseguem libertar-se dessa opinião; estão indispostos a ver qualquer outra coisa, indispostos a pensar qualquer outra coisa, e ali estão retidos.

Exatamente da mesma forma (apenas com uma ideia diferente), o espírito referido, sendo um médico (provavelmente sendo um médico muito fervoroso), ficou preso à sua busca e à sua vocação; e até que o elemento da empatia e o desejo de fazer destes um meio para atingir um fim sejam desenvolvidos, ele não seria capaz de se elevar nem mesmo ao estado espiritual daqueles que tinham partido antes dele e que não estavam retidos pelo mesmo desejo e pelos mesmos propósitos.

O valor do Espiritualismo está aqui; mostra ao mundo que há outro lado da vida; mostra a cada homem e mulher que o compreende que o lado material das coisas é apenas secundário em comparação com o lado espiritual das coisas, e mostra que todas as experiências terrenas não são em si e por si mesmas conclusivas, mas são mãos que apontam para um pensamento melhor e mais nobre além delas.

O homem que passa para o mundo espiritual sem qualquer conhecimento de outra vida é como um homem que nunca leu sobre um país estrangeiro, que não sabe nada a não ser a sua própria casa e a sua própria vida, e nada fora dela. Há milhares no mundo semelhantes a ele hoje em dia, que estão a viver na sua pequena cidade ou pequena comunidade e imaginam que são o mundo e todo o mundo que existe.

Mas outro, lendo sobre a história do mundo, compreendendo a Europa, a Ásia, a África e todos os outros países da terra, ora, quando vai para esses países, vai para lá com sabedoria, com entendimento, sabendo o que há de esperar; assim, quando um homem passa para o mundo espiritual tendo recebido o poder que dele pode vir, tendo lido sobre ele, tendo-o estudado, tendo sido frequentemente trazido em ligação com ele, não é um estranho numa terra estranha; os seus olhos estão abertos e os seus ouvidos bebem a música gloriosa que está em todo o lado ao seu redor, e a sua alma torna-se elevada e inspirada por visões mais grandiosas e nobres da vida e das suas possibilidades que são reveladas diante dele.

Jesus compreendeu isto quando disse: «Buscai primeiro o reino dos céus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.» Por isso sustento que, ao buscar o reino do espírito, abristes dentro de vós mesmos uma via e uma capacidade de desfrute que a mera posse da terra e das coisas terrenas não tem o poder de dar.

«A argumentação ou discussão ajuda o desabrochamento mental?» Com certeza que não, conforme essas palavras são usualmente entendidas. No momento em que uma pessoa começa a argumentar com outra, lembra-me sempre um combate de boxe, onde o mais forte, aquele com os pulmões mais fortes, a voz mais alta e a maior persistência, imagina que realmente venceu a batalha. Encontrareis sempre em pessoas de opiniões diferentes que elas consideram, seja qual for, que estão exatamente certas, consequentemente aqueles que delas diferem estariam errados.

O esforço de cada uma é, então, convencer a outra de que está certa e de que o oponente está na escuridão. Ouvimos muitas vezes pessoas de diferentes ideias políticas falar, falar e falar novamente e, quando terminaram, cada uma acreditava que a outra era um tolo ainda maior do que no início. Ouvimos pessoas falar sobre religião e, em nove em cada dez casos, terminam mais firmemente enraizadas nas mesmas opiniões em que começaram; e toda a argumentação e toda a discussão deste caráter apenas servem para irritar, perturbar, distrair, mas não desabrocham nem desenvolvem a mente em sentido algum.

A mente é mais desabrochada pelo pensamento cuidadoso, pela comparação, pelo desejo fervoroso de saber, do que por ser combatente em relação a um oponente ou a uma pessoa que simplesmente difere de vós na sua compreensão da mesma coisa. Diríamos que, em vez de argumentar com uma pessoa, a melhor forma seria apresentar as vossas ideias e deixá-las ficar. Se um homem à minha frente for católico romano, nunca me acreditará no que digo enquanto espírito, porque sou eu que o digo; portanto seria melhor que eu fizesse uma declaração clara da minha posição e da minha compreensão das leis da vida e deixasse essa declaração com ele para pensar sozinho, do que ficar a clamar contra a sua crença num vão esforço de construir a minha. O seu espírito ou mente, qualquer que seja o termo que vos pareça melhor usar, crescerá no silêncio e sozinho.

Quando livre da irritação que a minha presença e as minhas palavras poderiam suscitar nele, livre para considerar cuidadosamente o que eu possa dizer sem o meu olho vigilante a repousar sobre ele, então, a partir da lógica do seu próprio cérebro, se tiver algum, ele verá os pontos que foram focados e o maior valor de um sobre o outro. Mas isto não é argumentação; é apenas a apresentação, num espírito de bondade, da vossa ideia, permitindo que o indivíduo argumente por si mesmo comparando os vossos pensamentos com os dele.

É um erro por parte de muitos dos que se chamam reformadores no domínio do pensamento independente no presente momento estarem para sempre a atacar aqueles que não acreditam como eles acreditam. O professor espiritualista é bastante apto a atacar a igreja cristã e a declarar, porque é a igreja, que tudo está errado e, porque ele representa o Espiritualismo, que ele é o Alfa e o Ómega da verdade; e os espiritualistas, falhando nesta mesma linha de pensamento, são tão opostos a qualquer coisa na igreja que rejeitam in toto todos os ensinamentos e os pensamentos que a igreja possa transmitir.

Ora bem, consideraria que este sectarismo no Espiritualismo é exatamente tão repreensível quanto o é por parte da própria igreja cristã. Lamentaria dizer que o fanatismo não se encontra apenas fora das fileiras daqueles que afirmam ser os pensadores de mente mais liberal do mundo. Uma pessoa verdadeiramente de mente liberal seria capaz de encontrar algum bem em cada pensamento, não importa por quem ou onde expressado. A igreja cristã tem como pedra angular o elemento que beneficiará a humanidade, quando correta e claramente compreendido.

A Bíblia dos cristãos, ou a Bíblia do mundo, tem, quando lida com o olho do espírito e a compreensão de todas estas revelações que marcam o dia presente, um lado muito belo que aqueles que a interpretam apenas no sentido literal nunca poderiam ver ou compreender. Ora bem, a nossa ideia seria a de que o pensador mais reformado e avançado olharia para todos os diferentes ramos do pensamento, quer sejam cristãos ou não, e colheria de cada um deles o que de melhor têm; e quer seja o católico romano que mantém todos sob o medo deste poder sacerdotal que os conduz através da sua ignorância, muitas vezes pelo caminho certo, encontraremos o bem ali.

A poesia e a arte da Igreja Católica Romana valem bem a pena ser embutidas em cada estrutura religiosa por todo o país. Apelam à grandeza dentro da alma. Caminhai por qualquer uma das suas catedrais e, certamente, se a pedra e a argamassa

pudessem alguma vez realizar a sublimidade de Deus, elas manifestaram-se nestas estruturas erguidas em seu nome. Escutai a música sublime que ecoa de umas para as outras e se perde entre os arcos distantes; e certamente haveria religião suficiente nessas criações sublimes para despertar as possibilidades adormecidas dos mais tímidos e solitários que ali possam prestar culto.

Portanto, há algo na religião católica. Ide, se quiserdes, às religiões ortodoxas que agora marcam a era presente; os batistas, os congregacionalistas e os metodistas, todos estes que se esforçam por ser tão rígidos, e encontrareis muito a depreciar, admito, pouco a admirar, devo também admitir; contudo, no próprio sistema que marca a organização da igreja cristã hoje, o reformador mais liberal no Espiritualismo poderia aprender uma lição valiosa e importante. Ao rejeitar a igreja, rejeitastes tudo o que invoca os elementos mais elevados da mente humana.

Acredito nos batistas, nos metodistas e nos congregacionalistas, não por estarem nessas diferentes denominações, mas pelo próprio facto de valorizarem a sua própria condição futura o suficiente para se unirem e trabalharem por ela, não importa o quão cegos possam ser no seu trabalho, o que mostra que ali está o poder que, sob diferentes condições, pode ser desenvolvido e desabrochar de uma forma melhor. E o chamado reformador, o livre-pensador e cristão liberal, espiritualista, ou qualquer palavra que useis para significar uma mente maior, em vez de rejeitar e ignorar tudo o que é bom aqui, deveria tentar incorporá-los no seu próprio sistema de pensamento e depois ampliá-lo o mais possível. Não; a argumentação e a discussão não são o caminho pelo qual podeis alcançar o desenvolvimento mental, mas uma consideração cuidadosa de todas as alegações sobre todos os assuntos, pesadas na balança da legalidade e da justiça, servirá para desenvolver e fazer desabrochar o vosso espírito mais do que todos os argumentos do mundo.

«Que resposta dá a uma primeira crítica?» Isso depende, meu amigo, grandemente do crítico. Sempre que vemos uma crítica adversa, olhamos sempre atentamente para o homem que a faz. Se ele sabe menos do que nós, não lhe prestamos atenção; se sabe mais do que nós, aproveitamos o valor do seu conselho e tentamos fazer com que nos melhore o mais possível. A pergunta, contudo, que leus não nos informa o que o autor tem realmente em mente.

Aparecem nestas sessões vários espíritos que envolvem o seu pensamento através da nossa instrumentalidade; um foi o Doutor Newman, outra foi a Sra. Dyer; e certas pessoas pensaram que, pelo facto de estas pessoas não transmitirem as ideias que elas imaginavam que transmitiriam, não eram necessariamente as pessoas que assumiam ser, pois deveis estar bem cientes de que há fora deste lugar um grande número de indivíduos que estão sumamente interessados, não no vosso sucesso, mas no vosso fracasso como clube, como círculo, como organização. São gentis ao ponto de vigiarem todos os erros que cometemos, ou que pensam que cometemos; e isto emana de um desses indivíduos, e portanto a eles dirijo a minha resposta.

No que diz respeito às comunicações em si, a Sra. Dyer não se referiu a uma comunicação anterior dada através de outro médium, mas às suas próprias experiências terrenas e à sua opinião a respeito delas, e não ao que foi escrito através da instrumentalidade de outra pessoa. No que diz respeito ao Dr. Newman, ele comunicou exatamente como se sentia na altura. Ele tinha na vida terrena certas ideias a respeito de uma pessoa que outrora fora um velho amigo.

Quando chegou à vida espiritual, toda essa objeção foi inteiramente varrida, e ele ficou imediatamente feliz por reencontrar o seu velho amigo e deixar o passado morto enterrar os seus mortos. Alguém disse que o nosso médium, estando familiarizado com uma destas pessoas, poderia naturalmente ter uma influência sobre o que ele disse. Diria que isso era possível.

Certamente nós, enquanto espíritos, conhecemos o Doutor Newman há muito tempo.

Ele era membro da Associação da Cruz Branca, à qual o nosso médium, em comum com alguns outros que estão presentes, pertence, e esteve associado connosco por um espaço de não menos de quinze ou vinte anos, e se ele pudesse comunicar o seu pensamento a alguém, diríamos que seria através de alguém que ele conheceu e em quem confiou como amigo e irmão durante todos esses anos. Agora, ao nosso gentil crítico, diria que aceitamos a vossa crítica adversa, mas como não sabíeis o que estáveis a criticar, esforçamo-nos por vos informar, para que no futuro sejais capazes de pensar antes de falar e então talvez sejais ouvidos com menos frequência do que no passado.

«Quantas esferas existem no mundo espiritual?» Tem sido defendido por alguns que tentaram descrever o mundo espiritual que haveria talvez oito esferas diferentes, alguns defendendo novamente que haveria seis, outros que haveria sete e que haveria oito. Como questão de facto, seria impossível decidir quantas esferas existiam! Mas defenderíamos que cada esfera representava uma classificação de espíritos.

Certos espíritos com uma certa linha de desenvolvimento ocupariam uma esfera, assim chamada, no mundo espiritual; outra classe de espíritos desenvolvida até um certo grau ocuparia outra e, para o observador superficial, cada um destes departamentos pareceria ser uma esfera. Tendes aqui na vida terrena algo que corresponde em parte a isso.

Vais à Inglaterra, por exemplo, e a quaisquer outros países europeus, e descobrireis que eles têm três classes: a classe alta, a classe média e a classe baixa. Vais entre os povos orientais e descobrireis que eles têm o que ali chamam de casta, que marca um certo número de pessoas que não podem fazer certas coisas. Algumas delas não podem atravessar a água, porque se o fizessem perderiam a sua casta.

Algumas delas não podem comer carne em certos dias, não podem falar com uma classe de pessoas, porque perderiam a sua casta se o fizessem. Ora bem, tudo isto marca na terra uma esfera diferente ou uma classe diferente de pessoas. No mundo espiritual, as divisões e subdivisões do que chamais esferas são correlativas ou correspondentes ao que encontrais aqui na terra; homens de um desenvolvimento muito artístico têm a esfera da arte; homens de um desenvolvimento ou desabrochamento puramente literário misturar-se-iam em buscas desse tipo; enquanto aqueles que ainda estão interessados nos assuntos da vida seguiriam o seu caminho, governados e influenciados pelos mesmos métodos, pelos mesmos pensamentos, pelos mesmos poderes que os afetariam enquanto estivessem aqui na terra. Portanto, seria impossível para nós dizer quantas esferas existiam, porque há tantas esferas quantas as classificações, e tantas classificações quantos os diferentes graus de pensamento e pessoas para se moverem nelas e para as expressarem.

«Descreva a primeira esfera.» A primeira esfera do mundo espiritual tem sido entendida por alguns como estando afastada da terra, mas na verdade deveria ser corretamente chamada a esfera de transição. Assim como a noite é o oposto do dia, também esta primeira esfera, assim chamada, esta esfera de transição, é o oposto da vida terrena, na medida em que, em vez de estar dentro da vida, está apenas um grau afastada dela. Rodeia a terra e é uma parte da terra.

Ora bem, tudo o que tendes aqui na terra encontra uma existência e um lugar nesta esfera de transição. Muitos espíritos ao entrarem nela pensariam que ainda estavam vivos na terra, porque encontrariam claramente representado tudo aquilo em que estavam interessados enquanto aqui estavam. Todos os espíritos que passam pela mudança chamada morte e deixam o corpo são forçados a passar por esta esfera de transição na sua jornada ascendente em direção às esferas mais elevadas e mais avançadas da vida espiritual. Aqueles que estão desenvolvidos e

espiritualmente desabrochados passam tão rapidamente que mal disso se apercebem, enquanto aqueles que não estão, aqueles que estão cheios de egoísmo e desejos pessoais e animosidades, são retidos ali por um longo tempo.

O católico romano tem alguma ideia disto, porque quando a morte chega ele pega e coloca velas acesas na mão daquele que acabou de morrer para o iluminar no seu caminho através do purgatório, e o purgatório para o católico é exatamente o que a esfera de transição é para o Espiritualista. É de esperar que uma vela consiga iluminar esta alma na sua jornada, mas vimos pessoas que seria preciso uma caixa de velas para sequer começar, quanto mais para as fazer atravessar esta condição que rodeia a terra.

Elas não conseguem alcançar os resultados da sua vida assim tão facilmente quanto isso, mas a mera forma exterior é feita para corresponder a algo e as pessoas realmente sentem que fizeram algo por uma pobre alma ao acender uma vela, ao dizer missa e ao oferecer uma oração pelo descanso do seu espírito. Depois, novamente, descobrireis que muitos dos nossos amigos que são professores religiosos estão de algum modo preocupados quanto ao que existe diretamente após a morte. Alguns deles defendem que o corpo dorme na terra por um longo tempo até que Gabriel soe a sua trombeta e acorde aqueles que estão a dormir sob a relva. Seria uma pena depois de algumas pessoas estarem a dormir que não pudessem ser deixadas por um longo, longo tempo. (Risos.) Mas foi arranjado de tal modo que, ao som da trombeta de Gabriel, todos acordem e, de acordo com os ensinamentos de São John Miller, por exemplo, assumirão os seus corpos físicos novamente e na sua vida imortal pareceriam precisamente como pareciam na sua vida terrena.

Teriam a mesma expressão facial; seriam de carne e osso; mover-se-iam, comeriam, beberiam e seriam alegres, exatamente como se nunca tivessem morrido. Mas esta teoria da ressurreição física é uma que não se pode recomendar a nenhuma pessoa de

dotes científicos, pois o corpo muda uma vez em cada sete anos e, se viverdes até aos 49 anos, tereis sete corpos em vez de um e, consequentemente, seria uma matéria de grande dúvida saber o quão grande poderíeis ser no dia da ressurreição.

Mas para ultrapassar esta objeção, defendem que é o último corpo que tivestes que vestireis através dos anos eternos. Isso seria uma coisa muito inconveniente, porque se todas as pessoas morressem com saúde e força, então poderiam saudar o dia da ressurreição; mas como muitas pessoas perdem a vida e muitas partes do seu corpo muito antes de morrerem, certamente se tivessem de passar a eternidade com apenas uma perna, ou um braço, certamente seria muito inconveniente para elas. Ora, durante a guerra houve milhares de pobres criaturas despedaçadas. Certamente, se a trombeta de Gabriel soasse, o pandemónio seria a perfeição da ordem comparado com aquele estado que a terra apresentaria nessa altura. Na sepultura de Roger Williams uma macieira floresceu e tem dado flor em cada primavera. Ora, de cada vez que uma pessoa comeu uma maçã dessa árvore, comeu uma parte do corpo de Roger Williams. Pergunto-me que tipo de corpo Roger Williams terá quando o dia da ressurreição chegar!

Alguns defendem que além das estrelas e além da lua e além do sol se encontra a grande condição de paz e descanso eternos, que quando o corpo segue o seu caminho até à terra para passar pelas muitas transformações químicas que hão de construir a vida natural, o espírito alça o seu voo para longe, para os reinos do invisível, acima do ruído e da confusão da terra, acima de todos os arredores da vida humana e está ali em paz, sentindo uma sensação de alegria eterna.

Ora, nós não temos de lidar com estas teorias; temos apenas de apresentar o facto de que a primeira esfera do mundo espiritual está mesmo ao redor da terra em que viveis. De facto, Jesus ensinou a mesma coisa, pois disse àqueles homens na cruz de cada lado dele: «Digo-te hoje, estarás comigo no Paraíso.»

Depois, após ter regressado, disse: «Não me toques, pois ainda não ascendi», e, ao ser questionado sobre o que tinha estado a fazer, respondeu que tinha estado a pregar aos espíritos na prisão. Ora, todas as pessoas na esfera de transição são espíritos na prisão; estão ali retidas porque os seus hábitos, o seu egoísmo e os seus desejos são todos eles desabrochamentos que fazem delas escravos e prisioneiros. Jesus disse a esses dois ladrões: «Hoje encontrar-vos-ei na esfera de transição», porque, quando regressou, disse que tinha estado a pregar aos espíritos que estavam na prisão. Todos estes são espíritos na prisão, cada um deles; o bêbado que vai cambaleando pela rua, vítima do grande desejo pela bebida, é escravo mil vezes mais do que alguma vez foram os escravos do Sul, pois a deles era apenas a escravidão exterior, enquanto a dele é esse poder invisível que prende e acorrenta não apenas o corpo, mas também a mente e o espírito.

O homem que não consegue olhar para a propriedade de outro sem invejar a pessoa pela sua posse e fazer tudo ao seu alcance para a obter para si mesmo é uma pessoa que está na prisão, e que é mantida sob a regra e o calcanhar do tirano cujo poder de momento é terrível. A pessoa que nunca consegue ver outra de posse de seja o que for sem a invejar e desejar tê-lo para si mesma, que faria tudo ao seu alcance para ruinar o caráter de outra, ou para atacar outra ou para trabalhar de forma vingativa contra outra, é uma pessoa que está na escravidão, e quando entra no mundo espiritual ali deve permanecer até ter aprendido que ela própria é a única responsável pela vida que leva, e que não é o uso que possa fazer das suas posses, é o que faz com o seu próprio ser que é a coisa importante. Lembrar-vos-eis da história do jovem como se lê na Bíblia, que tinha feito todas as coisas exceto uma e pensava que devia ter grandes emolumentos por causa disso; e agora estava diante do mestre, e o mestre disse-lhe: «Vai e vende aquilo que tens e dá aos pobres»; e ele foi-se embora de coração triste.

Ora, vedes, as coisas que ele tinha sacrificado eram simplesmente as meras coisas de que se tinha desfeito; não significavam muito para ele; mas quando lhe foi dito para se desfazer de algo que significava muito para ele, foi-se embora triste de facto. Ora, esse jovem lembra-me um número muito grande de pessoas na terra que se chamam a si mesmas pessoas caridosas. A sua caridade consiste em dar as coisas que não têm utilidade terrena alguma para elas. Se não podem comer, podem dar tanta comida; se há roupas em que já gastaram o primeiro brilho e já não têm mais interesse nelas, dão-nas, e assim por diante. E dizem: eu sou uma pessoa caridosa.

Mas houve quem dissesse: «Um copo de água fria dado com o espírito de caridade significa muito», e assim dessa forma, ao colocardes o vosso coração em tudo o que fazeis, tornais a dádiva maior do que seria de outra forma. Sustento então que, na primeira esfera do mundo espiritual, tudo o que é prático, tudo o que é caridoso, tudo o que é belo nesta esfera de vida se encontra; os espíritos tornam-se fortes, não por estarem afastados da tentação, mas porque têm o poder de a ver, conquistar e superar. Não consideramos forte aquele homem ou aquela mulher que nunca faz nada de errado porque nunca tem a oportunidade de fazer nada de errado. Não chamamos a essa mulher uma mulher virtuosa que passa a sua vida num convento e, porque há uma parede de pedra entre ela e qualquer oportunidade de pecar, que seja necessariamente uma boa mulher. Não chamamos a esse homem um bom homem que mantém a sua vida limpa e brilhante porque não tem uma oportunidade ou a coragem de fazer outra coisa senão isso.

Chamamos a uma mulher boa e pura, a um homem nobre e corajoso, que diante de toda a tentação é capaz de dizer, como um do passado: «Agora conheço-te, vai para trás de mim, Satanás.» E quando olhais a tentação de frente, quando podeis sentir que ela é impotente para vos afetar e desviar, e quando sois fortes na presença do mal, da dor, do cuidado e da fraqueza, então

realmente conquistastes a esfera de transição e passastes para essa esfera logo acima dela, da qual mais tarde vos falaremos com grande prazer.

«Quais são as ocupações do mundo espiritual? Os corpos espirituais precisam de ser alimentados?» Os corpos espirituais precisam de ser alimentados se existirem nesta esfera a que me referi. Na esfera de transição as pessoas têm fome como têm na terra, e às sextas-feiras à noite isso é dizer muito; ou seja, os espíritos chegam a perceber a fome e a sede da mesma forma; mas em vez de comerem comida como vós a comeis, se estiverem muito baixos no seu desabrochamento tomam o controlo de um médium e comem comida através dele, e percebem-na da mesma forma. Ora, há muitas pessoas que são controladas hoje para beber, para fumar, para mentir, para roubar e para fazer todo o tipo de coisas pelos espíritos que apenas deram um passo para fora da porta desta vida. Centenas de homicídios que são cometidos não são nada mais nada menos do que o resultado da influência dos homicidas que vós em nome do Senhor enforcastes e que voltam para repetir as experiências da sua vida novamente.

Depois, novamente, os espiritualistas que estão um pouco mais avançados são capazes de obter comida bebendo o espírito da comida, não absorvendo-o realmente para dentro de um corpo humano, como no controlo de um médium, mas retirando o espírito dela diretamente da própria comida. À medida que a pessoa se eleva no desabrochamento espiritual, estas coisas desaparecem até que a necessidade de comida seja muito diminuta. De facto, se pensardes na condição da terra, percebereis uma comparação exata dela na história mais remota do homem primitivo.

Descobrimos em alguns casos que ele vivia de carne humana mal cozinhada, sem um teto para cobrir a sua cabeça, mas à medida que desabrochou foi adotando diferentes tipos de comida até que, no presente momento, aqueles que estão espiritualmente mais desabrochados são aqueles que vivem apenas de frutos e

grãos; estes são as pessoas espiritualmente mais desabrochadas porque foram além da necessidade de comida animal; e de facto não precisais de comida animal nem metade do que pensais que precisais. É uma questão de hábito, este comer tanta carne e matéria carnal de qualquer tipo, e garanto-vos que na história do vosso próprio planeta virá o tempo em que falareis dos comedores de carne de hoje da mesma forma que hoje olhais para trás para os canibais do passado. Ora, essa é uma afirmação bastante forte para se fazer, mas ainda assim fizestes muitas coisas estranhas nos últimos quinhentos anos no caminho do desenvolvimento nas nossas opiniões, e esta é uma que marcará os próximos quinhentos.

Bem, isto no que diz respeito à comida. No que diz respeito à ocupação, o trabalho do mundo é feito pelos espíritos primeiro e depois refletido na mente do homem mais tarde. Todas as invenções que tendes neste país hoje são o resultado da inspiração trazida pelos espíritos que estão ao redor de certas pessoas, que já concluíram esse trabalho e que descobriram que o tempo está pronto para ser revelado aos homens aqui.

Edison, que é um dos homens mais notáveis do tempo presente, é um médium espiritual que vai para a cama e sonha as invenções maravilhosas que marcam a era, e assim por diante em cada um dos departamentos da vida. Ora, o vosso arquiteto não pode construir uma casa até que se tenha sentado e, de lápis na mão, construído a casa no papel primeiro e depois a dado aos trabalhadores mais tarde. De onde vem o poder? Dizeis: ele pensa nisso. Mas pode o pensamento originar-se a si próprio? Há um poder que direciona o pensamento e estes médiuns veem, depois de pensar um pouco; e quando ele vê o próprio pensamento, apenas se colocou numa condição em que pode perceber o que o espírito ao seu redor fez. Assim com a literatura, assim com a arte; assim em cada departamento da vida, os trabalhadores invisíveis são aqueles que fazem o trabalho do mundo, e aqueles que estão altamente desenvolvidos mental e espiritualmente na

vida terrena não passam de espelhos que refletem os pensamentos daqueles que estão mais avançados na vida espiritual.

MENSAGENS TRANSMITIDAS ATRAVÉS DA MEDIUNIDADE DE John William Fletcher

Relato da Sessão Pública realizada a 22 de setembro de 1887.

S. B. Brittan

Assumi o controlo esta tarde, não com o propósito de enviar uma mensagem pessoal a qualquer um dos muitos amigos que deixei na terra, ou de lhes dar algo da minha experiência no mundo espiritual; mas vim para dar voz àquela que considero ser uma obra muito importante e, se este meu esforço puder vir a lume numa data próxima, ajudar-me-á a alcançar o propósito que tenho em mente.

Desde que o Espiritualismo Moderno veio ao mundo, e homens e mulheres começaram o processo um tanto perigoso de pensar por si mesmos, tem havido um desejo manifesto por parte de alguns de direcionar e controlar a expressão desta verdade. Tivemos, desde o início, fações e cliques, cada uma das quais se intitulava espiritualista e era pronta a declarar que a sua compreensão do Espiritualismo era praticamente a única que o mundo deveria ter. Não duvido de que fossem todos honestos no seu pensamento e que realmente acreditassem, de momento, que estavam a servir a verdade no seu esforço. Mas qual é o resultado?

Após muitos anos, encontramos as nossas fileiras divididas e subdivididas, até que, na verdade, parece haver o mesmo fanatismo entre os de mente liberal como entre aqueles a quem eles, por sua vez, eram propensos a condenar. Várias ideias de organização têm sido defendidas de tempos a tempos, mas foram

sempre rejeitadas, porque o espiritualista tinha tanto medo de ter um credo, um dogma, ou de acreditar em algo que de alguma forma o comprometesse, que assim que um plano era desenvolvido, era posto de lado.

Não é meu propósito, esta tarde, insistir em qualquer forma de organização para fins religiosos; mas estou fortemente inclinado a pensar que chegou o momento de homens e mulheres interessados no Espiritualismo se unirem numa plataforma comum. Há certamente alguns pontos que vós, como espiritualistas, deveis ter em comum: certamente sois juntos os inimigos da ignorância e da superstição; certamente acreditais na vida do homem após a morte e na possibilidade do seu regresso através de instrumentos mediúnicos; estes deveriam ser pontos comuns: consequentemente, se puderem ser estabelecidos, podeis organizar-vos, pelo menos, para fins práticos.

Há cerca de seis anos, em Nova Iorque, em ligação com amigos meus, muitos dos quais ainda estão no plano terreno, trabalhei para a formação daquilo a que se chamou a «Aliança». Concebi que ela realizaria uma obra muito útil. Trabalhámos durante algum tempo e depois os nossos trabalhos cessaram; agora o velho trabalho foi retomado e penso que continuará até que o seu propósito seja alcançado. Esta Aliança não deveria, contudo, estar confinada à cidade de Nova Iorque: deveria ter uma filial em cada vila e em cada cidade do país, e cada médium, cada orador e conferencista deveria pertencer-lhe e sentir que, ao viajar de um lugar para outro, deve fazer tudo o que estiver ao seu alcance para semear a semente da qual este espírito de unidade crescerá.

Supondo que sois um investigador na causa do Espiritualismo e não sabeis nada sobre o assunto, mas desejais aprender algo: onde podeis ir? A quem vos podeis virar? Quem será o vosso professor? Lamento dizer que quase não há sociedade ou qualquer

número de homens — se porventura desgastardes da palavra sociedade — que se tenham reunido para a promulgação das verdades do Espiritualismo. Podeis ver, pelo número dos que aqui estão reunidos, quantos procuradores fervorosos da luz existem. Deveria haver, então, aqui e em cada vila e cidade — e, notai, enfatizo isto — um centro onde aqueles que procuram a luz a pudessem encontrar. Gostaria de enviar uma palavra, então, à Aliança que realiza as suas reuniões em Nova Iorque, de que espero fervorosa e sinceramente que em todos os seus conselhos os seus membros mantenham este ponto fortemente em vista — isto é, a importância de iniciar sociedades filiais, que servirão como afluentes para o centro comum.

Gostaria também de enviar os meus mais sinceros cumprimentos aos membros dessa Aliança e dizer que temos uma sociedade semelhante no mundo espiritual e que chegou o momento de unirmos as nossas mãos às deles e nunca parar até que o propósito seja alcançado. S. B. Brittan

Abner Foster

O nome do meu pai é Aleck Foster; ele mora em Norton, Mass. Gostaria de lhe enviar esta mensagem, se faz favor: estou, finalmente, capaz de vir a este lugar para te enviar uma mensagem, como tantas vezes desejaste, e torna-se muito mais fácil para mim vir hoje porque tive a oportunidade de vir ter contigo de outras formas antes. Cresci bastante desde que parti, mas nunca perdi de vista nem a ti nem a nenhuma das pessoas de casa, e muitas vezes quando estás sentado na cadeira a pensar, estou ali mesmo de pé a olhar-te bem de frente e tu não me vês. Não é culpa minha; calculo que seja porque não abres os olhos o suficiente.

O tio Abner e a tia Hannah estão ambos aqui; disseram-nos que só um podia falar e calhou ser eu. Eles querem mandar o seu

amor da mesma forma que eu, e quando leres isto, dirás que fiz exatamente o que pediste. Abner Foster é o meu nome.

James B. Stacey

O meu nome é James B. Stacey. Gostaria de enviar uma mensagem ao meu irmão: Querido irmão, estou contigo muitas vezes e tenho de te agradecer pelo interesse que tens tomado por mim. Lamento ver que não tens estado tão bem há algum tempo como antigamente e é o teu trabalho que te está a afetar: há algo de tóxico na tinta e é isso que te faz sentir mal às vezes, e deves estar ao ar livre tudo o que for possível. Podes pensar que digo isto porque não quero que venhas para aqui para cima, mas estás enganado. Não há grande perigo de partires: esse não é o problema; o problema é estar doente e ficar na terra, aí é que vem a provação dura; e se aceitares esta palavra de aviso da minha parte, serei uma grande ajuda para ti no futuro imediato. Portanto, George, foi para isto que vim e agora, tendo-o dito, deixo apenas o meu amor para ti e digo adeus. James B. Stacey, para George W. Stacey.

Calvin Hall

Boa tarde a todos. Esta é uma reunião espiritualista, creio eu, e eu sou um espiritualista ferrenho. Eles têm batistas irredutíveis e deveriam ter mais alguns espiritualistas ferrenhos. É o que eu sou. Sou um homem velho, mas estou na plena posse de todos os meus poderes e sentidos. Parti com o conhecimento desta verdade e apoiei-a quando estava na terra com o meu tempo e o meu dinheiro. Dizem que quando a religião te entra no bolso ficas com a matéria certa, e eu tinha o Espiritualismo no bolso.

Lembro-me, quando fiz o meu testamento, de como o advogado olhou para mim quando falei em colocar tanto para o sustento do Espiritualismo; mas ele teve de escrever exatamente da forma que eu disse e eu não alteraria nem um pouco. Fiquei um pouco surpreendido, depois de estar «morto», ao descobrir que algumas pessoas tinham pensado que eu estava louco, maluco, por deixar seja o que for para a minha religião! Suponho que se tivesse deixado tanto para educar os hotentotes, ou para espalhar a abençoada verdade da danação eterna, teria sido muito sensato de facto.

Mas como pensei que em vez de subscrever missões estrangeiras tentaria educar os pagãos em casa, estava um pouco louco. Tentaram anular o testamento, mas fiz aquilo de forma bastante forte, e a pequenina igreja continua lá exatamente como estava: as portas estão abertas de vez em quando e os espiritualistas entram, e falam exatamente como se eu estivesse lá sentado na cadeira de balanço ao lado; eu costumava sentar-me lá. Ora, eu estou lá! Sento-me nessa cadeira muitas vezes. Apenas desejaria ter a minha vida para viver de novo, daria a esses advogados uma luta mais dura da próxima vez do que dei desta.

Quero dizer que estou satisfeito com tudo o que vi. Conheci o Gov. Field, a Sra. Harvey e muitos outros dos velhos amigos que costumavam falar juntos sobre este assunto, e vamos lá sempre que a pequenina casa de reuniões está aberta.

Quero agradecer à Sra. Dwight por ter tido a coragem de se levantar e dizer o que sabia. Ela não se deixava intimidar, eu sabia que não; ela sempre teve garra e eu gostava dela porque não tinha medo de dizer que a sua alma lhe pertencia. E, além disso, não vi Deus; não encontrei o diabo; e estou perfeitamente contente.

Isto vem de Calvin Hall, de Stafford, Conn. Não tenho vergonha do meu nome e era um Espiritualista, acho que é melhor

começarem isso com um 'E' maiúsculo, tantas pessoas têm medo de ver a palavra.

H. B. Parsons

Não sei se estarei de algum modo deslocado; se estiver, bem, vocês me o dirão. Não estou muito familiarizado em Boston. Ouvi falar disso, claro — toda a gente ouviu —, mas sou um estranho na cidade. Vi esta porta aberta. Notei que outros estavam a entrar e a falar e pensei que poderia vir.

Gostaria de dizer algumas palavras que penso que alcançarão algumas pessoas que estariam interessadas em ouvir sobre o assunto. Já superei todo o meu antigo problema, digam-lhes. Sofri bastante severamente de um problema nos pulmões e na garganta — o médico chamava-lhe pneumonia — e agora que acordei já não o sinto. Foi há cinco anos, tanto quanto me consigo lembrar, no dia onze de junho passado, desde que morri. Estou acordado há muito tempo. Parece que nunca vivi na terra, mas que estive sempre aqui.

Claro que costumava tratar dos papéis legais e registar as escrituras e coisas desse tipo: isso era parte do meu trabalho aqui. Já superei tudo isso agora. Gostaria que os amigos lá na aldeia soubessem que estou vivo, que os posso ver e ouvir o que estão a falar quando se reúnem ao redor, muitas vezes; mas não consigo fazer com que saibam disso. Por favor digam que o meu nome é H. B. Parsons. Vivia em Colebrook, N. H.

Fidelity

[O Guia do Médium.]

Sr. Presidente, eu sou o Fidelity. Tenho apenas uma palavra a dizer a respeito dos amigos que estão aqui reunidos. Fico feliz por ver tantos daqueles que estiveram aqui numa ocasião anterior: o ar logo acima de vós está cheio de espíritos, que estão a tentar

com muito esforço impressionar-vos individualmente com a sua presença. Muitas pessoas que são muito sensíveis descobrirão, como resultado desta impressão, que desenvolverão o poder mediúnico e, de tempos a tempos, sentirão que realmente ganharam uma grande quantidade de força ao fazer disto um centro.

Essa não é a razão pela qual vim, contudo: fui lembrado pelo meu amigo, a quem recentemente conheci no mundo espiritual, o Sr. Theodore Parker, que costumava trabalhar aqui tão fervorosamente convosco e cuja presença está frequentemente convosco, de que quando falámos da última vez não chamei a atenção dos amigos para a pequena recolha que fazeis aqui para os pobres, o que creio que para ele era sempre uma caraterística importante; e ele deseja que eu diga que esta reunião é uma reunião livre e vós sois perfeitamente livres, meus amigos, para vir e, depois de terminar, sois livres para ir: mas sois também livres para colocar todo o dinheiro que desejardes naquela pequena caixa para os pobres; não há lei contra isso.

Agora, se vos lembrardes disto e vos lembrardes da injunção de que «os pobres os tendes sempre convosco», prestar-nos-eis no mundo espiritual um serviço muito grande. O público não percebe, Sr. Presidente, quantas mãos vazias de pobres médiuns e espiritualistas em sofrimento estão estendidas para este lugar em busca de ajuda e apoio; eles não compreendem, talvez, que a pequena quantidade de dinheiro que poderia ser dada sem que a sua falta fosse sentida faria uma quantidade enorme de bem, se dada por um número de pessoas. Espero, então, que cada círculo que se realize aqui encontre, no início, a caixa vazia e, depois de terminar, a encontre cheia. Nós, espíritos, temos um dever — vós, espiritualistas, tendes outro — ajudai-nos a lembrar o nosso pelo cumprimento perfeito do vosso. É tudo. Fidelity.

Belle Ransom

Querido Frank, finalmente consigo cumprir a promessa que tantas vezes te fiz, a de me dar a conhecer através deste papel, para que possas saber que nenhum meio é deixado por tentar da minha parte para encontrar o meu caminho até ao teu coração. Sei o quão solitário é para ti: como, tantas vezes, sentes que darias todo o mundo se pudéssemos apenas estar frente a frente um com o outro novamente.

Se pudesses apenas estender a tua mão e senti-la ser tocada pelos meus dedos, enquanto procurava entrelaçá-la, sei o quão mais feliz te faria. Tem estado a aguardar muito pacientemente por uma demonstração que prometi dar. Serei certamente capaz de a dar se fores apenas paciente por mais um pouco de tempo. Sim, estarei certamente diante de ti tão claramente como alguma vez me viste em vida, e então saberás que vivo e que ainda te amo.

Mas é duro para ti, eu sei, muito, muito duro, e não é fácil para mim. Muitas vezes, quando vejo o quão triste estás, quando olho para os nossos dois filhinhos e procuro guiar os seus passos, é também duro para mim. Falo contigo e não me ouves; chamo os nomes deles e eles continuam sem nunca o saber; e depois tento obter consolo com o pensamento de que, mais tarde, serei capaz de demonstrar a minha presença sem a ajuda de médium algum; de que, mais tarde, depois de isso estar feito, a «morte» virá até ti e isso significará a reunião comigo.

Tenta ter coragem; tenta ser paciente; beija as crianças por mim e faz com que sintam que a sua mãe não está morta, que está em pé logo ao lado do portal que separa um mundo do outro, a amá-los e a velar por eles. O Phil envia os seus lamentos também e todos nós deixamos a nossa bênção contigo. Estarei perto de ti muito antes de veres isto ou saberes disto, e tentarei de outra forma fazer-te entender que vim aqui. Com o meu melhor amor, Belle Ransom, para Frank H. Ransom, de Buffalo, N. Y.

Dr. Hoxie

Já estive aqui tantas vezes, Sr. Presidente, que não penso que seria deslocado dizer algumas palavras. Vi tantos que estavam mais ansiosos do que eu para falar, que me pus de lado por eles em muitas ocasiões anteriores. Pertencia à mesma cidade da senhora que acabou de controlar e ajudei-a de certo modo no seu controlo. Ficaria muito feliz se me fosse possível fazer a minha mulher e o meu filho realizarem o facto de que eu estava presente com eles, mas isso parece ser inteiramente fora de questão. Eles foram a vários médiuns, mas no momento em que chegavam onde o médium estava pareciam envolver-se sobre si mesmos e ser tão frios e insensíveis que foi impossível para mim fazê-los entender que eu estava lá: parecia que estavam determinados a que eu não estivesse e, sempre que tentava dizer algo ou fazer algo, pareciam sempre determinados a que eu não o fizesse. Começavam por dizer: «Não és tu, pois não?» Ora, quem mais poderia ser? E por isso desanimaram-me, e esperarei um pouco de tempo, até que talvez venha uma oportunidade melhor.

Tenho vários amigos em Buffalo por quem tenho uma consideração muito profunda e que frequentemente falam de mim com pensamentos muito gentis e lembrança agradável. Há um lá que influenciei e impressionei bastante e a quem continuarei a influenciar por um longo tempo no futuro. A esses meus amigos que se lembram de mim gostaria de enviar uma palavra de saudação e dizer que o seu velho amigo está com eles, e ele sabe perfeitamente bem quando estão a falar sobre ele e fica muito feliz por descobrir que, embora morto esta noite, continua querido na memória. Gostaria particularmente de enviar uma palavra ao Dr. Dennis, a quem influencio consideravelmente, e dizer que espero que ele continue a avançar no trabalho que começou. Dr. Hoxie, de Buffalo.

Freddie Thompson

O meu pai é Dans Thompson e quero dizer-lhe: Pai, sentes como se tivesses sido terrivelmente aziado durante muito tempo, como se tudo corresse exatamente mal, e a mãe tentou influenciar-te para abraçares algo diferente do que tens estado a fazer, mas tu não quiseste, embora lhe tenhas acabado de prometer que o farias. Agora quero dizer-te que nunca terás sucesso numa única parte daquilo que estás a tentar fazer e, se não tiveres cuidado, acabarás por partir o pescoço (vemos que isso não seria muito agradável para ti), porque há tanto perigo naquilo que fazes.

Estiveste quase a conseguir isso uma vez. Fazemos tudo o que podemos para te guardar e proteger: temos tentado fazer isso todo o tempo. Vês os cavalos a ir tão terrivelmente depressa que não consegues pensar tão depressa quanto eles se movem, e há perigo todo o tempo. Portanto a mãe tem estado a falar contigo e eu gostaria que a ouvisses e tentasses outra coisa. Terás sucesso após um pouco se o fizeres e isso fá-la-á mais feliz.

A mãe está todo o tempo a duvidar de toda a gente, ela própria incluída; ela pensa que quando venho e tento influenciá-la que está tudo bem enquanto está a acontecer, depois mais tarde calcula que foi ela própria que inventou: por isso, vês, não há muita piada em vir influenciá-la, porque ela desfaz tudo depois de estar feito. Ela tem um poder terrivelmente forte com ela; se ela apenas se dedicasse a isso um pouco descobriria que se poderia tornar muito útil e que muitas pessoas ficariam felizes por ir ter com ela. Os seus olhos são janelas através das quais a luz do mundo espiritual brilha sobre a escuridão deste mundo, e é uma pena fechar as janelas quando luz como essa pode brilhar através delas, tenho a certeza. Dá a ambos o meu amor e diz que o Freddie continua a ser o rapaz deles. Fred Thompson, para o seu pai e para a sua mãe.

Winona

[Ao Presidente:] Entrei apenas por uns minutos, para fazer uma vénia a toda a gente e, como está sentado aqui em cima, faço uma vénia a si primeiro e ao resto das pessoas faço uma vénia depois. Quero fazer-lhe uma pergunta: A maior parte das pessoas fala suficientemente alto hoje? (Sim) Digo-lhe que o problema não é a conversa do lado de dentro, mas sim o barulho do lado de fora; os espíritos devem ter um trabalho um bocado duro, porque todo o ruído aqui em baixo soa como trovão para nós quando tomamos o controlo de alguém. Não vim para falar sobre mim, por muito interessante que saiba que isso seria. Vim para falar sobre algumas pessoas aqui. A primeira, Aunt Mary Stearns, é uma senhora bastante grande e, à medida que se aproxima, diz que sente muito não haver uma cadeira para se sentar; cansa-a estar de pé. Ela diz-me para dizer que a Tia Mary Stearns chegou aqui. Parece que ela não tem comunicado lá muito, mas está aqui esta tarde. Ela diz: «Estou irredutivelmente contra essas pessoas que estão a combater a materialização da forma como estão a fazer e, se não abrirem os olhos, virão a sofrer antes de terminarem, e não se esqueçam disso, tão certo como o meu nome ser Mary Stearns.

Não há utilidade alguma em tentar vencer o mundo espiritual. Falei sobre isso com a Abby e ela diz que não era tão esperta quanto pensava que era. Há muitos outros aqui com ela. Ela queria apenas dizer isto e gostaria de o ver impresso: Se não for muito incómodo, porque, diz ela, 'É a minha opinião e isso vale muito para mim, embora talvez não tanto para os outros.' É o que a Tia Mary Stearns tem a dizer.»

Jasper T. Wallace

Vem agora um cavalheiro que diz que pertencia a Dover, N. H., e que era um soldado, embora não tenha a sua farda neste momento presente. O seu nome é Jasper T. Wallace. Ele quer mandar uma palavra aos rapazes para se reunirem e dizer que o

seu velho coronel está com eles muitas vezes, embora já não possa comandar; e também aos seus amigos, para que às vezes pensem nele, embora a família esteja muito desmembrada e mudada desde que ele partiu.

Marguerite Safford

Vem aqui uma senhora — uma senhora muito bonita, aliás. Ela traz consigo a influência mais agradável possível e dá-me o nome de Marguerite Safford. Ela deseja enviar uma palavra ao seu marido e a uma senhora que, desde que ela partiu, tomou o seu lugar; para dizer que os ama a ambos muitíssimo de facto e que eles estão destinados a obter muito mais bem aqui antes de voltar. Permitam-me dizer isto: ela leva-me para um lugar que chama Arizona, depois leva-me para outro lugar que chama Florida, depois traz-me de volta para aqui. Ela deseja que esta palavra vá para Anson Safford, que lhe pertence.

Relato da Sessão Pública realizada a 29 de setembro de 1887

Allan Kardec

Sr. Presidente, não sei se consigo expressar bem em inglês o que tenho a dizer, mas farei o melhor que puder para comunicar as minhas ideias para que possam ser compreendidas. Estive durante muitos anos da minha vida profundamente interessado num assunto sobre o qual percebo que, no presente momento, as pessoas estão a começar a pensar muito.

Uma das questões que as mentes inteligentes frequentemente discutem é a da reencarnação ou, como preferis chamar-lhe no presente momento, reencarnação sob a forma de novo corpo, o que é a mesma coisa. É o assunto de todos os outros que mais me

excitou a mente durante muitos anos. Algumas pessoas dizem que não há nada nisso; que perderiam a sua individualidade se houvesse alguma verdade na reencarnação. Eu penso que toda a gente perde a sua individualidade: A criança perde a sua individualidade no homem, e o homem eventualmente perde a sua no anjo, e o anjo mais tarde perde a sua no arcanjo? Havemos de dizer para sempre: «Sou apenas uma criança, porque fui outrora uma criança», ou: «Serei sempre um homem, porque sou um homem agora»? Há muitos passos na infância, na idade adulta e no estado de anjo — cada um deles a entrar na linha da experiência, todos valiosos e necessários.

Os cientistas dizem que há uma lei da evolução. Mas não se pode ter evolução a menos que haja algo por trás da matéria para evoluir. E eu digo, apenas por experiência, que embora haja uma evolução da matéria, há também logo ao lado dela uma evolução do espírito. Os resultados na condição física de hoje são simplesmente produzidos pela ação do espírito sobre a matéria, e essa reencarnação é um dos processos daquilo a que chamais evolução espiritual. Mas se tal é o caso, perdemos a nossa individualidade, dizeis vós. Sim, respondo eu, mas encontramo-la naquilo a que se chama a qualidade do espírito. Tendes uma qualidade de tecido, tendes uma qualidade de mente, deveis também ter uma qualidade de espírito. Uma criança criada num nível baixo de mente é possuidora de um espírito muito bruto quando cresce até à vida adulta. Mas o indivíduo que consegue ver algum bem em tudo possui um intelecto mais refinado, uma ideia mais abrangente das coisas.

Algumas pessoas dizem que sabem que não existe tal coisa como o regresso dos espíritos, porque nunca viram nada para o provar. Esse é o mesmo argumento que muitos cristãos usaram há muito tempo e estão a usar agora em relação ao Espiritualismo, a saber, que não é verdade porque eles, em consequência dos seus

preconceitos fanáticos, negligenciaram investigar o assunto para averiguar se é verdadeiro ou não.

Ouço alguns espíritos bem como mortais dizerem que é prejudicial ensinar a nova encarnação, porque aqueles que o fazem estão a sustentar a ideia de que as pessoas que cometem um erro hoje terão uma oportunidade de o retificar amanhã. Que tolice!

Sempre que ouvirdes algum espírito a condenar outro, podeis ter a certeza de que esse espírito está num estado baixo de desenvolvimento, quer encarnado quer desencarnado. A primeira lição ensinada no mundo espiritual é esta — que há bem em tudo, que o progresso é sempre para a frente, e que todos a seu devido tempo chegarão à meta que lhes foi atribuída pela Sabedoria Infinita.

Em conclusão, quero dizer que não basta provar os fenómenos do Espiritualismo Moderno; não basta obter uma comunicação dos vossos amigos desencarnados, a menos que os factos assim absorvidos levem ao estudo do destino da alma humana. Se puderdes ver na criança desafortunada o infortúnio de hoje a ser substituído pelo bem maior do amanhã, então podereis sentir que o Grande Espírito é sumamente sábio, sempre bondoso e sumamente justo.

Caso contrário, se não há oportunidade de regressar, nenhuma oportunidade de obter um padrão mais elevado de intelecto por e através da lei da reencarnação, então não há justiça no céu ou na terra. Portanto, venho declarar o que sei a este respeito — a saber, que a nova encarnação, como ensinado no passado, e como estamos a tentar ensiná-lo no presente, é absolutamente verdadeiro. Bom dia. Allan Kardec.

J. R. Pomphrey

Gostaria de enviar uma mensagem à minha família, porque é muito raro ser capaz de lhes fazer chegar uma palavra diretamente, e eles ficam tão famintos de uma palavra minha. Não é culpa deles, contudo, que eu não venha, nem sei se é minha, mas parece haver poucas portas a balançar entre os dois mundos, e muitos estão sempre a acotovelar-se para cruzar o limiar, e por isso espero por outra pessoa, e a minha mensagem fica por dizer; e se não fosse uma matéria de importância dificilmente pensaria em me intrometer aqui agora.

Desejo enviar o meu amor à minha esposa, que tem sido uma mãe e amiga fiel para os filhos desde que parti. Estava tão doente e sofri tanto que, no fim, parecia que estava fora de mim mesmo e era-me impossível falar ou sequer dar-lhes uma única palavra de consolo. Apoiei-me naquilo em que acreditava, e sei que eles se apoiaram nos mesmos factos, pois agora posso vir; e sinto-me feliz por saber que os filhos têm sido todos tão fieis a ela, os meus dois rapazes e duas raparigas. Eles amam a sua mãe profunda e bem.

Os rapazes estão a sair-se tão bem quanto posso esperar. Estou interessado em todos os assuntos em que pegaram, e ambos os meus filhos serão prósperos, porque são honestos e retos em tudo o que têm para fazer. Mas sobre o que desejo falar mais particularmente é a respeito da minha filha Emma, a quem sou incapaz de impressionar. Descubro que ela está a sofrer bastante, o que é provocado mais pelo clima e pelos arredores onde está do que por qualquer outra coisa. Como ela me ouvia sempre quando eu estava aqui, também agora gostaria que ela viesse para onde possa receber a brisa do mar e ser aliviada do cuidado que naturalmente advém dos arredores em que se encontra.

Os seus pulmões ficarão mais fortes, os seus nervos estarão melhores, ela sentir-se-á em todos os sentidos mais parecida consigo mesma. Abri parcialmente uma oportunidade desse

género, e quando o convite for renovado — o que será dentro em muito pouco tempo —, espero sinceramente que ela o aceite, não apenas como uma questão de prazer, mas como uma questão de saúde e necessidade.

Há muitas outras coisas de que poderia falar, mas será injusto para os presentes eu reter o controlo por mais tempo; portanto deixai-me estender a todos eles o meu melhor amor e pensamento. Dizei-lhes que o seu pai está com eles.

J. R. Pomphrey, de Cincinnati, Ohio.

Clifford Thomas

Os meus amigos em Pawtucket e Providence, R. I., começaram a perguntar-se como será comigo, e desejo dizer-lhes que estou muito bem de mente e de espírito, e que suponho que o meu corpo esteja a cuidar de si próprio. Isso não me dá muita preocupação. Estou muito grato aos amigos pelos serviços gentis que tentaram prestar-me e pela homenagem que prestaram à minha memória. Digo-vos que é bastante duro quando sabeis que os vossos amigos e família estão a desejar uma palavra vossa, muitas vezes com lágrimas a correr-lhes pela face porque se sentem tão tristes por terdes partido, e estardes de pé mesmo ao lado deles e não serdes capazes de os fazer saber uma única coisa sobre isso.

Penso que um dia, quando o Espiritualismo vier a ser a única coisa que existe no caminho da religião — como será mais tarde —, haverá um pequeno lugar em cada lar e uma hora em cada dia que será dedicada àqueles chamados «mortos», exatamente da mesma forma que dedicais as outras vinte e três àqueles que estão vivos; haverá então uma troca de pensamentos e afeição que será saudável para ambas as partes. Não venho para fazer um discurso, pois faria um fiasco, tenho a certeza, mas vim apenas para dizer aos meus amigos na Associação, e aos meus amigos do lado de

fora, que estou vivo e espero encontrar alguns deles dentro em pouco no mundo onde a riqueza não conta muito, mas onde o caráter de um homem constitui a verdadeira riqueza. Clifford Thomas, de Pawtucket, R. I.

Rev. J. M. Brewster

É este um lugar de convocação espiritual? E é na terra? [É.] Pensei que teria de ir mais longe do que a terra para o encontrar.

Eu, senhor, fui um pregador na igreja batista e fui levado a acreditar que vós éreis todos filhos da escuridão. Esperava, tanto quanto alguma vez esperei alguma coisa, que quando fechasse os meus olhos na morte, os anjos do Senhor viriam para me guiar a casa. Tenho estado à espera disso nos últimos cinco anos.

Tenho estado a olhar em volta à procura do meu Salvador; mas ou ele não está a olhar em volta à minha procura, ou então procurei no lugar errado. Não o consegui encontrar em lado nenhum. Mas vi um homem que me disse que eu estava a fazer-me de obstáculo a mim mesmo, e ele leu-me um verso cujo teor é: Deveis tornar-vos como uma criança antes de poderes entrar no reino. Pensei nisso e perguntei-me como poderia tornar-me uma criança, exceto voltar os meus olhos para trás sobre o livro da vida e ver se tinha aprendido as suas lições como deve ser ou não.

Se houve alguma vez um homem neste mundo de quem eu tinha um horror perfeito, era Theodore Parker. Toda a minha caridade cristã e perdão saíam pela janela sempre que tentava pensar no mal que ele tinha feito à nossa religião evangélica. E o que achais! enquanto isso estava na minha mente, tive de ir ter com ele para aprender a tornar-me uma criança. Ele disse que estava ligado a um lugar para onde me faria muito bem ir, e acrescentou: «Chama-lhe uma reunião de testemunhos — sabes o que é isso na tua religião — e conta como te sentes, e depois

sentir-te-ás melhor.» Havia um grande número de pessoas por aqui a quem falei; a porta estava aberta e entrei.

Por isso desabafei a minha mente sobre esse ponto e gostaria de enviar esta palavra àqueles que me pertencem: Que não vale a pena esperar pelo céu após a morte; não vale a pena esperar por um Salvador no mundo espiritual. Ide trabalhar e vivei em paz com o homem e em harmonia com Deus; fundi harmonia e paz juntas, e dessa união um Salvador nascerá. Aprendi essa lição em cinco anos.

Podeis anotar-me como o Rev. — isto é, apenas no que diz respeito a matérias terrenas —, Rev. J. M. Brewster, de Providence, R. I.

Mary Bell

O meu nome é Mary Bell e gostaria muito se pudesse enviar uma palavra aos meus amigos que moram em Painesville, Ohio. Eles olharam para o jornal um grande número de vezes para ver se conseguiam encontrar uma palavra minha, e sei que ficarão muito satisfeitos por averiguar que, finalmente, fui capaz de vir. Não parti em Painesville, mas em Mantua; ainda assim os meus amigos estão lá e chamo a isso a minha casa. Se tivesse vivido mais tempo na terra teria sido capaz de fazer muito mais com o poder que tinha acabado de me afetar antes de partir. Era uma coisa muito agradável e desfrutei muito do trabalho de facto.

Claro que não o compreendia muito bem; leva muito tempo a compreender as coisas às vezes, mas trabalhei o melhor que sabia e tentei ajudar aqueles que vinham ter comigo. Muitas vezes vi uma mãe, a chorar sobre a morte de algum ente querido, entrar no meu quarto cheia de dúvidas e ceticismo, claro; ela sentar-se-ia e dentro de pouco tempo eu seria capaz de lhe dizer algo que traria de volta os seus entes queridos para ela novamente — e não vos posso dizer o quão feliz isso me fazia sentir. Oh, era uma coisa

tão agradável; é uma coisa agradável ser capaz de trazer a luz do sol para vidas que estão escuras de dor e sofrimento. Por isso estou a tentar trazer isso àqueles que me amam, ao vir aqui. Se fizerdes o favor de escrever isto e dizer que vim e falei estas poucas palavras, tenho a certeza de que eles ficarão muito felizes por ouvir de mim.

J. G. Barrows

Foi apenas há pouco tempo, como os meses contam, desde que parti. Tentei voltar para a minha família — para a minha esposa e para os meus filhos — e embora eles percebessem a minha presença de algum modo, tinham um grande número de dúvidas e sentiam-se muito infelizes a meu respeito. Vivia em Grand Rapids, Mich. Fui fotógrafo lá durante algum tempo — esse era o meu trabalho terreno. Apenas falo disso para marcar a minha identidade mais plenamente.

Desejo dizer à minha esposa, a quem sempre amei e em quem confiei, e que é uma mulher boa e de bom coração, a tentar sempre ser fiel aos seus deveres, que lamento, mais do que palavras minhas possam alguma vez dizer, a sombra que caiu sobre o nosso lar uns meses antes de eu partir. Foi tudo um erro, tudo um mal-entendido, e se tivesse o poder agora apagaria até a memória disso da mente dela para sempre.

A Mamie envia o seu amor e pede-lhe que confie nos poderes que estão ao seu redor, pois são fortes, fieis e bons. Ajudaram-me muito quando este mundo parecia escuro, e podem ajudar muitos outros se ela apenas se confiar à sua orientação e controlo. Digo aos meus filhos, Bertie e Asa, que estou também com eles e gostaria que prosperassem em todas as suas empreitadas, como acredito que após um tempo acontecerá. Pede a todos eles que se mantenham muito perto e próximos da sua mãe e fiquem

assegurados de que quando estão juntos eu estou também presente em espírito com eles.

Tenho um irmão, também, em Sturgis. Desejo simplesmente mencioná-lo e dizer que estou também com ele; que todo o problema caiu de mim e encontrei um lar belo no mundo espiritual. Há um lugar brilhante nele para cada um deles e quando, mais tarde, os seus olhos se fecharem para sempre sobre as cenas da terra, estarei ao lado da porta aberta para lhes dar as boas-vindas à casa do seu Pai. J. G. Barrows, de Grand Rapids, Mich.

Elizabeth S. Graham

Tende a bondade, Sr. Presidente, de registar o facto de que Elizabeth S. Graham, de Baltimore, está presente e deseja dizer que vê o trabalho que está a ser feito com o que deixou em custódia antes de vir para o mundo espiritual, e que uma disposição diferente teria sido feita disso se tivesse sido compreendido na altura como agora, mas as missões estão a alcançar um grande resultado e o dinheiro que foi deixado está a servir bem a esse propósito.

Winona, por vários Espíritos

Como estão? Pensei em entrar por uns minutos, porque está tanta gente aqui que isto não ficaria completo sem mim. Vim apenas para dizer umas palavras muito breves. Quero dizer-vos que há um homem aqui que está muito desapontado por não ter podido entrar e falar. Sabem que nem toda a gente pode vir ao mesmo tempo, e isso é algo que as pessoas parecem não conseguir entender. Este homem quer que eu diga que o seu nome é

Cap. David Brown

e vivia em Newburyport, Mass. Ele diz: «Diz que estive na guerra durante algum tempo e que depois fui Comissário da Polícia da Cidade durante bastante tempo, e que estou agora na vida espiritual. Gostaria que a minha gente soubesse que posso regressar; e os rapazes — bem, por rapazes quero dizer pessoas adultas —, faz-lhes saber que quando estão juntos eu estou lá. Diz-lhes que estou bem e que tentei duas vezes aparecer lá em baixo, mas não fui muito bem-sucedido, por isso tive de desistir. Cap. David Brown, de Newburyport, Mass.»

E agora vem um cavalheiro que está muito ansioso por falar com a sua esposa; ele dá o nome de

James A. Pitkins

Ele diz, ao olhar para a assistência aqui e fazer uma vénia, que sabe que esta mensagem irá ter com ela, apenas tem algo de particularmente importante para falar ao seu ouvido privado que não poderia possivelmente mandar imprimir. Quer que eu diga isso, para que seja do conhecimento dela.

Sra. Thomas Beals

Vem aqui uma senhora e diz: «Desejo enviar uma mensagem ao meu marido e à minha irmã. O meu marido é Thomas Beals, de Portland, Me.; a minha irmã é Jennie Smith, e as minhas outras irmãs estão mesmo aqui, de pé ao meu lado. Quero mandar uma palavra ao Tom (era assim que eu lhe chamava); fico tão feliz por ele ter mantido tudo em casa exatamente da mesma forma que estava; e dize à Jennie que ela tem de ter muito, muito cuidado

consigo mesma, ou será mais uma a vir ter connosco. Estive com a minha mãe durante os seus sofrimentos recentes e fiz tudo o que pude para a ajudar; e eles frequentemente perguntam-se por que razão não vim aqui. Se fizerdes o favor de dar isto ficarei muito feliz. Sra. Thomas Beals.» Ela diz que o seu primeiro nome é Celia.

Como os Espíritos são Afetados

Alguém vem agora que quer que eu diga umas palavras por ele: «Quero mencionar uns quantos factos, para que toda a gente que vem a esta Sala de Círculo por favor os tenha em mente. Todos os sons na terra parecem cerca de cinco vezes mais altos para os espíritos do que para os mortais. Quando estamos no controlo do médium, se alguém sussurra — e ninguém o faz aqui —, isso envia ondas sonoras que perturbam muito o controlo de facto. Se há algum barulho do lado de fora, perturba-nos um pouco, mas não tanto como se fosse aqui dentro, porque uma influência sai de vós. A luz na terra afeta-nos exatamente da mesma forma que o sol vos afeta a vós; faz-vos piscar os olhos de cada vez que olhais para ela. Tudo o que é brilhante ou alto na terra afeta-nos quando tomamos o controlo, e por isso os espíritos precisam que esteja calmo e um pouco mais escuro do que as pessoas precisam.»

Sra. Pasco

Queridos amigos, embora tenha passado algum tempo desde que passei para a vida espiritual, não me tenho valido de muitas oportunidades para comunicar com aqueles que ficaram para trás. A razão tem sido que muito poucas vias têm estado abertas para mim; e, novamente, quando me aproximei intimamente dos

arredores de qualquer médium, descobri-me tão confusa nas minhas ideias que não era capaz de me expressar claramente sobre ponto algum em particular. Costumava perguntar-me (e presumo que muitos outros tenham feito a mesma coisa) por que razão era tão pouco dito por aqueles que tinham dado um passo acima. Costumava duvidar da minha própria mediunidade a este respeito e sentir-me inclinada a pensar que, se tivesse a organização dos assuntos, os resolveria de forma muito diferente. Nisto, também, não fui exceção a muitos outros. Agora, contudo, sou capaz de ver que o trabalho é difícil e que o desejo do espírito ou a vontade daquele que está na terra não é a única coisa necessária para uma comunicação satisfatória.

Durante a minha prática fui sempre creditada como sendo muito positiva, com uma grande tendência da minha parte para criticar as ações e as palavras dos outros. É uma coisa fácil criticar as ações das outras pessoas e encontrar falhas no que fazem e no que deixam por fazer. Ultimamente — agora que posso ver mais claramente — cheguei à compreensão de que as pessoas fazem o melhor que podem, sob as circunstâncias que as rodeiam, e a melhor forma de reformar qualquer homem ou mulher é, não culpá-los pelo que fizeram, mas mostrar-lhes pelo exemplo como podem fazer algo melhor.

Quando comecei a sentir a mão da doença sobre mim e percebi que estava a perder a minha força, que caminhava com dificuldade, culpei os meus guias porque eles não me ajudavam a superar esta condição física; isso deixava-me muito irritável de facto. Melhorei após um tempo e senti-me encorajada; depois parecia que a minha força começava a ir-se embora de mim e, uma a uma, elas começaram a roubar a minha força... Lembro-me de sentir como se estivesse sobre a água, a navegar para longe de casa, dos amigos, até da vista de terra. Era muito agradável. Depois parecia que adormecia e, após descansar algum tempo,

pareceu que uma mão foi colocada sobre a minha testa e uma voz gentil e infantil disse no meu ouvido:

«Acorda! acorda!» Abri os meus olhos e encontrei-me num país novo: tudo era brilhante ao meu redor; um doce espírito índio, que tinha estado ao meu lado durante muitos anos, estava a segurar a sua mão na minha e, sem saber como era, descobri-me a olhar para baixo para mim mesma. Aqui estava eu, de pé; ali estava, a dormir no caixão; enquanto uns quantos amigos se reuniam ao redor — alguns com lágrimas nos olhos, outros sem elas. Umas poucas palavras foram ditas; depois eles passaram ao redor e olharam para mim, abanaram as cabeças e saíram da casa. Isso é tudo o que me lembro até acordar novamente.

Esta tarde posso ver na assistência um ou dois que me conhecerão quando der o meu nome, pois vieram de onde eu vivia, e estou aqui com o propósito de enviar esta descrição da minha partida a alguns amigos meus que frequentemente falam de mim e que me guardam numa lembrança muito gentil.

Gostaria de dizer em conclusão que, embora as minhas palavras pudessem por vezes ter parecido bastante amargas e eu pudesse ter falado asperamente, mais asperamente do que pretendia, ainda assim o meu coração esteve sempre neste trabalho; fui muitas vezes impaciente, como todos os trabalhadores são. Mas não guardo má vontade a ninguém e espero mais tarde retomar o meu trabalho através de outra pessoa exatamente onde o deixei.

Se tiver a gentileza, Sr. Presidente, de dizer isto da parte da Sra. Pasco, de Hartford, Conn., para os seus amigos, ficarei grata.

Charlie Millen

[Ao Presidente:] Os rapazes entram alguma vez aqui? [Oh, sim; fico feliz por os ter.] Eu sou um rapaz e estou a segurar a

mão do meu irmão espiritual. O meu irmão é menor do que eu, mas cresceu desde que veio para aqui para cima. O meu nome é Charlie Millen; o nome do meu irmão é Winnie. Gostaria apenas de dizer à minha mamã que ela tem dois rapazes que estão a crescer a cada dia e que a vêm ver cem vezes por ano.

Às vezes, quando ela se senta na colina e olha para a água, a partir da sua casa — oh! tão longe quanto se consegue ver —, ela pensa que nós estamos mais longe do que aquilo. Estás enganada, mamã, desta vez, tão certo como estares viva, porque todas as noites ambos vimos e te damos um beijo para adormeceres e continuamos a amar-te carinhosamente todo o tempo.

Isto não é a escola de domingo, pois não? Pensei que se fosse terias de dizer «Ámen» antes de eu poder ir embora.

Katie Vedder

É com o propósito de forjar mais um elo na cadeia de evidências através da qual o meu querido marido será levado a compreender que estou constantemente com ele, que vim hoje. Quando amamos verdadeiramente, trabalhamos arduamente para superar qualquer obstáculo que se interponha no caminho da felicidade; e é este laço de amor que me induz, na presença de tantos com quem não tenho a menor preocupação, a falar neste momento.

Ao meu marido diria: «Estás a trabalhar muito afincadamente para teres sucesso na tua profissão e estou a fazer tudo o que está ao meu alcance para te influenciar na direção certa. Não é muito o que posso fazer, contudo esse pouco é feito de bom grado. Várias vezes tentei manifestar-me a ti e fui bem-sucedida tão bem quanto poderia esperar.

O teu pai, que se chama, como sabes, John, está aqui ao meu lado, e ambos desejamos enviar-te palavras de encorajamento, e

também acrescentar que com o tempo compreenderás estes assuntos por ti mesmo, sem a ajuda de qualquer terceira pessoa. Estou sempre contigo.» Katie Vedder, para o Dr. W. H. Vedder, de Mansfield, Penn.

Faithie Judson

[Ao Presidente:] Tenho estado aqui em redor de pé, e um rapaz disse que tinha recitado uma peça. Eu sou uma menina e acho que posso falar tão bem quanto esse rapaz conseguiu. O meu nome é Faithie Judson e quero enviar uma mensagem ao meu querido papá, que mora a mil milhas de distância daqui, na Califórnia; eles chamam-lhe Los Angeles. O nome dele (o homem disse-me que eu tinha de dizer tudo o que sabia) é A. H. Judson.

Diz-lhe a ele e à minha mamã que tenho estado em casa com eles exatamente como se estivesse viva na terra. Sento-me à mesa e digo: «Bom dia» e «Boa noite». Eles gostam muitíssimo de mim e eu sei disso. A avó Nancy está aqui e cuida de mim; e o avô também está aqui e eu cuido dele. Diz apenas que vim e deixei o meu amor, e o de ambos, para ser enviado para muito longe, para o pai e para a mãe.

Fidelity

[Guia do Médium.]

Sr. Presidente, tenho algumas palavras a dizer em resposta a algumas das perguntas que vejo surgir constantemente a respeito dos métodos que empregamos na condução desta reunião. Alguns estão em dúvida se o trabalho é feito pelos espíritos que controlam, como um grupo, para aqueles que estão presentes, ou se individualmente tomam o controlo por si mesmos. Tenho a dizer que, tanto quanto é possível para qualquer espírito controlar um organismo humano, diferentes espíritos controlam este; mas há momentos (como vós e outros que estão espiritualmente

esclarecidos podem compreender) em que diferentes espíritos, desacostumados com o organismo que estão a segurar, às vezes perdem ou perdem parcialmente o seu controlo.

Nesses momentos o grupo está presente e mantém o equilíbrio, por assim dizer, até que o espírito tenha comunicado, tanto quanto possível, o seu pensamento. Os espíritos, contudo, não compreendem totalmente o que disseram depois de deixarem o controlo. Têm tantas coisas em mente para dizer que muitas vezes deixam por dizer a coisa importante que desejavam comunicar, da mesma forma que os mortais, no calor da excitação, deixam por dizer o argumento mais forte que desejavam oferecer.

Temos um grupo de nove espíritos, oito dos quais estão constantemente a trabalhar: pertencem a esta sala; não têm ligação alguma com este médium quando ele está fora deste lugar. Procuram aqueles que mais precisam da oportunidade de comunicar; e quando nós, o médium e eu, pisamos esta plataforma, encontramos estes nos seus respetivos lugares, cada espírito a segurar aquele ou aqueles a quem deseja ajudar a manifestar-se: consequentemente, no momento em que a via está aberta, estes diferentes espíritos entram e saem facilmente, conforme melhor se adeque ao propósito daqueles que estão a atuar como a inteligência que controla.

Um grande número de pessoas, provavelmente com as melhores intenções do mundo, persiste em comunicar com o nosso médium a respeito de espíritos que desejam que se manifestem aqui. Não preciso de dizer novamente, pois falei muito decididamente sobre esse ponto no primeiro dia em que nos reunimos aqui, que tal procedimento muitas vezes frustra o próprio propósito que tendes em mente. No que diz respeito aos espíritos, não necessitamos de conselho algum a respeito deles.

Há milhões no ar, à espera de dar voz ao seu pensamento e exalar as expressões da sua afeição e amor.

Podeis, contudo, ajudar muito o mundo espiritual, se estiverdes à distância, sentando-vos em casa à própria hora em que os amigos estão aqui reunidos, ou fixando a vossa mente fortemente, em diferentes momentos, nos amigos que desejais que comuniquem. Ao fazerdes isso atareis, com o tempo, a sua atenção para esta via, e eles poderão assim ser capazes de fazer uso dela. Quero tornar este facto claro: Que embora o nosso médium possa ser muito suscetível a esta forma de manifestação — e certos espíritos possam manifestar-se aqui —, o seu outro trabalho fora deste lugar não tem nada a ver com isto, nem isto com ele. Não quero que as pessoas misturem as duas coisas, ou que tenham a ideia de que o que ocorre aqui pertence em qualquer sentido ao seu gabinete privado, ou que o que se passa lá tem algo a ver com o que ocorre aqui a esta hora. Certamente levaria à confusão se tal fosse o caso; ***

Desejo, além disso, dizer que nunca, durante o exercício da mediunidade por muitos anos, encontrei uma companhia de pessoas que estivesse em maior concordância ou de mente mais espiritual, a procurar mais fervorosamente a verdade do que os amigos que de tempos a tempos se reúnem nesta sala; e que há muitos presentes neste momento que têm uma força muito grande... que ajudam pelo seu esforço ao manifestar-se...

James Littlefield

Leva-me a uma distância considerável daqui para chegar ao lugar a que costumava pertencer; mas como as coisas mudaram tanto, encontro agora a minha atração mais forte aqui, embora Memphis, Tenn., fosse o lugar da minha morada antes de eu partir.

Gostaria, se for possível, e dizem que é, de enviar uma palavra à minha esposa — Catherine Littlefield; o meu nome é James Littlefield. Desejo dizer-lhe que tenho ambas as crianças comigo, Lonnie e Lizzie, e que não é culpa nossa se ela não recebe comunicações nossas. O Lonnie diz: «Pergunta à mãe se ela se lembra de quantas vezes eu costumava dizer-lhe: 'Acreditas que há alguma coisa noutra vida?' e quando ela abanava ligeiramente a cabeça ele continuava: 'Bem, eu acredito; tenho a certeza de que há.'» Por isso todos nós estamos aqui para dizer isso, ao qual acrescentarei estas palavras, que parecerão mais parecidas comigo do que qualquer coisa que eu pudesse dizer: «As sombras da vida estão a escurecer; o rio que nos separa um do outro está a ficar estreito; não levará muito tempo até que eu estenda a minha mão para ti, e tu estenderás a tua para mim; elas ficarão entrelaçadas e estaremos unidos mais uma vez, para nunca mais nos separarmos. Fico feliz pelo que aconteceu e feliz por sentir que as coisas tomaram um rumo mais agradável do que quando parti pela primeira vez.» James Littlefield.

Winona Fala por Vários Espíritos

Há um número considerável de espíritos em redor de pé aqui e eles querem que eu fale por eles. Tenho um trabalho duro, às vezes, para não chamar diretamente as pessoas que estão ali sentadas e falar-lhes sobre os seus próprios amigos; mas algumas das pessoas grandes aqui em cima abanam a cabeça para mim e dizem-me para dizer apenas o que me mandam dizer. Parece que me estão sempre a dizer para ficar quieta.

Milton Harvey

Vem aqui um espírito, um cavalheiro, que já partiu há bastante tempo. Ele diz: «Quase toda a família já veio, por isso penso que poderia dizer que o meu nome é Milton Harvey e estou presente, hoje, como tenho estado todas as quintas-feiras há

algum tempo. Gostaria muito de poder ter o meu próprio corpo; de poder descer e falar à minha maneira; mas não posso fazer isso, por isso direi apenas que estou aqui e gostaria de ter uma oportunidade para falar. Por que razão não posso, é um mistério para mim.» Aquele a quem isto se destina compreenderá.

Paulina

Uma senhora muito agradável da vida espiritual vem aqui e traz dois cavalheiros pela mão. Ela está a tentar ajudá-los; eles gostariam de falar, mas não conseguem; depois há uma senhora que parece ser a mãe dela, e isto faz quatro espíritos ao todo. Esta senhora quer vir ter com alguém a quem ama na vida terrena e tentou comunicar um número de vezes, mas não parece ser capaz de sequer perceber que está a falar agora. Ela diz:

«Estou contigo constantemente; amo-te muito de facto; mas às vezes parece que a vida tem tantas provações que não havia muito tempo para dizer sequer isso; e quero dizer-te, minha irmã, que o resto da tua vida terá mais luz do sol e menos provações — por isso estou a esperar que percebas, à medida que o tempo passa, cada vez mais da influência e orientação do espírito, o que tornará o caminho mais fácil.

Estou contigo e estou também longe, muitas vezes, no velho lugar, que quase não tem agora um vestígio de si mesmo, no que diz respeito às nossas memórias e associações passadas.» Ela diz: «Se fizeres o favor de colocar apenas o meu nome como Paulina — isso é tudo o que desejo dar —, penso que será compreendido.»

Lucy Davis

Vem uma senhora que me dá o nome de Lucy Davis e diz que não precisa de vir aqui, apenas achou que seria muito agradável fazê-lo. Gostaria de fazer as suas irmãs saberem que está

frequentemente presente com elas: «Gostaria de poder carregar alguns dos fardos que são trazidos a uma pessoa que serviu o mundo espiritual fiel e bem. Os seus entes queridos estão comigo e estou a fazer tudo o que posso por eles.»

A outra irmã minha diria: «Tudo correrá bem contigo, como tem corrido; tu tens um poder forte — apenas desejaria que pudesse ser mais usado.» «Tinha muito a suportar», diz ela, «eu própria, mas não penso que compreendesse isso tão bem como compreenderia se estivesse agora na terra, com a experiência que tive. Por favor registem-me como Lucy Davis.»

E agora, Sr. Presidente e amigos, há muitas mais coisas para serem ditas, mas penso que já segurámos o instrumento mediúnico por tempo suficiente esta tarde.

Kimball Gleason

Oh, não! oh, não! não há perigo nenhum comigo agora. Estou muito bem, assim dizem. Mas foi um trabalho extremamente duro ficar assim. Parece mais claro agora, muito mais claro do que parecia; e foi há apenas um minuto. Quando comecei a falar pela primeira vez, pensei que estava de volta a Somerville novamente, podia ver os rostos a olhar para o meu e tive medo; parecia que me iam fechar novamente. Estou muito bem, contudo.

Que coisa estranha é esta vida, quando se termina com ela. Quando era rapaz, costumava pensar que se um homem ficasse rico teria alcançado quase tudo o que havia. Era o que ouvia sempre as pessoas dizerem e acreditava nisso: por isso tentei o meu melhor para deitar a mão a tudo o que podia, e isso era uma grande quantidade. Tinha apenas um pensamento na minha mente, de manhã, ao meio-dia e à noite, e esse era o de alcançar o propósito que estava diante de mim; e assim fiz.

Após um tempo, quando podia olhar para fora e ver que o lugar era meu, ninguém mo podia tirar — meu, todo meu —, depois algo correu de forma esquisita na minha cabeça: pensava que não tinha nada num minuto e pensava que tinha o mundo inteiro no minuto seguinte; começou a andar à volta e em redor, mais depressa do que qualquer roda que alguma vez tenha girado, até que pensei tão depressa que não conseguia pensar de todo.

Costumava ouvir os médicos a falar juntos — dois deles — e um disse: «Acho que ele está louco. Não é perigoso agora, mas não se pode dizer quão cedo o será.» Oh! teria sido perigoso para ele se lhe pudesse ter deitado a mão!

A primeira coisa que soube foi que estava na prisão. Eles não lhe chamavam uma prisão, mas era o que aquilo era. Havia regras e regulamentos e eu acontecia ir sempre contra eles de alguma forma. As noites eram piores do que os dias e tudo era tão negro quanto o negro podia ser. Às vezes costumava ver-me exatamente como se fosse duas pessoas — o meu corpo e eu próprio — e... alguém mais estava no corpo e eu estava exatamente fora dele; depois eles levavam-me sempre para o mal e a intriga era certa de se seguir. Depois ficou cada vez pior, até que o sol se apagou: não conseguia ver nem ouvir; parecia que estava a dormir em algum lugar.

Acordei novamente, voltei ao mesmo lugar e encontrei centenas de espíritos cujos corpos estavam vivos, atados aos seus corpos como se tivessem sido acorrentados a eles; parecia que algum estranho tinha entrado na casa onde o espírito deveria ter estado. E eles chamam a estas pessoas loucas — insanas — e colocam muitíssimas delas juntas, o que as mantém insanas enquanto vivem. Não sei se as colocam lá para esse propósito, mas calculo que se alguém estivesse são e fosse colocado lá, tornar-se-ia louco extremamente depressa.

Agora fiquei melhor. Isso foi há bastante tempo. Vi o lar e a minha família. Conheci, após um tempo, um velho amigo meu, Jacob Neal. Ele estava muito bem e demos as mãos um ao outro. Falámos sobre tudo o que tinha acontecido desde então — e muito tinha acontecido — e gradualmente passei a ser eu próprio, quando um homem me disse que eu precisava de voltar à terra e falar, e enviar uma palavra às pessoas, e às outras pessoas que não pertencem à minha família que se lembram de mim, para mostrar, tão claro como as palavras conseguem, que o dinheiro não é a única coisa que há no mundo.

Pensais que é uma coisa muito boa quando não o tendes; e assim é: mas não é tudo. Sou livre como espírito agora; as minhas mãos posso usá-las; posso ver com os meus olhos; posso ouvir cada som. Registem apenas, se fizerem o favor, que tenho estado a olhar aqui em redor durante os últimos seis meses para ver como esta coisa era feita.

Kimball Gleason, de Methuen, Mass., quer dizer que passou um grande número de horas tristes no asilo.

Lizzie Bond

É muito agradável vir aqui esta tarde, com todos os meus muitos amigos que estão ao meu redor na vida espiritual, apenas para deixar uma palavra para o meu irmão e para a minha irmã, e para a minha mãe e para a Carrie, pois todos eles estão frequentemente a pensar em mim e a perguntar-se por que razão não venho. Vim hoje mais especialmente para enviar uma mensagem diretamente ao meu irmão, que está a muitas, muitas milhas de distância daqui e que começou há pouco a trilhar um novo caminho e, se possível, a lançar as bases de uma vida mais útil no futuro do que no passado. Dir-lhe-ia que foi sumamente sábio ter saído de onde tinha permanecido por tanto tempo, onde havia inimigos à direita e à esquerda, e cada um inspirado pelo

ciúme, a procurar tornar o seu caminho tão áspero quanto possível; que nós — o pai e eu, e outros que não preciso de mencionar — abrimos a porta pela qual esta mudança pudesse ser feita; e que embora ao início ele tenha um sentimento de desapontamento — sinta que tem saudades dos amigos em casa que deixou para trás —, ainda assim, após um curto período de tempo, quando vir quão verdadeiramente belos são os arredores, quando tiver realmente feito um novo lar em lugar do antigo, saberá quão sábio foi ter saído nesta jornada.

Não preciso de dizer a ele nem à sua esposa o quanto os amo, pois eles já sabem isso. Não preciso de lhes dizer o quão gentis penso que têm sido para a nossa mãe, que em dias passados pode não ter sido tão atenciosa para com eles quanto talvez devesse ter sido. O pai está comigo e vê as coisas de forma muito diferente agora do que no passado, e se tivesse o poder desdiria muitas coisas que foram ditas com amargura. Quão frequentemente isto acontece: que na paixão do momento os próprios pais dizem coisas aos seus filhos que, em dias posteriores, dariam todo o mundo se pudessem apenas retirar novamente. É demasiado tarde, no que diz respeito à terra, contudo ele está perto do seu filho; está perto da nossa mãe, que a cada dia está a vir mais para perto de nós; a permanência dela na terra não será longa e já temos um lar agradável para ela. Quando o lar tiver sido organizado no novo país eu virei, e exatamente pela altura em que os vossos olhos, meu irmão e minha irmã, lerem estas palavras, ter-me-ei, assim espero, tornado aparente para vós.

Por favor digam que o meu nome é Lizzie Bond. Venho ao meu irmão, que está em San Diego, Cal.

Tauxas

Bem, chefe, suponho que ninguém a não ser os grandes chefes brancos fazem muito discurso neste conselho? [Estás à

vontade.] O índio não tem medo das pessoas aqui: elas não têm medo dele, mas ele vem porque vê algum chefe pálido que conhece — conhecia há muito tempo —, por isso o índio traz-se a si e à sua mulher médium, que está no território de caça há algum tempo agora, com ele.

Ele diz que a relva cresce sobre a sepultura da mulher médium e as pessoas já não a veem caminhar por esses territórios de caça. Não: mas ele vem em espírito muitas vezes, a algumas pessoas de cara pálida que guardam um lugar quente no seu coração para o índio e para a sua mulher. Ele vem porque é um jovem chefe, o que lhe abre o caminho para vir: diz apenas uma palavra e vai-se embora. Ele diz: Eu sou o Tauxas. Pertence ao lugar de New Hampshire, lugar do Maine. Envio muitos alqueires de pensamento para algumas pessoas de cara pálida na terra. Elas sabem que a médium do índio é a Sra. Hatch.

Willie Johnson

[Ao Presidente:] Oh! gostaria que tivésseis um coro para cantar, porque quando estava aqui costumava cantar muitíssimo e gostava disso mais do que de qualquer outra coisa no mundo; mas não sei se este é o tipo de reunião em que costumava cantar, porque eu era um rapaz da temperança.

A minha tia sabe algo sobre os espíritos regressarem e a minha mãe quer saber algo sobre isso — essa é a diferença entre a minha tia e a minha mãe — por isso pensei em vir para fazer a minha mãe saber o que ela quer; é tudo; dize-lhe que estou frequentemente com ela e que não me esqueci de como cantar, nem um único bocado. Eles achavam que eu cantava demais. Quando costumavam ter reuniões de temperança mantinham-me sempre a cantar, sabe.

Era um rapaz de catorze anos: isso não é ser muito pequenino, tenho a certeza, e os rapazes gostam de fazer barulho,

e quando as outras pessoas gostam de os ouvir é agradável: por isso costumava cantar muito nas reuniões e uma vez cantei demais, segundo disseram; magoou-me os pulmões e a garganta e em pouco tempo já não cantei mais. E lembro-me de quando a minha mãe olhou para mim e disse: «É possível que o Willie esteja morto?» Queria gritar e deitar os braços ao pescoço dela e dizer: «Se estar morto significa estar perto da minha mãe, então estou.» Mas não conseguia dizer uma palavra que ela pudesse ouvir e por isso tive de a ver a derramar — oh! tantas lágrimas —, e a desejar sempre que eu pudesse vir. Tentei vir duas ou três vezes, mas não da forma que a fizesse sentir que eu estava lá; por isso vim aqui, porque dizem que se alguém vem aqui toda a gente fica a saber; e pensei que seria uma forma bonita de fazer a minha mãe saber sobre isso. Gostaria de enviar o meu amor à minha mãe e à minha tia, e a todos os restantes.

O meu nome é Willie Johnson. Vivia em New Haven, Conn. As árvores são belas, embora as folhas estejam a começar a cair.

Orrin Richards

Penso que me sentiria muito mais em casa se descesse as escadas e pegasse na mão de um velho amigo que às vezes, bem, muito frequentemente, encontro lá, embora ele não esteja lá agora. Já passou algum tempo desde que parti, estou ciente, e o que tenho a dizer pareceria, sob algumas circunstâncias, ter sido atrasado por muito tempo. Foi culpa das circunstâncias e não da minha apreciação do que foi feito. Não percebi, nos dias fáceis da minha vida, que os dias escuros viriam; há muito poucas pessoas que percebem; mas os dias escuros vieram, exatamente como a noite vem depois do dia; por isso quando parti, passei pela mudança chamada morte, a minha esposa ficou em circunstâncias de algum modo apertadas e vários dos meus velhos amigos juntaram as cabeças e fizeram uma bela soma em dinheiro em memória de mim para ela; mas eu soube disso perfeitamente bem.

Não lhes pude agradecer, mas ela agradeceu-lhes por minha causa. Eles provavelmente já se esqueceram de tudo sobre isso agora; mas eu não.

Quero agradecer-lhes nesta data tardia pela bondade que mostraram para com ela e, poderia dizer, pelo respeito à minha memória. Encontrar-nos-emos novamente; temos a certeza de o fazer; e quando estivermos frente a frente na vida espiritual — que é tão real quanto a vida terrena é — poderei então expressar mais plenamente o que sinto do que no presente momento. Por favor registem-me como Orrin Richards. As minhas palavras têm um significado particular que certas pessoas não poderão falhar em reconhecer.

Joe Kidder

Sou apenas um jovem, mas pediram-me para vir aqui tantas vezes; por isso estou a tentar fazer este homem falar por mim. O meu nome é Joe Kidder; o meu pai mora em Manchester, N. H.; a minha mãe mora lá também, e queria vir dizer a ambos que é bastante fácil estar em casa e depois vir aqui no mesmo dia; e dizer que temos um lar belo na vida espiritual, consideravelmente mais bonito do que aquele que eles têm na terra; e há um quarto nele que todos nós fizemos tão bonito quanto podemos para eles, quando partirem.

O Sammie e a Fannie estão comigo. Estamos todos juntos, apenas acontece ser eu a dizê-lo. E além de enviar amor ao pai e à mãe, quero dizer que eles devem guardar bem o novo instrumento; se o fizerem, as coisas ficarão todas bem, e isso tornará tudo tão fácil para o resto de nós. Por favor dá o meu amor ao Frank também. O nome do meu pai é Col. John S. Kidder.

Fidelity

[Guia do Médium.]

Sr. Presidente, antes de passar a algumas outras coisas que estão ainda por ser ditas, sinto que pode ser sábio responder a uma pergunta que, ao mover-me entre as pessoas esta tarde, ouvi ser feita de uns para os outros. Compreendo que não é da minha alçada responder a perguntas, nem pretendo infringir o domínio de outro, mas isto parece ser tão pertinente que talvez não seja deslocado.

A pergunta foi: «Se tudo isto (referindo-se a estas manifestações) é verdade, que bem terreno é alcançado?» Desejo responder, em poucas palavras, à pergunta proposta e fá-lo-ei fazendo outra: Que bem faz a educação? Certamente podeis viver e desfrutar de vós mesmos de uma forma moderada, passar ao longo dos anos contados da vossa vida e entrar no mundo espiritual sem educação alguma; contudo, o homem ou a mulher que é abençoado com ela encontra no mundo mil belezas que o inculto nunca poderá contemplar. Onde o homem ignorante é cego e surdo, o homem educado pode ver e ouvir, e cada nova lição que aprende, cada nova lei que vê desabrochar, serve apenas para o fazer compreender mais plenamente a maravilhosa generosidade do nosso Pai Celestial.

Ora bem, nós sustentamos que os espíritos, ao regressarem, estão apenas a cumprir uma parte da sua educação. Tola por vezes pode parecer, a palavreada de uma criança, a palavra ociosa de algum amigo — apenas uma mensagem do passado. Coisas simples estas podem ser, mas afinal de contas, a vida e a sua felicidade são feitas de coisas muito simples.

Cada um de vós tem na sua casa e no seu coração algum tesouro sem valor, no que ao mundo diz respeito, que para vós vale mais do que tudo o que o mundo pode dar; e ao vosso redor estão aqueles que vos amam com um amor imortal; e se porventura eles vos puderem falar, e vos puderem chamar de volta à lembrança deles, e trazer-vos um pensamento do futuro, eles

ganharam uma força e uma felicidade que as palavras humanas não conseguem bem expressar.

Pode não servir propósito terreno algum que estes espíritos regressem; mas serve um propósito espiritual, no avanço da sua própria vida, o que é um fator importante. Registar-me-eis como Fidelity, o guia do médium. Bom dia.

Winona, por vários Espíritos

Pediram-me para vir e falar por algumas das pessoas que estão aqui.

Richard Scammon

O primeiro que consigo ver é um cavalheiro que me leva para muito longe daqui, no caminho de ferro. Ele tem estado meio jururu há um pedaço — meio de mente séria. Ele diz que vivia em Portland, Maine; o seu nome é Richard Scammon; e quer que a sua esposa e família saibam que ele está frequentemente com eles; e frequentemente pensa no tempo em que costumavam preparar as crianças para ir ao Liceu, e no tempo esplêndido que costumavam passar lá. Não parece muito como costumava ser, porque as coisas ficaram tão desfeitas. Ele vem ter com eles na mesma. Esta é a utilização de uma oportunidade há muito desejada, diz ele.

Stephen Pearl

Vem aqui um cavalheiro que diz que pertencia a Haverhill e Bradford, e que vos agradeceria muito se tivésseis a bondade de dizer que Stephen Pearl está presente e não consegue possivelmente compreender por que razão a sua gente não lhe dá uma oportunidade de se manifestar.

Mego

Vem aqui um espírito que veste um trajo curioso. Ela chama-se a si mesma Mego, eu acharia que era vem comigo! porque ela

está aqui. Ela estende a mão a alguém que conhece e faz uma vénia. Ela leva-me para muito longe, até a algum médium que lhe pediu para vir. Ponham apenas no papel: ela quer simplesmente que se saiba que está aqui.

Jennie Wentworth

Agora consigo ver uma jovem menina — um espírito doce e agradável, que deseja enviar o seu amor à sua gente que está em Boston. Depois vou a Nova Iorque e volto a Boston novamente. Ela diz: «Isto será compreendido, porque os meus amigos mudaram-se exatamente dessa forma. Eles perguntam-se por que razão não venho, e eu venho, hoje, como tentei muitas vezes antes, sem muito grande sucesso. Por favor digam que Jennie Wentworth está presente.»

Warren Gilbert

Vem ali um cavalheiro que está determinado a que ninguém o impeça de falar hoje. Ele esteve aqui duas ou três vezes antes; mas eu estava a falar, ou alguém mais teve oportunidade de falar primeiro. Ele diz que o seu nome é Warren Gilbert e quer expressar os seus grandes agradecimentos por tanto do que foi feito por ele na altura em que partiu, e logo após ter ido. Ele não acha que esteve nem metade grato o suficiente; não percebeu que ia partir; não parecia possível quando lhe disseram que não havia grande oportunidade. Ele ainda pensava que tinha de melhorar. Ele diz: «Ouvi tudo o que foi dito; sei como os meus amigos se sentiam, como desejavam poder falar, nem que fosse por uns poucos minutos, comigo; mas isso não pôde ser. Isto é para um amigo que está presente e muitos outros que estão longe. Desejo dizer isto em memória de um passado que nunca, nunca pode ser esquecido.»

Há muitos outros espíritos presentes. As condições hoje foram as melhores de qualquer dia em que estivemos aqui. Não

sei por que razão é, exceto que a assistência esteve mais em harmonia.

Que os anjos da pureza e da paz se dobrem sobre cada coração e, ao sairdes daqui para enfrentar os cuidados da vida, à medida que um a um aguardam por vós, que vos seja dado o conhecimento de que caminha ao vosso lado algum querido amigo invisível para vos ajudar nas provações e auxiliar nos vossos trabalhos terrenos, suavizando assim o vosso caminho sobre o limiar que une os dois mundos.

Relato da Sessão Pública realizada a 27 de outubro de 1887. Edward S. Wheeler.

Agradeço à jovem por cantar essa canção, porque me recorda a história em que sempre acreditei, a qual comecei a perceber e sei que é verdadeira. Está na ordem do dia, sem dúvida, que eu fale as minhas ideias e envie uma mensagem a alguém que não sou capaz de alcançar neste momento de qualquer outra forma. Estive presente há algum tempo nesta Sala de Círculo, quando um amigo falou algumas palavras por mim. Não pensei que alguma vez viesse sob estas circunstâncias, mas é o inesperado que sempre acontece, e quando menos pensais que uma coisa está prestes a ocorrer, nesse momento ela senta-se ao vosso cotovelo.

Costumava subir e descer estas escadas — às vezes em recados que me diziam respeito — e posso verdadeiramente dizer que nunca me fui embora de mãos vazias. Nunca pensei nessa altura que viria por aquela porta e ninguém me veria, e que a única forma de me fazer conhecer seria falar através dos lábios de outro. É mais ou menos assim que imagino que a maior parte de vós se sente, estando aqui diante de mim sob forma física; mas está a chegar, e mais cedo do que alguns de vós pensam dareis um passo para a outra margem. Suponho que nessa altura vos parecerá tão estranho regressar desta forma como parece a mim.

Recentemente encontrei um velho amigo meu; não sei se lhe deveria chamar meu amigo — ele era um amigo do mundo; ele mantinha os interesses da humanidade na palma da sua mão; ele tinha mais de Deus Todo-Poderoso na sua alma do que quaisquer outros dez homens que alguma vez conheci —, e esse era John Murray Spear. O velho abriu os olhos como se estivesse a dormir há muito tempo, estendeu-me a mão e disse: «Bem, Edward, és tu?» Eu disse: «Sim; cheguei aqui antes de ti, mas sabia que vinhas — todos sabíamos que vinhas —, por isso organizámos uma receção para ti.» Ele sorriu. «Sim, essas coisas estão todas bem», disse ele, «à sua maneira, mas nunca fiz trabalho algum pelo resultado dele; era sempre satisfação suficiente para mim fazer o trabalho sem esperar pela recompensa.» Não há muitas pessoas no mundo assim: a maior parte dos homens e mulheres no mundo trabalham porque têm de o fazer, depois aceitam a recompensa e encontram falhas por não ser maior. Foi assim que fiz até certo ponto.

Ele queria apenas que eu enviasse uma mensagem, a título de anúncio de que estava acordado, a muitíssimos que se lembrarão do seu nome.

Agora quero enviar uma palavra a essa minha pequenina esposa, que tem estado a passar por um momento duro durante o verão, que se está a sentir deprimida e descorçoada, e terrivelmente solitária. Desejaria poder levantar cada sombra da vida dela, harmonizar cada discórdia e respirar um sopro de primavera ao seu redor. Se pudesse faria apenas com que os raios de sol caíssem sobre o seu caminho, vozes agradáveis nos seus ouvidos. Dizei-lhe que a Bessie e eu estamos frequentemente perto dela, e agradeço aos bondosos amigos pelo que fizeram por ela. Ela tem de tentar manter uma boa coragem durante os próximos dois ou três meses; depois disso estará melhor de saúde, mais assentada de mente, mais esperançosa no coração.

Há um grande número de coisas, Sr. Presidente, que eu poderia dizer, que estão no meu coração para dizer, sobre este lugar, sobre os amigos que posso ver aqui, que conheço e que amo com o amor de um irmão e companheiro de trabalho. Penso que, talvez, tenha expressado tudo o que é sábio para mim proferir hoje, por isso direi: Boa tarde, e deixo o meu nome convosco. Edward S. Wheeler.

Mary Cottrell

O meu nome é Mary Cottrell, e o meu marido, o médico, lá longe em Kansas City, tentou com tanto esforço obter uma comunicação minha, por si mesmo, que ficou quase descorçoado. Ele sente quando está com um médium forte que está mais perto de mim. Isso é um erro: ele apenas é capaz de o perceber melhor. Estou com ele constantemente e desejo encorajá-lo nas resoluções que fez para levar avante a obra espiritual, e ajudá-lo-ei, ele sabe disso, apenas pode encorajá-lo tê-lo dito novamente.

Absalom Millen

Represento Unity, N. H. O meu nome é Absalom Millen. Não me sinto eu próprio, porque tive um ataque algum tempo antes de deixar o meu corpo. Parece que voltou novamente, quando tento falar desta forma. Consigo ver de ambos os meus olhos agora; isso é mais do que podia fazer quando parti. Um deles não me servia de nada. O meu irmão Walker, que morreu no exército, está aqui comigo, e a Berens, ela está aqui. Ambos vão lá acima a casa ver a velha senhora, que há muitos e muitos anos deu as mãos comigo e começámos na estrada, parceiros para a vida. Ela sabe algo sobre isto, porque tem poderes mediúnicos ela própria. Tentei impressioná-la para a fazer pensar que eu estava bem, e assim estava no espírito. As sombras estão a adensar-se ao redor dela, e nós no mundo espiritual estamos a acenar-lhe para vir; a

casa na morada do Pai está quase pronta e nela ela encontrará cada tesouro do passado.

O Espiritualismo tem sido um grande consolo para ela. Descansa nele, querida esposa, até ao fim.

Ray Carpenter

Que coisa doce é descansar, após uma época de sofrimento e dor; como ver aqueles a quem amamos a estender as mãos e não ser capaz de os fazer sentir o aperto de volta, porque parecem hesitar diante do silêncio que não temos o poder de quebrar...

Há um querido, querido amigo em Cincinnati que compreenderá o que disse mais do que qualquer pessoa que eu conheça, pois desde que nos conhecemos ele guardou um lugar no seu coração para mim e, embora eu esteja perdido da sua vista, vejo que ele me guarda tão ternamente agora como quando eu estava ao seu lado. A acordar, ele pensa em mim; a dormir, continuo nos seus sonhos; e quando os cuidados e os problemas vêm, como é claro que têm de vir, sou capaz, através do seu reviver do passado, de o consolar e ajudar.

Ele disse-me, quando estava a ler o BANNER OF LIGHT no outro dia: «Vai lá, se puderes, e envia apenas uma palavra de consolo para mim.» Por isso envio esta palavra de consolo para ele. O amor é eterno e aguardo a sua chegada. Ray Carpenter.

Fred Williams

O meu nome é Fred Williams, e tenho uma amiga muito querida aqui na terra cuja mente está constantemente fixada em mim; tanto assim que não percebo que estou no mundo espiritual e me parece tomar tanto interesse no que se passa na terra como quando estava aqui num corpo de carne.

Maria, foste fiel na memória, no pensamento, na ação, ao nosso passado; o tempo de separação exterior é agora não muito

longo: temos a certeza de nos encontrar novamente; para depois nunca mais nos separarmos. O teu irmão Orrin está aqui; e quando olhas para a fotografia que guardas no baú debaixo da mesa, e falas para ela como se estivesses a falar para ele, ele sabe disso. Estamos ambos presentes, pois nessa altura a tua mente está muito em sintonia com o mundo espiritual. Antes de partires saberás por ti mesma a realidade da vida além.

Fidelity

[Guia do Médium.]

Muitas pessoas têm desejado saber como as experiências foram obtidas no mundo espiritual; como um homem rico, cuja vida inteira tinha sido constituída no esforço para adquirir riqueza, seria ensinado da tolice do seu empreendimento; e posso responder a isso repetindo-vos o que vi eu próprio há pouco tempo: Um homem que tinha poupado uma grande quantidade de dinheiro, e cujo mundo tinha sido delimitado por si mesmo (e receio que haja muitos desses que encontrais todos os dias), veio para o mundo espiritual. Na terra ele tinha sido egoísta e ditatorial; tinha sido capaz de fazer a sua própria vontade em relação a tudo e, porque era possuidor de casas e terras, imaginava que era realmente um grande homem.

Quando chegou aqui, contudo, descobriu que tinha deixado todo o seu dinheiro para trás, o que foi uma surpresa muito grande para ele, pois não é o que um homem vale, mas o que ele realmente é, que faz com que seja uma navegação suave na terra do espírito. Ele tinha estado a procurar ouro, e acordou para a consciência (simbolicamente falando) numa caverna forrada de ouro. Ele viu a sua esposa e filhos a passar logo acima dele, e por

um momento o amor e afeição do passado vieram rastejar de volta para o seu coração. Ele estendeu as mãos para entrelaçar as deles, mas uma barra de ouro impediu-o de o fazer; para qualquer lado que se voltasse encontrava a coisa que tinha estado a procurar; e embora as bênçãos do mundo espiritual não fossem retidas por comando divino ou por uma punição ordenada do céu, eram impossíveis para ele perceber, porque os seus pés eram demasiado fracos e a sua aspiração demasiado pequena para alcançar até elas.

A voz do professor espiritual falou e disse: «Tens de conquistar a ganância, superar o egoísmo, colocar os teus pés firmemente sobre a mera gratificação dos desejos terrenos e procurar a tua felicidade no bem-estar dos outros.» Ele voltou a sua face em direção à terra e descobriu que o seu filho era um esbanjador, a deitar fora o dinheiro que ele tinha trabalhado tão arduamente para poupar. Foi essa a forma como ele aprendeu quão sem valor isso era.

Pobre de facto é o homem ou a mulher cuja única riqueza consiste em casas e terras. Rica de facto é essa alma que encontra contentamento dentro de si mesma. Esta é a lição que me foi pedido para dar. Há ao meu lado um espírito que é atraído aqui por estas flores (referindo-se a um cesto de flores sobre a mesa). Não é usualmente minha intenção permitir que espíritos que possam estar de qualquer forma ligados a este médium, ou à sua família, falem em ocasiões como esta; mas este é um dia que é muito marcante e assinalado, e se alguma desculpa fosse necessária, o que tenho a certeza de que não é o caso, permitiria que essa servisse como uma. Ajudarei o espírito, então, a controlar o médium, como ele muito raramente o fez, e ele pode dar voz à mensagem para aqueles que estão presentes e aqueles que estão ausentes. Fidelity.

Alvah H. Webster

Queria vir hoje mais do que desejei vir em qualquer altura antes desde que deitaram o meu corpo na colina, pois hoje é o dia do casamento da minha filha. Ela enviou estas flores aqui para mim e eu quero enviar a minha bênção de volta para ela e para o jovem com quem ela casou. Ela foi sempre uma boa rapariga e trabalhou fielmente, e espero que ela deixe as provações da vida para trás, e que encontre um braço forte em que se apoiar. Tenho apenas as melhores esperanças para ambos. Parecia-me há apenas um dia que estava ali deitado, no mesmo quarto, e as palavras estavam a ser proferidas sobre mim. Depois vós estáveis todos lá novamente hoje. Bem, não importa; é assim que a vida é feita.

Gostaria de dizer, também, à minha esposa e à minha filha — e diria ao meu filho, apenas ele não consegue suportar — que estamos todos nós a caminhar de mãos dadas, e tenho cada desejo mais do que satisfeito quando vejo o quanto todos se amam uns aos outros e quão felizes estais juntos. Deus vos abençoe! Deus vos abençoe a todos! Alvah H. Webster.

Winona, pelos Seguintes Espíritos:

Bem, como está toda a gente hoje? Há um monte de gente aqui, no nosso lado especialmente. Tenho um monte de tempo para falar? Não sei contar muito bem o tempo. Se por acaso falar demasiado tempo avisem-me simplesmente. Há um monte de visitantes aqui e não quero que fiquem desapontados.

Hattie Phillips

Uma senhora que me dá o nome de Hattie Phillips quer enviar uma mensagem, particularmente ao seu pai, que mora lá em baixo em Brockton, a dizer que desejaria não ter ido na longa jornada para a Califórnia, onde partiu para a vida espiritual, pois acha que se tivesse ficado em casa teria sido exatamente tão bem. «Mas é demasiado tarde para falar sobre isso agora; apenas quero que vós em casa me deis uma oportunidade de falar convosco,

pois tenho algo de muito importante que gostaria de comunicar. Podem dizer que o nome do meu pai é Harvey Bird.»

James Pushee

Um homem que dá o nome de James Pushee diz: «Gostaria de agradecer a esses amigos que me auxiliaram, quando estava doente e necessitado, com ajuda financeira. Não pude expressar agradecimentos nessa altura, mas faço-o agora.»

Sra. Pratt

Uma senhora grande vem aqui, com um sorriso muito agradável, e caminha para o fim mais distante do salão. Ela diz: «Diz que a Sra. Pratt está presente e, quando vos reunirdes no velho lugar de reunião, eu estou lá. Há muitos de nós aqui que trabalharam da mesma forma, e quando vos juntais para qualquer objetivo caritativo, garanto-vos que é um prazer muito grande para nós estar convosco. Gostaria de enviar o meu amor à minha filha, bem como a outros amigos. Podes dizer que estava ligada à Sociedade de Auxílio das Senhoras.»

Jennie Collins

Uma senhora vem aqui muito cansada e diz: «Vim com a esperança de obter força mais tarde para enviar uma mensagem de importância particular a algumas pessoas que estão a atuar em meu nome, a quem não sou capaz de falar quando perto da terra; pensar nas coisas terrenas perturba-me a mente de tal modo que perco o controlo do propósito que desejo levar a cabo; mas ser-me-á em breve possível, segundo me dizem, realizar o propósito que tenho em mente, e os meus próprios amigos lembrar-se-ão de que nunca fui facilmente superada por obstáculos. Jennie Collins.»

Charles Boynton

Charles Boynton gostaria de enviar uma mensagem ao seu filho que está em Gloucester, Mass.

George W. Smith

Há um homem aqui que acabou de olhar para o meu médium e disse: «William, como estás?», como se pensasse que ia falar com ele. Vem por aqui e apanha o jeito destas coisas muito bem. O seu nome é George W. Smith. «Estava a perguntar-me por que razão o William estava aqui e eu não vinha. O William e eu fomos à Europa juntos; e passámos um momento bastante bom, considerando tudo. Diz à minha esposa que a Ida e eu estamos aqui; que a Belle vai ficar melhor e que eu gostaria que ela me desse uma oportunidade de me expressar a ela. Toda a gente me conhece, por isso não preciso de dizer mais nada.»

Ele faz-lhe uma vénia, Sr. Presidente, e diz: «Conheço-o: costumava conhecê-lo quando estávamos interessados sobre as reuniões no Music Hall.» Em resposta a uma pergunta ele disse: «O George não está aqui. É sobre isso que quero falar à minha esposa. Ele não está na vida espiritual — não, senhor.»

Benjamin Starbuck

Benjamin Starbuck deseja enviar uma palavra aos amigos em Troy, N. Y., que estão a levar a cabo a boa obra, para não ficarem descorçoados. Ele diz: «A minha vida estava ligada a essa obra. Pensava nela cedo e tarde, e fico feliz por ver que o fogo é mantido a arder apesar de seja o que for.»

Sr. Presidente, agradeço muito aos amigos pela sua presença aqui hoje. Enquanto estou a falar-vos vejo muitos espíritos a dobrarem-se sobre as pessoas que estão presentes. Muitos de vós são mediúnicos, e amigos vossos que estão aqui desejam fazer-vos perceber que estão convosco. Deus vos abençoe! Adeus. Winona.

[Avançado por pedido do espírito comunicante.] Mary Stickney.

Dizem-me que qualquer mensagem que seja dada aqui chegará algum dia àqueles a quem se destina, e tenho uma mensagem que estou sumamente ansiosa por dar, e se fosse possível ser enviada em breve faria um grande número de pessoas felizes. O meu nome é Mary Stickney; parti em Filadélfia, mas tenho parentes em Springfield, Mass., e também na Califórnia. Não é de mim mesma que vim falar; mas o meu irmão, Dr. Stickney, de Springfield, Mass., partiu recentemente. Há poucos dias ele veio ter connosco aqui no espírito e, como estava ciente desta verdade até certo ponto, e como a sua esposa e o seu filho estão particularmente ansiosos por saber como é com ele, incumbi-me, sendo mais forte, de trazer a mensagem dele para eles.

O meu irmão esteve doente durante muito tempo; sofreu intensamente; mas foi corajoso e guardou o seu sofrimento para si mesmo. A sua esposa foi sumamente fiel no seu dever para com ele, e o seu filho foi tudo o que um filho poderia ser. Os outros membros da família têm-no em alta estima, mas as circunstâncias não lhes permitiram fazer por ele o que aqueles que mencionei fizeram. Recebi-o quando ele veio para a vida espiritual e quase de imediato os fios de ligação que prendiam o seu espírito ao seu corpo desgastado foram cortados e ele ficou livre; e estar livre, para um espírito enredado por dor e sofrimento, significa mais do que palavras minhas podem transmitir.

O seu corpo tinha sido uma casa de prisão para ele durante muitos meses; ele tinha ficado cansado, tinha ansiado por estar em descanso e tinha desejado partir enquanto o mundo era belo; e teve o seu desejo: Levaram-no sob a luz do sol e ele não dorme o sono que não conhece acordar, pois já está acordado comigo, e deseja que eles saibam que virá ter com eles sempre que tiver uma oportunidade; deseja agradecer-lhes, com toda a força que um coração humano pode expressar, pelo cuidado amoroso e consideração gentil com que atenderam a cada uma das suas necessidades.

Não tenho nada a dizer por mim mesma, além do facto de ser feliz nesta vida. Há dois outros que se juntarão a nós ambos antes que muitos meses passem; os restantes permanecerão, por um tempo, até que o trabalho das suas vidas esteja cumprido.

Agradeço-lhe, Sr. Presidente, por me ser permitido falar estas palavras, e espero que cheguem às pessoas a quem se destinam. Bom dia. 10 de nov.

Relato da Sessão Pública realizada a 10 de novembro de 1887. John Murray Spear.

Sou um homem tão velho que não serei capaz de falar muito depressa. Nunca pude; e acabei de encontrar o meu caminho de volta à terra novamente. É um empreendimento e tanto para mim tentar vir tão cedo após a minha transição; não foi para servir a um fim privado, mas a um interesse público que me esforcei por o realizar. Vejo cada vez mais a cada dia o quanto a verdade precisa de defensores e que grave erro se comete quando tentamos limitar a expressão da verdade. Alguns podem precisar da verdade religiosa, ou dessa forma de verdade que apelará à sua natureza religiosa, mas a maioria do mundo precisa de verdade empática; isto é, uma ponte entre a vida que estão a levar e a vida que deveriam levar.

Agradeço a Deus por ter sido capaz de fazer algo por aqueles que eram desafortunados e sós: por às vezes ter sido capaz de quase quebrar as barras da prisão e trazer os pobres desafortunados para a luz do dia: por, nos velhos dias do abolicionismo, quando pensar era um crime e falar era um pecado, ter tido a coragem das minhas convicções e nada me ter impedido de as expressar.

Está tudo muito bem que alguns dos meus irmãos cristãos falem sobre servir a Deus e obter a salvação da alma. Mas um homem que está a morrer de fome, um homem que não tem amigos, procura mais os confortos para o seu corpo aqui do que procura a salvação da sua alma no futuro; por isso tentei apontar o que me parecia ser o caminho do dever e procurei servir a Cristo abençoando os meus semelhantes.

E agora que o meu corpo desgastado está enterrado no solo, e já não caminharei pelas ruas familiares, nem falarei aos velhos amigos familiares, o meu trabalho veio ao meu encontro e rostos há muito esquecidos radiaram com o sorriso de boas-vindas: contudo lembro-me ainda, em toda a alegria que encontrei no mundo espiritual, de alguns amigos que deixei para trás. A minha esposa — estou com ela. Ela foi fiel em tudo o que fez — sumamente fiel.

E ao Irmão A. E. Newton e à sua esposa, gostaria de lhes dizer que estou com eles a combater o bom combate. E há um grande número de outros que poderia mencionar, só que não tem utilidade particular fazê-lo agora; pois eles devem saber que se há algo de imortal no homem, são as afeições, os amores que vivem, mesmo quando os ódios são superados.

Meus amigos, irmãos e irmãs que estais aqui — desconhecido sou para muitos de vós, mas alguns reconhecerão o meu nome —, deixai um velho homem, cujo cabelo era branco, e

cujos pés eram frágeis pela idade, cujos ombros estavam curvados pelos fardos da vida, falar-vos uma palavra de conselho.

Há uma coisa de que nunca vos arrependereis: podeis arrepender-vos da indelicadeza; podeis arrepender-vos da censura; podeis arrepender-vos de atos de utilidade que deixastes por fazer, mas nunca vos arrependereis da palavra gentil, do ato amoroso, do copo de água fria: estas coisas tornam-se joias brilhantes na coroa que o espírito vestirá.

Tenho de agradecer a alguns dos espíritos acompanhantes aqui por terem falado hoje. Não posso falar tão alto quanto eles desejam, mas fiz o melhor que pude. John Murray Spear, de Filadélfia.

Bright Star

Eu sou a Bright Star. Venho porque tudo está em confusão ao redor daqueles com quem tenho estado a trabalhar e quero enviar-lhes uma palavra de encorajamento. Posso falar-lhes, mas se falar de outra forma parece que falei mais alto do que quando falo diretamente para eles; por isso venho aqui porque a minha médium tem muitos problemas, muitos, muitos problemas, sempre problemas agora. Mas é de noite; mais tarde será de dia e tudo luz nessa altura, exatamente como é tudo escuridão agora, e isso muito em breve.

Diz que falo por muitas pessoas que a gente branca não consegue ver, e que embora as coisas corram mal e muito mal, mantém sempre o controlo: não largues, porque isto tem de ser provado que está certo antes de terminarmos.

Alguma gente fala grosso sobre alguns médiuns serem fraudes. Eu caminho com o meu chefe no território de caça. Vejo lugares grandes a que eles chamam como que casa de reuniões. Nenhuma fraude ali! Ha! ha! Nenhuma fraude! O homem entra

ali, diz o que Deus pensa e o caminho para ir para o céu e ficar fora do inferno. Nenhuma fraude ali! Oh, não! oh, não! Toda a fraude que há está no Espiritualismo e nos espíritos; todas estas outras pessoas, a fazer tanto pela salvação da alma, tudo genuíno, cada um! A Bright Star não alinha nisso, oh, não; demasiado barato! demasiado barato!

Alguns dizem: «Tens trabalho a fazer — faz o trabalho: para a médium: não te voltes para trás, para a direita ou para a esquerda; vai direto em frente e esse trabalho será feito. O coração está cheio de dor, a mente cheia de problemas. Este é o tipo de conversa para a ajudar. Bom meio-dia para todos vós.

Henry P. Duclos

Venho aqui esta tarde não para fazer um apelo à sua generosidade, Sr. Presidente, ou à de qualquer um presente, mas antes por causa do tratamento que vejo em todo o lado ser dado aos animais. Dizem que cada homem tem o seu hobby, e tenho a certeza de que fui um dos homens que andou no seu hobby em todas as alturas e em todas as ocasiões. Quando passei para a vida espiritual deixei a minha propriedade de tal forma que os animais — chamo-lhes os animais de estimação, os cães e os cavalos — fossem bem cuidados, e fico feliz por ver que a minha esposa, que gosta mais deles, se possível, do que eu gostava, está a cumprir o meu desejo à letra.

Lembro-me de um homem me perguntar uma vez se eu achava que os animais tinham alma, e eu respondi-lhe: «Se não tivessem, havia uma oportunidade muito pequena para alguns homens. Vejo mais inteligência no rosto de um cão ou cavalo honesto do que vejo na maioria dos homens que encontro.» E enquanto o homem se orgulha de ser um «senhor da criação», somos obrigados, os mais humanos de nós, a promulgar leis para proteger a ação destes «senhores» nas formas de vida inferiores.

E quero apenas dizer aqui que descobri na primeira esfera do mundo espiritual, que aprendi que se chama a esfera de transição, que os animais existem e mantêm as mesmas relações com os seus donos como fazem na terra, e que todos estes tesouros, se me é permitido chamar-lhes assim, têm uma existência que continua após a mudança chamada morte, pois a primeira esfera do mundo espiritual não passa do reflexo completo da condição das coisas neste mundo; portanto precisamos de todas essas coisas que tornaram a vida brilhante e feliz, bela e útil.

Gostaria de enviar uma mensagem de simpatia e amor à minha esposa, e a outros amigos meus que me guardam em gentil lembrança, em Hartford, onde vivia, e dizer que espero que ela, a minha companheira terrena, não seja desviada da verdade em que acreditei, e que alguns dos meus parentes afirmam não ser verdadeira.

Toda a fortuna que tive fi-la através da influência do mundo espiritual, e pensei que poderia servir esse mundo fazendo com que fosse gasta em benefício dos animais e da sua proteção. Agora descubro que tudo está a ser feito para quebrar a minha influência, isto é, a influência da ideia espiritual sobre ela, e embora ela possa ouvir o que eles possam dizer, espero que continue ainda assim a ter a coragem da sua opinião. Dizei que estou sempre com ela; que o velho lar é o meu lar ainda; os animais de estimação eu vigio e amo; e que nos encontraremos frente a frente num dia não distante. Henry P. Duclos.

Louisa Brewer

Fará o favor de dizer, Sr. Presidente, ao William, que sou capaz de cumprir o pedido que ele fez muitas vezes para eu vir aqui? Fico feliz por ver quão arduamente ele está a tentar levar uma vida de acordo com as suas ideias. Ele é um homem muito bom e estou sempre perto dele, sempre que é possível. Vim de

várias formas diferentes — não exatamente desta forma — antes, contudo; mas ainda assim fazemos um grande número de coisas para alcançar o nosso propósito. Parti há tanto tempo que já não faço muitas cerimónias. Vim porque ele me pediu. O meu nome é Louisa Brewer. Venho ter com William Brewer, meu marido.

Paul

Seria tão bondoso, Sr. Presidente, de pôr em registo esta mensagem de Paul? Diria aos meus amigos em Trenton, N. J., que não devem desesperar no trabalho que empreenderam e que têm levado a cabo fielmente durante os últimos cinco anos; no... estamos mais perto do que em qualquer outra altura porque eles são trazidos através da mediunidade... antes que seja capaz de fazer algumas manifestações decididas; e quando isto for feito a sua fé tornar-se-á muito mais forte do que é. Eles disseram, na outra noite, se eu estivesse lá que esperavam que eu viesse aqui; por isso, para os satisfazer, aqui estou.

T. M. Lamb

Esta é, creio eu, a Sala de Círculo do Banner of Light — um lugar em que tenho estado a tentar obter audição há alguns anos. O meu nome é T. M. Lamb, de Worcester, Mass. Nunca fui tão inclinado ao Espiritualismo quanto àquilo a que chamo «pensamento liberal»; mas calculo que o pensamento liberal e o Espiritualismo sejam irmãs gémeas: se não são tão proximamente aparentados como isso, então deveriam sê-lo.

Tive a boa fortuna, antes de partir, de aprender quão falaciosas são as opiniões dos homens a respeito do que eles chamam os feitos de Deus. Não tenho objeção a que os Ortodoxos façam um inferno ou um céu para si próprios, mas oponho-me decididamente a que eles insistam em que as outras pessoas os ocupem depois de os terem feito. Eles desejam iluminar metade do mundo com enxofre, para que possam desfrutar do clarão, ou

passar o tempo na ociosidade e na canção; podem fazê-lo, mas, para a minha mente, há muito concluí que a vida mais útil é a melhor vida, e não vi razão alguma para mudar a minha opinião desde que parti.

William Denton, a quem tive o prazer de apertar a mão, abriu-me a porta. Aprendi mais com o que ele disse do que poderia ter aprendido com todas as bíblias que alguma vez foram impressas desde que Noé foi navegar na sua arca. Penso que o problema com Denton, com Thomas Paine e com a estrela mais recente, Robert Ingersoll, não é por dizerem demasiado pouca verdade, mas por dizerem demasiada. É um trabalho duro encontrar um homem que cubra todo o terreno com o que diz.

O pensamento liberal é o passo em direção a uma vida liberal; esse passo alcancei-o em certa medida e tenho desfrutado nesta vida de uma extensão ainda maior dessas leis e ideias que estão apenas vagamente prefiguradas na mente humana. Há muitos amigos meus em Worcester ainda. Por favor dai-lhes a minha lembrança e dizei que estou com eles em cada trabalho que signifique a dissipação da ignorância e a queda da superstição.

Charles H. Bryan

Está frio! a água parece fria! Não pensei que me ia afogar quando saí naquele dia. Estávamos a ter um momento de primeira classe, mas fui ao fundo e depois nunca mais voltei. Gostaria apenas de dizer que o meu nome é Charlie Bryan e que me afoguei no Lago Quinsigamond, em agosto de 1881. A minha gente — a pouca que tenho — mora em Worcester.

Fidelity

[Guia do Médium.]

Sr. Presidente, ouvi dois bons amigos a falar há uns momentos; um estava a falar de trabalho espiritual; o outro disse:

«O que quer dizer com isso?» e pensei que talvez pudesse dizer uma palavra sobre o assunto, pois a resposta não foi feita de forma muito clara. Devei saber, amigos que estais aqui, que estudastes o assunto nem que seja um bocado, que se os espíritos acordam no outro lado como estão aqui, há muitos deles numa condição muito lamentável. Vi espíritos que estavam perto dos seus corpos, que tinham estado realmente a dormir durante centenas de anos: a querer ir embora e sem saber como; outros que estavam perto dos seus corpos e que continuavam a sofrer pelo mal que tinham feito; outros ainda que, se as condições estivessem todas bem ao seu redor, poderiam erguer-se e ser imediatamente livres. Ora a natureza do trabalho espiritual é esta: auxiliar os espíritos na sua jornada em frente em direção a uma vida melhor; e cada pensamento gentil que podeis dar é uma faca, por assim dizer, que corta o fio de ligação entre o espírito e o corpo em que outrora viveu.

Há pessoas presentes nesta sala hoje que estão a fazer um grande trabalho desta forma — a libertar espíritos das suas condições terrenas e a ajudá-los a tornarem-se mais fortes e melhores na sua vida espiritual do que eram na sua vida terrena.

Se passardes por qualquer um dos muitos antros de iniquidade que marcam cada centro de civilização, onde os homens entram e se esquecem de que são homens e, sob a influência de um diabo, se afundam abaixo até da memória das coisas boas, descobrireis que há centenas de espíritos que estão ali prontos para agarrar pessoas suscetíveis que possam estar a passar e arrastá-las para dentro.

Ora como se pode evitar isto? O igual atrai o igual, em todo o mundo: e se, quando entrais em associação com o mundo espiritual, as vossas aspirações forem em direção ao bem, o vosso único pensamento for em direção ao bem, podeis não atrair pessoas boas para vós, mas podeis fazer com que aqueles que vêm

fiquem melhores depois de terem vindo. Espíritos subdesenvolvidos, não compreendendo o mal que fizeram, podem ser chamados a vós pelos vossos impulsos melhores, e podeis libertá-los da sombra e atraí-los para a luz. Este é um trabalho espiritual a que todos deveriam prestar atenção. Fidelity.

Winona, Pelos seguintes espíritos:

Bem, cheguei há algum tempo, mas apenas sou capaz de dar a conhecer a minha chegada neste momento. Há muitos espíritos aqui de pé numa fila à espera de falar e espero que alguns fiquem desapontados; mas depois se ficarem podem vir noutro dia.

Sra. Ann Lamson

Uma senhora está aqui e dá-me o nome de Sra. Ann Lamson. Ela deseja enviar o seu amor e palavras de encorajamento aos seus amigos em Manchester, N. H. Ela diz: «Não pensei que ia partir quando vim. Tinha uma ideia de que me ia livrar da doença que estava sobre mim e fiquei surpreendida quando acordei e descobri que já não tinha a dor do corpo, mas que estava livre no espírito. Não penso que me importaria de voltar novamente para ficar. A terra é um bom lugar para visitar, mas fiquei um bocado cansada de ficar aqui inteiramente. Encontrei tantos dos meus velhos amigos que parece que sou quase uma rapariga novamente.

Dai aos meus amigos em casa o meu amor e dizei-lhes que quando tiver uma oportunidade fá-los-ei saber que estou com eles.

Henry Davis

Henry Davis deseja que eu diga que embora pareça que ele retirou parcialmente a sua influência de algumas formas, apenas o fez para a tornar mais forte depois, e quando chegar o primeiro de dezembro haverá um acréscimo de poder e força que ajudará muito as coisas de facto. Ele diz que há muitos que estão presentes a tentar ajudar aquele que tem no futuro um trabalho

mediúnico importante para fazer e, acima de todas as coisas, para não ficar descorçoado, porque isso não compensa.

James e Lafayette Newman

James e Lafayette Newman desejam enviar uma mensagem ao seu irmão e dizer que gostariam muito de ter uma conversa privada com ele sempre que ele lhes der uma oportunidade.

Alice Sampson

Alice Sampson deseja enviar o seu amor à sua querida amiga e irmã, Annie Lord Chamberlain. Ela diz: Venho aqui porque as condições ao redor dela são tais que não posso ir diretamente ter com ela. Seja o que for, Annie, que os outros possam dizer de ti ou a teu respeito, foste fiel aos teus. Foste uma amiga fiel na hora de necessidade. Desejaria ter vivido para te ter ajudado, mas essa caminhada fatal que fiz quando fui pôr uma carta no correio para ti terminou a jornada da vida para mim muito subitamente. Tenta ter coragem, pois impressionarei amigos para te ajudarem. Alice Sampson, de Plymouth, Mass.

Ela foi morta por um relâmpago e uma árvore, diz ela. Winona.

Relato da Sessão Pública realizada a 10 de novembro de 1887. Byron Boardman.

Tenho tido em mente vir aqui há algum tempo, mas não fui capaz até ao presente e não sei se seria capaz de falar agora se não fosse a ajuda externa que estou a receber. Nunca fiquei descorçoado com coisas pequenas: foi assim que me tornei crente no regresso dos espíritos e tive a coragem de o defender durante muitos anos antes de ascender, como lhe chamais. A filosofia do Espiritualismo era para mim a lei da vida e trazia consigo o dever de tornar a lei conhecida onde quer que fosse possível.

Tinha uma ideia de que toda a gente estaria tão ávida por saber a verdade como eu estava por a ensinar. Rapidamente superei essa ideia, contudo. Quando desci a Hartford por minha própria conta e ataquei o inimigo nos seus próprios quartéis, pensei que a argumentação, a razão e o bom senso seriam suficientes. Aprendi uma lição ali que não esquecerei à pressa. Olharam para mim e para as roupas que eu tinha vestidas — bem, calculo que olharam mais para as roupas do que olharam para mim; e não pareciam estar muito interessados nem numa coisa nem noutra. Isso não fez diferença alguma para mim; continuei direto e disse o que tinha em mente e voltei para casa novamente.

Fez algum bem; não parecia na altura, mas fez. Não se pode dizer o que quebra a casca do erro; quando se dá por ela estalou e calculo que cada golpe ajuda a quebrá-la, quer seja um grande quer um pequeno. Por isso fui para casa e mantive-me a trabalhar à minha pequena maneira. Costumavam olhar para mim, a passar pelas ruas, e pensavam que eu fazia uma figura e tanto.

Fico feliz por ter tido juízo suficiente quando «morri» para deixar algo para a causa.

Fico feliz por ver aqui esta tarde um jovem que começou no trabalho que eu teria gostado de levar avante eu próprio; e se estiver na ordem do dia, gostaria de dizer que ele está no caminho certo e a fazer um trabalho muito útil na causa do pensamento humano.

Ele é um crédito para a sua terra natal; isso é mais do que posso dizer de toda a gente e dizer a verdade, e ele será próspero no seu empreendimento. Podes ser cego, meu irmão, a muitas das vistas da terra. Desejaria ter sido cego a algumas delas; teria sido mais agradável; mas se os teus olhos estão cegos a elas os olhos do teu espírito estão abertos e conseguem ver ao longe dentro das

grandes leis que dizem respeito ao bem-estar e à felicidade do mundo.

Agora não fiques nem um pouco descorçoado e, quanta mais oposição encontraste, mais arduamente trabalhaste. Cumpre o teu dever. Ouvi-te falar e fiquei surpreendido por pensar quão bem foi feito — e vai ser melhor feito —, pois quando tens os anjos a ajudar-te, quem pode estar contra ti?

Diria àqueles em casa, embora já não haja lar agora para mim exceto no mundo espiritual, fico feliz por ver o trabalho prosseguido tão bem quanto está. Estou frequentemente lá ao domingo, no meu velho lugar. Espero que os negócios sejam resolvidos pacificamente e que possa sentir que tenho uma parte no que está a ser feito.

O meu irmão, a minha irmã, o meu pai e a minha mãe estão comigo hoje, mas tentei apenas falar daquelas coisas que seriam de interesse geral. Podeis registar-me como Byron Boardman, de Norwich, Conn.

[Uma pessoa na assistência disse: «Reconheço plenamente e aprecio a mensagem do meu amigo.»]

Walter Wixon

Parece quente aqui, muito quente para mim. Alguém diz que é porque sinto a febre de volta. A minha mãe pediu-me para vir se pudesse. Fez uma grande mudança nela — o eu ter morrido da forma que morri — e, embora tenham passado anos, parece apenas um curto período de tempo para ela afinal de contas. Ela mora em Pawtucket, R. I.: gere a Adams House. Vou frequentemente à casa lá, mas ela tem tanto para fazer e a sua mente está tão ocupada com tudo que não a consigo fazer saber que estou lá. Mas estou. Ela trabalha demais, demais. O meu nome é Walter Wixon.

John O. Emerson

Bem, aqui estou eu e aqui fico até ter dito o que está na minha mente. Tive o suficiente para superar apenas porque queria fazer a minha vontade e era o meu próprio pior inimigo. Há um monte de gente no mesmo barco comigo. Para o que vim foi para dizer à gente em Brockton, Mass. — era onde eu vivia — que está tudo ótimo e que estou bem acordado. Vou à Loja — Loja Massasoit, n.º 69 — e dou-lhes um aperto regular, mas nem um único me conhece. Alguns deles lerão o que estou a dizer agora e abanarão as cabeças e dirão: «Notícias de mais uma terra.» Não importa quanto a isso: ajudar-me-á a chegar a duas das pessoas que estão interessadas nos meus próprios assuntos pessoais; é isso que eu quero. Envio os meus cumprimentos a todos eles. Dizei-lhes que um dia nos encontraremos mais cedo ou mais tarde. John O. Emerson.

Ruth Burlingame

Isto é um pouco como uma reunião dos Shakers, mas sei que não é. O George, isto é, o meu filho, e a Julia, isto é, a esposa dele, são ambos duas das melhores pessoas do mundo e perguntam-se e perguntam-se por que razão nunca venho falar com eles. Foram dois filhos bons e fieis para mim; por isso pensei, vendo como podia, que viria hoje. Consigo ver a Julia a alisar o avental e a dizer: «Bem, pergunto-me se a Mãe Burlingame andará por aqui.» Ora abençoada seja a tua alma, Julia, estou lá metade do tempo; metade do tempo estou lá.

A Flossie cresceu agora até ser uma rapariga grande, por isso suponho que devo chamar-lhe uma jovem mulher agora. Se não a tivesse seguido, com os meus olhos fixos nela, abençoada seja a tua alma!, não a teria reconhecido e não penso que ela volte a jogar croquet comigo — não neste mundo, em todo o caso. Consigo lembrar-me de como preparava a loiça para lavar e

depois saíamos e jogávamos uma partida, ou eu fazia o trabalho pela casa. Oh! era uma vista de coisas mais fácil jogar do que era trabalhar. Suponho que provavelmente a maioria das pessoas acha que isso é verdade; está tudo acabado agora, apenas quero que saibam que não os esqueci, por isso se digo algo assim é bastante provável que seja lembrado; os restantes não o poderiam dizer. Não me esqueci de nenhum dos bons velhos tempos que costumávamos ter e estou lá. Ruth Burlingame é o meu nome.

Frank Walworth

O meu pai e eu costumávamos ter um monte de problemas; não nos conseguíamos dar bem. Um dia dei-lhe um tiro. Não soube o que fiz até ser demasiado tarde e teria dado o mundo se o pudesse ter trazido de volta novamente, por causa da minha mãe, bem como por causa dele. É mais fácil fazer as coisas do que desfazê-las, e não havia remédio para isso, remédio nenhum! A mãe pensa nisso e continua a pensar nisso, em cada dia da sua vida, e continuará a pensar ao longo de todos os anos que virão. Dizei-lhe para tentar reconciliar-se, se puder: estamos bem agora, porque a fumaça se dissipou. Frank Walworth, de Saratoga, N. Y.

Winona, pelos Seguintes Espíritos:

Bem, como está toda a gente por aqui hoje? Bastante bem, suponho. É mais ou menos como deveriam estar. Quero dizer-vos que aquelas flores que estavam aqui foram enviadas ontem à noite para a Sra. Conant, a senhora que costumava estar neste mesmo lugar. Ela conhece um monte de pessoas que estão aqui e foram enviadas em honra dela. Se ela pudesse falar através de alguém aqui gostaria disso; mas não pode, por isso vem apenas para perto

de mim e quer que dê os seus agradecimentos e os seus cumprimentos mais gentis aos amigos que se lembraram dela. Agora vou falar pelos outros.

Constant e Union McMillen. Há um número considerável de espíritos aqui ansiosos por falar. Dois vêm juntos, eles estendem o braço a uma senhora ali em baixo (na assistência). Um dá o nome de Constant McMillen e o outro de Union... para ela ter encorajamento... e cada... e quando ele ganhou...

Abner P. Barker

Vem agora um homem que me dá o nome de Abner P. Barker. Ele diz que vivia em North Dartmouth. Acrescenta: «Durante muito tempo segui o mar; mais tarde dediquei-me ao negócio da mercearia; mas gostava muito mais de estar na água. Quero que os amigos em North Dartmouth e em Smithville saibam que posso regressar.»

J. B.

Apresenta-se um cavalheiro que quer que a sua mensagem seja enviada exatamente como é dada. Repito as suas palavras para vós:

«Para a Sra. E. U., de Nova Iorque: Minha amiga, sempre minha amiga desde a primeira vez que nos encontramos: para ser sempre minha amiga durante os anos que ainda estão por vir; não sou capaz de te falar frequentemente de forma direta, mas estou constantemente a sussurrar a minha mensagem de lembrança ao teu coração. Essa mensagem serviu de força para ti no passado, servirá para o mesmo propósito no futuro. Por mais emaranhados que estejam os fios da tua vida, por mais perplexantes que sejam os seus muitos deveres, ainda assim a memória do passado é como um fio de prata que se enrosca entre cada um deles, e continuará a aliviar o fardo até que o fim da vida terrena chegue.

Cumpriste bem o teu dever; foste paciente sob muitas provações; um sorriso cobriu muitas vezes um coração dorido.

É sempre assim. Muitas vezes na minha própria vida fui obrigado, pela força das circunstâncias, a lembrar-me da minha posição com o mundo, do meu dever para com o meu trabalho. Por isso, quando a cortina subia, a peça começava e o mundo que escutava ia embora e nada sabia do homem que tinha procurado entretê-los e instruí-los. Muito ternamente diria que as linhas da nossa vida fluem juntas. Há silêncio entre nós, contudo houve quem dissesse: O silêncio é vocal se escutares bem. Escuta bem, minha amiga, e uma voz falará contigo através do silêncio.»

Dr. Hoxsie

Vem um cavalheiro que se chama Dr. Hoxsie. Ele diz: «Desde que dei a minha mensagem aqui tenho sido capaz de comunicar com a minha família, para meu grande deleite, e lamento muito não conseguir fazer mais impressão na mente da Maude, visto que se ela soubesse uma vez que eu estava com ela, isso acrescentaria tanto à sua vida.

Diz à minha esposa que o empreendimento terá sucesso, embora o início seja difícil, e o sonho da minha vida, que não fui capaz de realizar, ela será o meio de alcançar. Estou ciente de que isto será obscuro para vós, mas será compreendido por ela. Dr. Hoxsie, de Buffalo, N. Y.»

Relato da Sessão Pública realizada a 17 de novembro de 1887. William Hibbard.

A adormecer e contudo acordado, para sempre removido do fardo da vida terrena e contudo no meio da ação e dos princípios que fazem a vida o que ela é. Pareceria a qualquer mente inteligente que tivesse feito um estudo profundo e profundo das ciências do dia presente que na soma e substância de todo o

conhecimento que era possível alcançar havia ainda incompletude: algo mais a ser desejado do que o homem mais sábio poderia ensinar; pois a ciência alcança para trás até ao passado infinito, mas não é capaz de dar um único passo em direção ao futuro. Ocorre-me que o Espiritualismo é o anjo de vestes brancas que há de guiar o conhecimento do mundo ao longo das grandes vias do futuro e prefigurar o que há de ser o destino da raça humana.

A importância do conhecimento não se imprime na mente quando a mente está empregada a satisfazer as exigências da vida diária. O jovem cujo objetivo é ter sucesso no mundo tem muito pouco tempo para passar na contemplação das leis do universo, ou se tem o tempo raramente o toma. Sei isto por experiência. Os primeiros dias da minha vida foram passados a trabalhar arduamente para alcançar diferentes objetos e propósitos. Mais tarde vieram deveres e responsabilidades: enquanto o fardo aliviava de uma forma, aumentava de outra. Foi quando comecei a sentir os meus pés em solo firme que a incompletude de tudo o que até então tinha ganho despontou em mim. Num momento de pensamento a luz do espírito pareceu brilhar ao meu redor e tirou-me inteiramente do presente e abriu a porta para o futuro; e o que pode ser feito por um homem pode, sob condições apropriadas, ser feito pelo mundo inteiro.

Sou inclinado a acreditar, quando um conhecimento do Espiritualismo for mais plenamente compreendido, e a ciência espiritual for ensinada em colégios e escolas como o são as outras ciências, que o homem, compreendendo o seu destino, se pode preparar melhor para ele e levar uma vida mais fervorosa e respeitável enquanto o faz.

Desfrutei da instrução que um amigo espírito meu, o Velho Professor, me deu; e outra amiga, a Star Mary, fez muito por mim a quebrar a ligação que a terra tinha sobre mim, mesmo quando o

espírito se tinha separado parcialmente do corpo; e a médium através de quem estas inteligências verdadeiramente sábias falavam perguntou-se por que razão tinha estado silencioso por tanto tempo.

Estudei muito os médiuns e sempre me pareceu estranho que eles, que eram capazes de fazer tanto pelos outros, fossem capazes de fazer tão pouco por si mesmos — mas suponho que a razão para isso seja que, onde há um pensamento profundo sobre qualquer assunto, isso cria uma barreira entre a pessoa e o objeto sobre o qual o pensamento está concentrado.

Quero dizer a esta minha amiga que agora vi tudo o que me foi retratado; estou agora aliviado de todas as enfermidades terrenas; passei muitas horas felizes em companhia daqueles a quem conheci e com quem convivi na terra, enquanto espíritos: o tempo da sua permanência na terra é curto, a hora do reencontro será mais cedo do que ela pensa e depois poderei ter o prazer de lhe mostrar aquilo que, durante estes últimos anos, eu próprio tanto desfrutei.

A minha família não receberia uma mensagem minha se eu a enviasse, por isso poupar-me-ei a esse trabalho: mas com aqueles que se lembram de mim e aqueles que me auxiliaram no meu trabalho estou frequentemente presente. William Hibbard.

Martha Purple

O meu nome é Martha Purple. Tem sido um problema sem fim para mim tentar entrar aqui para falar umas poucas palavras. Tenho um número de amigos que se perguntaram por que razão não vim antes e procuraram no jornal para encontrar o meu nome.

Os amigos lá na parte ocidental de Nova Iorque nunca se esquecerão de mim, pois tive a coragem de erguer o estandarte do Espiritualismo quando a batalha da oposição estava a rugir. Eles

costumavam dizer que não há gente tão cega como aquela que não quer ver, e há uma pilha dessa gente que não quer ver.

Outros amigos meus estão no Michigan — pois vivi em Lowell, Mich., durante bastante tempo — e ficarão felizes por saber da grande mudança que está a ter lugar, e de como as pessoas estão gradualmente a dar a volta e a adotar as nossas ideias, de forma tão natural como se tivessem nascido para isso. É curioso como algumas pessoas reagem contra uma ideia; e mais tarde a ideia deita-as ao chão; e quando descobrem que a ideia é mais forte do que elas fazem-lhe uma vénia, como se tivessem acreditado nela desde que nasceram!

Há uma pequenina satisfação em vê-las mudar de opinião dessa forma, e vivi para ver, em espírito, a grande mudança que teve lugar onde outrora era apenas solo estéril.

Isto alcançará alguns amigos que estão a levar avante o trabalho que tentei levar a cabo, e espero que tenham a coragem de se lembrar da citação de que «o homem que põe a mão ao arado e olha para trás não é digno do reino», por isso o que devem fazer é continuar em frente e a Martha Purple ajudá-los-á de cada vez. Bom dia.

Samuel Carman

Ora com essa! Não me diga que este é o lugar! Abençoada seja a minha alma! Temos assinado o jornal há bastante tempo e eu sabia tudo sobre isto, mas nunca esperei estar nisto desta forma. Mas a minha esposa, ela está terrivelmente solitária! Sente terrivelmente a minha falta, sei disso porque consigo ver a casa e caminhar pelo lugar e saber o que se está a passar exatamente da mesma forma que quando estava aqui.

O meu nome é Samuel Carman e Bucks County, Penn., é de onde venho. Gostaria apenas de dizer que estou mais perto ao

domingo do que em qualquer outra altura, e quero que a minha esposa não se preocupe tanto, e tente estar um pouco mais contente e tirar conforto daquilo que tem. Dize-lhe para não ter medo, mas para fazer exatamente o que lhe aprouver e não se deixar dominar. Vi o que eles fizeram lá no cemitério e estou satisfeito.

John Morse

O meu nome é John Morse. Parti em Worcester, Mass. Vim aqui mediante a representação de que poderia enviar uma mensagem à minha esposa e a outros membros da minha família que ainda estão vivos. Não sofri muito antes de partir; o médico chamou hidropisia ao meu problema e, no fim, parecia perceber muito pouco do que se estava a passar ao meu redor.

Diria à minha esposa que estou ciente de tudo o que foi feito — da disposição que ela fez de parte da propriedade — e é o que me teria agradado mais se eu tivesse tido na altura o poder de a aconselhar. Ela agiu com sabedoria a esse respeito. Sei que ela e outros não acreditarão que vim hoje, pois são, no geral, opostos a esta ideia; e quando lerem estas palavras sentir-se-ão seguros de que eu não as poderia ter dito. Ouvi-os discutir o assunto demasiadas vezes ao longo dos últimos meses para não o saber.

Diz ao William que fico feliz por ele ter feito a mudança no seu negócio; penso que as coisas correrão melhor do que correram no passado. Diz ao Fred para ter cuidado, senão magoar-se-á um destes dias, nos carris. Tremo sempre que o vejo aproximar-se deles. Dá o meu amor à minha filha Ella, com quem estou frequentemente. Diz à Sarah que ela é impressionada sempre que pega no seu lápis e tenta escrever; muito da poesia que ela escreveu é o resultado de inspiração. Se todos eles tentassem apenas fazer-me vir como eu próprio tentei, todas as dúvidas e incertezas a respeito desta matéria seriam superadas. Não sei se

me fiz inteligível; espero que sim. Agradeço-lhe, Sr. Presidente, pela sua bondade.

Blossom

Esta não é a minha companheira. A minha companheira mora lá em baixo em Providence. Eu chamo à minha médium a minha companheira; claro que somos companheiras juntas. Quando estou fora ela é a companheira grande, quando estou lá eu sou a companheira grande; e às vezes ela tem dito: «Agora, Blossom, tu vais e fazes-me saber, fora de mim mesma, que há uma menina como tu.» Por isso venho ter com este companheiro e envio uma palavra à minha companheira de que há uma menina como eu.

As flores não valem muito, pois não? Mas se nunca tivésseis uma no mundo inteiro tudo somado, seria um lugar velho e macilento, penso eu; e passo todo o meu tempo a colher flores na vida espiritual para espalhar sobre o caminho daqueles que têm de caminhar na vida terrena. Calculo que se algumas pessoas tentassem espalhar algumas flores no seu próprio caminho não seria assim tão macilento.

O Red Medicine, ele é o espírito chefe da minha companheira: ele está aqui, casmurro como um diácono. Ele abana a cabeça para mim às vezes. Não importa; eu não me importo, e vós? Por isso envio amor à minha companheira e ao seu chefe, e à pequena Grace também. Diz apenas que estive aqui em cima e que tentarei trazer um braço cheio de flores e espalhá-las nos caminhos daqueles que nunca têm nenhuma. É tudo. Vou-me embora agora.

Chauncey Barnes

Deus vos abençoe. Costumava pensar que de alguma forma podia ajudar Deus a gerir este mundo mais ou menos como ele gostaria de o ter. Posso ter estado enganado e em algumas coisas penso que estava, embora aqueles que melhor me conheciam não vão negar que era pelo menos sincero. Após este longo tempo de experiência espiritual começo a pensar que devia estar de algumas formas auto-psicologizado, e um grande número de outras pessoas está assim também. Pensei que quando alcançasse a vida espiritual teria as coisas à minha maneira, e durante algum tempo depois de ter passado procurei por isso; mas dizem que é bom estar com a maioria e a desilusão estava com a maioria, e eu estava junto com eles.

Psicologia — era tudo. Descobri mais tarde que era às vezes o instrumento de influências; de um grupo de espíritos que se estavam a rir de mim no lado deles, exatamente da mesma forma que um grande número de pessoas estava neste lado. Costumava pensar que se alguém olhasse para a minha fotografia isso os faria sarar. Eu era honesto, mas olhei para a fotografia desde então e fez-me sentir mal. Essa é a diferença, vês, no tempo.

Queria apenas dar um passo para dentro e dizer-vos que há um grande número de médiuns — não deveis culpá-los demais — que estão simplesmente psicologizados pelas condições que estão ao seu redor, e quando os ouvis falar sobre serem escolhidos por Cristo, ou Salomão, ou David, ou qualquer um desses velhos sagrados do passado, podeis simplesmente definir na vossa mente que eles estão na mesma condição em que eu estava.

Não sei se ides querer imprimir esta matéria, mas tenho de o dizer. Morrerei se não o fizer. Morri uma vez e acho que é inútil morrer a segunda vez. Quero tirar o pensamento da minha mente e dizer, quando se sentirem dessa forma, juntai apenas uns poucos bons amigos ao seu redor, pessoas de boa índole, decentes, que sejam sensatas. É isso que queres, colocar a tua mente em algo

mais para a trazer para baixo para um ponto de vista bom e prático.

Há uma grande quantidade de conversa leviana a acontecer sobre Theodore Parker, Thomas Paine e outros espíritos de caráter semelhante: alguns têm a ideia de que eles estão simplesmente à espera por aqui por uma oportunidade de fazer o trabalho. Bem, suponho que alguns deles estejam, mas se não têm nada mais para fazer do que simplesmente estar presentes aqui, não fizeram um avanço muito grande na terra onde as vantagens são muito comuns.

Digo-vos, amigos — sabeis que costumava dizer que vos amava a todos; amo-vos a quase todos agora —, digo-vos, amigos, em todo este grande trabalho quereis temperar cada ideia com um grande pedaço de bom senso e manter a vossa cabeça nivelada, depois os vossos pés irão retos. Perdei a cabeça e tereis de procurar o vosso caminho.

Calculo que isso é mais do que suficiente por hoje. Se isto não vos ofender virei novamente. Boa tarde.

Winona, pelos Seguintes Espíritos Nomeados:

Há um número de pessoas aqui e o meu trabalho não é falar por mim, mas falar por elas.

John Sherwood

Um cavalheiro, de pé mesmo ao meu lado, põe a sua mão na minha e diz: «Diz que isto é do John Sherwood para a Mary. Quero encorajar-te a continuar no teu empreendimento presente, tendo sempre em mente que é temporário e que quando menos esperares haverá uma grande mudança que te tirará dos arredores em que estás. Estou frequentemente contigo e sempre admirei a coragem que manifestaste quando as provações vieram sobre ti e quando outros te julgaram mal.

Tens um coração quente e verdadeiro, e muitas foram as vezes que te vi sentada, não a viver no presente, mas a pensar no nosso passado. Ninguém me compreendeu tão bem como tu. Compreendo-te agora melhor do que quando estava contigo. Ganha coragem: dias melhores e mais brilhantes estão a chegar e quando a vida terminar navegaremos ao longo do rio do tempo num barco melhor do que aquele em que costumávamos navegar nos velhos tempos.» Ele era capitão de um barco.

Lydia

Um espírito belo vem aqui e estende a mão a um cavalheiro na assistência: «Diz que a Lydia está aqui e traz uma mensagem de amor para ele; que ele será sempre ajudado sobre os lugares ásperos na vida, não importa o que os outros possam dizer em casa.»

Fleetwing

Outro espírito diz: «O meu nome é Fleetwing. A minha médium disse que se eu pudesse vir aqui e apenas dizer isso ela me acreditaria que havia tal espírito; por isso vim para o dizer.»

Ida Carleton

Uma senhora dá-me o nome de Ida Carleton. Ela tem duas crianças espíritos belas pela mão. Uma parece ter tido escassa vida terrena; a outra parece ser um pouco mais velha. Ela deseja enviar o seu amor ao seu companheiro, que, já agora, não o aceitaria como vindo dela; mas particularmente envia o seu amor à sua mãe, a quem ama mais hoje do que alguma vez antes. Ela diz que «esta noite estaremos todos lá, pois este dia tem um significado particular para a mãe e para o pai, e ela ficará muito feliz por saber que estamos presentes, embora não veja isto durante algum tempo. Estou com ela constantemente; fomos um grande consolo uma para a outra quando eu estava aqui; tento

consolá-la agora tudo o que posso à minha frágil maneira, pois ela sofre muito.»

Wallace Wright

Um cavalheiro e uma senhora vêm aqui encharcados, como se tivessem sido arrastados para fora da água. O cavalheiro dá-me o nome de Wallace Wright. À senhora, que é a sua esposa, ele chama Katie. Ele diz que deseja enviar uma palavra ao seu irmão, em particular, que sabe algo sobre este assunto; e dizer, além disso, a título de identificação, que partiu a caminho da Califórnia com a sua esposa e quando o Columbus afundou ele foi ao fundo com ela.

Ele sabe o quanto o seu irmão fez luto por ele e como frequentemente diz que é apenas «mais um debaixo das margens» — o que é uma expressão que ele emprega muito frequentemente. «A minha esposa nunca foi encontrada. Ela, contudo, encontrou-me no mundo espiritual. Está tudo bem connosco. Desejo que o meu irmão, cujo nome me abstenho de dizer porque devido à sua ligação pública ele não gostaria — desejo que o meu irmão me desse uma oportunidade de lhe falar; sentir-me-ia melhor e ele também, depois de tal conversa ter tido lugar.»

Fidelity

[Guia do Médium.]

Há algum tempo à minha disposição ainda e desejo responder a uma pergunta que está na mente de um amigo sobre que punição é aplicada ao malfeitor quando entra na vida espiritual. Aqui na terra não sois capazes de identificar o malfeitor por sinal externo

algum. Se o pecado estiver bem vestido, usar um sorriso e for cortês na maneira, aparece tão parecido com um santo que seria errado não o acreditar como tal. Se o santo for o oposto, aparece tão parecido com um pecador que estais desculpados por o colocar nessa categoria. Claro que no crime extremo, onde o aprisionamento é necessário, certos sinais são empregados para marcar o criminoso. A farda que veste e a cabeça rapada indicam que o homem está condenado. Na vida espiritual, contudo, estas coisas não existem da mesma forma. Seja o que for que um homem ou uma mulher realmente seja no coração, mostra em cada linha do seu rosto e em cada farrapo das suas vestes.

Não há tal coisa como punição no mundo espiritual: nenhum pai zangado com o seu filho. Os espíritos sofrem no mundo espiritual por causa da sua própria fraqueza e falham em desfrutar de bênçãos porque não têm o desenvolvimento moral e espiritual para as alcançar.

Eu, por exemplo, posso falhar em perceber a bênção que desejo, não porque Deus esteja zangado comigo, mas porque, pela minha vida terrena, falhei em desenvolver a força espiritual necessária para a agarrar.

Os espíritos que se movem em certas esferas da vida estão rodeados por uma cor, ou uma aura que é de tal modo colorida que mostra imediatamente a sua verdadeira condição. Há uma lei de gravitação espiritual, se posso usar tal palavra, pela qual cada alma se afunda ou eleva para o lugar que lhe é exatamente adequado. Por estardes num lugar hoje não se segue que estejais lá amanhã ou no dia seguinte. No momento em que um homem conquista o mal e o põe debaixo dos seus pés, ele eleva-se, e continua a elevar-se, tanto quanto conquista o eu. A salvação é livre para o homem que colocar a sua força para a ganhar, e de nenhuma outra forma.

Lembro-me de um incidente na vida espiritual que se imprimiu muito fortemente na minha mente na altura em que ocorreu. Havia duas mulheres que são conhecidas do mundo hoje e que marcaram uma época na história do mundo — mulheres orgulhosas, bem-sucedidas, soberbas. Uma viveu para triunfar sobre a outra e assinou a sua sentença de morte; e no triunfo que veio depois disso foi sempre seguida pelo remorso que acompanha cada ato mau praticado. No decurso do tempo ambas entraram no mundo espiritual: aquela que tinha sofrido desprezava a sua perseguidora e pensava apenas em vingança. Um dia esta mulher desafortunada estava de pé numa colina; o sol estava a brilhar muito brilhantemente ao seu redor, o ar cheio de sons doces, quando um bando de crianças de coração alegre veio a correr e ela, amando sempre as crianças, tentou chamá-las a si e, estendendo-lhes as mãos, disse: «Vinde a mim, criancinhas; deixai-me sentir os vossos braços ao redor do meu pescoço e os vossos beijos na minha face.» Mas as crianças voltaram-se contra ela, gritando: «Vede quão sujo o vestido dela está! quão rasgado está! quão pobre ela parece!»

e todas fugiram a correr. O coração dela ficou muito triste. Um anjo aproximou-se do seu lado e disse: «Estás perturbada?» Ela respondeu: «Vê como o meu vestido está rasgado e sujo; nunca o soube antes; as crianças voltaram-se de mim, a quem sempre amei tão profundamente.» «Sim», respondeu o espírito acompanhante, «cada sujidade nas tuas vestes, cada rasgão e cada mancha, é para demonstrar a todos os espíritos o ódio, o egoísmo e o mal que continua no teu coração.

Regressa à terra; aprende a amar os teus inimigos, a conquistar o orgulho, a superar o egoísmo, a confiar na verdade, e tudo estará bem contigo.» Assim ela voltou às cenas das suas dores, mas seguiu a sua perseguidora durante muito tempo. Finalmente encontraram-se na vida espiritual e ela olhou para ela

sem ódio, mas observou-lhe, como um do passado: «Bem, nem eu te condeno. As circunstâncias fizeram-te fazer o que foi feito. Está tudo acabado, tudo passado, e somos amigas novamente.»

Pouco depois disto, ela estava de pé na mesma colina, e o céu era tão azul e o mundo parecia tão belo, e o bando de crianças espíritos estava novamente a passar por ela, mas ela não se atreveu a chamá-las a si, lembrando-se de que antes se tinham voltado contra ela. Sentou-se de mãos cruzadas e elas vieram para junto do seu lado a gritar: «Quão bela ela parece! quão belo o seu vestido é — nem uma única mancha nele!» e abraçaram-na amorosamente e beijaram-na, e fizeram-na sentir quão querida ela lhes era. O anjo acompanhante disse: «Assim é, criança da terra; ao conquistares estes elementos inferiores, purificaste o teu espírito e assim as vestes que vestes são brilhantes e reluzentes. Grande é aquele que conquista o mundo: maior ainda é aquele que se conquista e domina a si mesmo.»

Esta é a lição que gostaria de transmitir hoje. Enquanto a purpura e o linho fino enganam os olhos terrenos, o espírito pode ver-vos como sois. Que o céu faça a todos — tanto espíritos como mortais — mais puros e melhores. Fidelity.

Relato da Sessão Pública realizada a 1 de dezembro de 1887. David Lawrence.

Boa tarde, Sr. Presidente. O meu nome é David Lawrence e penso que tenho algo de interesse a comunicar àqueles que ainda vivem na terra e me guardam em lembrança; pois ouvi uma centena de vezes, se ouvi uma, um e outro perguntar: «Pergunto-

me como é que o David achou aquilo, e se ele não viu que estava enganado nas suas ideias?» Gostaria de resolver esse ponto eficazmente, de modo a parar tal indagação. Vê, Sr. Presidente, quando estava aqui eu era um espiritualista na minha cabeça, coração e mãos. Isto é, raciocinava intelectualmente sobre o que recebia do mundo espiritual.

Tinha simpatia por aqueles que eram demasiado cegos para ver, mesmo quando a verdade era colocada diante deles, e estava sempre pronto com quaisquer meios que tivesse para beneficiar aqueles que me pareciam ser dignos disso; por isso chamo a isso ser um espiritualista de fio a pavio. Nem sempre me dei bem com os espiritualistas enquanto corpo, pois a maior parte deles está tão perdida na contemplação dos fenómenos do Espiritualismo que se esquecem de todo de incorporar a filosofia, e estão loucos por algo de novo.

Assim que obtêm um teste querem outro para ter a certeza de que o primeiro estava certo, e pela altura em que têm o segundo já se esqueceram do primeiro e têm de fazer tudo de novo, alcançando o que chamo a parte material do Espiritualismo, que é necessária como o alicerce da casa, mas não é a casa — é o suporte sobre o qual o edifício assenta.

Dediquei muitos anos da minha vida ao estudo da Filosofia Espiritual; quanto mais estudava mais as suas belezas se tornavam aparentes, e parecia-me como se houvesse um caminho a alcançar ao longo da eternidade, e não importa o quão depressa fôssemos a correr, nunca poderíamos chegar ao fim dele.

Também acreditava que o homem tinha passado por muitas mudanças de vida e que a vida terrena presente era apenas uma fase de experiência entre muitas outras no passado, e que ele provavelmente teria muitas mais no futuro. Como costumavam rir-se de mim e dizer: «Dêm à corda ao David e ele andará como

um pêndulo num relógio!» Sim; é essa usualmente a forma como as pessoas falam, quando sabes algo que elas não têm cérebro suficiente para compreender. A sabedoria de um grande homem é tolice para um tolo, e nesta era aprendo que é apenas um tolo que diz a palavra «Impossível» a qualquer coisa fora da lei da matemática.

Agora disse tudo isto porque não acreditariam que era o David a menos que puxasse o cordel familiar, e quero fazer com que os meus queridos em casa sintam que estou com eles, como estou.

A Grace é uma boa rapariga e atrai a minha influência para ela pela bondade que encontro sempre no seu coração. E há uma, através da qual aprendi algumas das lições a que me acabei de referir, que continua a levar a cabo a gloriosa obra, cujo coração fica fraco às vezes, e ela sente como se desejasse que nos pudéssemos sentar juntos e falar sobre estes velhos temas familiares. Bem, minha amiga, nós sentamo-nos juntos, não como nos velhos tempos, porque nessa altura podíamos ver e ouvir um ao outro; mas sentamo-nos na mesma, e ouço os teus pensamentos agora, como costumavas ouvir as minhas palavras nessa altura. Não sei quem, mas alguém disse: «O ar está cheio de sons e vistas que o homem não pode ver nem ouvir.» Isso é verdade.

Diz à Olive que ela não deve sofrer tanto; não faz bem nenhum — não faz o menor bem no mundo: para descansar simplesmente sobre o conhecimento de que se pode apoderar, se quiser, de que a porta estreita da sepultura é o caminho para a vida eterna. Deus abençoe todos esses velhos amigos do passado! Encontrei muitos que partiram antes de mim e agora compreendemo-nos um ao outro melhor do que em outros dias.

Morri em Forge Village, Mass., mas estava em Lowell uma grande parte do tempo.

Asa Smith

[Ao Presidente:] É isto Boston? Os meus rapazes quase desistiram de eu vir, mas prometi que viria e aqui estou. O meu nome é Asa Smith e vivia em Mattawamkeag. George e Charles são os nomes dos meus rapazes; mas de algum modo estou mais interessado no George e na sua esposa, porque eles guardam um lugar quente nos seus corações para mim, e não podemos deixar de gostar daqueles que gostam de nós. Estou lá quando eles estão a falar sobre mim. Eles costumavam pegar no jornal e dizer: «Bem, acharia que o pai viria, tantas vezes como temos querido que ele venha.» E sentia muito por eles ficarem tão frequentemente desapontados. George, tu e a tua esposa sois médiuns, e se tentásseis mais um pouco deveríamos alcançar uma vitória que vos traria grande conforto. Agora, tentai apenas umas poucas vezes e veremos o que podemos fazer.

Carrie Woodward

Sim, tenho a certeza de que estou certa e por isso enviarei uma palavra ao meu pai e à minha mãe a dizer que vim aqui, e fá-los-ei saber, ao fazê-lo, que estou livre de toda a dor que sofri antes de partir. Ao início estava profundamente adormecida e quando acordei não sabia onde estava. Pensava que devia estar em casa, mas não estava. Depois chamei pelo Burt — era o meu marido —, mas não o conseguia fazer ouvir-me, pois ele não veio. Mas alguns amigos vieram a quem eu não conhecia e pegaram-me pela mão, fizeram tudo por mim, e logo fiquei boa e feliz. Depois vim para casa novamente.

Agora há uma mensagem que gostaria de enviar ao Burt particularmente; chamava-lhe sempre Burt quando estava aqui. Ele sabe operar em telegrafia, pois estudou muito arduamente

para aprender e foi bastante bem-sucedido, e penso que seria capaz após um tempo de fazer o mesmo tipo de batidas e enviar uma mensagem do mundo espiritual para ele, exatamente da forma como eles enviam mensagens de uma cidade para outra. Não haveria fios nenhuns, mas eu seria a operadora aqui em cima.

Enviava a mensagem para ele e ele leria os sons que eu faria, e eles dir-lhe-iam que eu estava noutro mundo à espera dele e dos outros. Gostaria que ele tentasse; não faria mal nenhum: não desperdiçaria muito tempo; e depois de ter começado seria fácil levá-lo avante. Parti em Greene, Maine: não é longe de Lewiston. Quero enviar o meu amor a todos eles. O meu nome é Carrie Woodward. O nome do meu pai era Moore.

Bernie Shaw

É a minha vez agora e vim de muito longe: parece-me longo, porque sou apenas um jovem. Tinha exatamente cerca de nove anos quando me fui embora e não cresci muito desde então. O meu nome é Bernie Shaw e o nome do meu pai é Fred Shaw. Vivia lá fora em Cleveland, Ohio. Costumava ir ao Liceu, marchar ao redor e carregar uma bandeira, e sentia-me exatamente tão grande como qualquer um — e isso era bastante grande. Encontro-me com eles agora. Não é no mesmo lugar em que era, mas é muito bonito onde é e gosto de ir. Há muitíssimos pequeninos espíritos que vêm lá e, quando as crianças têm um Liceu e marcham, nós espíritos temos um Liceu e marchamos.

Queria vir, e o homem disse que eu podia, para enviar o meu amor para casa, porque não tive oportunidade de o dizer muito lá fora. Encontrei um lugar nos corações deles que tinha exatamente o tamanho certo para eu preencher, e quando me fui embora ficou vazio e eles sentiram-se terrivelmente mal. O homem disse-me para dizer sempre «quando me fui embora» e não dizer «quando

morri». Tenho tentado ser um bom rapaz e se for isso poderei um dia viver no lar espiritual com toda a gente.

Mary Osborn

A minha irmã está a sentir-se como se tivesse um fardo duro para carregar e às vezes não sabe para onde se virar, porque os problemas têm-se amontoado em tão grandes números ao longo do último ano. A mudança que veio para a mãe e para a tia é séria, e é tão dura para mim, de uma forma, como é para ela. Ela terá de velar por ambas e ver os dias a passarem, e saber que a única coisa pelo que esperar é pela libertação do espírito do corpo.

Fui sempre infeliz — infeliz como criança, infeliz como mulher, infeliz nas últimas horas da minha vida, quando cada respiração me parecia carregada de tanta dor e miséria. Quando soube que estava fora do meu corpo e nunca mais teria nada a ver com ele, pareceu-me que era como um pássaro solto de uma gaiola, pronto para voar para longe para qualquer lado, apenas para me afastar de mim mesma.

O Charlie lembra-se de mim ainda e lembrar-se-á sempre de mim; e desejaria ter compreendido ele nessa altura como compreendo agora. Talvez se ambos nos tivéssemos compreendido melhor um ao outro a vida teria sido mais fácil ao longo de todo o caminho. Estou frequentemente com ele, pois ele pretendia ser bondoso sempre.

E o meu irmão, cuja vida mudou tanto desde que me fui embora, não sabe quão perto estou dele; ele nunca soube o quanto eu me importava com ele, mas pensava que não me importava muito. Era apenas a minha forma de o mostrar. Mas estou na Califórnia a maior parte do tempo, com a Sadie e com a Etta, a tentar ajudá-las, e se elas apenas me derem uma oportunidade há muitas coisas que eu diria que não me importo que sejam

impressas. Envio o meu amor, com a informação agradável de que sou mais feliz agora do que era na terra. Mary Osborn.

A Espírito Winona Falou pelas seguintes partes nomeadas:

Amasa W. Miller

O primeiro espírito que está aqui de pé diz que o seu nome é Amasa W. Miller, de Sturgis, Mich., e que gostaria de enviar uma palavra aos seus amigos de lá com quem não tem sido capaz de comunicar desde que se foi embora. Tentou fazê-lo em duas ocasiões, mas não foi muito bem-sucedido, e a terceira tentativa será marcada com mais sucesso, se eles tiverem a coragem de a fazer.

Zeph Goward

Vem aqui um velho homem que diz que o seu nome é Zeph Goward. Ele diz: «Poderia dar o meu nome todo, mas ninguém me conheceria exceto como 'Velho Zeph Goward'. Quero mandar uma palavra a toda a gente em casa — que é lá em cima em Lowell, Mass. — de que vi o que tem sido feito desde que me fui embora, sobre arranjar o lugar e organizar a propriedade. Não é a forma como deixei para ser feito, nem de longe nem de perto, mas calculo que estou melhor satisfeito do que estaria se tivesse ficado da forma como arranjei em primeiro lugar.

O Frank está aqui; ambos os Franks estão aqui, mas se quiserdes acreditar, aquela nossa filhinha, Eva, que tinha partido há estes trinta anos e eu nunca tinha ouvido muito dela, abriu a porta para mim quando vim para a vida espiritual. Gostaria de ter oportunidade de falar durante cerca de uma semana, não tudo de

uma vez, não quero dizer isso, mas tenho tanto para dizer. Ora, pensei que sabia algo sobre esta coisa, mas descobri tanto mais do que alguma vez sonhei que cheguei à conclusão de que não sabia.»

Emma Greenleaf Southwick

Vem agora uma jovem senhora muito bonita, alta e de tez bastante escura. Ela diz: O meu nome é Emma Greenleaf Southwick; mas era conhecida melhor em Boston pelo nome de Emma Greenleaf. Sei o quanto pensam em mim em casa e como nunca passei da mente da minha mãe por um único momento desde que me fui embora. Ela pensa em mim quando acorda e quando vai dormir, e parece que a minha vida tinha acabado de começar quando terminou.

Trabalhei tanto — e era um trabalho duro —, estudei, bem, o melhor que sabia, a tentar fazer algo; e exatamente quando tudo parecia pronto para que algo fosse feito, e tinha casado com o Frank — o marido mais bondoso do mundo —, sem um único momento de aviso a sombra caiu sobre mim e em poucas horas — lembro-me tão bem disso — vi-o a chamar por mim, a pegar nas minhas mãos nas dele, e não tive o poder de dizer uma única palavra em retorno.

Oh! é muito duro, muito duro de facto, ver aqueles a quem amas a chamar por ti, a desejar ouvir-te falar, a derramar lágrimas amargas sobre o teu rosto e contudo seres incapaz de dar uma única palavra de consolo em retorno.

Visitei o Frank desde então, mas ele é sumamente cético. Oh! ele acredita que estou lá, às vezes, quando lhe digo algo que ele pensa que o médium não pode ter descoberto; depois vai-se embora e pensa nisso tudo e depois arruma isso na sua mente. Depois, às vezes, ele tem ido a médiuns a tentar obter uma palavra minha numa altura em que eu não podia entrar de todo na

esfera do médium, e ele parecia desgostoso. Oh Frank, essa não é a forma de fazer; tira-me a paciência quando procedes assim.

Faço exatamente o melhor que sei... porque quero fazer com que saibas que a minha alma e a minha mente são tuas... os bons conselhos que tens tido... Foste um bom amigo para... que a nossa vida foi apenas mudada aqui na terra para ser renovada de uma forma melhor numa vida melhor. Mãe, irmã, todos vós em casa, mantende-me perto de vós. Não quero ninguém a preencher o meu lugar antes de nos encontrarmos.

Cap. James Townsend

Outro diz que o seu nome é Cap. James Townsend, de Stoneham. Ele acrescenta: «Estava grandemente interessado no Liceu e vejo que os assuntos não correm agora como corriam. Espero que a pequena faísca que ainda arde seja abanada até dar uma chama e surja brilhante novamente. É essa a forma como devia fazer. Os amigos lá fora reconhecer-me-ão, embora eu tenha estado algum tempo fora.»

Sra. Emily Lincoln

«Emily Lincoln é o meu nome, e o meu marido veio a saber que vivo no mundo espiritual porque trouxe o facto ao seu conhecimento de tal maneira que ele foi forçado a acreditar nele. Que mudança fez na sua vida! Que mudança fez nas vidas de todos eles! O mundo parece diferente agora do que parecia e eles podem olhar para a frente para a eternidade e encontrar mais nela do que quando era tudo dúvida e incerteza. Posso ver-te e, embora tantos anos tenham passado desde que deixei o teu lado, estou perto de ti e abençoar-vos-ei a ambos — à companheira que está ao teu lado e a ti próprio — e algum dia, num futuro não muito distante, encontrar-nos-emos novamente.»

Que o Senhor vos abençoe e vos guarde no caminho certo, e se quereis construir o vosso lar na vida espiritual tornai brilhante algum lar obscurecido na vida terrena, e isso tornará o outro, no futuro, brilhante. Winona.

Relato da Sessão Pública realizada a 8 de dezembro de 1887. Horace M. Richards.

Irmão Wilson, como está? É uma coisa gloriosa ser capaz de vir tão cedo, após ter deixado a velha, desgastada e arruinada habitação de barro; e não o teria podido fazer se não tivesse sido o facto de eles terem tido um círculo sobre o meu corpo antes de ser enterrado — e isso cortou a ligação entre o meu espírito e o corpo. Parece-me agora como se tivesse sido um pássaro numa gaiola, a tentar sair, quando uma mão abriu a porta para eu poder voar — voar para onde quer que me aprouvesse — e estou agora mesmo aqui. Quero abençoá-los por pensarem tanto em mim e a meu respeito depois de eu ter ido.

A minha querida irmã, ao lado de cuja sepultura estive de pé e derramei muitas lágrimas, e que às vezes, acredito eu, me impeliu a falar e a escrever algumas coisas, em companhia da minha filha anjo, esteve de pé junto à porta para dar as boas-vindas ao velho homem na sua nova vida. Não mais sofrimento! não mais dor! não mais preocupação de mente sobre as coisas que não podem ser mudadas! Mas agora há alívio, paz e descanso, tudo o que «ultrapassa o entendimento do homem».

Nunca poderei agradecer a esses meus amigos o suficiente pelo auxílio que me foi prestado. Lamento apenas não ter sido capaz de organizar em forma de livro algumas das coisas que esperava um dia dar ao mundo; mas a minha saúde era fraca e a estrada parecia longa; fiquei cansado antes de chegar ao fim dela, e os amigos ergueram-se novamente ao meu redor e suavizaram o caminho; falaram palavras gentis e pegaram-me pela mão como

um amigo e um irmão; e depois, após ter tudo terminado e os meus olhos mortais se terem fechado para nunca mais abrirem, reuniram-se ao meu redor e tentei falar e fazê-los saber que compreendia tudo o que estavam a dizer e tudo o que estavam a tentar fazer.

Abençoados sejam! abençoados sejam! abençoados sejam! Palavras que são muito fáceis de serem ditas, mas toda a força do meu coração está ecoada nelas. Quando estiver mais acordado e puder ver mais claramente do que agora, e compreender mais plenamente o funcionamento das grandes e eternas leis de Deus que estão dentro e fora de tudo o que vive e se move, poderei ser capaz de dizer algo que será de interesse para si e para toda a gente.

O meu nome é Horace M. Richards e acabei de passar para fora do corpo, na Cidade de Nova Iorque.

David L. Belden

O meu nome, Sr. Presidente, é David L. Belden, e sinto que o George ficará feliz por ouvir umas poucas palavras do seu pai, que tem estado muitas vezes perto dele, embora incapaz de fazer qualquer sinal da sua presença. As coisas mudaram grandemente desde que parti, porque a dupla morte, por assim dizer, desfez todas as velhas relações e tornou necessário entrar numa nova vida, quase. A Sarah, que é a minha esposa, partiu cerca de duas semanas antes de mim, e quando a segui parecia que ela tinha dado um passo ou dois à minha frente. Quando abri os meus olhos, não sabendo onde estaria, mas sentindo que algo de estranho tinha ocorrido, ela olhou para o meu rosto e ouvi-a dizer: «Bem, Pai, aqui estás tu e aqui estou eu, e como desejaria que tivesses podido trazer o George contigo!»

Estamos ambos num lar agradável, diferente de tudo o que a religião nos tinha ensinado a esperar. Estamos ambos

frequentemente a velar pelo George, e trazemos-lhe uma breve mensagem da nossa vida continuada, esperando que as dúvidas que ele tem na sua mente sejam como ervas daninhas no jardim — quanto mais cedo forem arrancadas e deitadas fora melhor para o solo em que estão a tentar crescer.

Há outros amigos que são muito bondosos e sou às vezes inclinado a fazer uma aparição, pois vejo que o Espiritualismo está a fazer um grande progresso por toda a parte ocidental de Nova Iorque. Bem, pelo que posso ver, está a espalhar-se como fogo em palha seca por quase todo o mundo. Vivia em Fredonia, N. Y. David L. Belden.

Eva Perrin

Mais uma vez, queridos pais, venho a vós do mundo de luz para vos trazer uma mensagem de amor para que saibais que vivo para sempre. Sei que não precisais desta mensagem, pois os vossos corações já estão cheios de memórias doces das horas agradáveis e felizes que passámos juntos, mesmo desde que parti para o meu lar espiritual. Venho porque desejo que sintais que não há porta em que não entre, nenhum limiar sobre o qual os meus pés não passem para vos encontrar. Ambos me guardais amorosamente na memória: estais a tentar fazer todo o bem que podeis pela verdade, e eu gosto de cantar aos vossos corações doces melodias que ecoarão novamente através das vossas almas.

Sei tudo o que fizestes; sei quão fervorosos são os vossos corações; sei que bons amigos sois para aqueles a quem posso usar para comunicar através deles, e sentireis os bons resultados; muitos vos chamarão abençoados.

Oh, não volteis os vossos rostos para trás! Sei que não o fareis. Mantende-vos sempre em direção à estrela brilhante da verdade que brilha na noite mais escura, fazendo um caminho de glória sobre o qual os vossos pés passarão na vossa jornada em

direção a coisas melhores. Senti, querido pai e mãe, que cada bom pensamento, cada desejo puro, cada aspiração sagrada, nos traz mais para perto uns dos outros.

O ano está lenta mas seguramente a recuar, os dias em breve contar-se-ão até ao fim e a última noite virá e desvanecer-se-á para dar lugar ao novo ano, com esperanças mais elevadas e promessas mais grandiosas — um ano que estará cheio de trabalho útil. Que sintais, no brilhante dia de Natal e na manhã de Ano Novo, que a vossa criança está convosco, a amar-vos sempre, a guiar-vos para sempre e à espera desse tempo feliz em que as nossas mãos se entrelaçarão e os nossos lábios se encontrarão, e a separação poderá nunca mais voltar.

Eva Perrin, para o seu pai e mãe, na cidade de Nova Iorque.

Jennie Dubois

Oh, foi terrível! terrível! aqueles últimos dias, nos quais parecia que eu era perseguida por algo, de manhã, ao meio-dia e à noite! Sempre diante de mim, para onde quer que fosse, ali estava; não conseguia suportar; parecia que tinha de me afastar de mim mesma, como se não pudesse ficar nem mais um momento na terra.

Quão bem me lembro dessa noite! A noite inteira esteve a pensar — a pensar no que faria e como o faria; e tracei os meus planos de modo a que ninguém os descobrisse, e algo todo o tempo a sussurrar-me: «Faz isso! faz isso! faz isso!» Olhei para o meu lar. Pensei nas crianças. Oh! pensei em ambas; e, acima de tudo, pensei no que os meus amigos diriam; e rir-me-ia para mim mesma ao saber que eles não conseguiriam evitar. E assim o tiro foi disparado e resolveu a questão para sempre, no que a mim dizia respeito. Fará quatro anos no sétimo dia de abril próximo desde que dei o passo fatal.

Um espírito veio ter comigo na escuridão — pegou-me pela mão, como a minha mãe poderia ter feito, e guiou-me para longe, para a luz; e tenho estado a lutar através da luz e da escuridão desde então, até ter sido trazida aqui há três semanas. Atraída pelo que estava a ser dito, escutei uma lição sobre a condição dos suicidas, que um amigo deu, e encontrei o meu caminho para fora até agora. Isso é tudo o que posso dizer hoje, pois estou muito perturbada. O meu nome é Jennie Dubois, de Camden, N. J.

Hattie Rich

Gostaria de enviar uma mensagem ao meu marido, como ele me pediu tantas vezes para fazer ao longo dos últimos meses, e sou agora capaz de o fazer. O meu nome é Hattie Rich e o meu lar era em Saratoga, N. Y. O Doutor sente muito a minha falta. Sei e sinto como se a vida dele estivesse quase arruinada às vezes; e se ele pudesse obter algo que soubesse ter vindo de mim, isso ajudá-lo-ia, e ele teria mais fé em qualquer influência que eu pudesse trazer, se viesse a ele pessoalmente, do que de qualquer outra forma.

E o meu filho, o meu querido filho, a quem amo como qualquer outra mãe que pensa que o seu rapaz é o melhor rapaz do mundo — e nós, mães, sentimos sempre dessa forma —, vigio os passos dele também. Gostaria que ele pudesse sentir que a morte não lhe tirou a sua mãe, apenas a tirou de um mundo para outro, mas ela está tão perto dele agora como nos velhos tempos. A criança que está comigo é um grande consolo para mim: somos felizes juntas, felizes, não apenas no presente, mas no pensamento do futuro, dos dias melhores que estão a chegar, de um tempo mais feliz no lar espiritual; terei todos ao meu redor novamente, e esqueceremos que alguma vez sofremos, ou chorámos, ou morremos. Se puderdes relatar isto por mim, agradecer-vos-ei, oh!, muitíssimo.

Winona falou pelos seguintes espíritos:

Jacob Bray

Um cavalheiro aqui dá-me o nome de Jacob Bray, e quer que eu diga que passou para a vida espiritual em Sonora, Cal. Ele diz: «Venho mais particularmente a amigos meus em Portland, Maine, que se lembrarão de mim. Vivi lá durante um tempo considerável antes de ir para o Oeste. A minha partida foi uma grande surpresa para mim e para todos os meus amigos, e desejei não ter ido para longe de casa de todo, porque teria sido mais feliz por ter passado os meus últimos dias entre aqueles que me eram mais próximos.»

Sylvanus Nash

Vem aqui um espírito que me dá o nome de Sylvanus Nash, e ele parti em Abington. [O espírito foi publicamente reconhecido por uma senhora na assistência.] Ele tinha algo a ver com a estação dos correios, porque vejo algumas cartas; vejo garrafas de remédio, também, alinhadas numa fila. Ele faz uma vénia a essa senhora que acabou de falar dele. Ele quer enviar uma mensagem para casa, pois eles querem saber que ele pode vir.

Ele diz: «Diz apenas que vim. Tudo mudou completamente em relação ao que era; descobri a verdade sobre aquilo de que costumávamos falar. Disse sempre que viria, e nesta ocasião fui auxiliado pelo amigo que está presente aqui para o fazer. Fico feliz por enviar uma mensagem a assegurar os meus amigos da minha perfeita felicidade na vida espiritual. Era liberal nas minhas ideias antes de partir. Descubro que elas eram estreitas em comparação com os pensamentos grandiosos e nobres que vêm à mente assim que ela está livre da educação inicial e da associação. Gostaria ainda de me identificar dizendo que parti com um problema nos pulmões — a que chamavam pneumonia —, o que me fez, no final, ser incapaz de manter qualquer conversa diretamente com eles.»

Sra. M. A. B. Farrar

Vem aqui uma senhora que dá o nome de Sra. M. A. B. Farrar. Ela diz: «Parti de West Scituate, e tenho amigos que continuam lá. Gostaria de enviar uma mensagem ao meu marido, Richard Farrar. Dize-lhe para não pensar por um único momento que estou enterrada ou morta, mas que vivo, e posso vê-lo a ele e a tudo o que ele está a fazer, e que gostaria que ele fosse a algumas das reuniões espiritualistas, para que eu me possa aproximar dele e fazê-lo saber o que um dia ele tem de aprender. Pergunta-lhe se ele se lembra do vinte e nove de junho.»

Juliette Manley

Uma senhora bastante grande e corpulenta vem aqui agora. Ela diz-me para dizer que o seu nome é Juliette Manley. Isto é o que ela diz: «Queridos amigos, que estiveram ao meu lado durante os anos de perseguição, e que me ajudaram a erguer o estandarte da verdade quando os inimigos estavam ao nosso redor, não penseis que estou ociosa ou a flutuar num leito florido de descanso, como o velho ancião costumava dizer que os anjos se reclinavam.

Quando penso no que a nós, crianças, nos era ensinado nos primeiros dias da nossa vida, faz-me gelar o sangue. Costumava ir para a cama e cobrir a cabeça, por medo de ver o diabo a olhar para mim; e penso que é errado ensinar às crianças que Deus é tão mau ao ponto de enviar tal diabo para o mundo. Eles devem ter uma opinião muito fraca de Deus, se acreditam em tal lixo como esse!

Depois de ter aberto os olhos, e começado a aprender quão belo o mundo é e como os anjos se expressam, embora nem sempre claramente para o nosso entendimento, então pareceu realmente como se tivesse encontrado o novo nascimento, e senti que tinha de trabalhar pela verdade, e assim faço.

Os meus amigos no Oeste de Nova Iorque lembrar-se-ão de mim. Sei que há muitas lareiras que guardam um lugar para mim, e onde estou frequentemente. Dizei que estou viva, nunca tanto como agora, e que estou a trabalhar com almas verdadeiras pela liberdade do mundo. Juliette Manley.»

Fannie Burbank Felton

Vem agora um espírito muito belo. Ela diz que não importa se toma o controlo, mas que posso proferir as palavras por ela. O seu nome é Fannie Burbank Felton. Ela diz: «Estava presente, esta tarde, a assistir a esta sessão, tal como muitos dos amigos no corpo estavam. Ouvi as palavras do último espírito, e elas impressionaram-se em mim muito fortemente, porque não penso que todos os espiritualistas reconheçam a necessidade de trabalhar pelos jovens.

A Igreja Católica diz: 'Dai-me a criança e podeis ficar com o homem', sabendo que quando tiverem impressionado as suas doutrinas na mente da criança, na vida posterior elas manterão a sua influência sobre ela; e assim, no momento em que a criança abre os olhos, é batizada num certo sistema de religião, e é mais tarde ensinada numa certa fase de crença teológica, e parte na sua jornada absolutamente aleijada, mental e espiritualmente, para a vida.

Agora, espiritualistas, quero que vós que estais aqui, e aqueles que lerão as minhas palavras, as peseis cuidadosamente. Há uma obrigação que o conhecimento traz: é o dever de dar esse conhecimento ao mundo; e como podeis dar melhor ao mundo do que educando as vossas crianças à luz dessa verdade que chamais tão abençoada para vós próprios? Vi tantos que vieram aqui para a vida espiritual apequenados no seu entendimento, apenas por causa da sua educação humilde, e penso que a maioria dos espiritualistas está profundamente adormecida no que diz respeito

ao seu dever para com os seus jovens. Eles são um grupo bastante estremunhado, no geral, no que toca a fazer muito trabalho, descobri quando estava aqui. O problema era, costumava eu dizer — e penso que é agora —, que não há nada no Espiritualismo para inspirar medo como tem havido nas religiões rudimentares do mundo.

Se não tivéssemos retirado o inferno e o diabo inteiramente da religião, penso que os espiritualistas teriam trabalhado um pouco mais do que fazem no presente momento. Mas quero dizer-vos, e quero dizer isto claramente, que enquanto o inferno, no velho sentido... cada pessoa que está impedida está numa condição idêntica... tanto que não conseguem perceber o ténue do desfrute que de outra forma poderiam...

Inculcaria nas vossas mentes, amigos, em todo o lado no mundo, a necessidade de ensinar aos vossos jovens o caminho certo a seguir.

Costumava ter mães a vir ter comigo e a dizer: 'Bem, se a minha filha falar de Espiritualismo nenhuma das outras crianças terá respeito algum por ela, e qual é o meu dever?' O vosso dever, pais, é este: Ensinai às vossas crianças que há uma coisa melhor do que o respeito do mundo; é o seu próprio autorrespeito, e sentir que se têm a verdade nos seus corações podem dar-se ao luxo de suportar os franzires de sobrolho daqueles que são demasiado ignorantes para a compreender. Dai às vossas crianças alguma espinha dorsal no Espiritualismo, e elas irão para a frente, e serão um crédito para vós, e uma glória para o mundo em que vivem.»

S. B. Brittan

Assumi o controlo esta tarde, não com o propósito de enviar uma mensagem pessoal a qualquer um dos muitos amigos que deixei na terra, ou de lhes dar algo da minha...

dar voz àquela que considero ser uma obra muito importante e, se este meu esforço puder vir a lume numa data próxima, ajudar-me-á a alcançar o propósito que tenho em mente.

Desde que o Espiritualismo Moderno veio ao...

mundo...

o processo um tanto perigoso de pensar por si mesmos, tem havido um desejo manifesto por parte de alguns de direcionar e controlar a expressão desta verdade. Tivemos, desde o início...

intitulavam-se espiritualistas e eram propensos a declarar que a sua compreensão do Espiritualismo era praticamente a única que o mundo deveria ter. Não duvido de que fossem todos honestos no seu pensamento e que realmente acreditassem, de momento, que estavam a servir a verdade no seu esforço. Mas qual é o resultado? Após muitos anos encontramos as nossas fileiras divididas e subdivididas, até que, na verdade, parece haver...

o mesmo fanatismo entre os de mente liberal como entre aqueles a quem eles, por sua vez, eram propensos a condenar. Várias ideias de organização têm sido defendidas de tempos a tempos, mas foram sempre rejeitadas, porque o espiritualista tinha tanto medo de ter um credo, um dogma, ou de acreditar em algo que de alguma forma o comprometesse, que assim que um plano era desenvolvido era posto de lado.

propósitos...

de organização para fins religiosos...

penso que chegou o momento de homens e mulheres interessados no Espiritualismo se unirem...

há certamente...

certamente sois juntos os inimigos da ignorância e da superstição; certamente acreditais na vida do homem após...

instrumentos mediúnicos: estes deveriam ser pontos comuns: consequentemente, se puderem ser estabelecidos, podeis organizar-vos, pelo menos, para fins práticos.

Há cerca de seis anos, em Nova Iorque, em ligação com amigos meus, muitos dos quais ainda estão no plano terreno, trabalhei para a formação daquilo a que se chamou a «Aliança». Eu...

E que ela...

obra útil. Trabalhámos durante algum tempo...

trabalho foi retomado, e penso que continuará até que o seu propósito seja alcançado. Esta Aliança não deveria, contudo, estar confinada à cidade de Nova Iorque: deveria ter uma filial em cada vila e em cada cidade do país, e cada médium...

cada orador e conferencista deveria pertencer-lhe e sentir que, ao viajar de um lugar para outro, deve fazer tudo o que estiver ao seu alcance para semear a semente da qual este espírito de unidade crescerá.

Supondo que sois um investigador na causa do Espiritualismo e não sabeis nada sobre o assunto, mas desejais aprender algo: onde podeis ir? A quem vos podeis virar? Quem será o vosso professor? Lamento dizer que quase não há sociedade ou qualquer número de homens — se porventura desgostardes da palavra sociedade — que se tenham reunido para a promulgação das verdades do Espiritualismo.

Podeis ver, pelo número dos que aqui estão reunidos, quantos procuradores fervorosos da luz existem. Deveria haver, então,

aqui e em cada vila e cidade — e, notai, enfatizo isto — um centro onde aqueles que procuram a luz a pudessem encontrar. Gostaria de enviar uma palavra, então, à Aliança que realiza as suas reuniões em Nova Iorque, de que espero fervorosa e sinceramente que em todos os seus conselhos os seus membros mantenham este ponto fortemente em vista — isto é, a importância de iniciar sociedades filiais, que servirão como afluentes para o centro comum.

Gostaria também de enviar os meus mais sinceros cumprimentos aos membros dessa Aliança e dizer que temos uma sociedade semelhante no mundo espiritual e que chegou o momento de unirmos as nossas mãos às deles e nunca parar até que o propósito seja alcançado. S. B. Brittan.